A POÇÃO PERDIDA

Diário de uma Garota Alquimista



AMY ALWARD

JANGADA

A Poção Perdida

AMY ALWARD

A Poção Perdida

Diário de uma Garota Alquimista

Livro II

Tradução
Denise de Carvalho Rocha



JANGADA

Título do original: *The Potion Diaries: Royal Tour*

Copyright © 2016 Amy Alward

Copyright da edição brasileira © 2017 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

Publicado mediante acordo com Simon & Schuster UK Ltd.

Texto de acordo com as novas regras ortográficas da língua portuguesa.

1ª edição 2017.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

A Editora Jangada não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, organizações e acontecimentos retratados neste romance são produtos da imaginação do autor e usados de modo fictício.

Editor: Adilson Silva Ramachandra
Editora de texto: Denise de Carvalho Rocha
Gerente editorial: Roseli de S. Ferraz
Produção editorial: Indiara Faria Kayo
Editoração eletrônica: Join Bureau
Revisão: Vivian Miwa Matsushita
Produção de ebook: S2 Books

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Alward, Amy
A poção perdida: diário de uma garota alquimista, livro II / Amy Alward; tradução Denise de Carvalho Rocha. – 1. ed. – São Paulo: Editora Jangada, 2017.

Título original: The Potion Diaries: Royal Tour.
ISBN: 978-85-5539-095-1

1. Literatura infantojuvenil I. Título.

17-08128 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

1ª Edição digital: 2017
e-ISBN: 978-85-5539-098-8

Jangada é um selo editorial da Pensamento-Cultrix Ltda.
Direitos de tradução para o Brasil adquiridos com exclusividade pela

EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA., que se reserva a
propriedade literária desta tradução.
Rua Dr. Mário Vicente, 368 — 04270-000 — São Paulo, SP
Fone: (11) 2066-9000 — Fax: (11) 2066-9008
http://www.editorajangada.com.br
E-mail: atendimento@editorajangada.com.br
Foi feito o depósito legal.

Para Lofty – um dia, todo dia



Sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

Dedicatória

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Capítulo doze

Capítulo treze

Capítulo catorze

Capítulo quinze

Capítulo dezesseis

Capítulo dezessete

Capítulo dezoito

Capítulo dezenove

Capítulo vinte

Capítulo vinte e um

Capítulo vinte e dois

Capítulo vinte e três

Capítulo vinte e quatro

Capítulo vinte e cinco

Capítulo vinte e seis

Capítulo vinte e sete

Capítulo vinte e oito

Capítulo vinte e nove

Capítulo trinta

Capítulo trinta e um

Capítulo trinta e dois

Capítulo trinta e três

Capítulo trinta e quatro

Capítulo trinta e cinco

Capítulo trinta e seis

Capítulo trinta e sete

Capítulo trinta e oito

Capítulo Trinta e Nove

Capítulo quarenta

Capítulo quarenta e um

Capítulo quarenta e dois

Capítulo quarenta e três

Capítulo quarenta e quatro

Capítulo quarenta e cinco

Capítulo quarenta e seis

Capítulo quarenta e sete

Capítulo quarenta e oito

Capítulo quarenta e nove

Capítulo cinquenta

Capítulo cinquenta e um

Capítulo cinquenta e dois

Capítulo cinquenta e três

Capítulo cinquenta e quatro

Capítulo cinquenta e cinco

Capítulo cinquenta e seis

Epílogo

Agradecimentos

As dez melhores poções de Samantha Kemi



CAPÍTULO UM

www.TeoriasdasCaçadasSelvagens.com/foruns/FAMILIAKEMI

Bem-vindo aos fóruns das Teorias das Caçadas Selvagens, sede de todas as discussões sobre Caçadas Selvagens na internet. As regras são simples: nada de posts anônimos, nada de revelar dados pessoais e compartilhar links com informações não comprovadas. As decisões dos moderadores são finais. Obrigado.

Moderadores do TCS.

NOTA A TODOS OS NOVOS MEMBROS: Este subfórum é voltado especificamente para discussões sobre a família KEMI e a sua história relacionada à Caçada Selvagem. Qualquer post relacionado à CORPORAÇÃO ZOROASTER, aos PATEL, aos CRUICKSHANK, aos MENZOA ou a qualquer outro alquimista de Nova será transferido para o seu devido subfórum. Respeite todos os membros do fórum e BOA CAÇADA.
63.341 leram; *740* on-line
7.506 posts; 51 novos desde o último acesso

[POST FIXO] **AlquemiaRox21 pergunta:** Qual é a maior realização da FAMÍLIA KEMI? Por favor, forneça as evidências históricas em que você se baseou.

563 respostas

[Mais recente] **Conspirador2561 responde:** Eu entendo os seus argumentos, mas ainda acho que não podemos desconsiderar totalmente Cleo Kemi. O diário dela pode estar desaparecido, mas registros daquela época confirmam que ela tem uma história de peso em inovação de poções.

[POST FIXO] **CaçadordeRelíquiasFúteis pergunta:** SAM KEMI foi nomeada Alquimista da Realeza? Será que isso não tem mais a ver com a amizade entre ela e a Princesa?...

398 respostas

[Mais recente] **PódeFada3 responde:** Recebendo ajuda ou não, você não acha que a Princesa deveria estar casada a essa altura? Se eu cheguei a sentir certa compaixão por ela depois da última Caçada Selvagem, já está evaporando, agora que ela está colocando o país em perigo por livre e espontânea vontade.

[NOVO POST] **Kemimaníaca88 diz:** SAM KEMI vai estar no *Bom Dia Kingstown* às 8 da manhã, com a Princesa Evelyn e Zain Aster. Não percam!

[NOVO POST] **CaçadordeRelíquiasFúteis diz:** NOTÍCIA QUENTE. Uma fonte em Zambi afirmou que Emília Thoth fugiu da sua cela enquanto esperava o julgamento. (Moderadores, sintam-se à vontade para mover ou deletar esse post se for irrelevante.)



CAPÍTULO DOIS

SAMANTHA

—Pronta? – A Princesa Evelyn aperta a minha mão enquanto me conduz da sala de maquiagem para o estúdio. O cenário é uma sala de estar aconchegante: dois sofás de veludo rosa-pálido, levemente voltados um para o outro, uma mesinha de centro de mogno na frente deles, tudo sobre um tapete oriental sofisticado. Não fosse o batalhão de câmeras apontadas para os sofás e as luzes fortes, eu poderia pensar que estou visitando alguém para o chá. Alguém muito rico.

A mão de Evelyn escapa da minha para ser estendida à apresentadora, que vem nos cumprimentar. Eu seco as palmas suadas no meu vestido de algodão. Queria que tivessem me deixado usar jeans.

Chá de camomila e valeriana – poção calmante para tranquilizar os nervos, aumentar a confiança e aliviar a ansiedade.

Meu maior desejo? Poder correr para casa e tomar uma poção calmante agora, mas é tarde demais para isso.

A apresentadora se vira para mim e eu juro que os olhos dela estão brilhando como estrelas, depois de ver a Princesa tão de perto. Ela parece deslumbrada quando olha para mim, mas talvez meus olhos é que não estejam enxergando direito, pois mal posso acreditar que estou diante das pessoas que vejo na TV quase todo dia, desde que posso me lembrar. A programação matutina se tornou parte da nossa rotina diária, algo tão reconfortante quanto uma xícara de café e uma tigela de cereal. Só que agora eles querem *me* entrevistar. Bem, eu, a Princesa Evelyn e Zain. Imagino a minha família toda se espremendo em volta da mesa de jantar, procurando o melhor ângulo para ver a TV. É bem surreal!

– É tão bom finalmente conhecê-la, Sam! – exclama a apresentadora. Vista de perto, ela tem os cachos louros mais sedosos e os dentes mais brancos que já vi.

– Obrigada por me convidar, srta. Carter! – respondo, tentando ao máximo controlar minhas mãos trêmulas.

– Me chame de Annie! Como está se sentindo? Nervosa?

– Talvez um pouco... – digo, mas sou interrompida pela entrada do apresentador, Mike Evans. A minha primeira impressão é de surpresa: ele é muito mais baixo na vida real do que parece na TV. Eu sou pelo menos vinte centímetros mais alta do que ele.

– Nervosa?! A garota que enfrentou os inimigos da nossa nação e saiu vitoriosa?! – Ele me dá um tapinha no ombro. – Impossível.

Alguém atrás de nós grita “trinta segundos” e há uma corrida desesperada enquanto todos tomamos nossos lugares para entrar no ar. Fico num sofá entre Evelyn e Zain, enquanto os apresentadores assumem suas posições à nossa frente.

– Lembre-se – Evelyn se inclina e sussurra para mim –, olhe para os apresentadores, não para as câmeras. É só uma conversa como qualquer outra. Aja naturalmente. E cruze as pernas na altura dos tornozelos, não dos joelhos. – Eu corrijo a posição das pernas e sou pega de surpresa pelo “Três... Dois...”. Mike se volta para a câmera mais próxima e começa as apresentações.

– A Princesa Evelyn esteve em todas as manchetes este ano ao cair gravemente doente, dando início à primeira Caçada Selvagem de Nova em mais de cinquenta anos. Após uma emocionante e muitas vezes perigosa busca pela cura, a vencedora da Caçada foi Samantha Kemi, uma aprendiz de alquimista daqui mesmo de Kingstown. As duas estão conosco hoje, ao lado de Zain Aster, o segundo colocado na competição, junto com a equipe do seu pai, Zol Aster, CEO da Corporação Zoroaster. Agora, sua Alteza, em primeiro lugar, como está se sentindo?

– Fico feliz em dizer que estou totalmente curada, graças à minha amiga Sam – diz a Princesa Evelyn, inclinando a cabeça na minha direção. Ela está sentada

no sofá com sua graça natural, a cabeça erguida numa postura régia. Endireito a coluna ao notar, tentando não afundar no sofá. Os músculos das costas e dos ombros reclamam. A minha postura normal é debruçada sobre meu caldeirão de poções – ou talvez meu laptop –, não reta como uma vara em frente a uma câmera de TV.

Enquanto Evelyn e os dois apresentadores continuam conversando, os meus olhos passeiam pelo estúdio. As luzes iluminando o cenário são tão fortes que não consigo ver muito além das câmeras sem franzir os olhos. Mas sei que ficar fazendo careta ao vivo em rede nacional provavelmente não é a melhor forma de me apresentar em público. Eu tento exibir uma expressão mais neutra.

Sinto uma pressão leve porém intencional no dedão do pé e franzo o cenho – então me deparo com o olhar de Annie Carter. Ela me fita com expectativa, como que esperando que eu diga alguma coisa.

Meu cérebro começa a engrenar. *Uma pergunta! Ela me perguntou alguma coisa*... Mas não consigo me lembrar do quê. Por que não prestei atenção? *Bom trabalho, Sam, você está prestes a passar vergonha diante do país inteiro.*

– Ela é melhor em preparar poções do que em responder perguntas... – Zain graceja, tirando o foco de cima de mim. Isso é tempo suficiente para que a pergunta emerja do meu subconsciente. *Então, Sam, o que você pretende fazer com o dinheiro do prêmio?*

– Ah, uau! – exclamo com uma risada. Detesto meu tom forçado, mas todos sorriem para mim, me encorajando. Respiro fundo. – Boa parte dele foi para a loja da minha família, a Loja de Poções Kemi, e a outra parte está reservada para os meus estudos e os da minha irmã... e para a aposentadoria dos meus pais.

Mike solta uma risada.

– Tudo tão sério! Vamos lá, me conte algo que você tenha comprado e que seja um pouco mais divertido. – Ele se inclina como se fôssemos trocar confidências e eu estivesse prestes a lhe contar um segredo. Um segredo que milhões de pessoas iriam ouvir.

Franzo a testa enquanto tento pensar em algo radical que eu tenha feito com o

meu dinheiro. Na verdade, não sou tão radical assim. Se eu pudesse, teria gastado tudo com livros.

– Bem, vou comprar um vestido absurdamente caro para um baile...

– Não qualquer baile! – interrompe Evelyn. – Sam vai me acompanhar no meu Tour Real e isso inclui o Baile de Laville, em Pays. Simplesmente a maior festa do ano!

– Parece tão glamoroso! – exclama Annie. – Então, pelo jeito, vocês três vão continuar amigos depois que todo esse burburinho sobre a Caçada Selvagem passar?

– É claro, sempre seremos amigos! – afirma Zain. – Uma experiência como a Caçada Selvagem transforma as pessoas. Não dá para passar por algo assim sem sair muito mais forte no final. – Ele põe a mão sobre a minha e eu sinto meu rosto ficando vermelho.

– Acho que dois de vocês são um pouco mais do que amigos... – diz Mike com uma piscadela exagerada.

Não consigo nem imaginar de que tom de vermelho está meu rosto nesse momento. Beterraba é o mais provável.

– Além do dinheiro do prêmio, parece que você ganhou um novo namorado e a Princesa como melhor amiga – diz Annie com uma risada. – O que mais você diria que ganhou com a Caçada, Sam?

Faço uma pausa por um instante. Uma resposta surge na minha cabeça, mas não sei se devo dizê-la em voz alta. No entanto, quando vou ter esse tipo de oportunidade novamente? Eu me remexo no sofá e falo antes que possa mudar de ideia.

– Bem, Annie, ganhei uma visão melhor de quanto as pessoas comuns podem ser incríveis. Como nunca fui capaz de fazer nenhuma magia, sempre pensei que houvesse um limite para o que os comuns podem fazer, em comparação aos Talentosos, mas não penso mais assim. Veja a minha bisavó, por exemplo. Eu não sabia que ela tinha sido a primeira mulher a escalar o Monte Hallah até que vi uma foto dela lá.

– Isso é impressionante! – diz Annie, erguendo as sobrancelhas várias vezes. Ela própria é Talentosa (pode canalizar magia), mas não parece ofendida com a minha declaração. – A sua família não te contou sobre isso?

Dou de ombros.

– Eles também não sabiam. Ainda que ela tenha sido a maior alquimista da sua época, muita coisa sobre a vida da minha bisavó continua sendo um mistério.

– Mas não é nenhum mistério que ela perdeu a Caçada Selvagem, não é mesmo? – Mike diz com um sorrisinho furtivo.

Concordo com a cabeça, brevemente, apertando os lábios. Não é uma parte da história que a minha família goste de relembrar, e eu imediatamente me arrependo de ter dado motivo para Mike tocar no assunto.

Ele continua:

– Bem, tendo em vista que Zoro Aster ganhou aquela Caçada Selvagem, isso não faria dele um alquimista melhor do que ela?

Meu rosto esquenta outra vez, mas desta vez o rubor não tem nada a ver com constrangimento.

– Meu avô disse que ela criou a poção mais poderosa já preparada! Se ela não tivesse perdido seu diário, o mundo seria um lugar completamente diferente.

– Tenho *certeza* de que sim – diz Mike, sem esconder o ceticismo na voz. – Zain, não foi por ter ganhado a Caçada Selvagem dos Kemi que a sua família pôde fundar a Corporação Zoroaster?

Evelyn se intromete, nos socorrendo com a sua diplomacia.

– De rivais a amigos, incrível o que pode mudar ao longo de algumas gerações!

Uma luz vermelha pisca sobre a câmera, me poupando de novos acessos de raiva dos quais sei que me arrependeria. É a deixa dos apresentadores para finalizarem e anunciarem o intervalo comercial.

Naturalmente, eles voltam a atenção para a Princesa ao fechar o segmento. Ela está hipnotizante no seu vestido amarelo-pálido, seus cachos loiros perfeitos

e tingidos nas pontas com um dourado cintilante produzido por magia. É uma nova tendência da moda e a mídia adorou.

– Está ansiosa para começar seu Tour Real, Princesa? – pergunta Mike.

– Mal posso esperar! E com os meus dois melhores amigos ao meu lado... Não poderia ser melhor.

– Desejamos que façam uma boa viagem – Annie interrompe. – E mais sorte desta vez para encontrar o amor da sua vida.

– Agora, Helen com notícias sobre o trânsito e o clima da cidade...



CAPÍTULO TRÊS

SAMANTHA

— Isso realmente acabou de acontecer? – digo, antes de gemer alto.

Somos conduzidos do cenário da sala de estar para o camarim. Eu não tinha estado ali ainda, porque cheguei atrasada e fui levada às pressas para a sala de maquiagem. Mesmo o meu delineado mais caprichado nos olhos não era bom o bastante para um programa de TV em rede nacional.

Agora que estamos a sós no camarim (que não tem nem estrela na porta nem mesa de frutas, reparo decepcionada), Zain me puxa para um beijo.

– Você foi ótima! – diz ele.

– Não fui, não.

– Ei, pelo menos você veio! Quando vi que eram sete horas e você não tinha chegado ainda, achei que não ia aparecer – diz, seu rosto ainda próximo ao meu. Então ele se joga num sofá vermelho-vivo e me puxa com ele.

– Dormi demais. Tivemos uma emergência na loja ontem à noite – digo, encolhendo os ombros. – Uma pessoa apareceu precisando de uma poção urgente para hoje de manhã e eu e vovô ficamos acordados a noite inteira preparando.

– Você está bem, Sam? – pergunta Evelyn, dispensando seu assistente com um aceno de mão. Ela fecha a porta atrás de si para que nós três fiquemos sozinhos.

– Acho que eu trouxe à tona histórias do passado dos Kemi só para que a minha família seja jogada na lama outra vez... Os fóruns vão *pirar* com isso.

Evelyn franze a testa.

– Não acho que tenha sido *tão* ruim assim.

O tom de voz dela não ajuda a me tranquilizar.

– Me lembre de não aparecer ao vivo na televisão outra vez – digo. Fico sentindo meu estômago revirar e não consigo evitar um pressentimento incômodo de que revelei um enorme segredo da família Kemi. É a mesma sensação que tenho quando me dou conta de que me esqueci de cumprir uma tarefa importante para o meu avô e vou levar uma bronca quando chegar em casa. Vou ter que assistir à entrevista quando tiver chance. Se conseguir fazer isso sem cair no choro.

– Bem, não precisa se preocupar mais com isso, porque esse foi o seu último compromisso de publicidade relacionado à Caçada Selvagem! – Evelyn estende a palma da mão aberta no ar para mim e Zain, esperando um "toca aqui!". Tem ocorrido uma avalanche de reportagens, entrevistas e ensaios fotográficos desde que a Caçada terminou. Teria sido mais tranquilo se apenas Nova estivesse interessada, mas parece que a história caiu nas graças do mundo todo – não só do nosso país. Não é, nem de longe, a vida com a qual estou acostumada. A minha vida só foi tão investigada quando a minha melhor amiga, Anita, pegou a mania de me interrogar sobre os garotos. Mais especificamente, sobre Zain. Fico feliz por estarmos nas férias de verão. Espero que na volta às aulas, daqui um mês, a poeira já tenha baixado e eu possa viver a minha vida normal e entediante outra vez.

– Por favor, fale que você está pronta para o Tour, Sam. – Evelyn está recostada contra a porta. Vejo que alguém jogou um casaco sobre o único espelho da sala. A Princesa ainda não suporta olhar para si mesma, não desde que acidentalmente tomou a poção do amor que a fez se apaixonar pelo seu próprio reflexo e desencadeou a Caçada Selvagem.

– Bem...

– Sam! – exclama ela, a exasperação clara em sua voz.

– O que foi?! Ainda tenho uma semana! Além disso, eu estive ocupada... *Nós* estivemos ocupados – acrescento rápido, lançando um olhar para Zain. Ele revira os olhos para mim, mas posso ver um sorrisinho se formando nos cantos da sua

boca. Não está bravo comigo por eu tê-lo incluído nessa. Ele pega a minha mochila e a passa para mim. Tiro de lá um grande mapa e o abro sobre os joelhos. – Andei pesquisando e nós selecionamos um local onde é possível encontrar uma flor de arca amarela mais potente, não muito longe de Kingstown. Enquanto você se encarrega dos preparativos para cumprir seus deveres principescos, Zain e eu vamos caçar o ingrediente.

– E isso vai ajudar? – ela pergunta.

– Sem dúvida! – assegura Zain. – A pesquisa de Sam indica que é a melhor alternativa no mundo sintético ou natural para turbinar a fórmula.

Eu lanço para Evelyn um olhar intenso.

– Quanto tempo uma dose está durando?

Ela vira de costas e fica em silêncio por alguns segundos.

– Hoje tive que me levantar no meio da noite para tomar outra.

– No meio da noite? – Olho para Zain, que está fazendo cálculos nos dedos. Eu mesma faço conta assim o tempo todo, quando atendo os clientes da loja do meu avô. – Então o efeito de cada dose diminuiu para menos de 48 horas. – Eu me levanto e pego a mão de Evelyn. É quando percebo que ela está tremendo. – Não se preocupe, vamos fazer uma poção mais forte.

Espero estar falando a verdade. A poção que estamos tentando preparar é tão única quanto a pessoa para quem está sendo feita, tão original que nem tem nome ainda. Um verdadeiro desafio, para dizer o mínimo. A Princesa Evelyn, por ter o sangue da Realeza correndo nas veias, é uma Talentosa de imenso poder – a ponto de não precisar de um objeto, como uma varinha ou um par de luvas, para controlar a sua magia. Usar magia é tão natural para ela quanto respirar. No entanto, desde que completou 18 anos, a sua magia ficou tão poderosa que se tornou uma ameaça para o país. As nossas poções a ajudam a controlá-la, mas a solução tradicional é o casamento, pois assim ela poderá compartilhar a sua magia com o cônjuge. De acordo com as leis novaneanas, por mais antiquadas que sejam, ela precisa encontrar um marido, e o quanto antes.

Evelyn assente.

– Eu sei que vão conseguir. – Ela tira a mão da minha e baixa os olhos para um delicado relógio de ouro rosado em seu pulso. – Preciso voltar ao Palácio agora.

Zain ergue uma sobrancelha.

– Sério? Achei que você ficaria na cidade por mais tempo. – Ele se vira e me explica. – Normalmente quando deixam Evie sair do Palácio, eles têm que arrastá-la de volta. Pode ser um palácio, mas é também uma prisão, certo, Evie?

Ela abre um sorrisinho fraco.

– Palácio e ao mesmo tempo prisão, é isso aí. Eu não quero ter um dos meus "episódios", enquanto estou aqui. E além disso... – A voz dela vai sumindo, mas um rubor surge em suas bochechas.

É raro ver em Evelyn qualquer coisa que não seja a mais perfeita tranquilidade.

– Ok, Evie. Bota pra fora – incentivo.

– Eles não recolocaram os espelhos no seu quarto, né? – Zain brinca. Eu dou um tapa no braço dele quando volto a me sentar. O olhar sonhador de Evelyn se torna repreendedor.

– Muito engraçado. Não, se quer mesmo saber... Eu conheci alguém. Ou, devo dizer, eu já conhecia alguém, mas passei a ver essa pessoa de um jeito diferente... – As bochechas dela vão ficando mais coradas enquanto fala.

– Isso é muito legal, Evie! Alguém que conhecemos? – pergunto. Não sou muito fã de fofoca, mas a mera possibilidade de a Princesa ter um *crush* é empolgante demais para deixar passar em branco.

– Problema resolvido, então! Você pode se casar com ele! – diz Zain. – Ai! – Ele me olha quando bato no braço dele outra vez. – Que foi? Se ela encontrou alguém de quem gosta então qual o problema? Melhor do que se casar com algum príncipe bobalhão do cafundó do judas.

– *Gostar* de alguém não é o mesmo que *amar* alguém. Ela não tem que se casar com uma pessoa só porque tem uma quedinha por ela. Não estamos na Idade Média. E se ela acabar descobrindo que ele é um babaca?

Evelyn solta uma risada.

– Obrigada, Sam, minha valente defensora! Mas Zain tem uma certa razão. Se a pessoa fosse adequada, eu provavelmente acabaria me casando com ela. Mas infelizmente ela é uma pessoa comum.

– Ah... – eu e Zain lamentamos ao mesmo tempo.

– Então terá que ser mesmo algum bobalhão real – ela diz melancólica.

Eu discordo com a cabeça.

– Não, isso não está certo. Tem que haver um jeito de mudar essa lei jurássica. – Faço uma pausa, então enfio a mão na mochila e pego o meu diário de poções. – Eu tenho uma teoria.

– E qual é?... – diz Evelyn, os olhos se arregalando.

– É um tiro no escuro, e casamento é uma solução tão simples que acho que nunca ninguém pensou numa alternativa, mas precisamos dar um jeito de canalizar o seu excesso de poder e armazená-lo em algum lugar. Como se tivéssemos uma espécie de bateria mágica.

– Você acha mesmo que pode fazer isso?

Dou de ombros.

– Talvez. Quero tentar.

– Ah, obrigada, obrigada, obrigada! – Antes que eu possa me mexer, ela se joga nos meus braços e me aperta forte. – Você é um gênio, garota alquimista! Vejo vocês amanhã?

– Pode apostar – diz Zain ao meu lado.

– Até mais – me despeço. Ela me dá outro abraço apertado e dois beijos leves nas bochechas e então, com um estalo elétrico, ela desaparece, deixando no ar seu perfume com aroma de rosas. Ainda não me acostumei com esse truque. Sua magia de desaparecer me lembra do quanto a Princesa é diferente de mim. Eu sou comum, e ela é Talentosa num nível absurdo.

Eu me viro para Zain e, agora que estamos só nós dois, não posso evitar um sorriso. Ele não está olhando para mim – está encarando a tela do seu tablet –, mas está fazendo aquilo de morder o lábio inferior de um jeito fofo enquanto se

concentra. Seu cabelo preto normalmente indômito foi domado para a TV, mas com uma certa dificuldade.

Charme de malandro: é como a minha mãe o descreveu, depois do seu primeiro jantar em família na casa dos Kemi.

A sua voz grave interrompe o meu olhar fixo – e um tanto esquisito.

– Você tem razão, Sam.

– Sempre tenho – digo com uma risadinha. – Mas sobre o que desta vez?

Ele vira o tablet para mim. Eu solto um gemido ao ver a página que ele carregou. Com uma mão cubro o aparelho para bloquear a visão.

– Não, os fóruns das Teorias das Caçadas Selvagens, não! Achei que tinha te falado para parar de olhar essa coisa!

Eu instalei um bloqueador *respeitável* no meu laptop para me impedir de fazer justamente isso. Depois que venci a Caçada Selvagem, as pessoas não paravam de falar sobre mim e a minha família na internet, analisando cada um dos nossos passos, e se tornou quase impossível para mim não dar uma olhadinha nesses fóruns. Eu estava viciada, constantemente recarregando a página e lendo os novos comentários assim que eram postados.

Uma vez, liguei para Zain no meio da noite aos prantos por causa de algo que escreveram insultando o meu pai (não é culpa dele que o gene de alquimista Kemi tenha pulado uma geração!), e essa foi a última gota. Chega de fóruns para mim. Estava orgulhosa de mim mesma por não entrar na página há quase duas semanas e agora estou um pouco zangada com Zain por me fazer quebrar o meu exílio autoimposto.

A verdade é que me assusta ver quanto algumas das teorias são malucas, mas ainda mais assustador é ver quanto elas também chegam perto da verdade.

Como o post sobre o Alquimista da Realeza. Estava fixo no topo da página do fórum, então não pude deixar de ver. A poção da Princesa deveria ser ultrassecreta, até no Palácio. Como eles descobriram? Também são irritantes as coisas que escrevem sobre Zain e eu. Já não basta a dificuldade que é começar

um relacionamento, ainda tenho que aguentar o peso de milhares de usuários anônimos me observando?

– Só que você vai querer ver isso.

Eu dou um suspiro e pego o tablet das mãos dele.

> [NOVO POST] **CaçadordeRelíquiasFúteis diz:** Alguém viu a Sam no BDK? E aquele comentário sobre “A Poção mais Poderosa do Mundo”? O que poderia ser?
>
> **64 respostas**

– Sessenta e quatro respostas? – arquejo. – Faz só, o quê?... Dez, talvez quinze minutos desde que saímos do ar.

– Você já estava adivinhando que isso ia acontecer. – Ele faz menção de pegar o tablet de volta, mas eu me levanto e o tiro do seu alcance. Abro a página de respostas, esquadrinhando a profusão de teorias sobre o que a poção superpoderosa da minha bisavó poderia ser. Os fanáticos pela Caçada “amam” esse tipo de coisa.

“Mutação permanente”, escreve uma pessoa. “Só pode ser.” Quase rio alto. Mutação é a mais famosa poção alquímica – transformar metais básicos em ouro – e na verdade é bem simples, modéstia à parte. Tive que provar que conseguia fazer isso antes mesmo de meu avô permitir que eu entrasse no laboratório. A parte complicada é o “permanente”. Mutação é uma magia ridiculamente fácil de detectar e só dura algumas horas, no máximo. Duvido que a minha bisavó tenha descoberto como tornar isso permanente, senão já estaríamos mais ricos que em nossos sonhos mais insanos... ou trancados numa cela novaneana em algum lugar.

Outras teorias são ainda mais loucas. Uma poção para que os comuns tivessem acesso à magia? Bem que eu queria. Para fazer animais falarem? Ah,

essa sugestão vem de alguém chamado *ApaixonadaPorGatinhos3000*, então talvez não seja uma grande surpresa.

Uma teoria está se tornando a mais popular e, quando a vejo pela primeira vez, mordo o lábio tão forte que sinto que vai sangrar. Então, numa rajada de vento, o tablet voa das minhas mãos para as mãos estendidas de Zain. Esfrego as costas da mão e franzo a testa.

– Você acabou de usar magia em mim?

– Medidas desesperadas, Sam. Achei que você estava prestes a rasgar seu lábio com os dentes.

Estranhamente, não tenho ânimo para discutir. Recosto o corpo na parede, um turbilhão de possibilidades passando pela minha cabeça.

– O que foi? O que aconteceu? Desculpe ter te mostrado esse fórum idiota...

– A *Aqua Vitae* – digo.

Aqua Vitae. Água da Vida. Uma poção que pode curar qualquer desfiguração, doença mental ou física. Origem, ingredientes e receita desconhecidos. Uma poção lendária e uma busca inútil, como a pedra filosofal.

– É a teoria mais popular entre eles. É tão impossível quanto qualquer uma das outras, mas, se algum alquimista pudesse fazer... a minha bisavó poderia ter feito.

O queixo de Zain despenca.

– Nem pensar! – ele diz quando se recupera do susto. – Você acha mesmo?

Faço que sim com a cabeça.

Só há uma coisa a fazer. Preciso voltar para a loja o mais rápido possível.

O meu avô tem algumas perguntas a responder.



CAPÍTULO QUATRO

SAMANTHA

Saímos do camarim e passamos pela série de portas de vidro corrediças que impedem que o barulho chegue ao set. Uma multidão de turistas amantes de *selfies* se aglomera do lado de fora do estúdio para que os seus rostos apareçam ao fundo, atrás das celebridades, e eles tenham seus quinze segundos de fama.

Passamos por um anúncio gigante do desfile de encerramento do Tour Real da Princesa, que será realizado no centro de Kingstown, no final da nossa viagem. "SEJA O PRIMEIRO A VER A PRINCESA E O SEU FUTURO MARIDO", diz o outdoor. "*Quem poderá ser?*" está escrito embaixo. Essas palavras fazem o meu estômago revirar.

Zain deve ter pensado a mesma coisa.

– Você não devia dar falsas esperanças a Evelyn, falando de uma solução permanente para o problema dela – diz ele, entrelaçando os dedos aos meus. Estou quase correndo na minha ânsia de chegar à loja, mas então me lembro de que terei pouco tempo com ele hoje e diminuo o passo.

– Por quê? Acha que eu não consigo?

– Eu *sei* que você consegue. – Ele aperta a minha mão ao falar. – Se eu achasse que você tem alguns meses de prazo e recursos ilimitados, tenho certeza absoluta de que conseguiria. Mas, neste exato momento, Evie está violando a lei novaneana por não estar casada. Você tem até o fim do Tour Real para achar uma solução. Se tanto. E isso se conseguirmos fazer a *nossa* poção funcionar. – Ele faz uma pausa. – Você acha que a versão natural da flor de arca amarela vai funcionar? A sintética não fez muita diferença.

Eu torço o nariz.

– Claro que não fez.

Ele me dá um leve empurrão com o ombro.

– Ei, estamos do mesmo lado aqui, lembra?

– Ah, é! – digo, com um suspiro exagerado.

Ele tem razão, estamos no mesmo time agora. Evelyn não confiou nos médicos do Palácio, mas confiou em nós. Ainda me lembro de ter perguntado a ela por quê.

– Porque eles tiveram anos para achar uma solução para mim, e agora estou pedindo para você tentar. Você ganhou a Caçada Selvagem! E me salvou – ela explicou. – Se existe alguém aqui que consegue, são vocês dois.

Não consegui pensar num bom argumento contra isso. Além do mais, a Princesa pode ser *muito* insistente quando quer. Como eu poderia recusar uma comissão tão grande? Como se eu fosse uma Kemi muito experiente... Tive que contar ao meu avô sobre isso – ainda sou a aprendiz e ele o Mestre de Poções, afinal –, mas juro que vi um sorrisinho no rosto dele. E meu avô não é de demostrar emoções.

Acabamos descobrindo que Zain e eu trabalhamos bem em equipe. Juntos, conseguimos montar uma fórmula que funcionou em termos – depois de semanas preparando poções sem parar, testando e reformulando. Mas o poder da Princesa está ficando mais forte e menos estável a cada dia e por isso temos que encontrar ingredientes cada vez mais potentes para adicionar à poção. Um deles, a flor de arca, é raro e tem que ser adicionado *segundos antes* de ministrarmos a poção. Por sorte, Evelyn teve a ideia de convidar Zain e eu para o seu Tour Real, de modo que possamos caçar os ingredientes e preparar a cura sem levantar suspeitas.

– Bom, então tudo bem. E tem mais uma coisa que estou querendo perguntar. – Zain para no meio da calçada e me puxa de lado para deixar as pessoas passarem. O meu coração bate tão forte que posso jurar que ele está ouvindo. – Você me daria a honra de ser seu acompanhante no Baile de Laville?

Um segundo se passa, então me desfaço num sorriso de orelha a orelha.

– Claro que sim, bobinho. Mas achei que não queria ir. Porque é só uma festa real sem sentido e, agora que você tem os seus estudos em que se concentrar, por que se incomodaria em...

Zain sorri.

– Você, minha querida, tem uma memória boa até demais. Além disso... Agora eu tenho uma boa razão para ir. Preciso ver você num vestido de baile.

Dou de ombros.

– Não vá esperando grande coisa! Pode ser que eu use jeans por baixo.

– Evelyn vai ficar sabendo e pedir a sua cabeça numa bandeja.

– Você talvez tenha razão.

– De qualquer forma, você precisa ir formalmente acompanhada, sabia? – Zain diz com uma piscadela.

– Bem, obrigada por não me deixar na mão – digo, torcendo o nariz. – Na verdade, você não terá autorização para sair do meu lado durante todo o baile.

– O quê? A Sam que enfrentou inimigos da nação, criaturas perigosas e salvou o mundo está com medo de alguns passos de dança? – diz Zain, tentando a sua melhor imitação do apresentador Mike.

Eu solto uma risada.

– Pode acreditar, sair com um bando de membros do círculo da Princesa Evelyn, incrivelmente esnobes, extremamente ricos, insanamente Talentosos, é muito mais assustador do que uma revoada de morcegos-vampiros.

– Ou um abominável furioso.

– Ou ficar presa em hera-eluviana. – Eu sinto um calafrio, apesar do tom descontraído da conversa. – Ok, talvez *tão* assustador quanto ficar presa em hera-eluviana. Então, isso é um encontro de verdade? – acrescento rápido.

Ele ri.

– Não. *Isso* é só “ter um par para o baile”. Um dia teremos esse encontro de verdade.

– Um dia – repito. É uma piada recorrente entre nós desde a nossa noite na

montanha, quando ele me convidou para ver um filme pela primeira vez: um encontro típico, normal. Até agora, não conseguimos ter esse encontro.

O centro comercial vai ficando cada vez mais lotado com o trânsito matutino de pedestres, e os donos das barraquinhas que se enfileiram ao longo da rua estão ocupados dispondo seus produtos. Eu estico o pescoço conforme passamos, para ver uma fileira de pedras e amuletos brilhantes, ornamentos inúteis porém cheios de magia que se pode comprar por poucas coroas. Passamos por uma barraquinha com uma chapa elétrica enorme e o cheiro delicioso de comida de rua enche as minhas narinas. Eu já comi umas torradas essa manhã, mas com certeza uma rosquinha de creme a mais não faria mal, não é?

Um puxão no meu braço me leva para longe da delícia açucarada e descemos uma das ruas laterais estreitas. Adoro as ruas laterais de Kingstown, com seus prédios de pedra se inclinando precariamente uns sobre os outros, mal deixando a luz passar. A Alameda Real é uma ladeira que leva ao castelo, e todas as ruas laterais conduzem a uma série de escadarias que servem de atalho para se descer a colina. A rua Kemi, onde a Loja de Poções Kemi está localizada, fica na base de uma dessas escadarias, num bairro muito antigo de alquimistas. A rua inteira sofreu uns reparos desde a Caçada Selvagem, graças ao fluxo de turistas que vêm em bandos visitar o bairro, para ver a minha casa. Mais uma coisa pela qual ansiar, depois que a popularidade pós-Caçada passar: poder andar pela minha própria rua sem ter medo de ser fotografada. Encolho os ombros, desejando não chamar tanta atenção. Tudo fica mais difícil por causa da minha altura – e da de Zain. É impossível andar ao lado dele sem ser notada.

Pó de mortalha – uma mistura de pele de camaleão e água de rosas, coada na capas de um fantasma errante (as capas dos fantasmas sedentários não são tão ondulantes.) *Esfregue com força na pele para se tornar menos perceptível em meio à multidão.*

– Ai, droga! – exclama Zain, parando abruptamente.

– O que foi?

Mas ele não precisa explicar. Eu vejo por mim mesma. Do lado de fora da nossa loja há um mar de repórteres, alguns sendo seguidos para todo canto pelo seu *cameraman*, e uma multidão de pessoas bem maior do que a postada do lado de fora dos estúdios de TV.

Aperto forte a mão de Zain. Ele dá um passo de forma que os seus ombros fiquem na frente dos meus, o seu corpo servindo de escudo. Eu me sinto agradecida pelo gesto, por mais inútil que seja.

Vai ser em três... dois...

Eles nos veem.

– Sam! Sam! O que você tem a dizer dos boatos de que a sua bisavó escondeu do mundo a *Aqua Vitae*?

– Ainda há uma receita nos seus arquivos?

– Pense em todas as vidas que a sua família poderia ter salvado!

– Ah, qual é? – diz Zain, mais para si mesmo. Ele precisa de muita autoconfiança para abrir passagem na multidão.

Bombas dirigidas de gambá – misture não mais que quatro gotas de secreção de gambá concentrada, com seiva de árvore, para deixar a bomba ainda mais grudenta. Eu abriria passagem em meio a essa multidão num instante...

A resposta imediata do meu corpo ao estresse: pensar em poções. Não está ajudando dessa vez.

Encontro uma brecha na multidão e puxo Zain pela mão.

– Agora! – digo.

Alguém grita para ele também:

– Zain! Se existir uma receita de *Aqua Vitae* em algum lugar, isso não vai ser o fim da ZA? Como você se sente dormindo com o inimigo?

Depois dessa, Zain acelera o passo. Ele abre caminho aos empurrões até a porta, que se abre assim que pisamos no capacho. Meu pai puxa Zain para dentro, depois me puxa, então batemos a porta atrás de nós e nos recostamos nela.

O meu pai é o primeiro a se pronunciar.

– Sam... O que você fez?!



CAPÍTULO CINCO

SAMANTHA

Decidimos abrir a loja apesar da multidão e Zain retorna ao laboratório da ZA.

É um grande erro. A loja fica rapidamente abarrotada e ninguém ali faz parte da nossa clientela regular. Faço contato visual com um homem e ele abre caminho a cotoveladas até a frente da loja para falar comigo. Conta uma história triste sobre a sua esposa, que tem uma doença terrível que ninguém, nem alquimista natural nem sintético, conseguiu curar.

– Olha, senhor, sinto muito. – As minhas bochechas ficam quentes enquanto dou as más notícias. – Apesar de podermos tratar alguns dos sintomas com uma das nossas poções especializadas, ainda não há cura para a doença da sua esposa...

Os olhos dele dardejam entre mim e a estante de ingredientes às minhas costas. Eu conheço bem esse olhar. Desespero. O meu coração quer muito ajudá-lo. Ele se inclina para mais perto, sobre o balcão, e se espreme entre as pessoas de cada lado dele. A sua voz se torna um sussurro.

– Mas eu ouvi no noticiário essa manhã que vocês têm a *Aqua Vitae*.

Eu nego com a cabeça.

– Sinto muito... – digo outra vez.

– Se é uma questão de dinheiro, eu posso pagar. – Ele pega a carteira e eu estendo a mão para impedi-lo.

– Eu juro, não temos uma poção que cure todas as doenças. É uma lenda...

– E vocês sãos os lendários Kemi! Se alguém pode transformar o mito em realidade, com certeza são vocês – me interrompe ele, usando a bajulação como

estratégia. Quando nego com a cabeça, ele bate com o punho no balcão de madeira. – Eu preciso da poção! Eu sei que vocês têm.

– Senhor, se afaste. – Meu pai se apressa a ficar ao meu lado. – Como a minha filha explicou, não temos a poção...

– É mentira! – ele vocifera. As outras pessoas na loja, e aquelas na fila que já ultrapassa a porta, se aglomeram ao redor dele, encorajando-o.

– Queremos a cura! – grita alguém, e o homem que está discutindo comigo concorda. Ele ergue o punho no ar:

– É, queremos a cura!

– Sam, fique atrás de mim – diz meu pai. Eu obedeço. O medo aperta a minha garganta enquanto assisto à tensão até então controlada vir à tona, como a lava de um vulcão. A qualquer momento, ele vai entrar em erupção de verdade.

A multidão avança e o homem, estimulado pelo tumulto, se lança na minha direção. Mas assim que as suas mãos estendidas cruzam o balcão, uma chuva de faíscas é liberada do teto, nos protegendo da turba. O homem solta um urro de dor e puxa a mão.

Faíscas de soldador – para criar uma barreira impenetrável. Especialmente modificada para não inflamar superfícies de madeira.

Um segundo depois, um grito lancinante enche o ar e eu aperto as mãos contra as orelhas.

Lamento de fada da morte (para obter o som mais aterrador, faça a captura próximo a um cemitério, na lua cheia).

É o nosso sistema de segurança em ação. Papai joga para mim fones de ouvido à prova de som incrementados com magia, que quase tornam o lamento de fada da morte suportável. A multidão deixa a loja, correndo o mais rápido que pode. Quando o último “freguês” já foi, trancamos a porta. Não acho que voltaremos a abri-la tão cedo.

Eu me sinto enjoada. Todas aquelas pessoas... toda aquela esperança... Eu me odeio por ter mencionado a minha bisavó em rede nacional, eu odeio os fóruns

por terem inventado essa teoria ridícula sobre a poção mais poderosa do mundo e eu odeio a mídia por ter dado proporções gigantescas a essa teoria.

O lamento e a cortina de faíscas cessam ao toque da palma do meu avô. O sistema de segurança é a única pitada de magia que ele permite na loja e agora é superpotente graças à dose de Talento Real que ganhamos na Caçada Selvagem.

– Eu vou avisar a sua mãe que não vamos reabrir hoje – diz o meu pai, com a testa vincada.

– Bem, pelo menos o alarme funciona – diz vovô, limpando a poeira das mãos quando termina de reiniciar o sistema.

– Vovô... – começo, mas não sei como terminar a sentença. O que eu deveria dizer é "sinto muito", já que é tudo culpa minha. Mas em vez disso pergunto: – É verdade? – As palavras escapam antes que eu possa impedi-las. Meu avô baixa os olhos, subitamente aparentando cada um dos seus 78 anos. Não pude evitar. Estou tão ansiosa para saber quanto estavam aquelas pessoas à nossa porta.

– *Aqua Vitae.* – Ele cospe as palavras. – Você acha mesmo que qualquer Kemi digno do seu pilão e almofariz guardaria essa descoberta para si mesmo? Somos orgulhosos demais para isso.

Penso no assunto por uma fração de segundo, depois dou de ombros. Ele tem razão. Quem esconderia isso? Seria o maior feito alquímico de todos os tempos.

– Mas... – ele continua e a palavra fica suspensa no ar como um revólver carregado. Ele suspira. – Venha, vou mostrar uma coisa a você.

Eu o sigo até a biblioteca e ele me leva até as prateleiras onde está a coleção de diários de poções dos Kemi. Alguns deles têm centenas de anos, mas estão faltando outros, que se perderam ou foram danificados. O meu avô vai direto para a extremidade de uma das prateleiras, onde estão os seus próprios diários. Um dia vou colocar os meus nessas prateleiras também.

Seus dedos correm pelas lombadas até que encontram uma na qual está gravado o ano de "1948". O ano da Caçada Selvagem anterior à minha. E o ano em que o diário da minha bisavó desapareceu.

Ele tira o diário da prateleira e o entrega a mim. Eu o seguro como se fosse

feito de vidro e pudesse se estilhaçar nas minhas mãos a qualquer momento.

Parece errado pôr as mãos nele, quase um tabu, ainda que vovô esteja aqui comigo. Há algo de sagrado no diário de outro alquimista. Eu fico inquieta até quando alguém pega a mochila onde está o meu diário, que dirá nele próprio. Ele é como uma outra mente que eu tenho, mas fora do meu corpo. Está cheio de pensamentos particulares – as minhas perguntas, observações, experimentos –, tudo extremamente pessoal. Estou quase chegando ao fim do meu primeiro, preenchendo página após página com a minha letra redonda e caprichada.

– Aí está – diz ele. – Tudo que eu me lembro sobre o diário desaparecido dela está aí. Já adianto que não é muito.

Balanço a cabeça, indicando que está tudo bem. Coloco o diário sobre uma das mesas de cavalete no centro da biblioteca e me sento no longo banco. Abro o diário numa página aleatória.

A grande altitude do Monte Hallah fez com que sua viagem fosse sofrida, mas ela trouxe consigo a água glacial necessária para a poção. A que altura deve ter chegado para consegui-la? Pelo menos não estava sozinha, o sr. Pringle a acompanhou na árdua jornada.

Ela já saiu no encalço do próximo ingrediente, seja ele qual for. Estou adicionando a água glacial à essência de teia de aranha para preparar essa parte da poção. Estou aprendendo, ainda que não saiba exatamente o que ela está tentando fazer. Sinto que essa poção pode ser mais do que até ela mesma imagina.

Monte Hallah. É claro. Eu me recordo das minhas próprias experiências no acampamento-base dessa montanha e a ocasião em que vi a foto da minha bisavó Cleo pendurada na parede do alojamento onde ficamos. Só de pensar nisso meu coração se enche de orgulho. Eu costumava pensar que ser um Kemi significava viver confinada num laboratório, estudando livros, seguindo tradições. Cleo me

mostrou que também pode significar ser aventureiro e fazer coisas emocionantes. Ser pioneiro. Ser diferente.

Mas Cleo também sofreu com suas aventuras. Ela perdeu o seu diário de poções. Nunca preparou uma poção outra vez. Não me surpreende que o vovô não tenha gostado da ideia de eu participar da Caçada Selvagem. Afinal, foi justamente isso o que destruiu a sua mãe.

Eu ergo os olhos do diário. Meu avô se sentou na minha frente, mas os seus olhos estão fechados; está perdido em pensamentos. Eu não estava preparada para palavras tão... típicas de um diário.

Será que o diário da minha bisavó se perdeu na montanha? Não, não pode ser. Meu avô teria mencionado isso no diário dele. Eu salto algumas páginas.

A poção para a Caçada Selvagem está sedenta, pronta para o próximo ingrediente. Eu não sei aonde mamãe foi, ao Runustão, ao Zhonguo ou a algum outro lugar distante... Ela se recusa a me manter informado. Eu tenho certeza de que, se pudéssemos trabalhar juntos, descobriríamos a fórmula muito mais rápido. Mas não.

Deixa pra lá. Quando ela voltar, vou ler o diário dela e descobrir sozinho. Ela vai concordar, porque é a única forma de eu aprender.

Espere... Tem alguém lá fora. Pode ser ela.

A tinta muda de cor e a sua caligrafia se torna ainda mais descuidada e inclinada. Foi escrita às pressas.

Eu nunca a vi assim antes. Olhar desvairado, cabelo em desalinho. Eu quase nunca a vejo sem que esteja com uma aparência perfeita, até nos finais de semana! Ela parece ter envelhecido cinquenta anos, o seu cabelo está todo grisalho. Vou registrar a nossa conversa agora, rápido, antes que eu esqueça alguma coisa.

– Mãe? Você está bem?

Ela me encara como se me visse pela primeira vez, então balança a cabeça,

não para discordar, mas como se quisesse se livrar de teias de aranha grudadas na sua mente. Ela corre as mãos pelo cabelo, tentando arrumá-lo.

– Eu estou bem, Ostanes. E, por favor, você sabe: na loja, é Mestra Kemi.

Eu esperava ver mais bagagem, ou pelo menos encontrar o sr. Pringle. Mas não há nada nem ninguém. Fecho a porta. Algo no comportamento de minha mãe me faz trancar a porta também.

Ouço um barulho alto. Corro para o laboratório. Minha mãe virou a poção inteira da Caçada Selvagem na pia. A fumaça sobe enquanto a acidez da poção derrete e deforma a cuba. Eu cubro a boca com o avental, então a puxo para longe dos vapores tóxicos.

– Mestra Kemi, o que está fazendo? E quanto à Caçada Selvagem?

– Acabou, Ostanes. Estamos fora.

– Fora? Como é possível? – Nada que ela está dizendo parece fazer sentido. Como podemos estar fora da Caçada? – Tem algo a ver com a poção? Você não sabe como prosseguir? Me mostre o seu diário, talvez eu possa ajudar...

– Não há nada que você possa fazer – diz ela, me afastando com brutalidade.

– Por quê? Por que não posso ajudar?

Ela se vira para mim, a silhueta se destacando contra o vão da porta.

– Acabou para mim. – Sua voz se suaviza. – Mas pelo menos ela está salva.

– Ela? Quer dizer a Rainha?

– Claro que quero dizer a Rainha – diz rispidamente. O seu humor muda sem aviso.

– Outra pessoa venceu? – pergunto. Mal posso acreditar.

– Ainda não. Mas em breve.

– Se é em breve quer dizer que ainda temos chance!

O rosto dela se anuvia.

– Não há esperança para nós.

– Mas por que não?

– Porque o meu diário está perdido.

Meu coração bate na garganta enquanto leio o diário, mal consigo respirar. Esse é o momento... e ainda assim, não há nenhuma indicação do lugar por onde Cleo andou. As próximas páginas também não ajudam. Elas registram as tentativas do meu avô de fazer Cleo preparar poções outra vez e a recusa teimosa da mãe. Eu respiro fundo muitas vezes.

– Está vendo? – diz ele. Meu avô abre os olhos e pisca lentamente.

Faço que sim com a cabeça.

– Mas não compreendo. Você sempre me disse que a minha bisavó tinha criado a poção mais poderosa do mundo, mas desde que o seu diário se perdeu isso nunca pôde ser provado. Você não menciona isso em lugar nenhum.

Ele afaga a barba e eu cerro os punhos sob a mesa da biblioteca. Ele evita fazer contato visual comigo, o que me deixa ainda mais nervosa.

– Quando ela voltou, não conseguia preparar nem a poção mais simples. Ela se atrapalhava até com uma xícara de chá calmante! Eu não conseguia entender. Então me lembrei de uma lenda que li certa vez: algumas poções são tão poderosas que destroem a mente do alquimista que ousou prepará-la. Eu disse a mim mesmo que ela devia ter preparado uma dessas, porque eu não conseguia admitir que minha mãe ficou envergonhada em perder a Caçada Selvagem e simplesmente perdeu a mão. Isso é tudo.

– Então era mentira. – Uma mentira que eu contei em rede nacional. Minha bisavó não criou a poção mais poderosa do mundo, afinal. Foi só mais um artifício para alimentar o orgulho da nossa família.

Esse maldito orgulho dos Kemi. Ele será a nossa ruína.

– Sinto muito que tenha descoberto desse jeito. Ela foi, e ainda é, a melhor alquimista Kemi que já existiu.

– Melhor do que você? – pergunto. É incompreensível para mim.

– Ah, muito melhor! – ele diz com uma risada. – Eu gostaria que você pudesse tê-la conhecido. Ela teria tanto orgulho da bisneta! É você quem vai

superá-la, minha querida Samantha. Disso eu sei.

Meu coração incha no peito e não posso evitar: fecho o diário de súbito, contorno a mesa correndo, e dou um grande abraço em meu avô.

– Só fique longe de confusão e estude os livros antigos. – Ele afaga a minha cabeça com a mão. – A alquimia recompensa o estudioso, não o explorador. Você fará bem em se lembrar disso.



CAPÍTULO SEIS

SAMANTHA

Hoje é o primeiro dia em que conseguimos abrir a loja esta semana, depois do desastre que foi a minha entrevista no programa matinal, mas, quando retorno para lá, depois de fazer algumas compras para a minha mãe, a loja está praticamente vazia. As únicas pessoas ali são o meu avô e uma mulher com a testa tão franzida que sua carranca causa até medo.

– Os diários dos Kemi nunca foram compartilhados fora desta família e isso não vai mudar agora – meu avô diz a ela. – Deixe a porta aberta, Sam. A sra. Slainte está de saída.

A tensão enche o ar quando o meu avô e a misteriosa sra. Slainte se encaram. Eu sei quem vai vencer essa guerra. A mulher franze os lábios finos e os vincos na testa se aprofundam, mas então ela cede e põe a prancheta embaixo do braço.

– Não pense que acabou, Ostanes.

– É Grande Mestre Kemi para você.

Ao passar, ela me lança um sorrisinho, me convidando a também revirar os olhos para o velho alquimista teimoso e com antigos ressentimentos. Não aceito o convite. Eu lhe lanço o meu melhor olhar gelado, enquanto ela sai pela porta pisando duro.

– Quem era essa? – pergunto, trancando a porta atrás de mim. Está claro que não vamos abrir hoje, no final das contas.

– Um fantoche do governo – explica o meu avô. – Falando de uma espécie de petição... – Ele faz um gesto com a mão, como se não desse importância ao fato.

Eu reviro os olhos para valer dessa vez, então levo as compras para a cozinha.

Tinha quase, *quase*, conseguido esquecer a petição. “TORNEM PÚBLICOS OS ARQUIVOS KEMI” é o título, e conseguiu alguns milhares de assinaturas depois das especulações sobre a *Aqua Vitae*. Foi criada pelo *Correio de Nova*, um jornal que parece visar a total e completa aniquilação da nossa família. Eu tenho certeza de que um dos repórteres não tem nada melhor para fazer do que passar o dia vasculhando os fóruns das Teorias das Caçadas Selvagens até achar alguma história que mereça uma notícia.

Mas isso é *loucura*. O diário de um alquimista é o trabalho de toda uma vida e é protegido pela lei novaneana, a Lei de Sigilo do Alquimista. É como o meu avô disse à mulher do governo: não há possibilidade de qualquer pessoa colocar as mãos nos diários da nossa família, que contém milhares de receitas únicas, de centenas de anos atrás, só para procurar uma cura que não existe. O que não surpreende é que o *Correio de Nova* seja financiado pela indústria sintética. O que surpreende é que eles tenham conseguido envolver o governo nessa questão. Sinto meu peito apertado.

– Eles não podem nos obrigar, podem?

Vovô bufa. Interpreto isso como um não.

Meu celular vibra no bolso. Depois de pôr as sacolas sobre a mesa da cozinha, eu leio a mensagem.

Superando a tempestade? É Evelyn.

Não muito, respondo. **Alguém do governo veio aqui tentar nos fazer abrir nossos arquivos. Não. Vai. Rolar. Então por enquanto continuamos sendo a “família mais desprezível de Nova”.**

OIIIIIIII?! Quem disse isso?????

Te dou uma chance de adivinhar.

O Correio de Nova?

Aham. Eles disseram que, se escondemos uma cura universal por todos esses anos, devíamos ser julgados por assassinato.

Tenho um arrepio só de pensar nisso. O meu sono anda infestado de pesadelos – visões de uma morte causada por milhões de *flashes* e de longas linhas impressas de jornal que se enroscam no meu pescoço como uma serpente, arrancando a vida do meu corpo. Eu sigo depressa para o refúgio do meu quarto.

Quando chego, Evelyn já respondeu.

Ai. Bom, não se preocupe, logo eles param de falar nisso. Vão mudar de assunto como sempre fazem.

É. Mas já faz uma *semana*. Será que você pode ser vista em público com um vestido que usou uma vez no ano passado ou algo assim?

:P

Como vai a paixão misteriosa?

Ainda misteriosa ;) Mas, sério, fico feliz que você esteja bem.

Tô quase.

Desde que você esteja pronta para o Tour amanhã...

Eu hesito por um instante. A verdade é que nem comecei a arrumar as malas. Está sendo bem difícil focar em qualquer coisa além do escândalo ao nosso

redor. Eu mal consigo sair de casa e a única vez que vi Zain ou Anita foi quando conseguiram bravamente enfrentar a multidão para chegar até mim. Não estou certa de que seria justo participar de um Tour Real e abandonar a minha família à mercê dessa loucura.

Como se sentisse a minha relutância, Evelyn me manda outra mensagem.

Confie em mim... não vai demorar para isso passar.

Eu respondo com um emoji de joinha e prometo fazer as malas assim que possível.

Suspiro e me jogo na cama. Por onde começar a fazer as malas para um Tour Real?

Antes que eu possa responder à minha própria pergunta, a minha irmãzinha Molly sobe as escadas correndo.

– Sam, Sam, vem aqui ver isso! – O seu rosto vermelho aparece no vão da porta, as tranças voando atrás dela.

– O que foi, Molly?

Ela não responde, só faz gestos amplos para que eu a siga. Desço dois degraus de cada vez, correndo para acompanhar o seu ritmo. Quando chegamos à cozinha, ela aponta para a TV.

PRINCESA TEM UM AMOR SECRETO? ENFIM UMA ESPERANÇA PARA O REINO DE NOVA!

Acompanha a manchete um vídeo granulado de Evelyn nos braços de uma pessoa misteriosa, oculta nas sombras. O meu coração bate na garganta e eu sinto uma onda de gratidão. A nossa história não está nem na barra de notícias que rola na parte inferior da tela. Somente Evie pode ter feito esse vídeo vazar.

Pego o meu celular.

Obrigada, escrevo.

Ainda não me parece o bastante e me pergunto como vou poder retribuir a gentileza.

– Você sabia disso? – pergunta Molly.

– Disso o quê? Que Evelyn ia fazer “a notícia do século” vazar para tirar os holofotes de cima de nós?

Molly revira os olhos.

– Não, sua boba. Que a Princesa está *apaixonada*. Pra *valer* desta vez.

Eu levanto uma sobrancelha.

– Um beijo não significa necessariamente que você está apaixonado, sabia?

– Mas pode significar!

– Eu acho que não.

– Ah, estraga-prazer! – diz Molly, fazendo beicinho. Mas então os seus olhos se acendem outra vez. Ela vem para o meu lado. – Por quê? O que você sabe?

Eu ergo as mãos.

– Ei, isso é sigilo entre alquimista e paciente!

– Mas, que eu saiba, ela não é mais sua paciente...

Quando não dou uma resposta imediata, o queixo de Molly cai.

– Não me diga que você está trabalhando em *outra* poção para a Princesa! – Eu tento pensar numa explicação, mas o cérebro de Molly é ainda mais rápido do que o meu. – Quer dizer que os fóruns estavam certos, afinal!

Eu nego com a cabeça.

– Espera aí, você sabe dos fóruns?

– Você não é a única que sabe navegar na internet – diz ela, antes de se afastar.

Eu a encaro sem acreditar.

Então me ocorre. Eu me recordo exatamente do que posso fazer para recompensar a Princesa. E acho que tenho o tempo justinho para fazer isso antes de a viagem começar.

Eu mando uma mensagem de texto para Zain.



CAPÍTULO SETE

www.TeoriasdasCaçadasSelvagens.com/
foruns/FAMILIAKEMI

ORDENADO POR: POSTS MAIS RECENTES

[NOVO POST] **CaraDeColetor diz:** Zain e Sam vistos deixando a Loja de Poções Kemi juntos. Será que eles finalmente vão ter um encontro de verdade?

3 respostas

[Mais recente] **SantaClara diz:** Alguém pensou que isso pode ter relação com o título “secreto” de Alquimista da Realeza? Talvez a primeira colaboração de todos os tempos entre sintéticos e naturais?

[NOVO POST] **CaçadordeRelíquiasFúteis diz:** KEMI À VISTA – Ostanes Kemi se dirigindo à Prefeitura de Kingstown. Algo a ver com a petição, será?

8 respostas

[Mais recente] **Parzie33 diz:** Que nada, a sua fonte deve estar errada.



CAPÍTULO OITO

SAMANTHA

— Estamos quase lá – diz Zain. Estamos no carro dele, saindo da cidade e indo direto para uma pequena aldeia no limite das Selvas mais próximas. A varinha dele está no painel, encantada para nos apontar a direção certa.

– Ótimo! – respondo. Em segredo, cruzo os dedos dentro das botas. Espero mesmo que a minha fonte esteja correta. Pelo menos uma vez, seria legal simplesmente aparecer e comprar um ingrediente, em vez de ter que caçá-lo em algum canto obscuro do globo.

Não que isso não seja divertido, mas, sabe... uma garota precisa de um tempo para ela.

Quando estacionamos em frente a uma cabana caindo aos pedaços, eu tenho as minhas dúvidas. Algum dia ela pode ter sido adorável, mas isso era quando o telhado de sapê não estava apodrecido e remendado, e o jardim de rosas não tinha crescido tanto a ponto de parecer um ninho de espinhos. Há até uma árvore saindo pelo meio do telhado, onde antes pode ter existido uma chaminé. Eu verifico o endereço no celular duas, três vezes, mas constato que estamos no lugar certo.

– Bem, que tal eu dar uma olhada e você esperar aqui? – Zain põe a mão sobre a minha e a aperta.

– Não. Se ele for como outros Coletores que eu conheço, não vai ficar feliz de ter na sua porta o herdeiro de uma grande corporação da indústria sintética.

Zain faz uma careta, mas não faz mais menção de sair do carro.

Eu também aperto a ponta dos dedos dele, então saio do carro antes que perca a coragem. Resistindo ao impulso de olhar por sobre o ombro a cada cinco segundos, ando num passo determinado até a cabana. Quando bato à porta, ela se abre com um rangido, e eu me arrependo de todos os filmes de terror a que assisti com Anita, no porão da casa dos pais dela. Parece que todos eles começam desse jeito.

Depois do primeiro passo, a curiosidade se sobrepõe ao medo. O cômodo estaria quase totalmente escuro, se não fosse pelos raios de sol transbordando do buraco no teto onde a árvore germinou. À medida que os meus olhos se adaptam à luz, mais detalhes vão surgindo. É mais ou menos como eu imagino que ficaria a nossa loja se eu não a organizasse religiosamente toda semana. Cada espaço está abarrotado de jarros e recipientes, empilhados ao acaso uns sobre os outros e espalhados pelo chão. Eu poderia passar horas analisando a coleção se tivesse tempo.

Talvez esse cara tenha ficado tão viciado nesse lance de coletar, que precise esconder os ingredientes só para poder procurá-los outra vez.

Pessoalmente, eu não poderia trabalhar assim. Quanto mais tempo passo aqui, mais quero sair organizando tudo.

Ah, droga! Estou cada vez mais parecida com o meu avô.

– Quem está aí? Para trás! Tenho pó de salamandra e não tenho medo de usá-lo.

Não consigo ver quem fala no escuro e ergo os braços, me rendendo.

– Sou Sam Kemi! – grito para a semiescuridão. – Conversamos por e-mail. Você tem flor de arca amarela? Por favor, não use pó de salamandra em mim!

– Hmm – ele faz, mas o seu tom não é mais ameaçador.

– Eu trouxe a quantia que combinamos – arrisco, ainda incapaz de discernir com quem estou falando.

Ouço um farfalhar nas folhas da árvore e, quando um rosto surge entre os galhos, eu cambaleio para trás, tropeçando numa pilha de jarros de vidro atrás de mim. Eles se espalham com um barulho estrondoso e eu tremo nas bases.

– Sinto muito! – Pego do chão o jarro mais próximo de mim, mas não tenho ideia de onde é o lugar dele.

– Ah, esquece isso – diz o rosto. O dono dele balança na árvore e desce dos galhos, estendendo a mão para mim. – John McGraw, às suas ordens.

– Sam Kemi – respondo, apertando a mão dele. Ele me encara e eu sinto como se estivesse fazendo uma prova para a qual não estudei.

Preciso me sair bem, porque ele me entrega um pequeno saco de papel. Rompo o lacre e sorrio quando vejo três pétalas viçosas de um amarelo-vivo. É flor de arca. Elas serão perfeitas para reforçar a eficácia da poção que estamos preparando para a Princesa. Rapidamente, fecho o saco e entrego a ele o pequeno envelope contendo a maior quantia de dinheiro que já levei comigo em toda a minha vida. Não é à toa que eu estava apreensiva.

Ele abre o envelope e começa a passar o polegar pelas notas, contando o dinheiro como um profissional.

– Bom fazer negócio com você, Kemi...

A porta da frente se escancara e Zain irrompe na cabana. O sr. McGraw e eu ficamos paralisados e a cor some das minhas bochechas.

– Achei ter ouvido um barulho... – diz Zain diante dos nossos rostos estupefatos.

O sr. McGraw fica vermelho-tomate de raiva.

– GENTALHA SINTÉTICA! – ele urra e, sem aviso, pega algo atrás de si e lança um punhado de poeira laranja-avermelhada diretamente na nossa cara.

– Corra! – grito para Zain.

Mas ele fica plantado no lugar, instintivamente procurando a varinha. A sua calma se transforma em pânico quando percebe que ela não está ali. Continua no painel do carro.

Eu me atiro contra ele, derrubando nós dois no chão. Se o pó atingir a nossa pele, estamos acabados. Eu me arrasto pelo chão, pegando jarros e os jogando contra as prateleiras. Enquanto se despedaçam, torço para que um deles seja o que estou procurando.

Pó de carvão ativado – funciona como um neutralizador de diversas toxinas, incluindo a de salamandra.

Um pó negro se espalha pelo ar, chiando ao se misturar com o pó cor de laranja. Isso nos dá o tempo de que precisamos para encontrar a saída, e não paramos até chegar ao carro, arfando, sem fôlego.

Zain se vira para mim quando conseguimos recuperar o fôlego, os olhos baixos.

– Sinto muito... – começa a dizer, mas então eu começo a rir. Não posso evitar.

– A cara do sr. McGraw quando você entrou... – digo em meio a risadas.

Deve ser contagioso, porque Zain se junta a mim e cai na gargalhada.

– Quando tentei pegar a varinha...

– E não estava lá...

– Achei que estávamos mortos. – Zain balança a cabeça, mas está me olhando com um sorriso enorme. – Você sempre sabe o que fazer. – Ele se inclina e me puxa para um beijo que transforma os meus risos em calafrios.

– Eu tenho sorte de ser tão desastrada! – digo, quando interrompemos o beijo para recuperar o fôlego. – Vi o carvão quando chegamos e pensei em quanto ele poderia ser útil. – Um movimento na janela da cabana faz o meu coração dar um salto. – Ligue o carro, vamos dar no pé antes que a gente cause ainda mais confusão.

– Você conseguiu a flor de arca?

Eu levanto o pacote.

– Tudo aqui.

– Ótimo! E sei exatamente como podemos comemorar. Sorvete.

O garoto sabe como cativar meu coração.

O High Park é uma enorme faixa verde nos limites de Kingstown, e o lugar mais lotado da cidade num dia quente e ensolarado como hoje. Carrocinhas de sorvete e cachorro-quente se enfileiram nas trilhas de cascalho e o lago está cheio de

pedalinhos flutuando na água escura. Eu adoro esse parque porque é um lugar que todos podem apreciar sem que seja preciso usar nenhuma magia.

Um dos meus lugares favoritos no parque é o jardim zoológico, onde os meus pais costumavam levar Molly e eu nas férias escolares. Eles têm filhotinhos de cabra e cordeiro na primavera e no verão exibem até alguns animais das Selvas: pequenos *kelpies* saltitantes que crescem e ficam mais fortes com o riso de crianças humanas.

Há uma brisa refrescante vindo do lago, e é para lá que eu e Zain caminhamos, seguindo na direção de um *trailer* de sorvete.

– O que eu posso comprar desta vez para a minha heroína? – pergunta ele.

– Me surpreenda – digo, me sentando num dos bancos. Quando ele se afasta, eu me reclino, fecho os olhos e deixo o sol aquecer o meu rosto. Na minha cabeça, me imagino cortando as pétalas de flor de arca em tirinhas delicadas e acrescentando-as à poção. Como ainda não temos um nome para ela, ideias passeiam pela minha cabeça: *Domadora de Talento, Resgate Real, Poção Supressora de Magia.* Eu me pergunto se a poção teria outras utilidades. Eu me sentiria mais segura se criminosos Talentosos e perigosos como Emília Thoth tivessem o seu Talento suprimido.

Zain me arranca dos meus devaneios quando se senta ao meu lado. Ele traz num copinho duas bolas de sorvete de cores vivas.

– Feche os olhos – diz.

– O quê? – Em vez disso, arregalo mais os olhos, tentando adivinhar o sabor que ele me trouxe.

– Só feche os olhos.

– Ok. – Hesitante, obedeço. Ele põe a colher de plástico nos meus lábios e imediatamente eu reconheço o gosto. – Hmm, chocolate – digo. – Meu favorito.

– Espere – ele sussurra.

Eu aguardo um segundo e então sinto uma série de pequenas explosões na boca, erupções de sabor que inundam a minha língua com deliciosas surpresas. Eu dou risada, deliciada.

– O que você sentiu?

Abro os olhos e vejo Zain me olhando com expectativa.

– Frutas tropicais – respondo. – Como manga, maracujá e lichia. É muito bom.

– Que estranho... – Zain experimenta ele mesmo o sorvete, esperando alguns segundos pela explosão de sabor. – Eu sinto outros sabores, como maçã, canela e talvez uma pitada de caramelo.

– Está falando sério? Que sorvete é esse?

Zain pisca para mim.

– Chama Sabores Favoritos. Você sente todos os seus preferidos de uma só vez. Acho que é a novidade do verão. Agora sei que a chave para o seu coração é chocolate, seguido de frutas tropicais.

– Hmm, e a sua é torta de maçã!

Zain põe a mão sobre o peito.

– No fundo, sou só um cara muito simplório.

Eu solto uma risada. Entrelaço os meus dedos nos dele, deitando a cabeça no seu ombro. Nunca pensei que poderia ser assim com um Talentoso, e especialmente com Zain. A minha reação a ele deveria ser mais como a do sr. McGraw (embora talvez levemente menos dramática do que jogar na cara dele um pó que provoca dor). Eu deveria odiá-lo. Mas não odeio. Na verdade, é bem o contrário disso.

– Você está louca para ir embora, não está? – diz ele, quando estamos quase terminando as nossas guloseimas.

– A flor de arca...

– Eu sei, eu sei. Você tem aquela necessidade de preparar poções.

Concordo com a cabeça. Mal posso esperar para ver como a poção vai reagir ao novo ingrediente, e para ver o efeito que vai causa em Evelyn.

– Então vamos – ele diz, se levantando do banco. – Podemos andar e comer ao mesmo tempo.

Nós saímos pelo portão Rei Canut, o mais próximo da rua Kemi. Não

podemos ficar de mãos dadas por causa do sorvete, mas caminhamos tão perto um do outro que os ombros se esbarram enquanto andamos.

– Quando chegarmos a Laville, vou te levar na melhor loja de chocolate do mundo – ele promete.

Sorrio.

– Vai ser um encontro de verdade?

– Hmm... Não, isso é mais um tour pela cidade. – Ele pisca para mim.

– Um dia, então.

– Um dia.

Viramos a esquina e caminhamos até o fim da minha rua. Ela está um alvoroço e eu espero que isso signifique que a nossa loja está lotada também. De clientes *de verdade* desta vez, não de pessoas à procura de um milagre que não podemos fazer.

– Você já achou alguma coisa para usar no Baile de Laville? – Zain pergunta.

Antes que eu possa responder, uma voz feminina grita:

– Socorro! – O som vem de algum lugar mais à frente, na rua. – Alguém me ajude! Chamem uma ambulância.

Zain e eu nos viramos para olhar. Há uma multidão de pessoas na nossa frente, mas por uma fresta consigo ver uma figura caída contra o muro baixo de pedra.

O meu coração para. Eu reconheço a figura, ou pelo menos os cabelos grisalhos que estão para fora do gorro. Vejo o gorro com a sua estampa xadrez verde-oliva meio apagada.

– Vovô! – sussurro.

– O quê? – diz Zain, erguendo a voz com alarme, mas eu me livro dos braços dele e corro rua acima, o mais rápido que as minhas pernas aguentam.

Quando o alcanço, um homem está sacudindo o braço do meu avô.

– Senhor, qual é o seu nome? – diz.

– Eu não me lembro – responde ele. Então seus olhos reviram nas órbitas e a cabeça cai sobre o peito.

– Vovô! – Desta vez eu grito e corro para segurá-lo. O homem dá um passo para trás, abrindo espaço para mim. – Você está bem? Vovô, sou eu, Sam, você consegue me ouvir?

Ele acorda, mas em vez de falar comigo, está murmurando algo indecifrável. Olho para os lados, ainda segurando firme o braço do meu avô.

– O que aconteceu? Alguém viu?

O homem mais próximo de mim franze a testa.

– Não tenho certeza... mas havia uma mulher aqui antes, que gritou por ajuda. Ela deve ter visto tudo.

– Sam? – diz debilmente o meu avô. O meu coração quase explode de felicidade por ele ter me reconhecido.

– Está tudo bem, vovô – digo, puxando-o para mais perto. – Vou chamar uma ambulância.

– Eu não preciso de ambulância, estou bem – ele diz, mas sua voz está fraca. Verifico todos os seus sinais vitais e, apesar do coração acelerado, ele continua batendo forte. O meu próprio coração volta a bater num ritmo normal. Eu ergo a cabeça, estamos só a alguns metros da loja.

– Zain, você pode pegar o outro braço do meu avô?

Ele assente e passa o braço do meu avô pelos ombros. Eu pego o outro braço e agradeço ao homem pela ajuda. A aglomeração ao nosso redor aos poucos se dispersa ao ver que vovô está bem. Solto um profundo suspiro de alívio.

Assim que dou um passo à frente e me aproximo do lugar onde vovô caiu, um cheiro muito ruim atinge as minhas narinas. Acre, forte e tão metálico que faz meus olhos arderem.

Eu reconheceria esse cheiro em qualquer lugar.

Emília Thoth.



CAPÍTULO NOVE

SAMANTHA

Cambaleamos até a cozinha.

– Mãe? Pai? – grito para a casa vazia. Nenhuma resposta.

Do meu lado, o meu avô sorri.

– Não precisa gritar, Samantha.

– Ah, desculpe, vovô. – Zain e eu o ajudamos a se sentar numa cadeira.

– Estou ótimo! Só levei um pequeno tombo, só isso. Nada com que se preocupar. – Ele faz menção de se levantar, mas eu o detenho, colocando a mão no seu ombro.

– Pareceu mais do que um simples tombinho para mim. Zain, você pode ver se a minha mãe está na loja? Vou fazer uma xícara de chá calmante para o vovô. – Eu acendo a boca do fogão, tentando fazer as minhas mãos pararem de tremer. Meus sentidos ainda estão em alerta por causa do choque de ver o meu avô caído no chão, e aquele fedor horrível que chegou às minhas narinas... e desapareceu tão rápido quanto surgiu. Mas não pode ter sido Emília. Ela está trancafiada numa cela em Zambi, esperando o julgamento. É só a minha imaginação hiperativa em ação outra vez.

O meu avô se levanta.

– Eu tenho que terminar algumas poções no laboratório.

– Posso cuidar disso! Você precisa descansar.

– Quem é o mestre e quem é o aprendiz aqui? Vou terminar as minhas poções de hoje, enquanto você ajuda a sua mãe na loja, e *depois* vou descansar. Ponto-final. – Ele atravessa a cozinha às pressas, andando mais rápido do que eu julgaria possível para alguém da idade dele.

– Sam, o que está acontecendo?

Zain trouxe a minha mãe. Ela está com uma expressão preocupada e não para de olhar sobre o ombro, na direção da porta da loja. Deve estar cheia de clientes.

– O vovô levou um tombo lá fora e acho que pode ter se machucado – explico.

Ela arregala os olhos.

– Onde ele está agora? Precisa ir ao médico?

Eu indico com a cabeça a porta do laboratório.

– Ele disse que está bem e já voltou a preparar poções. – Zain e eu trocamos olhares e eu encolho os ombros. O que posso fazer? Amarrá-lo na cadeira? – Ele vai descansar quando tiver acabado.

– Bom, então está tudo bem. Sua ajuda seria muito bem-vinda na loja, sabia?

– Vou pra lá num segundo.

Minha mãe seca as mãos na longa saia e então volta correndo para a loja. Com dois passos largos, Zain fica ao meu lado e me puxa para um abraço apertado. Eu deixo que todo o susto e medo que sinto se dissolvam em seus braços. Então ele se afasta, põe as mãos nos meus ombros e olha no fundo dos meus olhos.

– Ele vai ficar bem.

– Eu sei – digo, mas odeio como a minha voz soa fraca. O meu avô é o meu mundo. Não sei o que faria sem ele. E o choque de ter pensado, ainda que por um segundo, que poderia perdê-lo... me deixou sem chão.

– É melhor eu ir. Parece que precisam de você lá na loja.

Concordo com a cabeça. Queria que ele não tivesse que ir, mas Zain tem seus próprios negócios de família para cuidar. Ele está fazendo um estágio na companhia do pai, a Corporação ZA.

Como se lesse a minha mente, ele diz:

– Pelo menos temos o Tour Real amanhã. Duas semanas inteiras que vamos passar juntos, sem precisar pensar em trabalho. – As pontas dos seus dedos

descem pelo meu braço até encontrar as minhas mãos. Ele junta as duas e beija os nós dos meus dedos. – Até amanhã?

– Te vejo amanhã. – Trocamos um longo beijo, depois aceno para ele da porta.

Ouço um apito agudo quando a água da chaleira começa a ferver. Em vez de desperdiçar a água, faço uma xícara de café para a minha mãe. Sei que ela vai agradecer. Assim que pego a caneca fumegante para ir à loja, o meu celular vibra. Eu o pego no bolso e vejo que a mensagem é de Evelyn.

AI MEU DEUS!! O Z acabou de me contar. Espero que esteja tudo bem!

Tudo bem, digito em resposta. **Aparentemente só escorregou... Preciso ficar de olho, mas já voltou a trabalhar! Bem típico do meu avô.**

Fico feliz. Amanhã ainda de pé? Preciso de você!

Claro :)

Legal. Nos falamos depois.

Fecho os olhos e respiro fundo, os últimos resquícios de uma manhã insana varridos pelo aroma reconfortante dos grãos de café. De volta ao planeta Terra, sigo para o caos que é a loja.

Não posso evitar um sorriso. Tudo voltou ao normal. Ou pelo menos, o *novo* normal por aqui, com o qual ainda vou levar um tempo para me acostumar. A loja está lotada de clientes levando ou encomendando poções. As prateleiras de ingredientes que têm a mesma altura do prédio, quase três andares, estão totalmente abarrotadas de novos ingredientes. Pérola de sereia e barba de mago, um ao lado do outro; chifre de unicórnio com cauda de unicórnio. Mais e mais

caixas de ingredientes chegam a cada dia para substituir o estoque esgotado, enviadas pela nossa Coletora, Kirsty. Finalmente temos o que sempre desejamos: uma botica próspera e em expansão. O lado ruim disso é que a loja está tão lotada que não consigo deixar a minha mãe sozinha um instante para adicionar a flor de arca à poção de Evie. Com relutância, guardo as pétalas num frasco limpo e o coloco numa prateleira baixa, prontas para que eu as acrescente assim que tiver uma folga.

– Sam, você está com a poção do sr. McDonough? – pergunta a minha mãe. Eu faço uma varredura no meu cérebro para me lembrar da poção.

Ar de Apolo – aqueça tomilho, folhas de chá do rio Amarelo e penas de Pégaso sobre um tijolo ardente e envase os vapores. Bom para asma e outros problemas respiratórios, inclusive tosse persistente.

Meu avô aprovou a fórmula ontem à noite.

– Deve estar pronta. Vou pegar lá nos fundos – digo. Eu contorno a fila de pessoas esperando no balcão e vou para o laboratório.

O laboratório segue no seu próprio ritmo febril. Misturas borbulhando sobre o fogão, vapor subindo e ondulando no ar, enquanto um líquido vermelho-vivo sobe e desce numa montanha-russa de tubos de ensaio transparentes. Todas as poções em produção. Não vejo nem sinal do meu avô, mas isso não quer dizer que ele não esteja trabalhando atrás dos aparelhos.

No canto mais distante, vejo o pacote de papel pardo que contém o Ar de Apolo do sr. McDonough. Eu o pego e corro de volta para a loja.

Encontro o sr. McDonough e lhe entrego a cura. Ele me sorri com gratidão.

– A sua poção é a melhor que já usei. Muito melhor que a minha medicação sintética. Não sei por que nunca tinha vindo aqui antes! – diz.

Eu sei o motivo exato: porque ele foi afastado da nossa loja de poções pelas gigantescas campanhas antipoções naturais, orquestradas pela Zoroaster e outras corporações sintéticas ao longo dos anos. No entanto, não toco nesse assunto, apenas sorrio e digo:

– Que ótimo, espero que retorne – como a minha mãe me ensinou a fazer. Não

tem por que importunar os clientes com todo esse papo político; eles estão provando a sua lealdade gastando seu dinheiro na nossa loja. – Vejo o senhor em breve – acrescento.

Nós passamos a tarde toda dessa maneira, trabalhando num ritmo constante e reconfortante.

Uma campainha soa atrás do balcão, o sinal indicando que o meu avô precisa de mim. Peço licença para incumbir a minha mãe do balcão da loja e me dirijo ao laboratório. Nem sinal do meu avô.

– Vovô? – Eu levanto a voz acima do barulho das fervuras e borbulhagens.

– Aqui! – Ouço a sua voz de um canto distante do laboratório.

Contorno um balcão grande de madeira (no qual bati o quadril mais de mil vezes) e automaticamente recolho qualquer ingrediente que vejo jogado, guardando-o no lugar a que pertence enquanto caminho. *Laboratório descuidado é trabalho redobrado* – um dos muitos lemas do meu avô passa pela minha cabeça.

Quando o vejo, deixo escapar um arquejo. Há vinte ou trinta saquinhos pardos, cheios de poções, esperando para serem levados. Receitas prontas para os nossos clientes.

– Não fique aí parada. Leve isso para a sua mãe antes que comece o fluxo de clientes da tarde.

Eu pego um dos saquinhos e o giro na mão.

– Todas essas poções estão prontas?

Ele não responde, apenas grunhe. Eu reprimo a surpresa. Ele deve ter dobrado o ritmo de trabalho – triplicado – para terminar todas essas poções.

– Perdemos toda a manhã, então tive que tirar o atraso.

Concordo com a cabeça, sem a confiança necessária para responder, e carrego uma bandeja grande com os sacos de poções. Depois os levo com cuidado para a loja.

– Acredita nisso? – sussurro para a minha mãe quando ela vem para o meu lado. – Ele trabalhou sem parar a manhã inteira. Olha só todas essas poções.

– Ah, mas que ótimo! – Ela pega um dos saquinhos e o entrega a um cliente. – Aqui está, sr. Talbort. Eu disse que não ia demorar.

O sr. Talbort parece que vai explodir de gratidão.

– Obrigado, Katie. A minha filha precisa tomar essa poção quanto antes e, como a loja esteve fechada, eu estava ficando sem opção. – Ele pega o saquinho e sai pela porta rapidamente.

Mamãe e eu trocamos um sorriso. Essa é a melhor parte do nosso trabalho: quando realmente vemos o impacto que as nossas poções têm sobre a comunidade. E ninguém mais está perguntando sobre o absurdo da *Aqua Vitae*.

O sorriso da minha mãe muda aos poucos para um ar de preocupação.

– O vovô não devia estar descansando?

– Tente dizer isso a ele.

– É o que imaginei. – Ela entrega outro saco cheio de poções a um cliente, trocando-o por algumas notas amassadas. A gaveta da caixa registradora está quase explodindo de tanto dinheiro. Minha mãe vira para outro cliente e eu começo a arrumar em ordem alfabética as poções que serão entregues.

Quando termino, ergo os olhos e vejo um rosto conhecido entrando na loja. É Moira Grant, uma das nossas clientes mais leais, mas também uma das mais diabólicas. Tenho certeza de que ela se aproveita da bondade e generosidade da minha mãe para ficar nos devendo vários meses de pagamentos atrasados. É claro, agora que somos bem-sucedidos, a minha mãe quer esquecer os pagamentos atrasados – não precisamos *realmente* de dinheiro agora –, mas não parece justo que ela continue dando desculpas para não pagar.

– Bom dia, sra. Grant – digo com um sorriso. Eu quero fazer tudo da maneira correta para que *ela* faça tudo da maneira correta: tire o dinheiro de dentro da carteira e nos pague. – Vou verificar a sua receita, para verificar se todas as suas poções estão prontas.

Ela me olha de cara feia, o que indica que sabe exatamente o que estou fazendo, e eu luto contra o impulso de mostrar a língua para ela. Em vez disso,

abro o saco de papel identificado como *sra. M. G.* na caligrafia alongada do meu avô e espio lá dentro.

Franzo a testa.

– O que foi, querida? – ela pergunta, o tom de voz enjoativo de tão doce, mas no fundo duro e gelado.

Eu coloco a mão dentro do saco e pego a poção. Algo nela parece errado. Moira usa um creme especial para artrite.

Folhas de garra-de-demônio com infusão de raios de sol, misturadas com babosa e ocre vermelho – para aliviar a artrite, lubrificar as articulações e suavizar a tensão nos ligamentos.

Uma das maiores peculiaridades desse creme é a sua cor vermelha. Quando era mais jovem, o meu avô inventou um jeito de fazer o vermelho desaparecer em contato com a pele, mas por um longo período a poção ficou conhecida como "Dedo Escarlate". Ter a reveladora pele carmesim era especialmente ruim para mulheres que trabalhavam em fábricas, tecendo vestimentas delicadas ou trabalhando em grandes máquinas. O creme era um bálsamo para a dor, mas também dava aos patrões uma desculpa para reduzir o salário das funcionárias.

Mas o creme nesse pote não é vermelho. É marrom-escuro.

– Algo não parece certo – diz Moira, os olhos brilhando com a oportunidade de fazer uma reclamação e talvez ganhar o remédio de graça.

– É, não parece – digo.

Eu pego outro saco e o abro. Na frente está escrito LÂMINAS DE POEJO, mas mais uma vez o que está dentro não é o que eu esperava. Lâminas de poejo devem ser tiras de folhas de cobre, finíssimas, que derretem sob a língua; mas isso não é cobre: é prata. Parecem mais folhas de mercúrio, que servem para algo completamente diferente.

Meu coração imediatamente afunda até o estômago. Todas essas poções, esses remédios estão errados! Eu olho no relógio. Deve fazer só meia hora desde que eu trouxe as novas poções do meu avô. Quantas foram entregues? Quantas...

Moira tosse alto, me encarando por sobre os óculos grossos de casco de

tartaruga.

– Algum problema? – pergunta.

Espero não ter ficado tão lívida quanto estou me sentindo. Uma poção a cada cinco minutos, devem ter sido... seis clientes afetados. E esse número vai aumentar a cada instante que passa. Minha mãe entrega outra poção e eu não posso evitar. Grito para impedi-la.

Ela franze a testa, unindo as sobrancelhas.

– O que foi, Sam?

Eu arranco o saco pardo das mãos do cliente. Reúno em meus braços tantos quanto posso.

– Eu, hã... Só preciso checar uma coisa com o meu avô. Volto logo.

Mas não há tempo para um "volto logo". Ouço um guincho vindo da rua, e alguém escancara a nossa porta com violência. Isso faz toda a loja estremecer e os frascos nas prateleiras tinirem.

– Vocês quase mataram a minha filha! – O sr. Talbort está parado na nossa porta, o rosto escarlate. – A poção que dei a ela causou uma crise de urticária. Em vez da medicação para epilepsia, vocês deram a ela ferrões de abelha!

Ferrões de abelha contra reações alérgicas – nada a ver com epilepsia, e pode causar uma reação alérgica se ingeridos pela pessoa errada.

– Tivemos que levá-la para o Hospital Geral de Kingstown, onde ela está recebendo o tratamento para sanar o erro de *vocês*!

– Eu... eu sinto muito, Hank – diz minha mãe. – Eu não sei o que dizer... Ostanes levou um tombo esta manhã...

– E vocês o deixaram preparar poções? Isso é pura irresponsabilidade. É por isso que, mesmo lamentando muito, tive que informar as autoridades.

Alguém aparece atrás de mim. Uma mulher usando um terninho elegante de risca de giz e o seu instrumento mágico, uma pulseira dourada, deliberadamente à mostra. Atrás dela estão dois homenzarrões de terno preto, os braços cruzados sobre o peito. Eu a reconheço como a mulher do governo que esteve na loja no dia anterior.

A mulher vai direto até a minha mãe.

– A senhora é Katie Kemi, administradora da Loja de Poções Kemi?

Minha mãe tenta parecer mais alta e assumir um ar de autoridade, mas com a sua bandana hippie, camiseta branca manchada e saia longa, não consegue ser muito convincente.

– Sim, sou eu.

– O meu nome é Agnes Slaint, do órgão regulador de Poções e Sintéticos do governo novaneano. De acordo com o regulamento 13.4 da Lei de Segurança de Poções, sem um mestre adequado supervisionando o preparo das poções é ilegal manter a botica aberta ao público. – Ela olha para mim e seus olhos semicobertos pelo capuz têm um brilho que não é de compaixão. É um olhar que não vejo há algum tempo, mas, quando reconheço, a mágoa vem rápida e aguda como uma picada de cobra. É pena. – Sinto muito, mas vamos ter que pedir que fechem a loja. Vocês têm até as cinco da tarde de hoje para fazer isso. Do contrário, teremos que lacrar a loja.



CAPÍTULO DEZ

SAMANTHA

Conseguimos tirar todo mundo da loja e convencer o sr. Talbort, os outros clientes e Agnes Slaint a não espalharem a notícia do fechamento da loja... por enquanto. Mas eu sei que não vai demorar muito até que os fóruns fiquem sabendo.

– Podemos dizer que vamos tirar umas férias em família – diz a minha mãe, do outro lado da mesa da cozinha. Seus dedos cavam um nó da superfície de madeira e ela não para de lançar olhares preocupados para a porta da loja.

– Óbvio demais – responde o meu pai, que veio do trabalho direto para o caos; no entanto, a prioridade dele não é a questão do fechamento da loja, mas a saúde do meu avô. – Ele está descansando – acrescenta, lendo a pergunta na minha mente.

– Você contou a ele sobre as... poções?

Meu pai assente, passando as mãos no cabelo.

– No começo ele não acreditou em mim, mas, quando eu mostrei as provas, não teve como discutir. Nós vamos ao hospital. Ele parece tão cansado... Vou pegar algumas coisas para levar.

– Com certeza as coisas estão muito piores do que pensei – diz a minha mãe.

Meu pai balança a cabeça, concordando.

– Quem vai para o hospital? – Meus pais se viram na cadeira e eu levanto os olhos. Parada na porta, segurando nas mãos uma pipa artesanal, está Molly. Seus cabelos longos e escuros estão presos em duas tranças que caem sobre os ombros e ela está corada por ter voltado a pé para casa, depois de passar o dia num

acampamento. Seus olhos ainda estão felizes e brilhantes, mas suas sobrancelhas erguidas mostram que ela sabe que isso está prestes a mudar.

Minha mãe se levanta abruptamente e pega a mão de Molly, fazendo-a se sentar à mesa conosco.

– É o vovô, querida. Ele levou um tombo feio esta manhã e nós achamos que estava bem, mas ele precisa ir para o hospital.

Os lábios dela tremem.

– Ele está bem? Posso vê-lo?

– Ele está dormindo no momento, querida. Como foi o dia no acampamento?

Enquanto Molly conta com hesitação o seu dia, eu divago um pouco, me sentindo enjoada. Isso é muito pior que a confusão por causa da *Aqua Vitae*.

Meu avô *nunca* errou uma poção antes. Não desse jeito. Algo deve estar muito errado. Se ele não melhorar... o que vai acontecer com a loja? Ainda faltam anos para eu deixar de ser aprendiz. Mesmo com a vitória nas Caçadas Selvagens, ainda não estou pronta para cuidar da loja sozinha. Meu avô estava pronto aos 16 anos, mas ele já tinha deixado a escola. Eu ainda tenho que conseguir o meu diploma no secundário e também quero ir para a universidade, talvez viajar um pouco... tudo isso antes de me tornar Mestra Alquimista oficialmente.

Precisamos do vovô, senão o Conselho de Alquimia vai fechar a loja por tempo indeterminado.

– Eu sei que ele está dormindo, mas... posso vê-lo? – pergunto, interrompendo a história de Molly abruptamente.

Meu pai hesita por um segundo, então concorda.

– Eu vou com você – diz a minha irmã de imediato.

– Por favor, pode me dar só um segundo, Mols? Preciso ter uma conversa de aprendiz para mestre, tudo bem? – Eu faço uma pausa. Quero falar em particular com o meu avô. Mas conheço a expressão no rosto dela. É o misto de olhos arregalados inocentes e determinação férrea que Molly aperfeiçoou até atingir a perfeição.

– Um segundo? – peço.

– Ok – ela cede. Eu saio correndo da cozinha antes que ela mude de ideia.

Embora eu passe correndo pelo laboratório, quando chego ao quarto do meu avô, ando na ponta dos pés. Para a minha surpresa, vejo uma luz acesa atrás da porta, e a sombra dele enquanto anda de um lado para o outro pelo quarto.

Bato os nós dos dedos suavemente na porta. A sombra para.

– Samantha? – ele chama.

Encaro isso como um convite e abro a porta.

– Sim, sou eu, vovô.

Os cabelos brancos dele estão desalinhados, a expressão nos seus olhos é selvagem. Seus pés descalços pisam o tapete, os chinelos jogados ao lado da cama.

– Vovô, desse jeito você vai pegar um resfriado! – Estendo a mão para pegar os chinelos, colocando-os diante dele.

– Está aqui... está aqui em algum lugar. – Subitamente ele se afasta de mim, virando-se para o peitoril da janela, onde ele enfileirou vários antigos diários de poções contra a vidraça. Ele pega um e o resto deles cai, espalhando-se pelo chão.

– Vovô! – grito, alarmada.

Ele folheia o diário, tão rápido que rasga algumas páginas.

– Me ajude, Sam. Ele foi levado.

– O quê? O que foi levado?

– O diário da Grande Mestra Cleo.

Preciso de alguns segundos para processar as palavras dele.

– O diário da minha bisavó Cleo? Mas ele sumiu há anos... décadas. Lembra?

Ele para e olha para mim. Por um instante, não aparenta nenhum dos seus 78 anos. Ele parece um garotinho, confuso e de olhos arregalados.

– É?

O diário que ele estava folheando escorrega dos seus dedos e cai no chão. Eu estendo a mão e a coloco sobre o braço dele, guiando-o em direção à cama.

Eu me sento ao lado do meu avô, e ele põe a outra mão sobre a minha. Então, de súbito, ele a aperta com força.

– Você precisa encontrá-lo! – diz, os olhos tão límpidos quanto a voz. – Você precisa encontrá-lo antes que ela encontre. O diário detém a chave.

– A chave de quê?

Sua voz enfraquece e os seus olhos se anuviam outra vez.

– Eu... eu não posso... – Tenho medo de que ele se esforce tanto para se lembrar que se esqueça de tudo. É o que quase acontece. Ele estremece com a força que faz para conseguir se lembrar e, mesmo que eu tente acalmá-lo, calar os seus pensamentos, ele se reclina outra vez na cama, liberando a pressão sobre os meus dedos. – Encontre-o – sussurra antes de desmaiar.

Não posso evitar: deixo escapar um grito e me lanço sobre ele. Encosto os dedos no seu pescoço e suspiro de alívio quando sinto o seu pulso, rápido e irregular.

– Ele está bem?

Eu viro a cabeça. É Molly.

– Molly, por favor... precisamos levar o vovô para o hospital agora. Avise a mamãe e o papai.

Para a minha surpresa, ela hesita à porta.

– O que você tem que encontrar? Você sabe mais do que nós sobre o que está acontecendo com ele, não sabe? – Eu abro a boca para protestar, mas ela continua. – Não, você prometeu, depois do que aconteceu em Zambi, que não ia me deixar de fora. Eu não sou qualquer um, Sam. Eu posso ser nova ainda, mas sou sua irmã. Também posso ajudar.

– Eu sei que pode. – Estendo a mão para Molly e ela a toma. – Eu juro, ainda não sei de nada. Tenho uma suspeita, mas... preciso falar com os médicos, e com a mamãe e o papai. Não acho que o vovô tenha sofrido uma queda comum. Eu acho que alguém fez isso com ele. Mas você promete não contar nada a ninguém até que eu descubra mais alguma coisa?

– Prometo, Sammy. Você pode confiar em mim – diz ela. – Mas assim que

você descobrir qualquer coisa sobre o vovô, eu quero que me conte. Não me deixe no escuro outra vez. – A minha irmã pode não ser alquimista, mas ela é uma Kemi dos pés à cabeça.



CAPÍTULO ONZE

SAMANTHA

Oi, sou eu... Passei na loja depois do trabalho, mas você não estava. Tudo bem com o seu avô? Responda, estou preocupado.

Eu leio a mensagem de Zain, mas não tenho tempo para responder. Enfio o celular de volta no bolso.

– Estou te dizendo, mãe, Emília Thoth tem algo a ver com isso.

Minha mãe, Molly e eu estamos esperando na UTI do Hospital Geral de Kingstown. A parede em frente a nós está coberta de imagens de flores silvestres: um mural de cores vivas. Suponho que quem o projetou quis fazer com que as pessoas sentadas na sala de espera se sentissem alegres e otimistas. Eu sei que as cores deviam ter algum efeito sobre mim, do mesmo modo que sei, graças ao preparo de poções, que alguns aromas e sabores induzem à calma.

Folhas de camomila embebidas em água; um travesseiro de lavanda; uma caneca de chocolate quente e grosso. Nenhum deles é exatamente uma *poção*, porém exercem o efeito certo.

Mas não em mim. Não agora. Tudo que eu ponho na boca parece ter gosto de cinzas e o mural de flores me dá vontade de vomitar. *Alguém pensa que a imagem de uma flor idiota vai fazer a minha dor desaparecer? De quem foi essa ideia?* Eu ando pela sala, impaciente.

Mamãe pega a minha mão e tenta me puxar para uma das cadeiras de plástico duro. Mas de jeito nenhum eu vou me sentar. Estou tentando explicar para quem me der ouvidos – a minha mãe, o meu pai, os médicos – sobre as últimas palavras que vovô me disse e sobre o cheiro que senti quando o encontramos

caído na rua. Em silêncio eu xingo a mim mesma por não ter dito nada antes. Agora ele está na UTI e o medo se enrosca em volta do meu pescoço como uma corda.

Ela suspira quando eu puxo a mão de volta.

– Querida, eu sei que está passando por muita coisa no momento, mas todos estamos chateados por causa do vovô.

– Mas ninguém está me ouvindo...

– Não, é você que não está ouvindo – ela responde. Seu tom de voz me faz interromper o passo. Ela quase nunca perde a paciência conosco. Minha mãe prefere educar as filhas com amor e carinho e geralmente deixa a parte da disciplina para o meu pai. Mas dá para ver que esse acesso de raiva a magoou; lágrimas brilham em seus olhos. – Os médicos dizem que ele está piorando rapidamente. Não há nada que possamos fazer.

– Mas e quanto ao que ele disse sobre a bisavó Cleo?... – Até a minha voz parece fraca e hesitante. Minha persistência está mais fraca também.

Dessa vez, minha mãe realmente não está me ouvindo. Ela está olhando para o meu pai, que acaba de chegar com mais notícias sobre o meu avô.

– Ele parece estável no momento, mas vão mantê-lo aqui esta noite – diz o meu pai, beliscando a ponte do nariz. – Não sabem bem o que há com ele, mas, basicamente, o vovô está velho. Essas coisas acontecem quando as pessoas envelhecem.

Como um boneco de mola, me levanto da cadeira. A minha persistência está de volta.

– Eles tentaram tudo? Eu vou voltar e pesquisar algumas curas. Deve ter alguma coisa num antigo diário Kemi em algum lugar...

Meu pai dá de ombros.

– Talvez se tivéssemos a *Aqua Vitae*...

– Mas isso não existe – diz a minha mãe. – E eu acho que falsas esperanças não vão nos ajudar em nada – ela acrescenta, descansando a mão no antebraço do meu pai.

– Podemos acender uma vela para o vovô, não podemos? – pergunta Molly.

– Claro que sim, querida.

Enquanto eles falam, pego minha mochila, que escorregou para o chão. Minha mãe olha para mim.

– Aonde você vai? – ela pergunta.

– Se ele está estável no momento, vou visitar a Princesa Evelyn antes que ela vá viajar amanhã. Vou dizer pessoalmente que não posso acompanhá-la amanhã no Tour.

– Acho uma boa ideia. Não volte muito tarde, ok?

Concordo. As solas dos meus sapatos guincham no linóleo verde-vômito, enquanto saio do hospital. Sinto uma brisa suave e o ar do fim da tarde ainda quente. Pego o celular e mando uma mensagem para Zain apressadamente.

Vovô muito pior. Vou ver Evie agora. Me encontra lá? Bj

Mas, quando aperto botão enviar, sinto uma súbita vontade de ver outra pessoa. Alguém que não é Zain nem a Princesa.

Quero ver Anita, a minha melhor amiga.

Está desocupada?, pergunto a ela

Sim!! Onde você está?

Me encontra no Café Mágico perto do Hospital Geral de Kingstown?

Estou indo.

Cinco minutos depois, eu a vejo pedalando furiosamente em direção ao café, os longos cabelos pretos voando atrás dela. Sorrio, apesar de tudo, mas, quando

Anita me alcança, meu sorriso se desfaz num rio de lágrimas. Antes que eu me dê conta, Anita está me abraçando e estamos de pé na porta do café, até que alguém tosse alto atrás de nós, querendo entrar.

Anita me leva para dentro e eu me acomodo numa enorme poltrona de couro vermelho, afundando no estofamento macio. Ela pede um chocolate quente com chantili extra para mim e, quando volta com as bebidas, extravaso tudo numa torrente de palavras que não consigo controlar.

– Foi tudo tão estranho! Ele estava bem quando saímos para pegar a flor de arca pela manhã, mas então, vê-lo depois da queda, e todas aquelas poções... Ele nunca erra. *Nunca*. Agora ele está no hospital. Eu não entendo o que está acontecendo.

Anita se inclina para a frente e pega a minha mão.

– Sam, sinto muito.

– E não há nada que possamos fazer.

– O que a médica disse?

– Ela acha que é a idade. Não existe poção no mundo que possa ajudar, ou pelo menos é o que ela diz.

Anita olha para mim, os olhos castanhos examinando o meu rosto. Eu baixo o olhar e tomo um gole do meu chocolate quente. Mas o que normalmente é uma delícia açucarada vira um líquido amargo na minha boca.

– Você acha que a médica está errada, não é? – ela diz. Não é uma pergunta; minha amiga sabe ler o meu rosto como um livro.

Eu confirmo.

– É do meu avô que estamos falando. Ele é... – Eu quero dizer *invencível*, mas falar isso em voz alta vai parecer exagero. No fundo, sei que ele não é invencível, sei que está envelhecendo e um dia não estará mais na minha vida. Mas nunca, nem em um milhão de anos, pensei que poderia acontecer tão rápido. E nunca, nem em um milhão de anos, pensei que começaria a perder partes dele daquela maneira.

É cedo demais.

– Ele *está* velho, Sam... – diz Anita, timidamente.

– Você acha que eu não sei? – rebato.

– Só estou dizendo... Você sabe que perdi a minha tia-avó para o Alzheimer. Simplesmente não existe cura.

– Existe cura para tudo. Só não encontraram ainda.

– Talvez.

Anita não merece o meu tom áspero. Sei que ela só está tentando ajudar. Mas essa situação está revirando as minhas entranhas; algo não parece certo. *Existe cura para tudo*, penso novamente. Isso tem que ser verdade. Sinto nos meus ossos de alquimista. Mal posso acreditar que, justo quando as coisas estavam indo bem para a nossa família, acontece outra coisa que nos derruba.

– Tem outra coisa... – começo. Hesito em falar isso para Anita, pois sei que só recentemente ela se recuperou da provação que foi a Caçada Selvagem. – Pensei ter sentido um cheiro podre, metálico, no lugar onde o meu avô caiu.

O rosto de Anita perde a cor e suas mãos começam a tremer. Ela rapidamente baixa o café para tentar disfarçar, mas eu percebo.

– Você não pode estar querendo dizer...

Eu logo nego com a cabeça. Ver uma reação tão forte nela é um lembrete de que não posso simplesmente lançar as minhas suposições por aí sem que haja consequências.

– Deve ter sido a minha imaginação. Ela está presa. Só devo estar procurando uma explicação para o que aconteceu.

– Quer passar a noite lá em casa? Podemos ver um filme e comer pipoca... – ela oferece, se apressando em mudar de assunto.

– Não, desculpe, mas prometi a Zain que o veria esta noite. E preciso contar a Evelyn que não vou ao Tour com ela.

– Ah, certo – ela diz baixinho. Anita não está acostumada com a minha amizade com a Princesa Evelyn, e menos acostumada ainda com o fato de eu ter um namorado. Eu também não estou acostumada. Eu mesma me surpreendo quando percebo quanto gosto dele. Na noite que passei na montanha com Zain,

pensei que íamos morrer. Sobreviver àquilo nos aproximou bem mais rápido do que eu supus e agora... Eu me pego pensando nele quando devia estar concentrada em outra coisa. É como se ele tivesse residência permanente no meu cérebro, onde um dia habitou o meu pensamento racional. Eu costumava revirar os olhos para os personagens apaixonados dos meus programas preferidos. Mas agora compreendo.

Ainda assim, por mais que eu goste dele, sei que ele não é o meu melhor amigo. Esse papel é de Anita.

– Você continua sendo a primeira pessoa com quem eu quero falar quando qualquer coisa acontece comigo – digo.

– E você vai me garantir que isso continuará assim! – Ela pisca para mim.

– Sempre – eu digo com um leve sorriso. – Você me acompanha até o castelo?

Mas, antes que possamos nos levantar dos nossos lugares, dois homens de terno preto e óculos escuros entram no café e param na porta. Eles esquadrinham o local e, quando os seus olhos encontram os meus, vêm em nossa direção, contornando as outras mesas. Eu pego a mão de Anita e imediatamente olho em volta procurando algo que possa usar para me defender. Tudo o que eu tenho é a minha caneca de chocolate quente. Eu a seguro com força.

– Samantha Kemi? – pergunta um dos homens.

Confirmo, hesitante. Os olhos de todos os outros clientes estão fixos em nós. Quem quer que sejam esses homens, não vão tentar nada aqui. Ou será que vão?

O homem mostra um crachá de identificação, onde está gravado o selo da Princesa.

– Temos ordens da Princesa Evelyn para escoltá-la até o Palácio imediatamente. Venha conosco, por favor. – Ele estende a mão para mim.

Anita encara os homens.

– Deve ser importante – diz ela.

Concordo, então pego a mão dele.

Com um movimento do outro punho, ele abre uma tela grande e eu arquejo. É uma Tela de Evocação portátil. Achei que a existência delas fosse apenas lenda,

uma invencionice qualquer.

Mas o braço que irrompe através da tela portátil, me agarra e me puxa diretamente para o Palácio não é uma lenda. É bem real.



CAPÍTULO DOZE

SAMANTHA

O Palácio é a residência principal da Família Real e a sua localização é ultrassecreta. Nem mesmo Zain sabe exatamente onde ele fica. Tudo que eu sei é que ele paira em algum lugar sobre Kingstown e é totalmente invisível para quem está no nível do solo.

O meu chocolate quente revira no estômago. Acho que estou prestes a vomitar (um efeito colateral muito comum quando nos transportamos). Depois de me darem um tempinho para respirar fundo algumas vezes, no grande saguão para o qual me transportaram, os homens me conduzem a uma área de convivência, esta bem menos formal do que os outros aposentos do Palácio. Vejo uma grande tela na parede, para a transmissão dos noticiários, e os sofás mais volumosos e confortáveis que se possa imaginar. É ali que eu, Evelyn e Zain passamos a maior parte do tempo juntos.

Sorrio quando vejo Zain, mas, quando ele levanta os olhos para mim, seu rosto está pálido. É quase como se sentisse... culpado.

– Aí está você, Sam! – Evelyn se levanta do sofá no mesmo instante, me puxando para um abraço. – Obrigada, cavalheiros – ela diz para os dois homens atrás de mim. – Estão dispensados.

Quando os dois homens se afastam, várias coisas acontecem ao mesmo tempo. Eu ouço um clique na fechadura atrás de mim, a iluminação do ambiente diminui e o ar de repente parece dez vezes mais pesado, como se eu estivesse imersa numa tigela cheia de mel.

– Pronto. Agora escutem, tenho algo importante para contar – diz Evelyn.

Meu olhar se alterna entre ela e Zain.

– Você acabou de...?

– Trancar a sala com magia? Sim. Não podemos ser incomodados. O que eu estou prestes a dizer é informação altamente sigilosa.

Eu engulo em seco e assinto.

– Ok. Tem a ver com o meu avô?

– Tem. – Ela segura as minhas mãos e os seus olhos de um azul glacial penetram nos meus. – Emília Thoth fugiu de Zambi.

Minhas pernas viram gelatina e não conseguem mais me sustentar. Uma torrente de magia passa por mim e ajeita um dos sofás no lugar certo, para aparar a minha queda. Desabo nas almofadas, mas nem sinto sua confortável maciez.

– O quê?! Como é possível? – A minha mente processa a notícia e ao mesmo tempo a rejeita. Não pode ser verdade.

– Sinto muito, Sam... Não queria te deixar preocupada – diz Zain.

As palavras dele, combinadas com a culpa em seus olhos, começam a fazer sentido.

– Espere aí, você *sabia*?! Desde quando?

– Alguém postou nos fóruns de Teorias das Caçadas Selvagens, mas não quis preocupar você com um simples boato.

– Então você escondeu de mim. – A raiva substitui o choque nas minhas veias. Uma vozinha no fundo da minha cabeça diz que estou extravasando minha raiva na pessoa errada, mas digo a ela para calar a boca. – Aquela mulher *odeia* a minha família. Você colocou todos nós em perigo.

– Se você vai surtar com ele, surte comigo também – diz Evelyn. – Zain me contou na mesma hora e eu relatei ao SSN.

– O SSN? – pergunto.

– O Serviço Secreto Novaneano. Eles confirmaram. E achavam que estavam prestes a capturá-la...

– Mas não conseguiram, não é? – interrompo.

Ela não consegue me olhar nos olhos.

– Não.

Eu deixo escapar um lamento que é meio um grunhido, meio um grito.

– Então isso tem algo a ver com o meu avô, no final das contas? Por que ela viria atrás dele novamente? Não há nenhuma Caçada Selvagem desta vez.

– É verdade, mas você sabe muito bem que, até que eu me case, sou uma ameaça para este reino. Nem mesmo a poção que você e Zain estão preparando para mim é uma solução permanente. Emília continua almejando o trono. Ela sabe que estou vulnerável.

– Ok...

Agora ela me encara, os olhos fixos nos meus.

– Sam, vou direto ao ponto. Seu avô sabia como fazer a *Aqua Vitae*?

Meu queixo cai e eu levo um instante para me recuperar. Então meu cérebro volta a funcionar.

– Não! Claro que não. Ninguém sabe.

– Mas e quanto à sua bisavó?

Eu engulo em seco.

– Eu achava que ela poderia saber. Mas o meu avô disse que isso é uma mentira que ele inventou para esconder o fato de que Cleo simplesmente perdeu a mão para fazer poções. – As palavras que ele me disse esta tarde me assombram. *Encontre-o*. Quem sabe a mentira não foi para me impedir de procurar a cura?

Evelyn assente.

– Bem, seja lá qual for a verdade, Emília acha que vale a pena ir atrás do diário da sua bisavó. A SSN acredita que Emília precisa da *Aqua Vitae* para reverter as terríveis mudanças que o corpo dela sofreu por causa das poções sombrias. Eles vão visitar o seu avô hoje, para confirmar se ela usou nele uma poção de extração da memória.

Extração da memória – uma combinação extremamente complexa de feitiço e poção, que pode ser usada para apagar a memória de uma pessoa. Uma variação dela foi usada em mim, em Zain e em todos os participantes da Caçada

Selvagem, para que esquecêssemos a fórmula ilegal das poções de amor. Foi uma das condições para entrarmos na Caçada.

O pensamento me faz franzir o cenho.

– Mas eu pensei que a extração da memória só fosse usada para fazer alguém esquecer alguma coisa. Não para *encontrar* alguma coisa. Não há um meio de se "vasculhar" as lembranças de alguém.

Evelyn dá de ombros.

– Não há um meio que *nós* conheçamos.

– Santos dragões! – exclamo.

Eu relembro as horripilantes veias negras, visíveis sob a pele translúcida de Emília. Até que ponto ela foi para se tornar Talentosa *e* alquimista! Quanto mais terrível a sua magia, mais terrível a sua aparência. A *Aqua Vitae* poderia reverter isso... sem reverter os efeitos das suas poções. Ela ainda seria poderosa. Mas será que seria poderosa o bastante para derrotar o Rei e a Rainha?

Talvez.

Eu pisco várias vezes, obrigando a minha mente a trabalhar mais rápido.

Encontre-o. Você precisa encontrá-lo antes que ela o encontre. As palavras do meu avô ressoam na minha mente. Ele estava falando do diário? Se Emília acredita na *Aqua Vitae* a ponto de correr o risco de atacar o meu avô em plena luz do dia, talvez haja algo mais nessa história. Penso em todas aquelas pessoas na loja, desesperadas por uma cura milagrosa. Poderia ser eu a prepará-la. Eu poderia salvar tantas pessoas! Eu poderia salvar o meu avô!

Solto um longo suspiro e estralo os dedos.

– Preciso encontrar o diário de Cleo antes de Emília. Mas vou precisar de ajuda.

– Vou estar ao seu lado o tempo todo – garante Zain. Hesito por um instante, então consinto. Ele está perdoado. Se eu tivesse lido sobre Emília nos fóruns das Caçadas Selvagens, também não teria contado à minha família. Tantos rumores sem fundamento circulam por esses sites... Eu lhe lanço um meio sorriso e percebo os seus ombros relaxando.

– Eu também vou ajudar você de todas as formas possíveis – diz Evelyn. – Mas nós *temos* que manter isso em segredo, ok? Vai haver pânico geral se a notícia sobre Emília se espalhar. O SSN não sabe que estou contando a vocês.

– Como assim? Por que não dizer a eles?

– Porque, se for verdade que Emília fez isso com o seu avô, isso quer dizer que ela conseguiu passar pelas nossas melhores defesas. Chegou a Kingstown e *muito perto* do Palácio. Isso significa que, em algum lugar de Nova, alguém a está ajudando. Não posso confiar no SSN, mas posso confiar em vocês. Quero que tenham todas as chances possíveis. Preciso que pensem onde procurar primeiro. Aí, depois que fizermos a primeira parte da viagem amanhã, posso conseguir transporte para vocês chegarem aonde quer que precisem.

A lembrança da viagem me atinge como um soco no estômago.

– O Tour! Eu vim para dizer que não posso mais ir com vocês, por causa do meu avô.

– Sem essa, você tem que ir. O Tour vai ser o disfarce perfeito. Você consegue fazer os seus pais mudarem de ideia?

– Vou tentar. – Já consigo ver a expressão da minha mãe quando eu contar. Ela não vai ficar feliz.

– Mas lembre-se: nem uma palavra a eles sobre o motivo.

– Kirsty! – a palavra escapa da minha boca. – Vou precisar de Kirsty. Ela sabe ser discreta... Basta se lembrarem da Caçada Selvagem, por exemplo.

Evelyn hesita por um instante, então concorda.

– Vai ser bom ter um Coletor ao nosso lado. Pode contar para Kirsty.

– Ok, legal. – Eu relaxo ao saber que Kirsty vai estar conosco.

Então Zain faz uma pergunta que nem tinha passado pela minha cabeça.

– Mas, Evelyn, e a sua poção?

Sinto meu estômago se revirando. Íamos ao Tour com Evelyn para preparar a poção *dela*. Encontrar o diário da minha bisavó pode ser uma questão de vida ou morte para mim, mas a poção tem a mesma importância para Evelyn. Se eu não encontrar um jeito de conter a magia da Princesa, ela vai ter que se casar.

Evelyn vai ficar presa num casamento por conveniência, não por amor. Meu coração se aperta em saber quanto isso é injusto com ela.

Fico com as bochechas vermelhas por causa da culpa. Por sorte, a Princesa caçoa da pergunta de Zain.

– A minha poção? Isso é mais importante do que eu. Trata-se de deter Emília de uma vez por todas. E salvar o avô de Sam.

– Obrigada, Evelyn. Não vou me esquecer da sua poção, prometo. – Eu me viro para Zain. – O que você vai dizer ao seu pai? Ele *não pode* saber sobre isso.

Zain revira os olhos.

– Meu pai nem vai perceber que alguma coisa mudou. Ele não é exatamente o melhor pai do mundo, não é?

– Ótimo! – diz Evelyn. – Então está tudo arranjado. Vou destrancar a sala ou a minha família vai começar a suspeitar.

O ar imediatamente se torna mais leve e eu respiro fundo.

– É melhor eu ir. Ainda tenho muita coisa para preparar...

– Pego você amanhã ao meio-dia. Podemos fazer compras e depois a levo para pegar o avião – diz Evelyn.

– Precisa mesmo? – pergunto. Detesto ficar reclamando, mas escolher vestidos não é a minha atividade favorita nem nos momentos mais tranquilos da minha vida.

– Precisamos fazer tudo parecer o mais normal possível. Não podemos deixar Emília saber que você está atrás dela.

– Ok, tem razão. Vai ser divertido. – Eu forço um sorriso.

Evelyn ri.

– Ah, vamos lá, vai ser divertido, sim. Você vai ver.

– Se você está dizendo... – Dessa vez não disfarço uma careta. Compras. Detesto.

– Ah, antes que eu me esqueça, faz tempo que quero dar isso a você, mas sempre acontece alguma coisa... – Ela me entrega um pacote embrulhado num

papel prateado elegante, com um grande laço vermelho. – É para Molly. Pode dar a ela?

– Claro! Ela vai dar pulos de alegria. Obrigada, Evie. Te vejo amanhã.

– Até mais! – ela responde.

– Você me manda uma mensagem mais tarde? – Zain pergunta.

– Com certeza – respondo. Ele sorri e me dá um beijo de despedida.

Eu seguro firme o pacote enquanto retorno para o saguão onde fica o espelho de moldura dourada que vai me transportar de volta à loja. É bom ter algo bonito em que me agarrar em meio a essa confusão toda. Só agora estou me dando conta de que logo vou enfrentar Emília de novo. E, desta vez, preciso estar um passo à frente dela.

Emília mexeu com a minha família e não vou deixar que ela saia ilesa desta vez.



CAPÍTULO TREZE

SAMANTHA

Quando chego em casa, a minha mãe está debruçada sobre o balcão da cozinha. Ela parece exausta, como se ficar ereta exigisse muita energia. Antes da Caçada Selvagem, minha mãe nunca ficava tão cansada assim. Podíamos estar meio sem sorte, mas conseguíamos nos virar. Podíamos ter poucos clientes, mas pelo menos eles eram leais. E podíamos não ser os gloriosos alquimistas Kemi de antigamente, mas pelo menos estávamos a salvo.

– Oi, Sam. – A minha mãe levanta a cabeça ao me ver e consegue abrir um sorriso.

– Oi, mãe – respondo. As minhas mãos estão tremendo. Não quero chateá-la dizendo que o Tour Real está de pé outra vez. Enfio as mãos nos bolsos do jeans. A minha mãe não parece notar, mas Molly, sentada à mesa da cozinha, me encara com um olhar cheio de suspeita. Eu tento fazer a minha melhor cara de paisagem.

– Estou feliz que esteja aqui. Seu pai decidiu passar a noite no hospital...

– Está tudo bem?

Minha mãe assente com a cabeça.

– Não houve nenhuma mudança. E os médicos acham que o vovô está estável por enquanto. Mas é por isso que... bem, o seu pai e eu tivemos uma conversa. Decidimos não tirar Molly do acampamento de verão. Ela precisa que a vida dela continue tão normal quanto possível. E você também. Enquanto a loja está fechada, não há nada para você fazer aqui, e sabe o que o seu avô costuma dizer...

Mãos à toa não preparam poções tão boas. Outro dos seus velhos ditados.

– Então achamos – ela continua – que você não devia desistir dos seus planos de viajar com a Princesa Evelyn. Vai ser uma boa experiência de aprendizado para você. E, se qualquer coisa acontecer ao vovô, tenho certeza de que a Princesa vai ajudá-la a retornar o mais rápido possível.

Ainda que a minha mãe esteja me dizendo exatamente o que eu queria ouvir, fico triste.

– Mas o que você e o papai vão fazer com a loja?

Mamãe sorri, mas o sorriso não chega aos seus olhos.

– Isso cabe a mim e ao seu pai. Nós vamos descobrir o que fazer. Mas vocês duas precisam pensar no seu futuro. E você, Sam, não tem um vestido para comprar amanhã? É bom que tenha algo em que pensar. No seu lugar, sei que eu estaria eufórica com a oportunidade de ir ao Baile de Laville. – Agora o sorriso dela se alarga e o seu rosto fica mais alegre. O Baile de Laville deixa a minha mãe e Molly bem mais animadas do que eu. – Ei, quem está cansada aí? Acho que hoje todo mundo vai pra cama cedo...

Subimos as escadas juntas. Quando entro no banheiro para escovar os dentes, Molly entra comigo.

– Alguma coisa que queira me contar? – ela pergunta num tom malicioso, enquanto põe a pasta verde brilhante na escova de dentes roxa.

Eu nego com a cabeça e continuo a escovar os dentes vigorosamente. Pelo espelho, vejo os olhos dela fixos em mim, como se, de alguma forma, ela pudesse ver melhor a verdade no meu reflexo. Eu me inclino sobre a pia e cuspo a pasta.

– Ah, esqueci... Tenho algo pra te dar. – Eu corro até o meu quarto e pego o presente de Evelyn. Volto para o banheiro às pressas. – Tome, isto é pra você.

Seus olhos se arregalam à visão do papel prateado de aparência cara.

– É de quem eu estou pensando que é?

– Se quer dizer Evie, sim. Abra!

Vamos para o quarto de Molly e eu fecho a porta. Solto uma risada quando o

rosto dela se ilumina num enorme sorriso. Ali está o mais belo par de luvas brancas que já vi. Elas quase brilham de tão brancas, como se fossem feitas da luz das estrelas.

– São para mim?

– Com certeza.

Quando Molly pega as luvas da caixa, um bilhete voa para o chão. Eu o pego e começo a ler:

Querida Molly,

Sinto muito ter demorado tanto para dá-las a você, mas prometo que elas valerão a espera. Essas luvas são feitas dos pelos de cauda de unicórnio que se soltaram naturalmente ao longo da vida dele. Só existem um ou dois pares de luvas como este no mundo todo. Mas você é uma das poucas pessoas no mundo que, comprovadamente, tem afinidade com unicórnios e eu sei que vai realizar grandes magias com elas um dia.

Espero que aceite estas luvas como uma pequena lembrança da minha gratidão por ter ajudado no meu salvamento.

Sua eterna amiga,

Princesa Evelyn de Nova

O papel de seda que as envolvem cai no chão quando Molly levanta as luvas. Ela desliza as mãos para dentro delas o mais rápido que pode. Flexiona os dedos.

– São perfeitas! – exclama.

Eu fecho as suas mãos enluvadas dentro das minhas.

– Fico muito feliz!

Ela sorri.

– Sabe, você não vai me distrair tão fácil assim. Mesmo com o melhor presente de todo o universo.

Eu assinto.

– Tem razão, sei mais sobre o vovô do que posso contar. Não posso falar pra ninguém. Mas preciso, sim, da sua ajuda. Preciso que você cuide dele enquanto estou fora. Fique de olho nele. As luvas vão ajudar.

Frustração e compreensão passam pelo seu rosto.

– Mas...

– Molly, eu juro... se pudesse te contar, eu contaria.

Finalmente, ela concorda com a cabeça.

– Tudo bem – diz, a voz mais suave.

– Obrigada – digo.

– Mas assim que puder, vai me contar primeiro?

– Combinado. Agora durma. Foi um longo dia.

Ela vai até a sua cama e levanta as cobertas. Pouco antes de entrar embaixo delas, se vira para mim.

– O vovô vai ficar bem? Estou com medo, Sam.

Eu corro até ela e lhe dou um abraço apertado.

– Claro que vai! – digo. – Eu garanto.

– Eu sei.

Sento-me na beira da cama até que ela tenha se acomodado sob as cobertas e espero até que caia no sono. Não demora muito para isso acontecer, e eu invejo esse repouso tão fácil.

De volta ao meu quarto, sento-me em frente ao meu laptop e, depois de abrir algumas abas dos sites da Connect e da FeitiçoOn-line, para disfarçar caso a minha mãe entre no quarto, começo a procurar receitas e lendas da *Aqua Vitae*.

Encontro uma poção originária de Pays, cuja base é a água de uma cachoeira mágica, onde a pessoa chega apenas se for guiada por Luzes de Fadas, um tipo de fogo-fátuo. Só conseguir a base já é muito difícil – ninguém sabe onde fica a tal cachoeira ou como fazer as fadas guiarem você até lá. Depois leio uma lenda de Zhongguó, sobre uma fênix que vive perto de um mosteiro de uma ordem

antiga de monges. Outra lenda, de Ruso, diz que só descobre a receita da Água da Vida quem foi trazido de volta do mundo dos mortos.

Tudo parece pertencer ao reino dos mitos. Deve haver uma razão para que ninguém nunca tenha descoberto a fórmula da *Aqua Vitae*. Com um pouco de raiva de mim mesma, entro no www.TeoriasdasCaçadasSelvagens.com e procuro pelos fóruns. Mas não há nada novo ali a não ser uma sucessão de comentários especulando sobre por que fechamos a loja.

Eu fecho o meu laptop com força e encosto a cabeça na mesa, soltando um grunhido.

Nunca vou chegar a lugar nenhum sem uma pista de verdade.

Ouço uma batida suave na porta.

– Entre – digo.

A cabeça da minha mãe aparece no vão da porta.

– Tudo pronto para amanhã?

Confirmo com a cabeça. Já joguei as roupas numa mala. A camada de cima parece roupa normal – vestidos de verão bonitos (aparentemente, jeans não são trajes apropriados para uma viagem com a Princesa de Nova), blusas bem passadas e saias esvoaçantes. Mas, mais embaixo, há uma camada de roupas de Coletor para qualquer eventualidade: calças cinza-escuras, folgadas e de um material resistente, cheias de bolsos e zíperes; regatas; roupa de baixo térmica – na verdade, são muitas camadas, para o caso de precisarmos ir a um lugar frio.

– Só preciso do meu vestido de baile agora.

– Tem *certeza* de que não posso ir às compras com você? – pergunta a minha mãe, entrando no meu quarto e se empoleirando na minha cama.

Sorrio.

– É surpresa!

– Até para a sua querida mãe?

– Você sabe que, por mim, eu mostraria, mas é um dos pedidos da Princesa...

– Ok, ok, eu entendo. Não posso acreditar que a minha garotinha vai a um baile Real! – Os olhos dela se enchem de lágrimas.

Eu dou um salto até ela e a abraço.

– Nada de choro!

Ela agita as mãos na frente dos olhos.

– Eu sei, mas faz bem ter algo de bom que me faça chorar.

Eu me mexo no lugar desconfortavelmente, as pontas dos tênis apontando uma para a outra.

– Ele vai ficar bem.

– Às vezes eu queria ter uma bola de cristal – diz a minha mãe. – Mas não existe nenhuma poção mágica neste caso. Nenhum Olho de Centauro para nos ajudar a ver o futuro.

– Olho de Centauro? – Algo emerge na minha memória. Durante a Caçada Selvagem da minha bisavó, esse foi o único ingrediente que os participantes não conseguiram encontrar. De acordo com os livros de história, Zoro, o avô de Zain, conseguiu criar um olho sintético, que o ajudou a finalizar a poção e salvar a Rainha. Existe até uma réplica de Olho de Centauro na sede da ZA, no meio do saguão. O problema é que essa é apenas a história que veio a público. Zain me disse a verdade, quando estávamos presos no Monte Hallah. Foi a minha bisavó que de fato criou o olho sintético.

Minha mãe deve ter visto algo na minha expressão, porque ela estende a mão para pegar a minha.

– Você está bem?

Eu solto uma risada, como se não fosse nada.

– Ah, eu me distraí pensando em Zain...

– Ah, o amor na juventude... – diz minha mãe, juntando as mãos sob o queixo.

A minha resposta é um grande bocejo. Minha mãe dá uma batidinha nas cobertas da cama.

– Agora, vá para baixo das cobertas. Sei que você já tem 16 anos, mas ainda tem que ouvir a sua mãe. Hora de dormir.

Não discuto. Eu me arrasto para debaixo do edredom.

– Divirta-se amanhã – diz ela, ajeitando as minhas cobertas como se eu

tivesse 6 anos de idade. – Falo sério. Não deixe o que está acontecendo com o vovô e com a loja te impedirem de viver a sua vida. Nós vamos dar um jeito.

– Eu sei. – *Eu vou dar um jeito também.* Tenho uma pista agora.



CAPÍTULO CATORZE

SAMANTHA

O período de visita no hospital, pela manhã, só dura uma hora, mas fico ao lado do meu avô desde o instante em que ela começa até o instante em que sou expulsa. Na maior parte do tempo, não ficamos a sós. Então, quando a enfermeira nos diz que nosso tempo acabou, eu me demoro um pouco mais.

– Vovô... se você pode me ouvir, quero que saiba que vou fazer isso por você. Vou encontrá-lo antes que ela o encontre. – Seguro a mão dele com força e posso jurar que vejo as suas pálpebras estremecerem. – Se você se lembrar de qualquer coisa que possa ser útil... me diga imediatamente. Mas vou fazer tudo que é possível. Não vou parar. Eu prometo.

– Samantha, é hora de ir. Nada de privilégios. – A cabeça da enfermeira aparece na porta, as sobrancelhas erguidas. Eu aperto uma vez mais a mão dele e me levanto com relutância. Ainda que eu esteja determinada a achar a cura para o meu avô, não quero deixá-lo. Queria poder me desdobrar em duas! Uma parte de mim ficaria ao lado dele e a outra iria encontrar o diário.

Meus pais foram ao banco participar de reuniões assustadoras com as quais não querem que eu me preocupe. No entanto, as conversas sussurradas e as testas franzidas me deixam extremamente nervosa.

Do lado de fora do hospital, ligo para Zain.

Ele atende quase imediatamente.

– Ei! Tudo certo?

– Você está no trabalho agora?

– Ãh... acabei de chegar.

– Podemos nos ver?

– Você não devia estar indo se encontrar com Evelyn?

– Só daqui a algumas horas. Por favor. É urgente.

– Acho que posso ir até o Café Mágico em, tipo, duas horas.

– Não, não, eu vou até você.

– O quê, na ZA? – A incredulidade na voz dele não é surpresa para mim. Só fui à sede da ZA uma vez, quando eu e Zain ainda não estávamos namorando. Tenho evitado fazer isso. Já há bastante especulação sobre uma colaboração entre os Kemi e a indústria sintética; eu não preciso pôr mais lenha na fogueira.

– É, tudo bem?

– Claro! Só me avise quando estiver aqui e eu autorizo a sua entrada.

Dois ônibus e um trem depois, chego à sede da ZA. Zain já está do lado de fora, pronto para me encontrar. Ele está recostado numa postura casual, um pé apoiado num dos pilares da entrada. Mais bem vestido do que estou acostumada a vê-lo, ele está de calças cinza-escuras e uma camisa azul-clara que destaca o azul dos seus olhos. Só o seu cabelo está desalinhado como sempre, mechas pretas caindo desordenadamente sobre o rosto. Como alguém pode ser tão gato não fazendo absolutamente nada?

Ele sorri ao me ver e me dá um beijo discreto na bochecha. Estamos do lado de fora do seu local de trabalho, afinal – imagino que beijos mais escandalosos não seriam ser *muito* apropriados.

– O que foi? – pergunta. – Você tem uma pista?

– Tenho. Mas preciso da sua ajuda. Podemos entrar?

– Claro.

Sigo Zain através das grandes portas principais, que se abrem com um leve *vuft*, quando o ar-condicionado encontra o ar quente de verão. Calafrios percorrem meus braços quando entro, mas não sei se é por causa do ar frio ou do deslumbramento que sinto. O prédio tem um grande vão central que se estende para cima por mais de oitenta andares.

Zain para em frente a um semicírculo de poltronas de couro preto, lustrosas e modernas. Mas eu passo direto e sigo em direção ao centro do saguão.

Aparentemente suspensa no ar, num suporte de mármore branco, está uma órbita grande e redonda. A cor é impossível de descrever; ela muda de âmbar para dourado brilhante e depois para bronze enferrujado, enquanto eu a encaro. Olhando mais atentamente, nuvens escuras parecem borbulhar sob a superfície, num redemoinho de correntes de ar invisíveis. Não sei se já vi algo tão fascinante antes. Somente o toque da mão de Zain no meu ombro quebra o encanto.

– Eu acho esse negócio bem bizarro – ele diz.

– O seu avô... ele queria ser alquimista mais do que qualquer outra coisa no mundo, não é?

Zain enrijece. Eu provavelmente devia ter começado com um comentário mais leve, mas, quando estou no rastro de uma nova poção, só consigo ir direto ao ponto.

– Sim, mas o que isso tem a ver?

– Bem, se ele queria tanto ser alquimista deve ter tido um diário.

Zain assente.

– Ele tinha. Foi tudo digitalizado e armazenado nos arquivos da ZA.

Hmm, digitalizar os arquivos da família. Isso pode ser útil para nós, penso. *Foco, Sam!*

– Você não vê? O seu avô *conhecia* Cleo. Talvez, no diário dele, haja uma pista sobre o último paradeiro dela.

Os olhos de Zain se acendem.

– Sabe de uma coisa? Você pode ter razão... Venha, vou te levar à biblioteca agora. – Ele me leva para longe da réplica gigante de Olho de Centauro e em direção aos elevadores.

– Vão sentir sua falta no laboratório? Não quero tirá-lo do seu último dia de trabalho antes do Tour Real. Você pode só me mostrar onde é...

– Boa tentativa, Kemi. Não pense que vou deixar você sozinha com os segredos da nossa família – ele diz com uma piscadela. Entramos no elevador e ele aperta um dos últimos botões: o 78º andar.

O elevador tem uma parede de vidro e a visão de Kingstown de cima é de tirar o fôlego. Eu arquejo maravilhada, olhando além da zona industrial, onde todas as companhias sintéticas estão localizadas, para a cidade de verdade, o emaranhado de ruas que leva ao castelo, empoleirado no alto da montanha como um ninho de águia.

Agora entendo por que Zol se sente tão poderoso no seu escritório no alto desse prédio, dentro de uma letra Z de metal gigante. Dessa altura, dá para imaginar que você é dono do mundo inteiro.

As portas do elevador às minhas costas se abrem diretamente para a biblioteca. Eu viro o corpo, então franzo as sobrancelhas.

Não há um único livro à vista.

Em vez disso, um quadro imenso se estende por toda a parede, a maior obra de arte que já vi.

– Espere aí, isso é...?

Zain assente.

– E é...

– ... o original? Sim.

– Uau! – Não sou nenhuma especialista em arte, mas reconheço de imediato. *Grimórios de um Alquimista de Gergon*, de Da Luna. Talvez o quadro mais famoso do mundo retratando um alquimista. Temos uma gravura dele pendurada no nosso banheiro lá em casa.

Na obra de Da Luna, imensas estantes abarrotadas de livros grossos, com capa de couro, desaparecem nas sombras, nas laterais da pintura, como se não tivessem fim. Até as cadeiras e as mesas são feitas de livros: é o sonho de um amante da leitura. A única pessoa no quadro está num dos cantos: um homem idoso debruçado sobre um livro aberto, sua pele morena iluminada por uma única vela. Apesar de o homem ser do século XIII, conheço muito bem o seu olhar concentrado. Um alquimista procurando uma receita.

Examino o quadro buscando outra coisa que sei que está ali. Um equívoco. Na mão do alquimista está um ingrediente que o livro diante dele rotula como

Pena de Arara Unis do Sul. Mas o formato da pena está errado: ela é curva onde devia ser reta; o tom é verde-escuro onde devia ser vermelho-vivo.

Alguns críticos debocharam de Da Luna por causa desse erro.

Mas Da Luna era um pintor comum. Ele não usava magia para criar suas obras de arte, nenhum encantamento para amenizar as imperfeições – os lugares onde as tintas não tinham se misturado muito bem, onde alguns fios do pincel tinham se soltado e grudado na tela. A magia teria deixado o quadro perfeito.

Mas as pessoas não são perfeitas. Nem mesmo os Talentosos, dizia Da Luna. *A humanidade existe com os seus defeitos e imperfeições. É isso que eu retrato.*

Que lenda!

Zain tosse e me faz desviar os olhos da obra de arte. Ele está sentado diante de um dos seis laptops sobre um balcão lustroso, de tampo de mármore, em frente ao quadro.

– Tudo na nossa biblioteca é digitalizado – diz ele, ligando o computador. Quando ele nota a (totalmente involuntária) careta no meu rosto, sorri. – Espere só pra ver. Você vai adorar.

Com alguns cliques, ele encontra o diário do avô. Mais um clique e uma projeção surge no balcão à minha frente: um holograma perfeito do diário original. Mas quando eu o toco, a minha mão o atravessa.

– Uau! – exclamo, impressionada.

Zain solta uma risada.

– Legal, né? E dá até para virar as páginas como se fosse um livro de verdade. Experimente.

Meus dedos deslizam pela projeção outra vez e eu faço de conta que estou virando uma página. É estranho porque, apesar de eu não sentir nada, a página vira, como se me obedecesse.

– Isso é incrível! – preciso admitir.

– E eu também posso fazer isto. – Ele digita *Cleo Kemi* na barra de busca do navegador.

Alguns segundos se passam e o computador anuncia: *Zero resultados*

encontrados.

Zain franze a testa.

– Isso é estranho.

– Tente procurar “centauros”.

Vinte e quatro resultados encontrados.

– Bingo! – digo.

O holograma mostra a página com os primeiros resultados. As anotações de Zoro Aster são bem mais curtas do que as do meu avô.

08:02 Chego. Nenhum outro Participante da Caçada está aqui ainda, pelo que estou vendo. Cal Shackleton acha que ainda podemos ter uma chance com os centauros.

– Cal Shackleton era o Coletor do meu avô – Zain sussurra na minha orelha. Pode não ser uma biblioteca de verdade, mas ainda assim há algo na sala que nos faz querer manter o silêncio. Continuo lendo.

10:14

– Uau, o seu avô era bem preciso, né?

Cal desistiu por causa do boato de que os centauros estão sendo atacados por algum tipo de praga. Não sei se é contagioso ou se vai afetar a poção se conseguirmos mesmo um olho. Dobrei o pagamento e ele concordou em continuar. Malditos Coletores cheios de ganância.

10:21 Eu estava errado. Outro Participante está aqui. Acabei de ver os rastros de rodas. Raios que o partam! Disse para Cal se apressar.

– Outra equipe! – Minhas sobrancelhas sobem quase até a linha do cabelo. –

Poderia ser Cleo, certo?

Não espero a resposta de Zain, só viro a página outra vez.

– Ah, pelos dragões! – exclamo, quando a próxima anotação aparece à nossa frente.

Zain se inclina mais para perto.

– Não acredito.

– Quer dizer que nunca viu isso antes?

Ele balança a cabeça, negando.

– Não... Nunca li o diário dele.

Eu me calo com o choque. Li *todos* os diários dos Kemi – exceto a maioria dos diários do meu avô, é claro; pois, enquanto ele está vivo, seu trabalho está em curso e, portanto, a não ser com a sua permissão expressa, é zona proibida. Morro de vontade de lê-los. Se tivesse uma oportunidade, também leria todos os diários da família de Zain.

– Para que eu leria? – continua Zain. – Ele nos contou a história verdadeira no seu leito de morte. O que quer que esteja aqui não é verdade.

Eu me lembro das histórias de vovô sobre Cleo, que antes eu considerava como fatos. Mas agora sei a verdade.

– Lembranças não são fatos – digo com delicadeza, colocando a mão sobre a dele. – Todos já mudamos uma história para deixá-la mais interessante ou para proteger quem amamos. A sua família não é a única que faz isso, acredite. E as histórias dele ainda podem nos ajudar.

Zain me fita por um momento, então concorda. Eu volto a atenção para as anotações. O momento em que Zoro Aster "descobriu" o seu sintético.

09:00 Um dia digno de nota. Hoje, o mundo mudou para sempre. Hoje, eu fiz história.

Reviro os olhos para Zain e ele abre um sorrisinho. Mas, de certa forma, Zoro Aster não estava errado. Ele *realmente* mudou o mundo naquele momento. Só

deixou de fora o fato de que não fez isso sozinho.

Depois de me encontrar com os centauros, eu jamais poderia, em sã consciência, usar um olho natural. O seu povo dizimado, as suas famílias destruídas pela dor e pela doença, eu não poderia ser tão desumano quanto aqueles outros Participantes, nem pelo bem da Rainha Valeri II. Demiti Cal assim que ele sugeriu que continuássemos a Caçada. Aqueles que prosseguiram falharam e se condenaram à fúria dos centauros.

Mas é claro que eu não poderia abandonar a minha Rainha no momento de maior necessidade. Há anos venho trabalhando numa forma de simular o efeito de ingredientes sem que precise coletá-los. Uma forma de progredir além dos nossos métodos antigos e desgastados, que tão frequentemente resultam na diminuição, ou mesmo na destruição, das nossas mais preciosas riquezas.

E, agora, a história comprovará que eu consegui. Com o meu Olho de Centauro sintético – mas potente –, preparei a poção de cura de que a Rainha precisa.

Eu viajo do lago Karst, no Runustão, até o Palácio, para entregar a poção e salvar a vida da Rainha.

Este é um novo começo para Zoro Aster. Este é um novo começo para Nova.

Zain e eu erguemos os olhos do diário ao mesmo tempo.

– Uau! – exclamou ele.

– Agora temos por onde começar – digo, um sorriso surgindo no meu rosto. – Precisamos ir ao Runustão. E rápido.



CAPÍTULO QUINZE

SAMANTHA

— Achei que você trabalhasse aqui, Zain. Não deveria estar lá embaixo no departamento de Pesquisa e Desenvolvimento? – diz Zol, o pai de Zain, ao sair do elevador. Sua figura esguia e imaculada, num terno azul sob medida, lança uma longa sombra sobre a biblioteca. Ele para bruscamente ao me ver. Eu me preparo para que grite comigo e me expulse do prédio.

Mas não estou preparada para o sorriso largo que vejo.

– Senhorita Kemi! Que bom vê-la aqui!

Eu pulo da cadeira.

– Já estava de saída.

– Bobagem! Venha cá. Não tive a chance de parabenizar a sua família pelo sucesso na Caçada Selvagem. Sem ressentimentos, é claro. Agora que não somos mais rivais na Caçada (só nos negócios!) você é sempre bem-vinda aqui. Espero que o meu garoto esteja tratando você muito bem... – Então, de um jeito perturbador, Zol pisca para mim. Preciso conter um arrepio.

– Pai! – Zain parece tão em pânico quanto eu, os olhos dardejando entre mim e o pai e de volta para mim.

Estou simplesmente morrendo de vergonha.

– Ãh...

– O que foi? Um pai não pode ficar de olho no filho? Na verdade, senhorita Kemi...

– *Só Sam* – digo rápido.

– *Sam*, então. É bom que esteja aqui. Ouvi a terrível notícia sobre o seu avô...

– *Pai!* – diz Zain outra vez, mas agora com uma advertência na voz. Zol ignora.

– ... e eu realmente acho que a ZA pode ajudar. – Antes que me dê conta do que está acontecendo, o braço de Zol está sobre os meus ombros.

Tudo em que eu consigo pensar é: *O que. Está. Acontecendo?* Eu não imaginava que Zol fosse tão falante.

– Zain não queria que eu lhe dissesse, porque sei que o seu avô não tem nenhuma prescrição sintética no seu histórico médico, algo muito antiquado, na minha opinião, mas tenho *certeza* de que você gostaria de saber se existisse uma medicação sintética que ajudasse o seu avô a melhorar.

Zol está atropelando as palavras e me deixando desnorteada. É assim que um CEO conduz o seu negócio, pensando num milhão de coisas ao mesmo tempo? Mas chega uma hora em que as suas palavras e encaixam.

– Você tem a cura para o meu avô? – Eu pisco várias vezes, sem querer me permitir um fio de esperança.

Para o meu imenso alívio, ele tira o braço dos meus ombros, então me olha direto nos olhos.

– Ora, sim, Sam. Acho que podemos ter.

Meu coração palpita. Então a realidade me atinge. Eu balanço a cabeça.

– Não, ele nunca permitiria.

– Ah! Parece que o meu filho a conhece muito bem, afinal de contas. É uma pena, porque, apesar de o sintético ser recente, ele é *muito* promissor. Nossos testes estão mostrando 98,9% de eficácia na reversão da perda de memória. E também devolve ao paciente uma saúde vigorosa. Passou nos Testes de Sintéticos Novaneanos com muito sucesso. Vamos começar a comercializá-lo dentro de um mês, estamos muito confiantes... Mas tenho certeza de que você vai encontrar outra maneira.

Eu assinto, mas ainda estou processando as palavras dele; *98,9% de eficácia*. É um índice bem alto para um sintético. *Passou nos testes*. Mesmo que não fosse uma cura total, poderia estabilizar o estado geral do meu avô e me dar mais

tempo para procurar o diário. *Mas é um sintético,* alerta a minha voz sensata de Kemi.

A outra voz volta a falar mais alto. *E daí?*

– Você já mostrou a ela? – Zol pergunta ao filho.

Zain solta um gemido.

– Não, pai, é sério, não temos tempo. Sam não quer ver.

Agora estou curiosa.

– Me mostrar o quê?

O rosto de Zol se ilumina e por uma fração de segundo vejo Zain no pai dele. É meio perturbador, porque, antes disso, eu fazia todo o possível para evitar Zol. Achava que o *odiava*. Mas, pensando bem, a última vez em que nos encontramos estávamos competindo na Caçada. Será que no dia a dia ele é um cara normal?

– Vamos, Sam, você vai adorar isso.

Entramos no elevador e fico entre Zain e o pai, o que é muito estranho. Por sorte, são só alguns andares.

As portas deslizam e revelam um escritório amplo, onde centenas de funcionários da ZA, sentados em seus cubículos, trabalham incessantemente nos seus computadores.

– Este é o nosso setor de vendas – diz Zol, tomando a frente a passos largos. Eu o sigo. Zain vem atrás de mim, a contragosto. Fica tentando chamar a minha atenção, mas agora eu quero muito ver o que Zol pretende me mostrar.

Olhos curiosos se voltam para mim, de trás das paredes baixas dos cubículos. Eu me sinto desconfortável com a sensação de tantos olhos nas minhas costas. Talvez não tenha sido uma ideia tão boa, afinal. Um clique baixinho me faz virar a cabeça. Alguém tirou uma foto minha com o celular?

Isso não é bom. Não é nada bom.

Fico aliviada quando deixamos o escritório abarrotado e entramos num corredor. Passamos por algumas portas sem identificação até que Zol interrompe o passo.

– *Voilà*! – ele faz, apontando para a porta.

Gravado numa pequena placa de latão está o nome *Zain Aster*. Abaixo, lê-se: *Diretor do Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento de Poções Natural-Sintéticas.*

Zol abre a porta.

Olho para Zain e ele dá de ombros, parecendo triste.

– Não foi ideia minha – murmura.

– Seu próprio escritório? Mas isso é muito legal! – digo. Zain dá de ombros outra vez.

O escritório em si é enorme. Há uma série de computadores de um lado ("Estão todos conectados à biblioteca, então Zain não tem que deixar a sala para acessar os nossos arquivos", diz Zol) e uma estante com livros de verdade, em papel, do outro lado. ("Para os estudos que simplesmente não são relevantes para a era digital", diz ele com uma risada.) No meio, há três mesas. Uma delas tem o nome de Zain.

– Para quem são as outras duas? – pergunto.

– Bem, essa parte é muito boa. Como você já viu, uma das mesas está reservada para Zain, quando ele terminar os seus estudos. Foi ele quem inspirou este departamento: Pesquisa e Desenvolvimento de Poções Natural-Sintéticas. – Zol dá um tapinha nas costas do filho. – Uma das outras mesas é para Arthur Menoaz. Você o conhece, não?

Conheço. Ele é outro alquimista conhecido em Nova, embora não more em Kingstown. Foi um ativista ferrenho do antissintetismo por um tempo, então me pergunto o que aconteceu para ele mudar de ideia. Pensando bem, ele não ganhou a Caçada Selvagem, então não tinha tanto dinheiro e fama quanto nós. Ainda me lembro dos velhos tempos. Eles eram fortes.

– E a outra está reservada para o nosso novo bolsista. Não pense que a ZA, como corporação, não aprendeu nada com a derrota na Caçada Selvagem! Perder não foi bom para a nossa imagem, como o nosso diretor de Relações Públicas se apressou em apontar, mas eu soube como contornar a situação. Não somos uma companhia parada no tempo; gostamos de inovação. Se aprender mais sobre

poções naturais é o caminho, então que seja! Vamos abrir um departamento dedicado a isso. Então a ZA patrocinou uma bolsa de estudos em pesquisa para qualquer estudante que quisesse inovar nessa nova área. Vamos cobrir todos os custos da graduação e garantir um emprego em período integral no final. Já está bem concorrido. É claro, seria ainda melhor se alguém como *você* estivesse interessada.

Aí eu quase solto uma risada. Então é *por isso* que Zol me trouxe aqui. Em qualquer outra circunstância, poderia ser tentador. Mas agora?

– Obrigada por me mostrar isso, sr. Aster, é realmente fascinante. – Eu estendo a mão.

Ele a aperta com um leve franzir de sobrancelhas. Mas a expressão muda quase tão rápido quanto surge.

– Sem problema, Sam. E como eu disse, você é sempre bem-vinda. Ah, e Zelda vai ficar furiosa comigo se eu não convidá-la para jantar conosco. Ela faz um assado maravilhoso.

– Ãh... talvez depois do Tour Real?

– Combinado! Vamos ter que pegar as suas fotos de bebê, não é mesmo, filho?

Enquanto Zol cai na risada, Zain baixa a voz.

– Podemos, por favor, sair daqui agora?

Concordo com a cabeça. Seguimos em direção à porta.

– Ah, e Sam?

Relutante, eu paro. Olho para Zol, cuja expressão passou de alegre para mortalmente séria, com os lábios apertados e a testa franzida a que estou *muito* mais acostumada.

– Não esqueça o que eu disse sobre o seu avô. Nós *podemos* curá-lo. Não deixe o orgulho da sua família interferir.



CAPÍTULO DEZESSEIS

www.TeoriasdasCaçadasSelvagens.com/
foruns/FAMILIAKEMI

[POSTS MAIS RECENTES]

GarotaDeVallee diz: *NOTÍCIA QUENTE* OSTANES KEMI internado no Hospital Geral de Kingstown esta tarde às 16:46. Procurando uma fonte dentro do hospital para confirmar o diagnóstico. Alguém? **EDITADO** Sam é vista chegando na sede da ZA. POSSÍVEL CURA SINTÉTICA PARA OSTANES???

CaçadordeRelíquiasFúteis diz: Enfermeira dentro do Hospital Geral de Kingstown diz que ele está em tratamento de súbitos sintomas de perda de memória. Isso parece encaixar com o que sabemos sobre OK? Com o histórico das habilidades de CK para a alquimia desaparecendo da noite para o dia, poderia ser uma doença crônica? E quanto a SK curar OK com um sintético... A afirmação tem alguma prova? É mais provável que Zol Aster tenha oferecido a Bolsa de Estudos de Pesquisa e Desenvolvimento de Poções Natural-Sintéticas a SK e ela tenha comparecido a uma entrevista.

GarotaDeVallee diz: Essa teoria da bolsa de estudos não faz sentido. Posso confirmar 100% que a bolsa foi para Arthur Menoaz.

Vitaminas3 diz: Sem chance de Sam participar do Tour Real agora, certo? Ela nunca abandonaria o avô.



CAPÍTULO DEZESSETE

SAMANTHA

Graças ao passeio com Zol, Zain e eu só temos alguns minutos até que o pessoal da Princesa venha me buscar para ir fazer compras com Evelyn.

– O seu pai é bem... impressionante – digo, enquanto andamos pelo saguão da ZA para esperar o carro.

– É. Ele está pegando muito no meu pé ultimamente, mas não quero falar sobre isso agora. Ei, como você vai fazer para chegar ao Runustão?

Tomo nota mentalmente de que preciso falar com ele sobre o pai mais tarde. É evidente que ele anda preocupado com alguma coisa, mas tenho andado tão obcecada com o meu avô e o diário que não percebi. Péssima namorada...

– Vou entrar em contato com Kirsty e ver o que ela tem a dizer. Na verdade...

Procuro o celular na bolsa, mas, quando o encontro, um carro encosta no meio-fio. O vidro abaixa.

– Samantha Kemi?

– Eu mesma – digo. Eu me inclino para dar um beijo de despedida na bochecha de Zain, mas ele me puxa para um beijo de verdade, bem na frente do prédio de escritórios. Eu não reclamo.

Deslizo para o banco de trás com os joelhos frouxos. Normalmente ficaria impressionada com os lindos bancos de couro escuro e as luzinhas embutidas no teto, mas eu nem reparo nessas coisas. Observo Zain através das janelas escuras até vê-lo desaparecer dentro do saguão e dobrarmos a esquina, saindo de vista.

Respiro fundo, então escrevo uma mensagem para Kirsty:

O que você sabe sobre centauros, perto de um lugar chamado lago Karst, no Runustão?

Enquanto espero a resposta, penso no que *eu* sei sobre centauros. Não é muita coisa.

Centauros – criaturas nômades que vagam pela Grande Estepe. Viajam em grupos pequenos e sua população vem diminuindo rapidamente. Embora tenham sido um dia as criaturas mais próximas das civilizações humanas, os centauros se isolaram cada vez mais à medida que o homem se modernizou. O uso de partes do seu corpo em poções foi proibido, mas dizem que os seus olhos são o ingrediente principal de poções para curar doenças repentinas (especialmente as acompanhadas de visões) ou para ajudar a achar objetos perdidos.

Alguns toques na tela do celular e eu tenho um mapa da Grande Estepe. É uma grande faixa de vegetação rasteira, entremeada de montanhas e desertos, que se estende da extremidade leste de Gergon até o limite oeste de Zhonguo. Levaríamos anos para explorar a região toda em busca de um bando de centauros. Espero que eles ainda vivam perto do lago Karst. O mapa mostra um lago enorme no meio da Estepe, um lugar tão bom quanto qualquer outro para começarmos nossa busca.

Eu, por fim, levanto a cabeça e olho pela janela. Raramente me aventuro por esta parte da cidade. Aqui, enormes mansões custam milhões de coroas e até uma vaga de garagem custa mais do que o preço médio de uma casa em Kingstown. Embora estejam todas abaixo do castelo, as construções se inclinam na direção dele, como se pudessem ficar ainda mais imponentes se curvando para a Realeza. É também onde está localizada a rua Gana – ou rua *Grana,* como Anita e eu a apelidamos. A minha família nunca vem aqui. Mamãe preferiria costurar a própria saia com cortinas velhas do que pagar mil coroas na versão de um estilista.

A única vez em que eu fui à rua Grana foi logo após o meu aniversário de 15 anos. Eu tinha visto no noticiário detalhes sobre como Lieb & Jacobson estavam coletando pele de dragão de uma parte distante de Zhonguo para criar as suas últimas bolsas de grife. Com a pele confeccionavam bolsas brilhantes e reluzentes, e praticamente indestrutíveis. Uma bolsa para durar cem vidas humanas. Uma relíquia para se passar de geração em geração. E com o *preço* de uma relíquia... Entre os Talentosos endinheirados, era um verdadeiro ícone. Havia até rumores de que era impossível roubar dinheiro ou ouro guardado dentro de uma bolsa de pele de dragão. O ladrão se queimaria nas escamas, caso a pele de dragão sentisse que a pessoa não era o dono legítimo.

Mas, por mais bonitas que fossem as tais bolsas, é extremamente antiético usar pele de uma espécie em risco de extinção. Por isso, eu mesma fui uma das centenas de pessoas que participaram de protestos e carregaram faixas com os dizeres: LUGAR DE DRAGÕES É VOANDO NO CÉU, NÃO EMBAIXO DO SEU BRAÇO, até que a loja Lieb & Jacobson foi forçada a parar de vender as bolsas.

Na rua em que estamos, todas as placas sobre as portas das lojas falam de luxo, classe e ostentação. Mas a loja na frente da qual estacionamos faz o meu coração parar. É a mais luxuosa da cidade! Casa de Perrod.

– Ok, senhorita. Chegamos. A Princesa mandou avisar que já está lá dentro.

– Obrigada! – Eu praticamente salto do carro. Nunca, nem em um milhão de anos, pensei que possuiria algum artigo da Casa de Perrod.

Para a minha surpresa, vejo o *flash* das câmeras. Instintivamente, levanto a mão na frente dos olhos para me proteger.

– Sam, Sam! Você está trabalhando numa poção para a Princesa? – pergunta um dos fotógrafos, ainda apertando o botão da câmera.

– Sem comentários – é tudo que consigo dizer, antes de correr para a porta.

Ao entrar na loja, diminuo o passo e processo tudo o que estou vendo. A loja foi projetada para imitar um grande salão de baile palaciano. Um lustre de cristal imenso está pendurado no teto, cada lâmpada envolta numa delicada cúpula

dourada e filigranada, que se parece com as asas de uma borboleta. O próprio chão é de mármore branco envelhecido, marchetado com riscas de âmbar escuro. Enquanto ando sobre elas, contornando as linhas com a ponta do sapato, eu me dou conta de que elas formam a palavra *Perrod* em letras largas e cursivas. Num canto distante, dois manequins encantados dançam uma valsa, os passos e rodopios demonstrando a leveza do tecido. Esses vestidos são *perfeitos* para se valsar num salão de baile. Eu os observo, fascinada por sua beleza. Um-dois-três, um-dois-três.

– Bem, pelo menos não vou ter que ensinar você a dançar – diz Evelyn com uma risada. Sem me dar conta, eu estava dançando no mesmo compasso que os manequins bailarinos. Ela cruza o salão para me encontrar, cercada por assistentes. Eu reconheço Renel, o conselheiro severo de Evelyn, com seu nariz de bico de pássaro, num canto distante, e os seus guarda-costas se misturando às sombras pelo salão.

Fico vermelha e paro no lugar.

– Ops... É, aprendemos um pouco de dança de salão na Educação Física este ano. O nosso professor era um pouco obcecado por aquele programa, *Dança dos Talentos*.

– Me convidaram para participar este ano. Bem, eles me convidam *todo* ano. Não ficaria surpresa se te convidassem também, já que agora você é uma celebridade e tal...

Agora, sim, eu sinto o meu rosto ficar vermelho.

– Ah, não, não vai rolar...

– Como o seu avô está?

Dou um suspiro.

– Nenhuma mudança. Mas – baixo a voz – eu acho que Zain e eu encontramos uma pista.

Evelyn balança a cabeça, os olhos arregalados. Eu capto a mensagem: *aqui não*.

– Bem, ótimas notícias! Eles fecharam a loja só para nós. Mal posso *esperar*

para você provar o seu vestido de baile!

– Eu posso ver o seu também?

Evelyn revira os olhos diante da minha ignorância, mas só de brincadeira, não com crueldade.

– Minha querida, a minha roupa foi desenhada e confeccionada há meses. Vou ter que fazer uma mudança de última hora, porque, creio eu, ele é marfim: a cor ideal para uma recém-casada, não para alguém que nem encontrou um noivo. – A não ser por uma sobrancelha levemente erguida, ela não trai qualquer emoção, ainda que isso deva afligi-la, tanto por saber que a maior parte de Nova acha que ela está em falta com o seu dever, quanto por saber que, a menos que ocorra uma mudança drástica, ela *ainda* vai ter que se casar com alguém que não ama.

Eu coloco a mão no braço dela.

– Você sabe que eu não me esqueci disso.

Ela me lança um sorrisinho, mas eu noto uma ruga na pele perfeita da sua testa. Seus olhos dardejam para algo às minhas costas e eu capto um anseio melancólico no seu olhar. Eu me viro, mas é tarde demais: tudo que vejo é a barra de um paletó se afastando, o uniforme de um guarda desaparecendo nas sombras.

Antes que eu possa pensar mais sobre o assunto, ela me pega pelo braço e juntas cruzamos o salão.

– É claro que o estilista não vai gostar que eu mude a cor – ela continua, como se nada tivesse acontecido. – Mas o que posso fazer?

Evelyn anda pelo salão como se fosse dona de tudo ali (e provavelmente poderia ser, se quisesse) e me conduz até uma das salas dos fundos onde, pendurada numa arara de latão polido à minha frente, está uma coleção dos vestidos mais bonitos que eu já vi na vida. Meu olhar é atraído por um vestido longo que parece uma cascata de prata. Estendo a mão e toco o tecido, esperando que seja pesado, mas é leve como o ar.

– Antes de virmos, mandei as suas medidas para Jacques, o chefe dos estilistas.

Como se esperasse essa deixa, Jacques entra na sala e faz uma leve reverência para a Princesa. Então se vira para mim.

– Sinto muito, foi tudo que pudemos conseguir em cima da hora. Vestimos muitos convidados novaneanos do Baile de Laville e não podemos ter duas pessoas usando o mesmo estilo.

Ele me olha de cima a baixo com um olhar crítico e de súbito não me sinto um ser humano, mas uma tela em branco que ele está prestes a transformar numa obra de arte.

– Ela pode ser alta demais até para alguns dos vestidos mais longos. – Para a minha infelicidade, ele empurra o vestido prata para longe, exilando-o no final da arara. – E também é muito jovem, precisa de algo...

– Mais divertido – completa Evelyn.

– Sim, exato.

Ele corre os dedos pela arara até parar num vestido mais curto, feito do mesmo tecido de cachoeira prateada, mas revestido de uma franja de contas que balança como um vestido antigo da década de 1940. É maravilhoso! E muito mais *fashion* e descolado do que o vestido longo. Agora posso ver que Jacques é um gênio.

Evelyn junta as mãos e solta um gritinho de alegria. Eu não costumo dar gritinhos, mas sei o que ela está sentindo. Acho que nunca tive algo tão bonito assim em toda a minha vida. Devo estar dando gritinhos por dentro.

Pego o vestido das mãos dele, segurando-o pelo cabide, como se um movimento errado pudesse fazê-lo desaparecer no ar.

– Prove – ele sugere.

O provador é maior do que o meu quarto e está coberto de papel de parede folheado a ouro. Quando tiro os sapatos, os meus dedos afundam no tapete felpudo cor de vinho. Há um gigantesco espelho de corpo inteiro pendurado na parede à minha frente, contornado por uma moldura mais larga que a minha mão. Vou dar as costas para o espelho para começar a me despir, mas, quando

estou prestes a me virar, vejo uma figura deslizar de trás da moldura e, antes que eu possa gritar, ela cobre a minha boca com a mão.



CAPÍTULO DEZOITO

SAMANTHA

—Shh! Não grite, sou eu – sussurra uma voz familiar. Meu corpo relaxa e, quando ela sente a tensão deixar os meus ombros, me solta. Eu me viro e lhe dou um abraço apertado.

– Kirsty? O que está fazendo aqui? – Tento manter a voz baixa, mas estou muito animada em vê-la. Ela parece bem. Vencer a Caçada Selvagem fez maravilhas pela sua reputação – e para a sua conta bancária.

– Você queria falar comigo, não queria?

Solto uma risada.

– Sim, mas achei que podíamos simplesmente marcar um encontro, como gente normal... ou talvez só usar o telefone. Não sabia que estava na cidade!

– E você acha que eu perderia a oportunidade de vender acessórios fabulosos na maior reunião de Talentosos ricaços da temporada? Está brincando, né? Confie em mim, o mercado de percevejos-escudo nesta época do ano está fervilhando. Passei esta semana embrenhada na Selva Cortez procurando os melhores espécimes, e vou vender para todo mundo. Entrar escondida na Casa de Perrod é só parte do plano... Assim posso ver o que as pessoas vão vestir e levar os acessórios perfeitos. – Essa é a minha prima Kirsty. Sempre um passo à frente de todo mundo. Ela olha para o vestido pendurado na parede. – Que lindo! Você vai impressionar todo mundo. Pode ser até que eu tenha o percevejo certo pra você. – Ela pisca para mim.

Percevejos-escudo – insetos voadores com carapaças de cores brilhantes, cujo pó é usado para fazer tinturas. Eles também podem ser treinados para voar

ao redor dos seus donos ou até para carregar a cauda de vestidos longos, como parte da ornamentação.

Eu dou de ombros.

– Não, obrigada. – Não preciso de um percevejo-escudo voando em torno do meu vestido. Por sorte, ele não tem uma cauda.

– Sam? Você precisa de ajuda? – a voz de Evelyn flutua através da porta.

– *Ops*, só um segundo! – grito.

– Recebi a sua mensagem – diz Kirsty. – Centauros, hein? São uma espécie bem complicadinha.

Eu me inclino mais para perto e baixo a voz.

– Você sabe se eu consigo falar com um?

Kirsty franze o cenho.

– Tem que ser no Runustão? Eu tenho contato com centauros em alguns países vizinhos...

– *Tem* que ser no Runustão. Por quê? É mais difícil?

– Bem, de acordo com a minha pesquisa, ninguém fez contato com os centauros do Runustão nos últimos cinquenta anos. Eles perderam vários do bando por causa de uma doença e, depois disso, praticamente se fecharam para os seres humanos.

– Ah – esmoreço. Isso não me parece bom.

– Mas não se preocupe. Tenho uma velha amiga que está trabalhando numa aldeia no Runustão.

Eu sorrio.

– Claro que você tem...

– Ela disse que pode ajudar. Não garanto nada, mas é um bom começo. Quando?

– Eu quero ir hoje à noite.

Kirsty levanta as sobrancelhas.

– Tão rápido assim? Vai sair caro. Essa pressa deve ser por causa de alguma poção... Mas você não tem que ir ao Tour Real?

– Não tenho tempo para explicar agora. Mas vou explicar.

Ela morde o lábio inferior e olha para o lado.

– Bem, eu tinha que cuidar da minha banca no mercado amanhã, e marquei alguns compromissos...

Eu a seguro pelo braço.

– Kirsty, eu prometo. Vou fazer o seu tempo valer a pena.

Ela assente.

– Ok, Sam, só porque é você. Se conseguir um voo para hoje à noite, eu aviso. – Ela me lança um sorriso breve, então volta a se esconder atrás do espelho. Fico sozinha.

Eu me livro das roupas e coloco o vestido. Ouço uma batida impaciente na porta.

– Sam? – Evelyn chama.

– Estou indo! Pode me ajudar com o zíper? – Eu abro a porta do provador e a deixo terminar de fechar o vestido. Quando ele se assenta no meu corpo, posso ver no reflexo do espelho como ficou bonito. Evelyn olha sobre o meu ombro para o espelho. Ela cuidadosamente evita o seu próprio reflexo, como sempre. – Você está incrível! – diz. – Vamos lá fora pra podermos ver direito.

Eu saio do provador, para a sala onde Jacques montou um pequeno pedestal para eu subir.

– Zain vai amar – diz Evelyn.

– Você não acha que é curto demais para um baile? – pergunto, rezando para não ser. Normalmente odeio vestidos que deixam os meus joelhos ossudos à mostra, mas, enquanto dou algumas voltinhas no pedestal, o vestido cintila no meu corpo. Mesmo sendo a garota menos feminina do mundo, a visão de um tecido assim em *mim* me faz sentir uma certa emoção. Os fios da franja são macios como seda entre os meus dedos e foram confeccionados de um jeito tão único que não se embaraçam quando eu me mexo.

– Está brincando? Talvez fosse muito curto se você tivesse 50 anos, mas você tem 16. É perfeito! Jacques, você pode enviá-lo ao Palácio? – Ele concorda. –

Ótimo. Venha, Sam, vamos indo.

Eu lhe mostro a língua, mas faço o que ela diz. Evelyn é tão mandona às vezes... Deve ser resultado não só de ser filha única, mas de ser uma *Princesa* filha única.

– Estou indo, estou indo! – Volto para o provador e tiro o vestido, morrendo de medo de estragá-lo. Agora, colocar os meus velhos jeans outra vez parece simplesmente errado. De repente tenho um vislumbre da razão por que as pessoas são perdidamente apaixonadas por roupas de grife.

Antes de deixar o provador, dou uma olhada atrás do espelho, mudando levemente o seu ângulo para ver por onde Kirsty desapareceu. Para a minha surpresa, só vejo o mesmo papel de parede que há por todo o cômodo. Corro as mãos pelo contorno, buscando uma emenda, mas não encontro.

Estranho.

Quando saio, Evelyn me puxa pela mão na direção do espelho grande de três faces.

– Nós vamos nos transportar de volta para o Palácio, ok? Se você segurar a minha mão, vai ficar dez vezes mais fácil.

Eu pego a mão dela e a deixo me puxar através do espelho. Ser transportada é algo a que pensei que nunca me acostumaria. A coisa toda se resume no seguinte: dois fluxos de magia se conectam através do espelho, e técnicos de transporte Talentosos ajudam você no transporte, caso seja um comum ou um Talentoso que nunca esteve no local antes. Mas se transportar com Evelyn é outra história. A magia dela é tão forte que a coisa toda leva só um instante.

Assim que aterrissamos e Evelyn e eu estamos a salvo de ouvidos curiosos, eu me volto para ela.

– Evie, preciso da sua ajuda. Você precisa me levar para o Runustão hoje à noite.



CAPÍTULO DEZENOVE

SAMANTHA

As próximas horas são tumultuadas, enquanto Evelyn faz todos os preparativos. Quando quer, a Princesa pode ser tão impetuosa quanto um furacão e me sinto grata por estar no olho desse furacão, junto com ela, pois caso contrário seria arrastada pelos ventos. Quando acaba, vejo que ela reorganizou o seu Tour Real de forma que ele comece em Samar, a capital do Runustão. Para isso deu como desculpa seu desejo de fazer um intercâmbio cultural e visitar uma parte do mundo que ainda não conhece. Isso deixa todo mundo no Palácio em polvorosa – sem falar na balbúrdia que deve estar acontecendo do outro lado, no próprio Runustão! –, mas todos fazem o máximo para agradar a Princesa e para que tudo dê certo. Claro que fazem. Ela deve ser o rosto mais conhecido do planeta!

Zain e eu vamos juntos para o aeroporto, enquanto Evelyn vai na sua própria limusine. Mas, em vez do terminal normalmente usado do Aeroporto Internacional de Kingstown, nós vamos para um hangar de jatinhos particulares nos limites da cidade. Ainda que Evelyn tenha a habilidade de se transportar pelo mundo, ela sempre viaja de avião quando cumpre seus compromissos públicos. A pompa da chegada em seu jato particular, as oportunidades de foto enquanto ela desce as escadas, as multidões de fãs gritando... Tudo isso faz parte do espetáculo.

Seguro firme a mão de Zain enquanto subimos no avião. Vestindo um blazer caro, camisa branca e calças de alfaiataria, ele parece estar no seu *habitat*. Veja só, meu namorado de estilo despojado todo arrumadinho para o Tour Real! Eu

estou usando o meu vestido de verão mais bonito, mas só porque sei que posso trocar por algo mais confortável no avião.

O jato particular da Família Real é tão grande quanto um avião comercial, mas decorado com o mesmo veludo e materiais luxuosos do Palácio. Zain (que já viajou com Evelyn antes, o sortudo) me leva para um tour guiado. Não parece nem um pouco com um avião normal, e fico chocada ao ver quanto ele é espaçoso. Nos fundos, há quatro quartos de tamanho razoável, todos com camas duplas superconfortáveis. Vejo até chuveiros de verdade nos banheiros das suítes. Há um chefe de cozinha (nada de comida de avião, salgada e gordurosa) e um bar totalmente abastecido e com uma mesa de jantar e sofás. E, na frente do avião, há um setor para a mídia, onde um grupo de jornalistas relaxa em assentos reclináveis muito confortáveis. Não sei se, depois disso, vou conseguir voar no curralzinho que é a classe econômica.

Voltamos para o meio do avião, onde Renel está sentado a uma mesa de madeira polida, repassando a lista de convidados do baile com Evelyn. Há tantos nomes e rostos e grupos diferentes que não tenho ideia de como ela vai memorizar tudo aquilo.

– Eu ainda não compreendo por que temos que fazer esse... *desvio* para o Runustão, Princesa – diz ele.

Ela encara as próprias unhas, procurando lascas no esmalte.

– Eu já disse: porque quero. Renel, se eu *preciso* encontrar um marido em algum lugar, vou fazer isso nos *meus próprios* termos. É o que os meus pais disseram, não é? Tudo o que eu quiser, onde eu quiser. Eu vou cumprir a minha parte do acordo, então eles precisam cumprir a deles.

Ouço um leve clique atrás de mim e, ao me virar, vejo um jornalista saindo de um dos banheiros. Ele estava fazendo hora para ouvir a conversa da Princesa. Posso ver pelo sorriso em seu rosto que conseguiu um bom furo de reportagem. Já posso ver a manchete: “POR QUÊ? PORQUE EU QUERO”: PERFIL DE UMA PRINCESA MIMADA.

Esse é o problema da mídia. Por mais que adorem Evelyn, eles também

adoram criticá-la. Eu lanço ao jornalista o meu olhar mais maligno e ele dá de ombros, então desaparece, de volta ao setor dos jornalistas. Aposto que trabalha para o *Correio de Nova*.

– Venha comigo – diz Zain. Pego a mão dele e ele me leva para um dos quartos nos fundos.

Zain confere os corredores estreitos antes de fechar a porta. Ele me encara por um segundo e o meu rosto fica escarlate. Ainda não me acostumei a ver garotos – especialmente um tão gato como Zain – me olhando daquele jeito. Como se eu não fosse uma garota comum.

Ele inclina o meu queixo para que eu não possa evitar o seu olhar. Seus dedos se demoram no meu maxilar. De repente, não consigo me segurar mais. Me jogo em seus braços e pressiono os lábios contra os dele.

Qualquer timidez que eu sinta desaparece quando nos beijamos. No lugar dela, sinto que poderia derreter através do chão do avião e flutuar até terra firme. Nós caímos na cama, as pernas entrelaçadas. Os beijos de Zain ficam ainda mais urgentes, as suas mãos acariciando o espaço entre as minhas escápulas, estimulando a minha pele com deliciosos calafrios.

Uma batida veemente na porta nos faz saltar no colchão.

– Chá, café, suco de laranja? – pergunta a voz insolente da comissária de bordo. Nós irrompemos num acesso de risos.

Eu rolo na cama e abro a porta.

– Não, obrigada – digo. – Estamos bem.

A comissária de bordo me dá um sorriso, mas deliberadamente empurra a porta até que ela trave na posição aberta. Zain pisca para mim e eu quase caio na risada outra vez. A comissária gira nos calcanhares e vai embora.

– De qualquer maneira, acho que a gente precisa fazer umas pesquisas – digo quando temos certeza de que ela já foi.

Zain suspira dramaticamente. Ver que ele também está corado me faz sorrir.

– *Imagino* que sim. – Ele tira o tablet da mochila e a sua expressão fica mais séria. – De acordo com a breve pesquisa que fiz ontem à noite, a situação não é

nada boa. Os centauros não apenas interromperam o contato com os seres humanos. Na verdade, eles nos odeiam.

Eu faço uma careta.

– Isso não é nada bom.

– Mas, por outro lado, centauros vivem muito mais do que seres humanos, então o mais provável é que pelo menos um deles tenha conhecido a sua bisavó.

– Vou cruzar os dedos. Que tal se você continuar pesquisando sobre eles enquanto eu me concentro nos diários do meu avô? Trabalho em equipe.

– Fechado – ele diz.

Eu me sento outra vez na cama e coloco a mochila aos meus pés, tirando o diário dali de dentro. Eu o encapei com plástico e papel de embrulho, para que pareça um dos meus livros escolares. Não quero que ninguém o leia acidentalmente, então tentei fazê-lo parecer o mais irrelevante e comum possível.

Folheio o diário até uma parte nova, mais adiante.

Minha mãe voltou ontem. Temo que ela nunca mais seja a mesma. Perdeu o seu diário. E sem ele, ela não é mais a mesma pessoa que era. Tentei fazê-la reescrever partes de suas lembranças, enquanto ainda estão frescas na sua cabeça. Mas ela se recusa. É como se tivesse desistido. Eu nunca a vi desistir.

Viro a página.

Hoje reuni coragem para perguntar se ela iria procurá-lo. O diário, digo. Ninguém ganhou a Caçada Selvagem ainda, talvez ainda tenhamos tempo. Poderíamos refazer os passos dela. Ela insiste em dizer que ele não foi roubado, mas que está de fato perdido.

Se for esse o caso, ele pode ser encontrado.

Talvez se começarmos em xxxxxxxxxxxxxxx

Eu solto um gemido. De repente tenho uma lembrança do começo da minha própria Caçada Selvagem, quando vasculhei livros de receita antigos em busca de uma dica de como fazer a poção do amor perfeita. Poções do amor foram banidas no mundo inteiro, o que resultou na censura mágica de toda e qualquer receita impressa. Tudo que restou são grossas linhas negras ocultando qualquer palavra relevante, ou páginas em que as letras estão todas desordenadas, misturadas numa massa praticamente ilegível.

Isso, no diário do meu avô, não é *bem* a mesma coisa. Foi feito deliberadamente. Meu avô riscou as localizações com um marcador preto.

É frustrante, mas a visão acelera o meu coração. Quer dizer que o meu avô sabia que alguém poderia bisbilhotar os seus diários. Quer dizer que ele se preocupava com a possibilidade de algo ser encontrado. Quer dizer que ele não acreditava que o diário tivesse sido destruído.

Obviamente, Emília também não. Pela primeira vez, eu me recosto e penso no que pode significar confrontar Emília novamente. Ela é absolutamente impiedosa, disso eu sei. Tem sede de poder. Foi capaz de um feito incrível – uma Talentosa se tornar uma alquimista, quem diria? –, mas só preparando terríveis poções sombrias, que devastaram o seu corpo. Ela está desesperada. Evelyn está viajando no seu Tour Real para encontrar um marido. Se encontrar, vai ficar muito mais difícil para Emília desestabilizar o trono.

Mas e se ela pusesse as mãos na *Aqua Vitae*?

Ela seria forte.

Rica.

Poderosa.

E praticamente imortal.

O trono novaneano estaria ameaçado, estivesse Evelyn casada ou não.

Eu preciso impedi-la.

Uma batida na porta me acorda num sobressalto e eu me sento na cama,

endireitando o corpo. Vejo que Zain caiu no sono também, a cabeça no meu colo, um pouquinho de baba se acumulando na página do diário aberto do meu avô. Ah, droga, o vovô nunca vai me perdoar por isso. Rapidamente, seco a minha própria boca, então balanço a cabeça, tentando colocá-la no lugar.

– Pois não? – digo.

O som da minha voz acorda Zain e ele se senta assim que Evelyn enfia a cabeça pela porta aberta. Ela ri e revira os olhos.

– Uau, vocês dois são tão românticos... Dormindo sobre os livros? Acho que nunca conheci duas pessoas mais nerds e perfeitas uma para a outra. – Ela pisca. – De qualquer forma, estamos prestes a aterrissar, então vocês precisam ir para um assento onde possam colocar o cinto. A mídia e o meu pessoal vão sair do avião primeiro, então eu saio, e vocês dois podem sair por último e ir ao encontro de Kirsty. Assim vocês escapam dos *paparazzi*. Só vou ficar aqui algumas noites e então vamos de avião para Pays, para o Baile de Laville. Vocês já precisam ter voltado para que o disfarce funcione. Boa sorte!

Eu seguro a mão de Zain com força.

De repente tudo parece tão real. Estou em outra Caçada.

Espero muito que estejamos numa maré de sorte.



CAPÍTULO VINTE

SAMANTHA

Enquanto andamos pelo terminal de Samar, podemos ver os indícios da passagem de Evelyn: o olhar sonhador dos fãs que acabaram de chegar a uma distância mínima do seu ídolo, os jornalistas fazendo anotações frenéticas, os funcionários do aeroporto desmontando as barreiras temporárias. Conseguimos passar despercebidos, agora que acionamos um interruptor no nosso cérebro e passamos para o modo “Coletores estilo grunge”. Vamos às pressas para o terminal de desembarque, onde Kirsty está à nossa espera, no final da escada.

Ela me puxa para um abraço apertado.

– Como foi o voo? Não muito cansativo, espero.

Eu balanço a cabeça e sorrio.

– Nem um pouco! Estamos viajando com estilo, lembra?

– Ah, é. Esqueci que você não precisa se misturar com os meros mortais, assim como o resto de nós! – Kirsty endireita as costas, se espreguiçando exageradamente, e solta uma risadinha. Então olha por sobre o meu ombro, para Zain, e torce o nariz. – Ah, e eu não sabia que teríamos companhia.

Eu me sinto mal por não ter enviado uma mensagem a Kirsty falando de Zain, mas tudo tinha acontecido rápido demais. O rosto de Kirsty trai as suas emoções e está claro que ela desaprova a situação. Ela é o tipo de comum que se ressente de Talentosos como Zain invadindo o “nosso” território.

– Dois alquimistas são melhores do que um – digo.

– Um alquimista e um sintético esquisito, você quer dizer – ela devolve.

Zain abre o seu sorriso mais charmoso.

– Também é bom revê-la, Kirsty!

– Bom, suponho que mais um par de mãos não vá fazer mal. Só espero que passe mais tempo observando e aprendendo do que distraindo a minha Sam, tudo bem?

– Não se preocupe – digo. – Estou focada.

Kirsty junta as mãos.

– Certo, podemos ir andando, então. Temos uma viagem e tanto pela frente.

– Essa é a última vez que vamos ter sinal no celular? – pergunto. – Preciso ligar para os meus pais e ver como o vovô está. – Ficamos no avião por mais de doze horas e não consigo parar de pensar no que pode ter acontecido nesse meio-tempo.

– É, acho que sim. Fique à vontade. Precisamos comprar algumas provisões, de qualquer forma. – Kirsty aponta para Zain com a cabeça e eles vão até o quiosque de lanches mais próximo.

Eu me isolo numa parte mais silenciosa do aeroporto e ligo para os meus pais. A culpa por ter deixado o meu avô já pesa como chumbo nos meus ombros. Gostaria de poder contar aos meus pais por que estou aqui, na verdade. Não estou acostumada a mentir *tanto* assim.

Minha mãe atende após alguns toques.

– Alô? – fala, com uma ponta de cautela na voz. Ficamos todos inquietos com números estranhos, caso seja um jornalista do outro lado da linha.

– Oi, mãe, sou eu! – digo.

– Ah, Sam! – Sua voz fica mais animada. – Que bom falar com você! Como foi a viagem no avião particular?

– Foi fantástica! Tão chique! Como estão as coisas por aí? Como está o vovô?

Quase posso ver mamãe franzir a testa.

– Os médicos estão preocupados e, bem, o seu pai não queria que eu te contasse, mas descobrimos que alguns especialistas foram visitá-lo também. Seu pai não ficou muito contente com isso, porque eles não pediram o nosso consentimento, mas os especialistas apenas confirmaram o que os médicos estão

dizendo, que o mais provável é que sejam complicações devido à perda de memória. Queríamos trazê-lo para casa, mas não deixaram. Eles querem fazer mais exames...

Especialistas? Devem ser os agentes do serviço secreto que Evelyn mencionou. Eu me lembro da oferta de Zol. Mesmo sabendo que a doença do meu avô é mais do que aparenta, eu me pergunto se o medicamento sintético ajudaria. Estou prestes a contar à minha mãe quando ela muda de assunto.

– Enfim, não deixe de tirar muitas fotos do Runustão para nos mostrar. Você tem tanta sorte de poder viajar para todos esses lugares... Ah, antes de desligar, a sua irmã quer falar com você. Tome cuidado, querida. E nos ligue com frequência. Eu sei que você está com a Princesa, mas sabe que sempre nos preocupamos com você.

– Eu sei, mãe.

– Sam? – a voz de Molly entra na linha.

– Oi, Mols, como vão as coisas?

– Não muito bem. – Ouço passos do outro lado da linha, seguidos pelo clique de uma fechadura. – Ainda não contei à mamãe e ao papai, mas as luvas que Evelyn me deu são *incríveis*. Acabei de tocar na mão do vovô enquanto estava usando e... – Sua voz se torna um sussurro e tenho que fazer força para ouvir. – Acho que sei por que ele está tão doente.

Meu coração acelera e eu luto para manter a voz calma.

– O que quer dizer? – Não imaginei que a magia da minha irmã estivesse tão avançada a ponto de ela poder usar as luvas para diagnosticar doenças. Ela pensa que são as luvas, mas eu sei que não. Um objeto poderoso não pode amplificar um Talento fraco. Tudo isso é Molly.

– Bom, não é o que os médicos estão dizendo. Perda de memória é meio que uma descrição, só que é mais como se algo estivesse faltando na mente dele.

Tudo dentro de mim grita para que eu conte a ela, mas não posso. Ainda não.

– É como se uma parte dele tivesse sido arrancada. Você sabe algo sobre isso?

Eu balanço a cabeça, negando, mas estou ao telefone.

– Não. – A palavra me sufoca.

– O que quer que seja, ele está piorando e rápido – diz Molly, a voz áspera. – Se você estivesse aqui, provavelmente veria o que estou dizendo. Mas não está. Então divirta-se na sua viagem em grande estilo. – Ela desliga na minha cara.

A culpa não é um peso nos meus ombros agora, é uma verdadeira jaula! E não consigo escapar dela. Encaro o celular na minha mão por alguns instantes, até que Kirsty chama o meu nome.

A única coisa que posso fazer para aliviar a culpa é me esforçar ao máximo para ajudar o vovô daqui. Corro para alcançar Kirsty e Zain.

– Você conseguiu delimitar a região em que é mais provável encontrarmos centauros?

Ela suspira de um jeito dramático.

– Bem... Talvez ela tenha diminuído para os milhares de acres à nossa frente. – Ela cai na gargalhada quando vê a minha expressão desolada. – Confie em mim, numa área tão grande quanto as Selvas do Runustão, alguns milhares de acres são um bom progresso. – Ela anda a passos largos pelo terminal, em direção ao carro.

– Vamos conseguir localizar a posição deles quando estivermos nas Selvas, certo? – pergunta Zain.

– Bem, não dá pra rastreá-los da mesma forma que fazemos com outras criaturas. Mas, quando encontrarmos o meu contato que mora nos limites da Estepe, vamos estar na pista certa.

– Só um instante – pede Zain, antes de entrarmos no carro. – Já que é de Emília que estamos falando, quero checar se esse carro não tem nenhum grampo (mecânico ou mágico). Precaução nunca é demais.

Kirsty revira os olhos.

– Não tem nenhum – ela diz, sem esperar para entrar no carro.

Zain pega a varinha e sussurra algumas palavras baixo demais para eu ouvir. Uma luz azul fantasmagórica salta da varinha, envolvendo o carro todo. Depois de alguns segundos, vendo que a luz não muda de cor, ele a apaga.

– Tudo certo – diz.

– Não brinca! – responde Kirsty com ironia. Ela já está de cinto no banco do motorista, consultando um grande mapa. – Existem formas comuns de se procurar escutas também... Não que vocês Talentosos reparem nisso. Eu fiz uma varredura antes de vocês chegarem.

– Uma hora antes de nos pegar... – rebate Zain, num tom repreendedor.

– Gente! – Eu levanto as mãos. – Vamos tentar manter um clima amigável, ok?

Kirsty respira fundo.

– Tem razão. Temos uma longa jornada pela frente. Zain, você consegue ficar sentado em silêncio por algumas horas? Eu sei que os Talentosos geralmente ficam entediados sem magia para distraí-los. – Ela pisca inocentemente, mas o seu tom está carregado de sarcasmo.

– No avião, Zain estava me dizendo algo sobre uma reunião de centauros que pode estar acontecendo...? – intervenho, constrangida com o comportamento da minha prima.

Para o meu profundo alívio, Kirsty incorpora o seu lado profissional e liga o carro. Eu salto para o lado dela e Zain se ajeita no banco de trás.

– Sim. E estamos com sorte esta noite, pois vamos conseguir presenciar uma reunião. Sabe por quê, Sam?

Aparentemente eu deveria saber.

– Não...

– Que horas são? – ela pergunta, como se para me incentivar.

Eu baixo os olhos para o meu relógio e algo nele chama a minha atenção. Há um alinhamento que eu nunca vi antes, algo que deve ter acontecido durante a mudança de fuso-horário.

– Ué, acho que preciso dar corda no meu relógio.

– Precisaria em qualquer lugar, menos aqui. Eu sei que nos ensinam em Nova que somos o centro do tempo, do espaço e do universo, mas você já devia saber a verdade a essa altura. Runustão é onde o tempo começa. A magia peculiar

deste país afeta todos os relógios. Seu relógio nunca estará mais exato do que agora.

– Puxa! – exclamo, fitando meu relógio como se ele fosse um objeto alienígena.

– O povo runu sempre preferiu viver nas Selvas, até mesmo os Talentosos. Por isso a magia deles é muito mais selvagem também. Os objetos dessa cultura parecem primitivos aos olhos modernos, mas são poderosos. Esse povo um dia dominou grande parte do continente, mas, quando os Talentosos começaram a concentrar a sua magia em cidades, o modo de vida runu se descaracterizou um pouco. Vocês verão a diferença entre as pessoas da cidade e as das Selvas.

Eu olho através da janela para Samar e ela me parece com muitas outras cidades em que estive: ruas grandes e largas, estátuas imponentes de celebridades. Solto uma exclamação quando passamos por uma estátua que parece um centauro, mas então me dou conta de que é só um homem de peito nu, montado num cavalo enorme que solta fogo pelas ventas. Coroas de cravos amarelos, laranja e vermelhos foram penduradas nas chamas de ferro.

Zain ergue os olhos.

– Hoje à noite é o festival do Cavalo de Fogo. É isso que você quis dizer com “reunião”.

– Exatamente – diz Kirsty. – Então você tem feito as suas pesquisas, afinal. Isso é bom para nós, porque provavelmente será mais fácil encontrar centauros. Mas também pode tornar as coisas mais... interessantes.

Eu não gosto quando Kirsty diz “interessante”. Normalmente ela quer dizer “perigoso”.

– Você trouxe uma oferenda, Kirsty, ou vamos precisar parar no caminho? – Zain pergunta. Eu encontro os olhos dele no espelho retrovisor lateral e ele levanta as sobrancelhas.

– O que você acha que eu sou? Alguma amadora? – pergunta Kirsty, virando a cabeça para o banco de trás.

Zain estica o pescoço para olhar o porta-malas.

– Ah, uau!

– O que tem aí? – pergunto.

– Dois barris enormes... e uma caixa do que parece, talvez, fogos de artifício?

– Hmm, vamos levar cerveja para os centauros? – Eu olho para Kirsty.

– Claro que não! – rebate ela. – Uísque.

– Ah – digo, enquanto Zain balança a cabeça com aprovação. – E fogos de artifício?

– Esses aí são só para o caso de precisarmos de uma entrada triunfal.



CAPÍTULO VINTE E UM

SAMANTHA

A rodovia principal que sai da cidade leva diretamente para as Selvas, o último refúgio da magia natural e lar da maioria das criaturas e plantas que constituem a base das nossas poções. Sem as Selvas, os alquimistas não teriam nenhum ingrediente com que trabalhar – e foi o recuo das matas virgens ocasionado pelo progresso dos centros urbanos que levou, em parte, à ascensão da popularidade dos sintéticos. A ZA afirma que os sintéticos preservam as Selvas, mas eu acho que eles deram motivos para que o mundo as desvalorize ainda mais.

Graças aos contatos da Princesa, Zain e eu pudemos emitir novos passes para as Selvas, então atravessamos sem percalços os postos de controle.

– Sem alimentar muitas esperanças... – começa Kirsty –, aqui vamos nós em busca dos centauros do Runustão.

– E se não conseguirmos nada com esse grupo de centauros? – Eu me sento sobre as mãos para parar de roer as unhas. Estou tão nervosa...

Kirsty dá de ombros.

– Nesse caso, estaremos há uns três mil quilômetros do segundo grupo mais próximo.

– Ah, bom, então não temos com que nos preocupar...

– Relaxa. – Ela dá um sorriso. – Vamos dar um jeito.

Zain se inclina, desviando-se do meu encosto de cabeça para falar com Kirsty.

– Você já conheceu algum?

– O quê, um centauro? Não. Não há muita demanda por ingredientes relacionados a centauros e, além disso, eles têm uma memória muito boa.

Nenhum centauro perdoou realmente os humanos desde que a Caçada Selvagem de uns cinquenta anos atrás exigiu um olho de centauro.

– Um participante chegou a matar um deles, então? – pergunto, com horror na voz. Matar uma criatura para obter partes do seu corpo não é algo digno da profissão de Coletor, nem de alquimista.

Kirsty assente, com a testa franzida.

– É, achamos que sim. Ninguém assumiu que fez isso, é claro. A comunidade internacional de Coletores fez uma investigação, com a cooperação de vários governos, incluindo o de Nova, mas não havia muito que pudesse ser feito. Como vocês sabem muito bem, a Caçada Selvagem tem as suas próprias regras. Mesmo o que Emília fez com você durante a Caçada, teoricamente, não era ilegal. E de qualquer forma, cinquenta anos atrás a cura definitiva...

– Foi feita com ingredientes sintéticos – completo, as peças da história se encaixando na minha cabeça.

– Exato. Então o sacrifício desse pobre centauro foi *completamente* em vão. Eles começaram a realmente nos odiar depois disso. Essa atitude destruiu, de um só golpe, a reputação de alquimistas *e* Coletores– explica Kirsty.

– Então o que te faz pensar que os centauros vão falar com a gente agora?

Kirsty encolhe os ombros.

– Eu não acho que vão. Estamos procurando um centauro específico chamado Cato. Pelo que sei, ele é o único centauro vivo da época em que a sua bisavó pode ter visitado o bando. Mas ele também é o líder. Aposto que vamos ser chutados de lá antes de conseguir abrir a boca.

Ótimo. Eu volto a me recostar no assento.

– Viemos até aqui, então vamos tentar – diz Zain. Eu poderia dar um beijo nele, pelo seu otimismo, mas me contento com um sorriso.

Aconteceu muito tempo atrás, mas, como Kirsty disse, centauros têm boa memória. Eu simplesmente preciso me apegar a um fiozinho de esperança. Porque, se isso falhar, eu não tenho outra pista. Será de volta à estaca zero.

Depois de algumas horas de viagem, algo apita no painel e a cabeça de Kirsty

se volta nessa direção. Ela abre o meio do painel e vemos um radar antiquado, como os que eu via quando o meu pai me arrastava para visitar antigos submarinos de guerra. Quase na borda do radar vemos um sinalzinho em movimento e ouvimos um bipe, e então nada mais. A atmosfera no carro está tensa, mas o aparelho não bipa outra vez.

– Para que esse radar? – pergunto.

– Olhe para o céu. Está vendo alguma coisa?

Olho pela janela. O céu é de um azul intenso, sem uma nuvem à vista, e o mato rasteiro abaixo dele se estende por quilômetros. Parece que uma criança pintou o mundo: grama verde e céu azul se encontrando numa linha reta no horizonte. É uma paisagem vasta e desolada. O que quer que esteja na tela do radar, não consigo imaginar que esteja se aproximando de nós.

– Isso é um dragômetro – esclarece Kirsty.

Dente de dragão – usado em poções para conciliar desentendimentos. Também para aumentar a autoconfiança (na dose certa).

Meu queixo cai e eu espremo o nariz contra a janela outra vez.

– Dragões? Tipo dragões-de-verdade-mesmo?

– É. Eles são raros, mas precaução nunca é demais por aqui.

– Tá brincando!

– Sinto dizer que não. Mas esse sinal veio de quilômetros de distância. Se ele não voltar, ficaremos bem.

Tento diminuir a tensão nos ombros inclinando a cabeça para um lado e depois para o outro. Pensei que depois da Caçada Selvagem eu estaria acostumada a toda essa aventura, mas ainda não consigo me sentir confortável com isso. Não foi nada além de sorte o que me salvou das outras vezes. Sorte... e um pouco de informação. Desta vez, pretendo estar armada de tantas informações quanto possível.

– Quanto tempo até chegarmos? – pergunto a Kirsty.

– Ah, ainda vamos viajar por várias horas.

Temos tempo de sobra, portanto. Enfio a mão dentro da mochila e pego um

livro gigantesco, com uma capa grossa de couro vermelho. Os cantos das páginas estão desgastados e na capa, em letras finas e douradas, há uma inscrição: CRIATURAS DA GRANDE ESTEPE. Eu o encontrei na biblioteca do Palácio – perfeito para a minha pesquisa.

Abro o livro no colo, sem saber se procuro a página dos centauros ou a dos dragões.

– Trouxe a sua biblioteca com você outra vez? – pergunta Kirsty com uma risada. – Você devia usar o dinheiro do prêmio para comprar um daqueles leitores modernos de livros digitais.

Eu baixo os olhos para o livro pesado. Kirsty pode ter razão.

Passo direto pela página dos centauros e leio tudo o que posso sobre dragões.

Só por precaução.



CAPÍTULO VINTE E DOIS

www.TeoriasdasCaçadasSelvagens.com/
foruns/PRINCESAEVELYN

Bem-vindo aos fóruns das Teorias das Caçadas Selvagens, sede de todas as discussões sobre Caçadas Selvagens na internet. As regras são simples: nada de posts anônimos, nada de revelar dados pessoais e compartilhar links com informações não comprovadas. As decisões dos moderadores são finais. Obrigado.

Moderadores do TCS.

Devido ao grande número de pedidos, decidimos abrir um subfórum voltado exclusivamente para a PRINCESA EVELYN DE NOVA. Por favor, lembrem-se de respeitar as nossas regras e manter a relevância das discussões. Boa Caçada!
104.783 leram; *910* on-line
14.013 posts; 1.803 novos desde o último acesso

[POST FIXO] **SoproDeNova diz: QUEM SERÁ O NOIVO DA PRINCESA EVELYN?** Bem-vindos ao post permanente dedicado aos candidatos mais prováveis a se casar com a Princesa Evelyn. Se você é novo no debate, por favor procure a sua teoria primeiro, usando a barra de busca, para não repetir algo que já foi dito um milhão de vezes. Vou tentar sempre fazer uma seleção das opções mais populares.

DAMIEN 7/2 *ATUAL FAVORITO* – Idade: 24, ocupação: popstar. Foi flagrado no Palácio diversas vezes depois da Caçada Selvagem e deve se apresentar no Baile de Laville. *EDITADO* O nome do seu novo single é “A Coroa Chama”.

PRÍNCIPE STEFAN DE GERGON 7/1 – Idade: 22, ocupação: segundo na linha de sucessão do Trono de Gergon. O preferido antes da Caçada Selvagem, mas esquecido desde então. A escolha política mais sensata. Se avistado durante o Tour Real, as suas chances podem aumentar.

PAIXÃO MISTERIOSA 7/1 – Idade: ??, ocupação: ?? *DETALHES SÃO BEM-VINDOS, MAS NÃO DEIXE DE VERIFICAR AS FONTES* Por que todo esse segredo? Se ele fosse uma opção viável, esperaríamos que um anúncio já tivesse sido feito a essa altura. Esse é pra ficar de olho.

ZAIN ASTER 20/1 – Idade: 18, ocupação: estudante. Não é mais descomprometido, mas ainda uma opção plausível se não houver mais tempo. Amigo de longa data da Princesa.

1.304 respostas



CAPÍTULO VINTE E TRÊS

SAMANTHA

Depois de horas de viagem, o belo panorama do Runustão se torna monótono, o mato rasteiro se estendendo até onde a vista alcança, o céu azul acima de nós como uma daquelas músicas que grudam na cabeça, tocada milhares de vezes até que você implore para parar. Eu fecho os olhos e tento dormir o resto da viagem.

Quando Kirsty me acorda, posso ver que chegamos a algum lugar especial. Pelo seguinte: há um lago imenso à nossa frente, brilhando ao sol do meio-dia em ponto. É como um oásis, mas, em vez de estar no meio do deserto, está no meio da pradaria.

Na margem do lago também está o primeiro sinal de civilização humana que vemos: um círculo de tendas arredondadas, que segundo Kirsty se chamam *gers*, junto a algumas construções de tijolo de aparência comum.

– Este é o lago Karst – diz Kirsty. – E a aldeia à margem dele se chama Karst também. É bem popular entre as pessoas da região para se passar as férias, mas está fora do circuito turístico. Vamos parar aqui para encontrar o meu contato e nos abastecer de gasolina e provisões para chegar até o bando de centauros. Quem sabe temos sorte e eles estão por perto.

Comemos todos os nossos lanches e petiscos durante a viagem e, quando o aroma de carne assada flutua até o carro, a minha barriga começa a roncar.

– Que bom que vamos parar! Estou com tanta fome que comeria um cavalo!

Kirsty solta uma risada.

– Bem, você está com sorte: carne de cavalo é uma iguaria tradicional aqui. – Quando faço uma careta, ela me lança um olhar de desaprovação. – Ei, ninguém

torce o nariz quando você bebe aquela porcaria açucarada e sintética que colocam no seu café, no Café Mágico. Pelo menos a carne aqui é totalmente natural.

– Eu sei, desculpe – digo. Se eu tiver de comer carne de cavalo para parecer educada, vou fazer isso. Ou simplesmente dizer que sou vegetariana.

Kirsty salta do carro primeiro, e é recebida por uma moça que sai de uma das tendas. Ela está usando um vestido longo de linho creme, amarrado na cintura com um cinto grosso de couro preto. Um lenço de estampa intricada cobrindo o cabelo acrescenta uma pouco de cor ao traje.

– Nadya! – Kirsty envolve a mulher num abraço caloroso.

Zain e eu trocamos um olhar.

– Ela sempre conhece todo mundo aonde quer que vamos? – ele me pergunta, enquanto esperamos perto do carro até que sejamos apresentados. Ele levanta os óculos escuros, tirando o cabelo preto do rosto. Eu sorrio quando uma das mechas rebeldes se solta e fica espetada para cima.

– Acho que sim – digo, estendendo a mão para arrumar a mecha desobediente. – Ela deve ser o contato do Runustão.

Estico os braços, respirando fundo o ar puro e frio. As *gers* estão todas voltadas para o lago, e a água é tão límpida que parece a face de um diamante. Na beira da água, alguns adolescentes um pouco mais novos do que nós estão jogando vôlei numa pequena faixa de areia, e uma tenda ali perto oferece todo tipo de aventura em esportes aquáticos motorizados, para viciados em adrenalina.

– Quer se juntar a eles? – pergunta Zain, com um sorriso largo. Eu balanço a cabeça. Sou tão descoordenada nos esportes que devo ter duas mãos esquerdas.

– Venha... você tem altura. Deve ser boa no vôlei.

– Esse é um estereótipo sem fundamento e você sabe disso...

Kirsty, por fim, nos conduz até a amiga.

– Nadya, estes são os meus dois companheiros de viagem, Sam Kemi e Zain Aster.

– Sam Kemi? A jovem aprendiz que ganhou a Caçada Selvagem? – Nadya me fita, os olhos castanhos arregalados de surpresa. – A melhor amiga... da Princesa?

Eu fico corada sob o olhar dela.

– Você nos conhece, hein?

– Podemos ser nômades, mas não é por isso que não acompanhamos as notícias! Você pode contar alguma fofoca sobre com quem a Princesa vai se casar? – Seus olhos têm um brilho travesso.

– Sei tanto quanto você! – digo com sinceridade.

Ela franze a testa.

– Você não sabe que é muito rude não trazer notícias a uma mulher de uma tribo runu quando se está de passagem?

– Não! Eu... – *Argh!* Eu vasculho o meu cérebro furiosamente em busca de alguma novidade para contar.

Nadya e Kirsty irrompem em gargalhadas.

– Essa tradição não existe, Sam – Kirsty diz logo. – Ela só está tentando fazer você contar umas fofocas.

Eu mostro a língua e a minha barriga ronca alto outra vez.

– Agora eu é que estou sendo rude. – Nadya sorri calorosamente. – Entrem e comam alguma coisa. Podem interromper a viagem por alguns minutos?

– Onde está Zain? – pergunto, me dando conta de que ele não está atrás de mim.

– Ah, dá uma olhada no seu namorado – diz Kirsty, piscando exageradamente para mim. Eu sigo o seu olhar até onde está Zain, que se juntou aos adolescentes na praia. Ele tirou a camisa e eu sinto o rosto quente ao ver seu abdome definido.

Depois de um instante, Kirsty me dá um empurrãozinho e eu sigo em frente com um tropeço, acompanhando Nadya para dentro da *ger*.

– Uau, você é tão alta! – diz Nadya enquanto levanta para mim a cortina que faz as vezes de porta. – Não se esqueça de abaixar a cabeça quando passar.

– Obrigada – digo, evitando por pouco um galo na testa quando dou de cara

com uma das varetas que sustenta a barraca.

– Nunca vi Kirsty com tanta gente. Ela costuma ser uma viajante solitária – diz Nadya, me guiando para o interior da sua casa.

– Esta é uma missão especial para Kirsty.

– Ah, é? Eu pensava que era uma missão especial para você, já que é *você* que está à procura de algo, não é? E recebendo a ajuda de ninguém menos que a Princesa...

Eu paro no ato, logo após a porta da *ger*. Não sei o que fazer, não sei se essa estranha está me ameaçando ou não. Kirsty parece confiar nela, mas o que ela sabe? E onde está Kirsty, a propósito? Olho por cima do ombro, nervosa, mas não vejo sinal de Kirsty.

– Chá? – oferece a mulher, ainda sorrindo para mim. – Não se preocupe com o fato de eu saber que a Princesa ajudou você a chegar aqui. Não tenho ninguém a quem contar além do vento e da relva. Foi fácil para mim juntar as peças quando ela mudou seus planos para vir para cá.

– Você provavelmente tem internet de alta velocidade – digo, encarando intencionalmente o laptop num canto. – Poderia contar ao mundo inteiro. E... isso é uma tela de transporte? – Quem será essa mulher afinal? Eu comprimo os lábios.

– Bem observado. Solicitei uma não faz muito tempo e o meu pedido foi atendido. Agora temos a tela e o nosso próprio técnico de transporte. Não tive oportunidade de contar a Kirsty e ainda não está registrado no banco de dados mágico oficial.

Não consigo mais me conter e pergunto:

– Quem é você mesmo?

Ela ri.

– Você pode confiar em mim. Não me importa a razão por que você está aqui... só não quero que cause nenhum problema. – Então a sua voz fica séria. – Eles não vão gostar do seu grupo, você sabe disso... especialmente daqueles dois

que vieram com você. Um Talentoso e uma Coletora? Talvez se você estivesse sozinha, como descendente da Grande Mestra Kemi... eles ouvissem.

– Quer dizer os centauros?

Ela assente.

– Você já ouviu falar da minha bisavó, então? – Pego a xícara das mãos de Nadya, decidindo que posso muito bem me acomodar e aproveitar o chá.

– Claro que já ouvi falar dela. Ela passou um tempo na nossa aldeia quando era jovem, aprendendo os nossos costumes. Isso foi *muito* tempo antes de eu nascer, mas a lembrança da visita dela permanece. A maior parte das pessoas de Nova que passa por aqui só quer *nos* dar conselhos, não o contrário. Mas a sua bisavó... ela era diferente. Ela se importava com a origem dos ingredientes e a história e a cultura por trás deles. Era uma alquimista que eu admirava. Não são muitos os que vêm para aprender agora.

Eu franzo a testa.

– Eu não tinha me dado conta disso.

– Não é normal fazer esse tipo de treinamento hoje em dia. – Ela dá de ombros. – Da mesma forma que o nosso povo migra bem menos que os nossos ancestrais. O tempo passa, as tradições mudam.

– Às vezes para melhor. – Eu baixo a voz. – Não posso acreditar que um dos times da Caçada Selvagem daquela época matou um centauro para pegar o olho dele.

– Não pode acreditar? – Ela olha para mim.

– Ok, talvez eu possa – digo, mudando de posição sob o seu olhar intenso. A que ponto eu chegaria por uma poção poderosa como a *Aqua Vitae*? É uma pergunta para a qual não tenho certeza se quero saber a resposta.

– Então, por que essa urgência para encontrar os centauros? Por que agora? E por que a Princesa de Nova está envolvida nisso?

Eu falo lentamente, escolhendo as palavras com extremo cuidado. Não quero revelar demais, especialmente para essa estranha.

– Estou convicta de que a minha bisavó Cleo deixou algo para trás no

Runustão. Algo realmente importante.

– Ah, é? – Uma das sobrancelhas bem-feitas de Nadya se arqueia para mim.

– Mas eu não sou a única que tem procurado por isso. Há outros. É por isso que a Princesa está ajudando. Ninguém pode saber que estamos aqui. Achamos que os outros ainda não sabem que estamos procurando, mas é melhor que nunca descubram.

– Compreendo – diz ela. – Bem, vou tentar ajudar tanto quanto puder.

Há uma comoção às minhas costas quando Kirsty e Zain entram. Ele vestiu a camisa outra vez (para a minha decepção).

– Ei, não estava corrompendo a minha garota, estava, Nadya? – diz Kirsty.

– Corrompendo? – repito, franzindo a testa. É difícil imaginar a linda Nadya, de rosto tão doce, corrompendo alguém.

– Não contou a ela?

Nadya balança a cabeça.

– Essa mulher é PhD em Preparação Avançada de Sintéticos de uma das melhores universidades de Nova. Ela está pesquisando como pode trabalhar com as comunidades daqui para desenvolver novas formas de administrar sintéticos, agora que quase não existem alquimistas runus. É uma mulher muito importante, não sabiam?

Meus olhos se arregalam quando vejo Nadya sob essa nova luz.

– Você é tipo... a minha heroína! – eu digo rápido, e ela solta uma risada.

– Bem, talvez, quando tiver terminado os seus estudos, você possa voltar aqui e trabalhar comigo. – Ela deve ter sentido a minha hesitação, porque continua: – Você *está* estudando, certo?

– Bom... – começo, mas Kirsty me interrompe.

– A família dela não é exatamente fã da indústria sintética.

– O meu avô especialmente – acrescento.

– Mas o filho de ZA é o seu namorado, não é? Como eles permitem isso? – Nadya volta os olhos castanho-escuros para mim, e eu me sinto nua. – De alguma forma, não sei bem se a sua bisavó teria se sentido dessa forma com

relação ao progresso. Os sintéticos são o caminho para o futuro e ela era uma mulher muito à frente do seu tempo.

– Bem, não posso pedir para que ela esclareça isso agora, e o meu avô está morrendo, então, também não vou questioná-lo... – eu respondo com rispidez e imediatamente me arrependo.

– Sinto muito se passei dos limites – diz ela.

– Está tudo bem – digo. Sei que não é justo, mas estou irritada por Kirsty ter falado por mim e por Nadya presumir que sabe mais sobre a minha família do que eu.

Mas o que mais me incomoda?

O fato de ela provavelmente estar certa. Mas a menos que eu consiga salvar o meu avô, e o meu país, não vou ter vida nenhuma para precisar decidir como vivê-la.



CAPÍTULO VINTE E QUATRO

SAMANTHA

A conversa com Nadya me deixa um pouco inquieta. Minha família sempre foi a minha base mais sólida. Mesmo que tudo conspire para que eu me sinta um peixe fora d'água – a minha ascendência mestiça, as minhas habilidades antiquadas, a minha estrutura magricela, as minhas obsessões com as notas... –, minha família sempre foi uma constante que me reconforta.

Eu sei que a minha bisavó era diferente, e agora o seu diário de poções perdido, que representou uma minúscula rachadura na nossa família, ameaça se transformar numa fenda enorme. Seu retrato no alojamento da montanha perto do Monte Hallah já foi uma verdadeira surpresa. Pôs em dúvida tudo que o meu avô me disse sobre os alquimistas: que eles são caseiros, só fazem experiências em laboratório, que não são dados a grandes aventuras. *A alquimia recompensa o estudioso, não o explorador.*

– Você está tão quieta, Sam – diz Zain, algum tempo depois que voltamos para a estrada. Estou no banco de trás dessa vez.

– Só estou lendo – digo, gesticulando para o livro no meu colo.

– Bom, você não vira a página há pelo menos dez minutos. Então ou essa página é bem complicada ou...

Eu mostro a língua para ele, então fecho os olhos.

– Ai, Deus, essa viagem de carro está me dando vontade de vomitar. – A estrada que contorna o lago não é pavimentada e passamos a última meia hora sacolejando por causa dos buracos.

– Ah, não! E se fizermos um jogo para te fazer esquecer esse enjoo?

Eu reviro os olhos.

– Sério?

– Sim, claro! Vai ser divertido. – Seu rosto se ilumina e eu não consigo segurar o riso.

– Eu não vejo você tão animado assim desde que ouviu a notícia de que vai estrear a sequência de *Espião Talentoso*.

– Correção: eu não fico tão animado assim desde que convidei *você* para ver a sequência de *Espião Talentoso* e você aceitou. Um dia. – Ele pisca para mim e ri.

– Um dia – repito. Então, faço um gesto com as mãos, cedendo.

Zain pula no assento.

– Ok, vamos jogar "Vinte Perguntas". Kirsty, participa?

– Ah, por que não? Não tenho muito que fazer nessa viagem.

– Se prepare, Zain... Sei que você não gosta de perder e eu sou muito boa em jogos – digo com uma risada, e dessa vez eu é que pisco para ele.

– É o que vamos ver. Vou pensar em alguém e vocês adivinham quem é – diz Zain. – Ok, pronto.

– É uma mulher? – pergunto.

– Não.

– É um personagem de ficção? – diz Kirsty.

– Não.

– Ah, eu tenho uma boa! – Eu me inclino no assento. – Eu vou encontrá-lo no Baile de Laville? – pergunto num tom de voz conspiratório, erguendo as sobrancelhas duas vezes seguidas.

Zain fica carrancudo.

– Droga, sim!

– Ah, isso diminui muito as possibilidades... – diz Kirsty.

– É... Damian? – O meu primeiro palpite é o *popstar* mais famoso de Nova, quiçá do mundo.

– Não! – Zain parece muito feliz por eu estar errada, e eu faço um beicinho.

– É Carlos Remani? – Kirsty pergunta, se referindo ao primeiro-ministro de Espano.

– Não. Acho que vocês duas precisam fazer mais perguntas. Talvez não sejam tão espertas quanto pensam.

– Stefan de Gergon? – digo.

Zain bate a mão no painel.

– Como você fez isso?

Eu abro um sorrisinho malicioso.

– Sou boa em jogos, te falei!

– E, ei, você disse que *não* era um personagem de *ficção*. Tenho certeza de que a coroa de Stefan é basicamente uma piada agora – diz Kirsty.

– Como saberíamos? – digo encolhendo os ombros. Gergon foi um total mistério ao longo de todo o ano passado. Quase ninguém aparece em público, e a Família Real, com exceção do mais novo, o Príncipe Stefan, não é vista há meses. O Príncipe é uma lembrança do antigo poder de Gergon: nas fotos ele parece bonito, forte e inteligente, e é considerado um dos possíveis pretendentes da Princesa Evelyn... mas ninguém sabe muito mais sobre ele, pois desapareceu logo após a Caçada Selvagem.

– Bem, isso é o que *eu* fiquei sabendo nas rodinhas de Coletores, pelo menos.

Jogamos mais algumas rodadas, e então Kirsty insiste em tocar o único CD de música que há no carro e nós três acabamos cantando, aos brados, clássicos de Natal, ainda que estejamos há meses das festas. Alguma coisa na viagem inacreditavelmente longa deixou todos nós um tanto bobos. E a paisagem na janela voltou a exibir a mesma monotonia entorpecente.

Conforme as horas passam, até conversar e cantar perde a graça. O céu escureceu tão completamente que é quase impossível ver além dos faróis. Zain assumiu o volante e viajamos em silêncio, exaustos. Minha cabeça quer tombar de sono, mas eu me belisco para me manter acordada. Se perdermos a reunião, toda essa jornada terá sido em vão.

Subimos a encosta de uma montanha e, pela forma como meu estômago revira, posso dizer que ela é bem íngreme.

– Pare o carro – diz Kirsty.

Zain obedece, então desliga os faróis. Kirsty abre o porta-luvas na frente dela e tira dali dois estojos pretos. Ela me entrega um.

– Binóculos de visão noturna. Vou lá para fora ver se consigo enxergar alguma coisa. Você fica de pé e olha pelo teto solar. Vai ter mais visão. Procure qualquer fonte de luz, como uma fogueira ou uma tocha. Pode ser grande; pode ser pequena. Há décadas ninguém sabe direito qual é o tamanho do bando, e não há relatos recentes sobre o número de centauros que participam dessas reuniões no momento.

Eu tiro os binóculos do estojo enquanto Zain abre o teto solar. Fico de pé dentro do carro, o ar fresco enchendo os meus pulmões. O céu está cheio de estrelas. Isso continua chamando a minha atenção sempre que estou nas Selvas, seja no topo de uma montanha, no meio do oceano ou no meio da estepe. No Monte Hallah, eu me sentia perto das estrelas. Agora, aqui, elas parecem incrivelmente distantes e eu me sinto inacreditavelmente pequena.

Através do binóculo, o mundo ganha um tom esverdeado, meio alienígena. Eu distingo o terreno rochoso, pedras imensas parecendo meio fora de lugar, na planície de vegetação rasteira. Quando volto as lentes para Kirsty, seu rosto está tingido de cinza-esverdeado. Apenas o branco dos seus olhos reluz, como as estrelas.

Eu baixo o binóculo por um segundo, um calafrio descendo pela minha espinha. Olho para o céu, ainda ligeiramente em pânico com a ideia de dragões voando no céu. Aqui, com a cabeça saindo pelo teto solar, sou a presa perfeita. É o mesmo terror furtivo que sinto quando nado num lugar em que não posso ver o fundo. Mamãe culpa a minha imaginação fértil, alimentada por livros de histórias. Mas não posso evitar: quando estou na água, meu cérebro evoca imagens de tubarões com fileiras de dentes pontiagudos, monstros marinhos com tentáculos se retorcendo, águas-vivas capazes de causar queimaduras horríveis.

Só espero não começar agora a ter o mesmo medo do céu, ou pode ser que eu nunca mais saia de casa...

O radar de dragão não bipa há horas, eu me obrigo a me lembrar. *Está tudo*

bem.

Levanto o binóculo outra vez. Bem na nossa frente, distingo o branco brilhante dos olhos de alguém. Mas não são de Kirsty.

São de um centauro.



CAPÍTULO VINTE E CINCO

SAMANTHA

Kirsty volta para o carro num segundo e eu me deixo cair outra vez no meu assento. Agarro a lateral do banco de couro até os nós dos dedos ficarem brancos. Quase consigo ver a silhueta do centauro, e a visão é aterrorizante e perturbadora. Ele tem bem mais de dois metros. Os seus braços estão cruzados, então os bíceps enormes se destacam, parecendo quase desproporcionais ao seu tamanho. Seu tronco humanoide vai se fundindo aos poucos com a parte inferior do corpo, que é de cavalo. Ele deve ser jovem, pois a sua barba não vai muito além do queixo. Aparentemente, centauros mais velhos têm barbas que cobrem toda a parte da frente do corpo, como uma crina.

Quando ele para a alguns metros de nós, Zain faz menção de ligar os faróis. Kirsty o impede com um toque.

– Só o siga. Você consegue enxergar à frente?

Zain engole em seco e assente. Eu não gosto quando ele também parece nervoso.

Kirsty se reclina para fora da janela.

– Estamos procurando Cato. Você pertence ao bando dele?

O centauro faz um som que é meio um grunhido, meio um relincho, meio uma palavra. O rosto de Kirsty empalidece.

– Ele está falando kentauri? Eu não ouço isso há anos... – Ela tenta outra vez. – Eu compreendo que não queira falar a nossa língua, mas, se você falar mais devagar, talvez eu consiga entendê-lo...

O centauro repete o som e Kirsty pressiona as têmporas com os dedos e fecha bem os olhos.

– Ele está dizendo para irmos embora – ela diz, finalmente.

– Por favor – digo –, você precisa dizer a ele para nos levar até Cato.

Kirsty se reclina outra vez.

– Não estamos aqui como Coletores. Viemos pedir conselhos a vocês, em busca do seu conhecimento.

– Precisamos dar meia-volta – diz Zain, gotas de suor começando a se formar na testa dele. – Não é mais seguro. Não que fosse seguro antes. Talvez devêssemos ter trazido Nadya...

– O quê? Não podemos voltar agora, estamos muito perto – protesto.

Mas Kirsty olha de Zain para mim e concorda com ele.

– Sam, se eles se virarem contra nós, não voltamos para casa. Nunca mais. Eles podem se parecer com pessoas, mas lembra das sereias? Parecem pessoas também. Mas não são racionais. Ou, pelo menos, não racionais como nós. Eles não têm piedade de ninguém. E disseram que não somos bem-vindos. Não podemos abusar da sorte.

– Eu sei de tudo isso, mas ainda assim... – As palavras de Nadya ecoam na minha mente: *Talvez se você estivesse sozinha, como descendente da Grande Mestra Kemi...*

– Eu realmente não estou gostando do jeito dele. Está muito tenso – diz Zain, a voz firme. A mão no câmbio, pronta para engatar a marcha e nos levar embora dali.

As narinas do centauro se dilatam. Posso ver o branco dos seus olhos. Então ele leva o braço atrás das costas e, rápido como um raio, saca o arco e flecha. Mas essa não é uma arma comum. O arco tem a altura do centauro e a flecha em si parece mais uma lança e poderia facilmente atravessar a lataria do carro.

– VAI! – grita Kirsty. Zain engata a ré. É agora ou nunca.

Eu decido que é agora. Abro a porta e me jogo do carro.

Kirsty grita quando eu caio. Golpes secos atingem o chão atrás de mim, um depois do outro, poeira e pedras subindo no ar. Eu me encolho como uma bola até que os barulhos parem, os braços cobrindo o rosto e a cabeça.

Quando acho que pararam, eu me levanto lentamente, as pernas tremendo. Estou cercada por uma jaula de flechas. A mais próxima está a centímetros das minhas botas.

– Por favor – digo ao centauro, piscando furiosamente agora que estou diante dos faróis ofuscantes do carro. – O meu nome é Samantha Kemi. Sou a bisneta da Grande Mestra alquimista Cleo Kemi. Sei que ela passou por aqui muitos anos atrás e falou com um bando. Em particular, com um centauro chamado Cato. É uma questão de vida ou morte – digo. Não tenho alternativa, e não vou sair sem respostas, ou, pelo menos, outra pista.

Um momento tenso de silêncio paira no ar. Os olhos de Kirsty e Zain estão grudados em mim, mas não é neles que estou focada. Tudo o que eu posso fazer é fitar o centauro e rezar para que a minha aposta tenha valido a pena. Eu não me perdoaria se tivesse vindo até aqui e não tentado o máximo possível.

Ele muda de posição e eu consigo vê-lo melhor. Seus olhos são hipnóticos. Quanto mais eu os fito, mais fortes parecem. São muito mais impressionantes do que a réplica no saguão da ZA. Parecem estrelas douradas – não, parecem galáxias, centenas de milhares de estrelas e nebulosas girando nas íris. Como se houvesse um universo inteiro dentro de cada um deles. Estranhamente, sinto cheiro de uísque no ar, mas só estou vagamente consciente disso.

De uma só vez, os dois universos se estreitam em fendas delgadas.

– Tudo bem. Podem vir comigo – diz ele, a voz parecendo brotar da própria terra. Leva um segundo, mas me dou conta de que ele falou em novaneano. Consigo entendê-lo.

Ele se vira e sai andando. Antes que eu perceba, arremessa o corpo para a frente, num galope.

– Rápido! – diz Kirsty. Ela se reclina para fora do carro, puxando as flechas do chão para que eu possa sair e me juntar a eles. – Sam, sua maluca inconsequente e desmiolada!

– Consegui que ele nos levasse, não consegui?

– Sim, mas para onde?

Seguimos as grandes colunas de poeira que o centauro levanta atrás de si. Logo não estamos seguindo apenas um. Na verdade, estamos cercados por centenas de centauros, que galopam ao nosso lado, sacudindo o chão com os seus cascos trovejantes.

– Estamos prestes a dar a essas criaturas dois barris de uísque? – pergunto, lançando um olhar para os barris de madeira de onde escorre uísque no porta-malas. Os centauros já parecem selvagens o bastante.

– Confie em mim, esse uísque é um líquido precioso – diz Kirsty. – Os centauros gostam de beber e só se permitem fazer isso algumas noites por ano. O festival do Cavalo de Fogo é uma delas.

– Tem razão – complementa Zain –, e não sabemos se foi o seu pedido ou o fato de Kirsty ter aberto um dos barris que o fez mudar de ideia.

Um arrepio me percorre.

– Quer dizer... que ele pode não ter feito isso por mim?

– Detesto dizer isso, mas acho que não. Você viu a forma como os olhos dele mudaram quando sentiu o cheiro de álcool?

– Então por que diabos estamos indo atrás dele e não fugindo para muito, muito longe daqui? – pergunto, perdendo subitamente a calma.

– Porque, se eles aceitarem o presente, então não vão nos fazer mal.

Pela primeira vez a noite toda, solto um suspiro de alívio.

– Caramba! – exclama Zain. E eu sei do que ele está falando. Uma única fogueira apareceu no horizonte, uma chama de luz. Mas não é uma fogueira normal. É uma fogueira com labaredas que sobem até o céu. E à volta dela há centenas, se não *milhares*, de centauros. Tanto Kirsty quanto Zain parecem não acreditar nos próprios olhos.

Estou impressionada, mas não chocada. Meu livro antigo diz que os bandos podem chegar a dezenas de milhares de centauros.

– Sam, pegue a minha câmera – diz Kirsty, estalando os dedos para mim. Ela a arranca das minhas mãos, assim que pego o estojo no banco de trás, e começa a fotografar. – Preciso conseguir uma boa foto disso ou ninguém vai acreditar.

Supostamente, só existem ainda alguns poucos bandos. Afinal, estão na lista de criaturas ameaçadas! Mas não é isso que parece. Isso é...

– Uma verdadeira multidão! – Zain completa. – Eu chequei o banco de dados do país antes de sairmos. O *status* da raça é “ameaçada de extinção”. Não devia haver tantos deles.

– Os professores não te ensinaram a não usar as informações da internet como única fonte? – eu digo. – O meu livro diz que isso é normal.

– De que época é mesmo o seu livro? – pergunta Kirsty. – Ele menciona a peste, a doença misteriosa que varreu quase a toda a população de centauros? Este é *mais* um motivo para eles odiarem os Coletores. Acham que *nós* trouxemos a doença que matou tantos deles. E ainda por cima matamos um centauro numa época em que já restavam muito poucos.

– Eu nos odiaria também – digo, num fio de voz.

Kirsty afunda o pé no freio, nos fazendo descolar as costas do banco. O nosso centauro parou. Estamos mais perto da fogueira agora, e nosso carro está cercado de centauros de cara feia. Ou talvez eles sempre pareçam estar de cara feia: o V carregado entre as sobrancelhas é para mim mais do que uma evidência do seu mau humor constante.

– Venham, vamos acabar logo com isso – diz Kirsty, desafivelando o cinto. Ela sai do carro e o contorna até o porta-malas. Zain e eu rapidamente a seguimos. Ela ergue os olhos para o centauro e diz: – Você tem nome?

Ele a encara por um bom tempo e então responde:

– Sou Sólon – diz, no seu novaneano truncado e hesitante. Estou feliz que o brilho e a fumaça do fogo façam os meus olhos arderem e embacem a minha visão, me impedindo de ver direito o pandemônio ao nosso redor.

Zain e eu nos aproximamos de Kirsty. Como se nós três pudéssemos fazer alguma coisa para impedir Sólon, caso ele decida usar o arco e flecha outra vez...

– Temos um presente – diz Kirsty. – Mas queremos uma audiência com Cato. Então entregaremos a nossa oferenda.

– Vocês invadem nosso território e esperam barganhar conosco? – Outro

centauro emerge da fumaça. E eu achando que Sólon era grande e assustador! Ele parece um *potrinho* comparado com esse centauro. O novaneano do recém-chegado é excelente, como se tivesse falado a nossa língua a vida inteira. Não tem nada da hesitação e das sílabas quebradas de Sólon. Ele é incrivelmente velho, se o comprimento da barba grisalha for algum parâmetro.

Kirsty baixa a voz.

– É Cato – diz. Eu engulo em seco. Esse é o centauro que pode me contar o que aconteceu com a minha bisavó. E eu quero me curvar ou fazer uma mesura ou *qualquer coisa* que demonstre respeito. Em vez disso, como Kirsty e Zain, fico paralisada de choque.

Para Cato, Kirsty diz:

– Claro que não. – E corre para abrir o porta-malas do carro. – Aqui, por favor... aceite o nosso humilde presente. Estamos honrados que tenham nos permitido estar entre vocês aqui hoje.

– Bom. Por um momento pensei que os rumores eram verdadeiros, que os Coletores não tivessem mais boas maneiras. – Ele gesticula com a cabeça para dois centauros, um de cada lado dele, e eles avançam para pegar os presentes. Kirsty parece aliviada.

– Venham, vamos nos afastar um pouco daqui. É muito barulho para conversarmos.

Nós o seguimos e eu aperto a mão de Zain com força, feliz por estar me afastando da aglomeração. A maioria das histórias sobre centauros os retrata como criaturas gentis e introspectivas. Esses historiadores provavelmente nunca viram uma reunião.

Pela visão periférica, posso ver lutas de centauros, cascos e punhos se entrechocando. Eles estão levantando grandes barris e os entornando na boca, como se estivessem numa festa de universitários. Aos poucos, conforme nos afastamos da confusão, meu coração volta a bater no ritmo normal. Cato para de súbito e se vira para nós.

– Samantha Kemi – ele diz, os seus olhos me penetrando até a alma. Como os

de Sólon, os seus olhos são galáxias, mas, enquanto os olhos de Sólon têm um brilho dourado, vermelho e castanho, os de Cato são de um azul intenso, com nuances de prata e violeta. Eu li que os centauros conseguem ver espectros diferentes dos seres humanos. Não apenas cores e formas, mas o passado, o presente e o futuro; sonhos, intenções, esperanças e medos. – Venha comigo.

Eu hesito até que Kirsty faz um gesto com a cabeça, me tranquilizando. Zain morde o lábio, mas permite que a minha mão se solte da dele, apertando os meus dedos no último segundo. Eu respiro fundo e dou um passo à frente.

– Sua ancestral era sábia e ousada – ele diz.

Meus joelhos tremem quando ele me dirige a palavra.

– Você... você a conheceu?

Ele inclina a cabeça para um lado, e eu tomo isso como um sim.

– Preciso encontrar o diário dela antes que seja tarde demais. Há uma mulher chamada Emília Thoth que está atrás dele e, se ela conseguir pôr as mãos no diário, as consequências para Nova serão terríveis.

– Posso ver o desespero em você, criança. Posso vê-lo na sua pele, claro como o dia. Mas não é por Nova que está desesperada.

Meus olhos se enchem de lágrimas. Ele tem razão.

– É o meu avô – digo, me sentindo pequena como um camundongo.

– Agora, esses outros dois... as ambições que têm não são nem de perto tão puras. Nele, posso sentir o cheiro de químicos e sintéticos, o que me deixa enjoado. E ela, posso vê-la calculando nosso valor mentalmente, vendo o potencial para o lucro.

Eu me encolho, me perguntando se eles podem nos ouvir.

– Ela é uma Coletora, é o trabalho dela. E ele trabalha num laboratório sintético. Mas eu o ouvirei sozinha se prefere assim. – Eu me volto para Kirsty e Zain, reunindo coragem. – Vocês dois precisam voltar para o carro.

– Não, Sam! Você vai precisar de nós. Centauros podem falar através de enigmas. Ele não vai te dar uma resposta direta – diz Kirsty.

– Ele está sendo bem direto até agora. Eu preciso tentar.

– Não vou deixar você aqui com ele – diz Zain.

– Você não tem escolha – digo de volta.

Por fim, ele concorda e os dois voltam para o carro. Kirsty fica lançando olhares por sobre o ombro, como se com receio de que eu seja atingida por uma flecha a qualquer momento. Eu os observo até que desapareçam na fumaça e então me viro para Cato.

Ele está olhando para o céu.

– O que você vê? – ele me pergunta.

Eu inclino a cabeça para olhar o céu.

– Vejo... um negro retinto e estrelas brilhantes... incontáveis estrelas.

– Bom, muito bom. – Ele fecha os olhos. – Eu conheço o objeto que você busca. E posso ver onde ele está, neste exato momento.

– Pode? – A minha voz fica mais aguda com o fio de esperança.

– Sim. É isso que ele vê. Este céu...

Meu coração se entristece.

– Isso é tudo? O diário está em algum lugar a céu aberto? – Isso não me ajuda em nada. A minha mente começa a dar voltas. Que tipo de lugar fica a céu aberto, mas pode esconder um diário perdido por meio século sem que ninguém o encontre?

– Há mais uma coisa – ele diz.

– Sim! O que é?

– Nesse lugar, as estrelas brilham sob comando, mas o dia é sempre noite.

Eu respiro fundo, tentando não deixar a frustração anuviar a minha memória.

– As estrelas brilham sob comando e o dia é sempre noite. Então, não é a céu aberto?

– O meu papel não é interpretar. Apenas dizer o que vejo.

– As estrelas brilham sob comando e o dia é sempre noite – repito para mim mesma. Repito até que esteja gravado no meu cérebro.

– Agora, preciso pedir a você e aos seus companheiros para irem embora. Já ficaram por tempo demais.

– Por favor... não há nada mais? Não pode me dizer uma cidade? Um ponto de referência? Qualquer coisa?

Ele me fita, sem piscar, até que eu capte a resposta. Não há mais nada a dizer. Por fim, assinto. Meu coração parece ter sido pisoteado por cascos. Eu não sei o que mais eu esperava. Talvez que o diário estivesse escondido em alguma parte dessa barba enorme de Cato? Estou desesperada demais para rir do pensamento. Vamos sair dali com uma pista extremamente enigmática e nada mais.

E não tenho muito tempo.



CAPÍTULO VINTE E SEIS

SAMANTHA

— As estrelas brilham sob comando e o dia é sempre noite – digo, deslizando para o banco de trás. – Escrevam em algum lugar!

– O que é isso? – Kirsty pergunta.

– É onde o diário está.

– Uau, Sam!... isso não é uma pista, é quase o verso de um poema.

– Eu sei, mas podemos falar sobre isso mais tarde? Acho que precisamos sair daqui. Pra valer, dessa vez.

Um resfolegar chama a nossa atenção, alto como um tiro de espingarda. Cato e os seus seguidores se foram, substituídos por um grupo que parece bem menos amistoso. O centauro mais próximo de nós arrasta o casco dianteiro no chão.

Kirsty agarra o volante.

– Mas para que lado vamos?

A jornada através da campina de centauros nos desorientou completamente; eu não tenho ideia de qual é o caminho de volta à vila de Nadya.

– Só dirija – diz Zain. – A situação não parece nada boa.

Kirsty liga o motor e dirige para longe dos centauros. Eu esquadrinho o horizonte buscando a formação rochosa de onde viemos, mas as fogueiras (há muitas delas agora, por isso não podemos usá-las como ponto de referência) estão obscurecendo a paisagem com a sua fumaça, tornando a paisagem ainda mais indistinta. Os binóculos de visão noturna não servem para nada aqui.

– Eles não vão nos machucar, já que lhes demos o presente, certo? – eu pergunto.

– Essa *era* a tradição. Mas as tradições mudam.

Os centauros ainda nos seguem, as fogueiras iluminando as suas costas. Um chama a minha atenção mais do que os outros, porque o seu olho brilha para mim com ódio. E o outro olho está coberto por um tapa-olho.

Ele para. Então, empina.

– Pisa fundo, Kirsty! – eu grito, quando o bando inteiro de centauros dá sinal de ataque.

Os dedos de Kirsty ficam brancos no volante, o carro sacolejando no chão de pedra, enquanto ela pisa fundo no acelerador. Os centauros surgem da escuridão, seja qual for o lado para o qual viramos. Eles parecem estar formando um túnel para que saiamos da pradaria. Só podemos rezar para escarparmos – e não sermos conduzidos até um penhasco, diretamente para a morte.

– Para a esquerda! – grita Zain, e Kirsty esterça o volante bem a tempo de evitar outro grupo de criaturas a galope.

– O que deu neles? – eu grito.

– Uísque! – Kirsty berra de volta.

– Eles estão diminuindo... Estão recuando – digo trêmula, sem ousar tirar os olhos deles, para o caso de haver mais surpresas.

– Ótimo. – Kirsty não diminui a velocidade. Conforme nos embrenhamos mais na Grande Estepe, a minha visão dos centauros se desvanece. Apenas um continua olhando para nós. Seu rosto está desaparecendo nas sombras, mas sei que é aquele com o tapa-olho. E que ele tem um sorrisinho estampado no rosto.

– Você acha que estavam nos guiando para algum lugar? – Zain pergunta para Kirsty. – Por que não nos seguiram? Poderiam nos pegar com facilidade. Eles devem ter uma resistência absurda.

– Quem sabe? Talvez fosse a última parte do seu jogo.

– Será que não estavam nos guiando em direção ao diário de Cleo? – pergunto, esperançosa.

– Acho que não – diz Kirsty, com uma risada seca.

– Bem, você acha que estamos indo na direção certa?

– Nem ideia. Quando estivermos mais distantes, vamos parar o carro e montar

acampamento para passarmos a noite. Aí podemos checar a bússola também.

Concordo. Dormir me parece uma ótima ideia agora.

Viajamos por mais uma hora, então Kirsty para ao lado de uma formação rochosa, que pode nos oferecer uma leve proteção das intempéries. O céu já começa a clarear e não vamos ter muito tempo para descansar.

Zain se inclina para mim.

– Sam, você pode dormir no carro. Vai ser tão confortável quanto nas barracas.

Eu não reclamo: fico feliz de ter uma gaiola de metal ao meu redor. Escovo os dentes, então me acomodo no meu saco de dormir, no banco de trás.

– Você fica com o primeiro turno de vigia – ouço Kirsty dizer a Zain. – Depois eu, depois Sam. – As barracas deles são do tipo automontáveis, que se abrem instantaneamente quando tiradas da capa protetora. Kirsty se arrasta para a sua barraca e fico feliz que ela vá descansar um pouco.

Estranhamente, não estou cansada. O céu noturno está coalhado de estrelas, o tipo de céu que faz com que eu me sinta um grãozinho de areia se comparada à vastidão do universo. Por algum motivo, isso é reconfortante.

– Se importa se eu me juntar a você? – Zain se debruça no teto do carro.

– Claro que não – digo, me afastando da janela e dando espaço para ele entrar.

– Não consegue dormir? – pergunta ele. Eu coloco as pernas no colo de Zain e me reclino contra a outra porta.

– Na verdade, não. Pensamentos demais. Não consigo desligar o meu cérebro.

– Está preocupada com o seu avô?

– Sim. E é estranho. Eu não preparo uma poção há tanto tempo, por causa da loja fechada e a viagem... – *A próxima vez que você preparar uma poção, vai ser para salvar o vovô,* digo para mim mesma.

– Você tem sorte, sabia? – diz Zain.

– Por que diz isso?

– Sei lá. O fato é que, depois de ver você preparando poções... não sei se trabalhar com sintéticos é para mim. Nem mesmo em “pesquisa e

desenvolvimento de poções natural-sintéticas". – Algo no jeito como Zain diz isso me faz pensar que ele está fazendo aspas com as mãos.

Eu me aproximo e pego a mão dele.

– Mas e o seu escritório chique, que já está todo montado?

– Dane-se o meu escritório! – ele diz, com uma ferocidade que eu não tinha visto antes. – Eu quero o que você tem. Quero paixão. Quero ficar empolgado com o que faço. Quero acordar toda manhã e correr para o trabalho, cheio de entusiasmo.

– Confie em mim, eu não corro para a loja toda manhã... Às vezes eu *definitivamente* prefiro a minha cama.

Ele me dá um sorrisinho.

– Não, tudo bem, talvez não *toda* manhã. Mas, Sam, quando você está trabalhando numa poção, quando está em busca de uma receita, você parece que fica iluminada. Um fogo que ninguém pode apagar queima dentro de você. Isso faz você brilhar. E é por isso que eu não te adoro apenas. Eu te admiro. – Ele me beija com paixão e eu mudo de posição para poder me aninhar a ele.

Fico assim por um instante, feliz. Mas alguma coisa ainda me deixa inquieta. Coloco a mão no peito dele, sentindo o seu coração bater.

– Você não precisa saber tudo o que quer ainda. Sei que isso pode parecer estranho vindo de mim, mas... você tem só 18 anos. Não acho que tenha que saber tudo aos 18 anos.

– Talvez.

– Você vai descobrir. Você pode fazer tudo que quiser. Só tem que ficar de olhos abertos. De todas as pessoas do mundo, você *não* está no grupo das que precisam se preocupar.

Ele entrelaça os dedos nos meus.

– Isso é porque eu tenho você.

– *Não* – rebato. – Quer dizer, sim, você tem a mim. Mas não é isso que te torna incrível. E, além disso, você faz de mim uma pessoa melhor. Eu falo sério quando digo que formamos uma boa equipe.

Ele solta uma risada.

– Como você pode ser tão esperta?

– Eu leio... muito – digo, com um sorriso.

O sono toma conta de mim enquanto estou nos braços de Zain. Meus olhos só ficam abertos pelo tempo de ver uma estrela cadente cruzando o céu, então apago como uma lâmpada.

Quando acordo, é por causa de um bipe estranho. Estou sozinha, desorientada e com o corpo rígido por ter dormido espremida contra a porta, e está muito mais claro lá fora do que estava quando peguei no sono.

Esfrego os olhos e ao mesmo tempo o meu cérebro começa a funcionar. *Ah, droga*! Pulo para o banco da frente e levanto a tampa do meio do painel. A tela verde brilhante do radar está acesa e piscando. Mas não há só um ponto na tela. Há dois.

Eu me jogo contra a porta do carro, me atrapalhando com a maçaneta.

– DRAGÕES! – grito para as duas barracas do lado de fora.

Numa delas, algo se mexe loucamente. Zain surge com o cabelo todo despenteado. Ele esquadrinha o céu, então uma sucessão de palavrões escapa da sua boca.

Ainda que eu só tenha feito algumas aulas de direção, a adrenalina correndo nas minhas veias me dá confiança. Por sorte, Kirsty deixou as chaves na ignição, então eu viro a chave e ligo o carro.

– Onde está Kirsty? – grito para Zain, quando ele salta para dentro do carro.

– Não está aqui?

– Ela está na barraca? – Eu ainda não vi um dragão, mas francamente, nem quero ver. De acordo com o radar, eles estão *muito* perto.

Estou prestes a enfiar a mão na buzina, na esperança de acordar Kirsty.

– Não faça isso! – grita Zain. – Os dragões são atraídos pelo som. É como eles acham comida aqui nestas planícies.

– O quê? Eu não li nada sobre isso! Então como nos encontraram aqui tão

longe...? Não fizemos barulho por horas depois que chegamos, não é?

– Deve ser porque somos muito azarados.

E, no entanto, uma outra “resposta” salta da rocha sobre nós. Kirsty dá um grito de estourar os tímpanos, que parece dividir em dois o céu da manhã. Zain e eu olhamos pelo para-brisa e a vemos se lançar da pedra mais alta, enrolada no que parece ser um cobertor cor de laranja. Mas, quando ela abre os braços, o cobertor se abre e interrompe a queda, como asas. Ela flutua suavemente até o chão.

Então, a cena que eu mais temia se desenrola na minha frente. Veloz, no encalço dela, vem um dragão. No começo, não o reconheço. Ele é tão leve e lustroso que desliza no ar como uma lontra na água. É gracioso demais para ser apavorante. Mas é nesse momento que ele abre a boca e solta um fogaréu azul-esverdeado.

O fogo lambe as pontas do traje voador de Kirsty quando ela chega ao chão e começa a correr. Felizmente, as chamas não a atingem, mas ela faz o oposto do que eu esperava: se joga no chão. Parece lutar com o seu cinto, no qual um recipiente grande, parecido com um cantil, está preso a um pedaço longo de corda. Ela rapidamente desata o nó e deixa a corda no chão. A chama atinge a corda e serpenteia ao longo dela como num pavio, seguindo direto para o cantil. Kirsty pula sobre o recipiente e fecha a tampa.

– Ela está... coletando a chama? É sempre louca assim? – pergunta Zain.

– Você não faz ideia.

– O dragão parece jovem... Deve ter só 1 ano de idade – diz Zain, esperançoso.

Mas ele encontra o meu olhar e percebe a minha expressão aterrorizada.

– Mas, se ele é um bebê, isso quer dizer...

Uma sombra negra sobrevoa o nosso carro, e eu sei que não pode ser o bebê, que ainda está à vista, cercando Kirsty como uma ave de rapina. Não. Quando o outro passa por sobre as nossas cabeças, meu estômago vai parar na boca. É quase uma nuvem encobrindo o sol.

O dragão sobre nós se aproxima mais do que eu esperava. O recém-chegado não é liso como uma lontra – é uma verdadeira baleia no céu! É um trem de carga no ar! Bate as asas, sacudindo o carro e fazendo nossos dentes chocalharem dentro do crânio.

Eu tenho que fazer alguma coisa, rápido. Kirsty está tão concentrada na tarefa de coletar a chama que pode não notar o outro dragão antes que seja tarde demais.

– Como fugimos deles? – pergunto para Zain.

– Eles são territoriais. Precisamos sair do território deles, não vão nos seguir além de onde se sentem em casa.

– Vamos *lá*, Kirsty! – digo, calculando mentalmente se vou chegar até ela a tempo ou se tudo não faz parte de um plano de gênio maluco e ela não quer ser resgatada.

– O que está fazendo? – berra Zain. – Precisamos ir buscá-la! – Ele estende as mãos, querendo dirigir o carro ele mesmo. Mas não há tempo para trocarmos de lugar. Meus olhos estão grudados em Kirsty e finalmente, *finalmente*, ela levanta o olhar para encontrar o meu.

Eu sei o que esse olhar significa.

Significa *vá*.

Piso fundo no acelerador, ignorando os gritos de Zain.

O dragão gigantesco está visível no meu espelho retrovisor. Agora eu posso ver que correr para pegar Kirsty só seria assinar a sua sentença de morte. Preciso atrair o dragão para longe dela. Dragões, eu sei por causa do meu livro, têm poder de fogo limitado. Depois de um ataque grande, o dragão precisa voar alto no céu para recarregar as baterias.

Giro o volante, tentando distrair o dragão. Mas ele parece concentrado em Kirsty, mesmo que estejamos nos movendo bem mais rápido. Seu corpo encolhe e estica, enquanto ele avança como uma serpente. Eu me pergunto se ele tem um bote tão mortífero quanto uma naja. Não posso pensar assim. Desço a mão na buzina.

– Nós não somos mais rápidos do que o dragão! – Zain grita na minha orelha. Suas palavras não ajudam. Eu sei do que ele tem medo. A bola de fogo do dragão será quente a ponto de derreter a lataria do carro, vaporizar as rodas, nos cozinhar nos bancos... tanta coisa pode dar errado! Mas não há tempo para a lógica. Só há tempo para usar os instintos.

Os meus instintos até agora estão acertando em cheio. Acionando a buzina, eu atraio a atenção do dragão maior e a do bebê. Ambos estão atrás de nós agora, o bebê voando no vácuo que a mãe deixa atrás de si, os dois serpenteando no ar.

Corro em zigue-zague, esperando que isso desoriente os dragões. Li que essa estratégia funciona com outros répteis, como crocodilos. Mas, no nosso caso, parece só servir para desacelerar o carro. Zain agarra o painel para se segurar nas curvas.

A mãe dragão solta uma rajada de fogo que não nos atinge por pouco; um aviso, tenho certeza. Mas, quando olho pelo retrovisor, posso ver Kirsty de pé outra vez, correndo em direção às barracas. Ela agita os braços freneticamente para mim, pedindo que eu vá buscá-la. *Mesmo com os dragões nos nossos calcanhares?* Mas não consigo pensar direito. Só consigo seguir as instruções. Piso no freio e esterço o volante, e fazemos uma curva em U. O carro morre quando as asas dos dragões batem sobre nós, atingido pela corrente de ar que vem de cima. Eu ligo o carro outra vez e o mais rápido possível, então voo na direção de Kirsty.

A mãe dragão escancara a boca devagar, como se soubesse que não temos a menor chance. O fogo se avoluma em sua boca e eu sei que, a qualquer momento, ela vai liberar a sua fúria. E vai pegar nós três de uma só vez, se Kirsty não tomar alguma providência rápido.

Enquanto avançamos com tudo na direção dela, vejo Kirsty abrir a barraca e pôr algo lá dentro. É um dos fogos de artifício que estavam no porta-malas. Ela o aponta diretamente para o espaço sobre o carro, então acende o pavio e corre para longe. Eu giro o volante na direção dela. Ainda dentro da barraca, os fogos

de artifício voam por sobre as nossas cabeças, assim que piso no freio para não atropelar Kirsty.

Paro o carro e ela salta para dentro. A distração funciona: os dragões perseguem a barraca luminosa voadora enquanto ela assobia pelo ar. Quando ela explode numa chuva de estrelas vermelhas, a mãe dragão libera a sua torrente de fogo. Na luz do início da manhã, as chamas são tão brilhantes que vejo pontos dançando diante dos meus olhos.

– Vai! – grita Kirsty, apontando para a direção oposta. – Temos cinco minutos, no máximo, para chegar o mais longe possível enquanto os dragões recuperam o poder de fogo.

Piso fundo no acelerador e dirijo o mais rápido que posso, mantendo o carro sob um ilusório controle.

Depois de meia hora de tensão, dirigindo a toda, Kirsty finalmente dá uma batidinha no meu ombro para avisar que já nos distanciamos o bastante. Eu paro o carro e saio, com ânsia de vômito. Não comi nada para poder vomitar, mas os meus braços e pernas estão tremendo. Caio de joelhos, lágrimas descendo pelo meu rosto.

Zain está ao meu lado num segundo.

– Você foi incrível! Nos salvou daqueles dragões.

Kirsty dá tapinhas nas minhas costas gentilmente.

– Ele tem razão. Se não tivesse levado aquela mamãe dragão para um passeio, eu não teria conseguido chegar aos fogos de artifício a tempo.

– *Esse* era o seu plano o tempo todo? – Estreito os olhos.

Ela dá de ombros.

– Procedimento padrão para coletar fogo de dragão.

A raiva cresce dentro de mim, então desaparece. Estou cansada demais para ficar com raiva.

– Você conseguiu o fogo de dragão, pelo menos?

– É claro! – ela diz com um sorriso. – Eu nunca deixaria uma viagem para cá ser um completo desperdício. – Ela deve ter notado o olhar de desânimo no meu

rosto, porque suaviza o tom de voz. – Sinto muito, Sam, mas é verdade. Não há como você achar o diário da sua bisavó com base nessa pista que o centauro nos deu.

E mesmo sabendo que ela está certa, ouvir isso me faz sentir como se um centauro tivesse pisoteado o meu coração.



CAPÍTULO VINTE E SETE

SAMANTHA

— Tiveram sorte? – Evelyn mal precisa olhar para nós para saber a resposta. Eu me deixo cair no assento do avião, os olhos vermelhos e as olheiras profundas por falta de sono. Quando fecho os olhos, vejo fogo de dragão. Quando estou acordada, só consigo pensar no enigma do centauro.

Eu repito as palavras dele para Evie: *As estrelas brilham sob comando e o dia é sempre noite.*

Após um instante, ela balança a cabeça.

– Sinto muito – diz. – Essas palavras não querem dizer nada para mim.

Dou de ombros.

– Nem para mim. – E eu tentei. Perguntei a todo mundo. Nadya não conseguiu pensar num lugar que tivesse relação com o enigma. Minha pesquisa na internet não levou a lugar nenhum; sites de busca e fóruns também não deram em nada. Eu até cogitei colocar a charada nos fóruns de Teorias das Caçadas Selvagens – porque eles parecem ter resposta para tudo! –, mas isso já seria ir longe demais. Evelyn me prometeu acesso à biblioteca do Palácio de Laville. Mas, em vez de ficar animada com a ideia de consultar todos aqueles livros, eu só me sinto entorpecida. Não posso salvar meu avô. Não posso impedir a busca de Emília pelo poder.

– Não vamos desistir, Sam – diz Zain no assento ao meu lado. – Sempre podemos...

– O que podemos fazer? – eu o interrompo. – Procurar em todos os livros de todas as bibliotecas por referências a “estrelas que brilham sob comando”? Os

centauros eram a nossa melhor pista! E eles obviamente sabem algo sobre o diário ou não teriam me dado esse enigma idiota.

– Então vamos voltar e perguntar outra vez. Vamos levar dez vezes mais uísque. Vamos implorar a eles!

– Voltar? – Só esse pensamento já me deixa exausta, mas concordo com ele. Provavelmente é a única alternativa.

Zain passa o braço pelos meus ombros e me puxa gentilmente para ele. Meu corpo é pressionado contra o descanso de braço, mas deixo que ele me puxe.

– Não há nada que possamos fazer hoje, pelo menos – diz.

– Tem razão – concorda Evelyn, sempre otimista. Ela põe as mãos na cintura e olha para mim. – Hoje é o Baile de Laville e você *precisa* ir e pelo menos tirar uma foto lá, para manter o seu disfarce.

Eu me sento um pouco mais ereta.

– Então, depois disso, Zain e eu vamos acrescentar a flor de arca à sua poção – digo. – E vou continuar a minha pesquisa para conseguir uma solução mais permanente.

– Não! – Evelyn protesta. – Você não precisa fazer isso.

– Preciso. O seu bem-estar também é importante para a segurança de Nova.

– Não! – repete ela, comprimindo os lábios. – O meu problema tem uma solução fácil, uma solução que funcionou para todos os meus ancestrais, antes de mim. Eu simplesmente não quero encarar. Sou mais grata ao que estão fazendo do que podem pensar, mas tenho que encarar os fatos. E o outro fato é que Emília continua à solta. Você não pode parar de procurar, Sam. Ela tem as lembranças do seu avô. Ela continua na sua frente.

O pensamento me faz estremecer.

– Eu sei disso. Mas, se você estiver forte, vai poder me ajudar com Emília. Depois do baile, Zain e eu vamos preparar uma poção nova e mais forte para você, e então poderemos ir a Gergon.

Evelyn ergue os olhos e os crava em mim.

– Gergon? Por que Gergon?

Eu me permito um sorrisinho.

– Já ouviu falar na Escola Visir?

– A antiga academia de alquimistas? – pergunta Zain, uma sobrancelha erguida. Eu não encontrei a ocasião certa para contar a ele sobre as minhas descobertas.

– Sim, isso mesmo. É um tiro no escuro, mas, depois que vi a pintura de Da Luna na sua biblioteca, me lembrei de algo que li muito tempo atrás. Aparentemente, os alquimistas de lá andaram pesquisando um tipo de sistema de armazenamento de poder. Basicamente, eles queriam usar magia sem ser preciso uma pessoa Talentosa presente na escola... Vocês sabem como os alquimistas em geral não gostam de Talentosos – digo, dando de ombros como quem se desculpa.

Felizmente, nenhum deles pareceu ofendido.

– De qualquer forma, a escola fechou anos atrás – continuo. – Mas pode haver algo lá que eu possa usar, algumas pistas nas ruínas...

Evie parece se sentir culpada e aliviada ao mesmo tempo.

– Você tem uma pista de verdade para uma solução permanente para mim? Isso é ótimo! Mas, se quer entrar em Gergon, vai ter que conseguir uma permissão especial da Família Real de Gergon. Mas não se vê essa família nem se ouve falar dela há meses. – Ela franze a testa e então o seu rosto se ilumina. – Mas o Príncipe Stefan está na lista de convidados do baile! Se eu conseguir falar com ele lá, talvez a deixe entrar.

– Isso seria perfeito! – comemoro.

– Ótimo! – diz Evelyn. – Vai ser outro tumulto quando aterrissarmos. Você e eu vamos ser levadas diretamente ao Palácio, para nos aprontarmos.

– Como assim, diretamente? – pergunto, incapaz de esconder a decepção. Eu estava esperando pelo menos dar uma olhada na famosa Árvore das Luzes, o principal ponto turístico da cidade de Laville. E agora que eu tenho de resolver o enigma, estava planejando aceitar a oferta de Evelyn para explorar a biblioteca do Palácio...

– Diretamente – Evelyn repete com firmeza.

Zain pega a minha mão.

– Não se preocupe, Sam. Eu vou dar uma bisbilhotada na biblioteca para ver se encontro alguma pista. Então estarei lá para te levar ao baile às seis, *mademoiselle*. – Meu coração bate mais forte com o pensamento de ir ao baile com Zain.

– Ok, mas quero um relatório completo de tudo que você encontrar, mesmo que pareça insignificante.

– Pode deixar, chefe! – ele diz com uma piscadela, então me beija na bochecha.

– Está resolvido, então – diz Evelyn.

Quando pousamos em Laville, a Princesa cumpre a sua palavra. Sou arrancada de Zain e despejada na loucura pessoal que é a companhia de Evie. Uma limusine de chassi estendido está pronta e à espera para nos levar pelas largas avenidas de Laville, passando por lindos prédios de pedra branca, adornados com sacadas de ferro trabalhado. Árvores verde-escuras e totalmente floridas erguem-se como sentinelas do lado de fora das casas, cada uma delas a uma distância perfeita uma da outra. As ruas seriam ainda mais impressionantes se não estivessem lotadas de pessoas, todas esperando um vislumbre da Princesa. Ela toca a janela ao seu lado, e de opaco o vidro se torna transparente. Ela acena para os transeuntes, provocando gritos de alegria que nos seguem pela cidade, como o rastro de espuma de um barco.

No entanto, nada me prepara para a minha primeira visão do Palácio: um edifício que parece construído em ouro maciço. Dizem que, no meio do verão, quando é totalmente banhado pela luz do sol, a luz refletida pelo Palácio de Laville pode ser vista de qualquer lugar de Pays. É seu símbolo de riqueza e prosperidade. Às vezes, acho que o castelo de Kingstown é um pouco decepcionante: apesar de se erguer altivo no topo da montanha, sua aparência não tem nada de extraordinário. É uma construção quadrada funcional, com apenas algumas torres de pedra menores e outras, arredondadas e maiores, em

cada canto. O Grande Palácio flutuante de Nova é invisível, por isso, apesar de ser estupendo, não conta muito como ponto turístico.

Enquanto somos levadas através de enormes portões dourados, não consigo desviar os olhos. O carro segue na direção de uma escadaria que foi polida até reluzir como um espelho e, quando descemos, preciso proteger os olhos da luz dourada que irradia de cada superfície do prédio.

Do lado de dentro, a pura opulência de Pays continua sendo a temática: não há uma parede que não esteja coberta por retratos de ancestrais da Família Real de Pays, maravilhosas pinturas de cenas de batalha ou tapeçarias retratando antigas criaturas mágicas. Na suíte onde Evelyn e eu vamos nos arrumar, fico deslumbrada com o papel de parede com brocados dourados, num magnífico fundo carmesim, e um tapete azul-marinho tão grosso que os meus saltos baixos (aparentemente é obrigatório usar salto em Pays, então estou cumprindo o meu dever, mas usando os saltos finos mais baixos que consegui encontrar) se perdem em suas fibras.

Quase instantaneamente, um grupo de maquiadores e cabeleireiros nos cerca, conduzindo-me até a frente de um espelho. Eles sentam Evelyn numa cadeira ao meu lado (embora na frente dela não haja espelho nenhum, a pedido dela). Eu sempre achei que Evelyn só precisava imaginar um visual para poder criá-lo com o seu poder, mas ela diz que ainda precisa de pessoas com talento artístico de verdade para fazer a magia destacar os seus melhores traços.

– Eu não conseguiria usar magia para fazer a minha própria maquiagem – diz ela, me fazendo abrir um sorrisinho irônico. – É verdade! Ok, pode ser que uma vez ou outra eu realce um pouco o trabalho do maquiador. Ou, como fiz com o meu vestido, eu goste de dar o meu toque pessoal. – Ela pisca para mim.

– Sim, e os seus toques pessoais vão ser a minha sentença de morte um dia desses! – diz a cabeleireira com um suspiro dramático.

– Agora, Sam, você vai receber o tratamento completo também – diz Evie, ignorando-a. – Vai precisar dele para complementar o seu vestido arrasador! Eu não vou aceitar um não como resposta. E... não me odeie, mas...

– Mas o quê? – digo, estreitando os olhos com suspeita.

– Vou fazer uma magia.

– O quê?

– Só uma bem pequenininha! Só um pouco de prateado no seu lindo cabelo escuro, para combinar com o brilho metálico do vestido.

O pensamento me faz estremecer.

– Não sei não... todo mundo vai saber que a magia não é *minha*, é algo que tive que emprestar por uma noite...

Evelyn revira os olhos.

– Não seja boba! Todo mundo *também* sabe que você é minha amiga. Ninguém vai pensar menos de você por ser uma comum. Confie em mim, você vai parecer bem mais deslocada se não usar magia. – A expressão dela se suaviza. – Vai, me deixa fazer isso? – ela implora.

Dou de ombros. Evie consegue ser muito persuasiva quando quer.

– Tá, tudo bem. Mas, se continuar me dando ordens desse jeito, não vou querer mais sair com você.

– Claro que vai! – ela sorri. – Você me ama! E eu nem a obriguei a beber uma poção. Agora, só precisamos repassar umas coisinhas.

É difícil prestar atenção em Evelyn depois que as estilistas começam a cuidar do meu cabelo e da maquiagem. Essa é a primeira vez que sou "produzida" – nunca vou a nenhuma das festas chiques de que Anita tanto gosta. Ela quase conseguiu me convencer a ir a um dos bailes de verão da escola, mas ele foi cancelado devido à Caçada Selvagem. Graças a Deus! Mesmo na cerimônia para anunciar o vencedor da Caçada Selvagem, todos resolveram que seria melhor se eu simplesmente estivesse na minha versão normal. Eu preferi assim.

Quando estamos quase acabando, Evie fica atrás de mim e rajadas frias de magia envolvem mechas do meu cabelo, trançando-as com um fio mágico prateado para combinar com o meu vestido. Eu abro um sorrisinho, surpresa ao encontrar o olhar dela no espelho. Meu cabelo está lindo!

– Oh! – exclama Evelyn. O delicado fluxo de magia emanando das suas mãos

se torna uma cachoeira torrencial.

Eu grito de dor. A magia torce as mechas do meu cabelo, como um torno, puxando-as cada vez mais. Os estilistas ficam paralisados de choque e encaram Evelyn. Ela não consegue parar. Seus olhos estão arregalados de pânico.

Eu caio da cadeira, incapaz de lutar contra o fluxo implacável de magia.

Uma agente de segurança irrompe na sala.

– Não toque em mim! – grita Evelyn, mas a agente a ignora. Ela segura o braço de Evie com uma mão, enquanto com a outra tira a tampa protetora da agulha de uma seringa. Com um movimento rápido, espeta a agulha no braço de Evelyn.

Com um grunhido que em nada lembra uma Princesa, Evelyn detém o fluxo de magia.

– Todos para fora daqui! – grita a agente. Os estilistas parecem ficar bem satisfeitos em poder sair.

O rosto de Evie está molhado de lágrimas.

– Ah, droga, Sam, você está bem? Está machucada? Precisa de um médico?

A dor desapareceu quando a magia parou, então com cuidado eu toco o meu cabelo. Está quase sólido com a prata, como um capacete.

– Acho que estou bem... mas vou precisar de ajuda para remover essa magia.

Evie faz menção de me abraçar, mas a agente a impede.

– Espere, Alteza, preciso fazer alguns testes primeiro.

Pela primeira vez, dou uma boa olhada na agente de segurança. Ela é alta, como eu; mas, diferente de mim, tem a pele branca como um lírio, que se destaca contra o seu blazer preto talhado com esmero. O mais impressionante, porém, é o seu cabelo: cor de cobre, como algumas das nossas caçarolas para o preparo de poções. E ele reluz com mechas naturais de um tom mais claro. Ainda que esteja preso numa trança apertada e prática, sinto uma ponta de inveja. O cabelo dela é estonteante!

– Olhe pra mim – a agente diz para Evie. Estou surpresa com o jeito informal como ela fala com a Princesa, e igualmente surpresa com a docilidade de Evie

diante dela. Eu acho que não teria coragem de mandar na Princesa como a agente fez, mas Evie está obedecendo a cada comando.

Acho que nunca vi isso antes.

A agente olha no fundo dos olhos de Evie, examinando as suas pupilas. Então levanta as mãos de Evelyn e procura por fluxos residuais de magia.

– Está se sentindo no controle?

Evelyn assente.

– Acho que sim.

Eu dou um suspiro alto de alívio, então baixo a cabeça. Sei exatamente por que a magia da Princesa está fora de controle: porque não estou me esforçando para ajudá-la. Depois do baile, pode ser tarde demais.

Quando levanto os olhos novamente, a agente continua segurando as mãos de Evelyn, o polegar acariciando gentilmente a sua palma. Os olhos de Evelyn estão fechados, mas, quando eles se abrem de súbito e ela vê que estou olhando, dá um passo para longe da agente, puxando as mãos.

– Obrigada pelos seus serviços, Katrina. Eu me sinto muito melhor agora. Está dispensada.

Katrina não titubeia. Faz uma reverência ampla, em resposta, então gira nos calcanhares e deixa a sala.

A minha mente dá voltas.

– Espere aí, essa é a...?

Evie olha para a porta e sorri.

– Talvez.

Ela se vira para mim, os olhos brilhando, e o meu coração se alegra. Katrina, a agente de segurança. Quem diria?

– Prometo contar tudo depois do baile. Mas acho que preciso me deitar para me recuperar a tempo. Vou mandar os estilistas voltarem, eles têm um xampu de desencantamento. Sinto muito, muito mesmo.

Balanço a cabeça, assentindo.

– Não, claro. Você precisa descansar. E não tem por que se desculpar. Eu que

sinto muito. Sou a sua alquimista e não fiz a poção perfeita para curá-la.

– Então vamos simplesmente esquecer tudo isso por uma noite. – Ela dá um passo adiante e me beija nas duas bochechas. – Vejo você mais tarde. Zain vai chegar meia hora antes, para que possam conversar. Não vão ficar tão apaixonadinhos, vocês dois, a ponto de se esquecerem do baile, hein? Preciso de vocês dois lá.

Eu fico corada.

– Vou estar lá, não se preocupe.

– Bem, está certo. Ah, e Sam: não se esqueça de comer alguma coisa. Vai ficar feliz de ter feito isso.

– Pode deixar.

Passa-se mais uma hora até que a equipe de estilistas termine de me arrumar e, mesmo com todo o encantamento removido, quando acabam, eu me sinto uma deusa. Eles refazem o meu cabelo para que combine com o vestido, prendendo-o de modo que caia numa trança espinha de peixe sobre o ombro, mas deixando alguns fios enrolados em torno do rosto, num estilo que remete aos anos 1940, assim como o vestido. Pela primeira vez, estou usando batom vermelho-vivo e a minha pele foi uniformizada com base, para que pareça não ter uma só imperfeição, ainda que eu tenha uma porção de espinhas perto da testa. Nunca achei que maquiagem pudesse fazer *tanta* magia assim. Experimento sorrir para mim mesma no espelho.

Depois de maquiada, perfumada e vestida, finalmente o grupo de Evelyn me deixa a sós no quarto, à espera de Zain. Meu coração parece estar prestes a saltar pela boca. Não sei por que estou tão nervosa. Eu repasso o plano: vai haver um tapete vermelho cheio de celebridades (ainda que, por sorte, o baile em si estará milagrosamente livre de *paparazzi*). Tocarão várias valsas, e eu preciso aceitar convites das pessoas que estão no meu cartão de baile, reservando a primeira e a última dança para o meu par. Haverá bandejas e mais bandejas de aperitivos minúsculos, que eu *não* vou poder derrubar no meu vestido. Ok, eu me dou uma trégua. Sei exatamente por que estou nervosa. É o maldito Baile de Laville!

No entanto, à medida que o tempo passa, eu me sinto cada vez mais à vontade dentro do vestido. Talvez Evelyn tenha me ajudado a escolhê-lo justamente porque ele é confortável. Preciso de Zain para me acalmar. Quando ele estiver ao meu lado, vou estar pronta para encarar qualquer coisa.

Preparo a bolsinha que Evelyn me deu para usar com o vestido, mas ela é tão pequena que mal cabe um *gloss* ali dentro. Minha bolsa tiracolo de couro, velha e desgastada, está sobre a mesa. É grande o bastante para guardar o *gloss*, um par de sapatilhas, meu celular *e* meu diário de poções. A bolsa não combina muito com o vestido, mas, quando Evelyn me vir, vai ser tarde demais. Eu decido por mim mesma e opto pela bolsa de couro.

Na mesa ao lado da bolsa, uma caixa num tom vibrante de violeta chama a minha atenção. Meu nome está gravado num cartãozinho dourado ao lado. Eu a pego e, ao abrir, vejo que dentro há uma pulseira prateada maravilhosa, que combina perfeitamente com o meu vestido. Olho com um pouco mais de atenção e vejo que é incrustada com pequenas carapaças de besouro-coração (batizado de forma nada surpreendente em homenagem ao seu característico formato de coração). Cada uma delas reluz com um brilho de tom diferente, índigo ou violeta, o que torna a pulseira algo realmente belo e incomum. Eu pego o cartão que a acompanha.

Você pode não querer um dos meus besouros vivos, mas achei que devia ganhar algo bonito de qualquer maneira.

Bota pra quebrar!

Kirsty bjbj

Eu sorrio e forço a pulseira a deslizar pelo meu pulso. Fazê-la passar pela minha mão requer um pouco de persistência, mas, depois que consigo, fica perfeita. Penso em mandar uma mensagem de agradecimento a Kirsty, quando o

relógio chama a minha atenção. Está quase na hora. Zain estará aqui a qualquer momento.

O último conselho de Evelyn foi para que eu comesse. Mas não tenho ideia de como pedir comida. Num canto do quarto, descubro um prato pela metade (obviamente posto ali para os estilistas) com um sanduíche natural abandonado, além de vários pãezinhos doces. Aposto que, nesse lugar, até os maquiadores evitam comidas muito calóricas. Não tenho o mesmo receio. Ignoro o sanduíche saudável e encho a boca de deliciosos pãezinhos de massa folhada. Esse é Pays, o país dos pães e confeitos. Os doces daqui são maravilhosos.

Bem na hora marcada, ouço uma batida na porta. Meu coração se alegra e faço uma breve oração de gratidão por Zain estar aqui. Do contrário, eu poderia ter comido uma tonelada de pãezinhos.

Corro para a porta e giro ansiosamente a maçaneta ornamentada. Ao abrir, me surpreendo ao ver que a figura para quem sorrio e quase lanço os meus braços não é Zain.

É o Príncipe Stefan. O segundo Príncipe de Gergon.



CAPÍTULO VINTE E OITO

SAMANTHA

A minha expressão muda rapidamente de um sorriso enorme para uma testa franzida e um olhar intrigado. *Ah, meu Deus, estou franzindo a testa para o Príncipe!* Baixo a cabeça para ocultar as bochechas coradas e sutilmente limpo as migalhas da boca. Tenho sorte de Stefan também ser alto: pelo menos dois palmos mais alto do que eu, então o truque de baixar a cabeça funciona.

Recuo alguns passos para deixá-lo entrar no quarto, antes de erguer a cabeça outra vez. Como eu me dirijo ao Príncipe de Gergon? Não faço ideia. Eu me decido por uma mesura e um “Alteza” murmurado.

Ele parece aceitar a cortesia e um sorriso divertido brinca em seus lábios. Ele se inclina para mim.

– Ah, então sabe quem eu sou?

– Príncipe... Stefan? – digo hesitando levemente, ainda que tenha certeza de que é ele. Como só o vi em fotos, mal posso crer nos meus olhos. O meu primeiro pensamento é que ele é *muito* mais bonito pessoalmente do que nas poses sérias e rígidas que vi nas fotos.

– *Enchanté*, senhorita Kemi, é um prazer! Será que posso entrar?

– É claro! – digo, recuperando a compostura. – Mas, bem, a Princesa Evelyn não está aqui. Ela está em outro aposento, em algum lugar. – Eu faço um gesto para o corredor.

Ele levanta as sobrancelhas.

– Não estou aqui para ver a Princesa Evelyn. Estou aqui para falar com a senhorita Samantha Kemi.

– Ah... – digo. Então cai a ficha. Evelyn deve ter armado esse encontro depois que lhe perguntei sobre como entrar em Gergon. Essa Princesa consegue agir rápido quando quer.

– Você precisa de um par para o baile, correto? – Um canto da boca do Príncipe se curva num sorriso torto. Ele parece tão constrangido quanto eu.

– Ah, sim, mas... Bem, estou esperando pelo meu namor... por Zain Aster. Ele é o meu par no baile.

Um pequeno vinco aparece na testa do Príncipe, mas logo sua pele fica lisa como seda outra vez.

– Ah, não, eu pedi para seu par assim que ouvi dizer que você vinha para o baile. Eu queria muito conhecê-la, Sam Kemi.

– Queria?

Ele passa por mim e entra no quarto como se fosse dele. Essa atitude me faz lembrar Evelyn, mas eu preciso lembrar a mim mesma que ele é o *segundo* na linha de sucessão para o trono. Não tem o mesmo poder que o primogênito da Família Real.

Eu me pego encarando as costas do Príncipe por alguns segundos, recobertas por um paletó em estilo militar vermelho-vivo. As roupas são imponentes, um lembrete do poderio militar de Gergon, ainda que não haja guerras há meio século, nem rumores de que o poder de Gergon esteja sob ameaça. Mas as ombreiras de um tom dourado brilhante combinam com o seu cabelo louro e ondulado e não consigo desviar os olhos enquanto ele anda. O Príncipe se vira e gesticula para que eu me junte a ele no sofazinho.

– É claro que eu queria! Você é a vencedora mundialmente conhecida da Caçada Selvagem! Devolveu a glória aos alquimistas de Nova. Eu *precisava* conhecê-la.

Eu me sento desconfortavelmente no sofá, só uma nádega apoiada no assento.

– Bem, oi, então.

Procuro no Príncipe toques de magia. Evelyn disse que todo mundo estaria usando encantamentos extravagantes esta noite e, se eu não fizesse o mesmo, iria

destoar dos demais. Encontro seu olhar outra vez e então percebo que é nos olhos dele que está a magia! Seus olhos são dourados e quase felinos na sua intensidade. Olhos grandes como os de um gato. Mas as pupilas têm um formato incomum. São pequenas joias, como dois topázios brilhantes ou olhos de tigre.

Olho de tigre – uma pedra especial com um brilho sedoso, ótima para quem quer se proteger de mentes curiosas ou esconder pensamentos.

– Seus olhos são lindos! – digo, quase sem querer.

Ele solta uma risada.

– Você é encantadora, senhorita Kemi!

Eu desvio os olhos dos dele, corando outra vez. Onde diabos se enfiou Zain? Olho ansiosamente para a porta. Posso ouvir o tique-taque do relógio na parede ao meu lado tão alto que quero dar um tapa nele para ver se desliga. Não sei nada sobre esse Príncipe ou a família dele, a não ser rumores e especulações. Não devia tirar conclusões precipitadas, mas não posso evitar o nervosismo. Eu me forço para relaxar. Essa é a oportunidade que estava esperando.

– Na verdade, há uma coisa que eu queria perguntar...

– Há?

– Ouvi dizer muita coisa sobre a antiga Escola Visir na minha pesquisa, e eu adoraria visitá-la, se houver possibilidade.

O Príncipe se inclina para a frente no sofá e seus olhos examinam o meu rosto. Ele é como um gato enorme prestes a capturar sua presa. Já mencionei que tigres são os meus animais prediletos? Um rubor inoportuno sobe pelo meu pescoço, as palmas das minhas mãos formigam com o suor.

– Você é *muito* interessante, senhorita Kemi! Seu primeiro encontro comigo, o Príncipe de Gergon, e me pede um favor, antes mesmo de me oferecer uma bebida!

Eu o fito horrorizada quando me dou conta da péssima anfitriã que sou. Levanto-me depressa.

– Ah, droga, posso lhe oferecer uma bebida?

Ele ri.

– Não, não, vamos precisar sair logo e vai haver bastante bebida no baile.

– Certo... e algo para comer?

– Senhorita Kemi, eu estava... Meu novaneano não é muito bom. Eu só estava brincando. Você é apenas muito prática.

As minhas bochechas queimam.

– É uma forma de me descrever – digo, dando de ombros.

– Tenho certeza de que podemos providenciar uma visita à Escola Visir para a senhorita.

– Pode ser logo?

– Podemos ir amanhã! Mas me conte, por que a pressa? A escola está fechada há quase um século... Continuará lá pelos próximos meses, tenho certeza. Há lugares muito mais interessantes em Gergon para alguém como você.

Não quero contar muita coisa a esse estranho, mesmo que ele seja um Príncipe. Até agora, o Palácio tem feito um bom trabalho evitando que vazem notícias sobre a instabilidade de Evelyn (mesmo os estilistas de hoje devem ter assinado longos termos de confidencialidade) e eu não quero colocar todo esse trabalho em risco.

– É que uma visita a essa escola está na minha lista de desejos há anos...

– E eu aqui pensando que todos os alquimistas eram almas pacientes. Mas você é diferente, posso ver isso. – Enquanto fala, ele corre os dedos levemente pelo meu braço. Minha pele se arrepia onde ele a toca.

Zain, pense em Zain.

*É estranho... O Príncipe Stefan irradia uma energia completa*mente diferente da de Zain. Talvez sejam os olhos de tigre, pois o Príncipe tem um charme predador. Zain nunca me faz sentir como se eu fosse a sua presa. Na verdade, ainda que ele tenha todo o dinheiro e Talento do mundo, Zain se esforça para ter a minha afeição e meu respeito. Como se sentisse que ainda tem algo a provar. O Príncipe Stefan nunca teve que provar nada. Nesse sentido, ele é mais como Evelyn. Mas Evelyn usa a sua realeza com uma aura de encanto e simpatia que faz as pessoas a admirarem. Algo no Príncipe Stefan me faz pensar que ele

perdeu o contato com o mundo real cem anos atrás, quando as famílias reais tinham muito mais poder – e aprecia isso.

Talvez seja por isso que me sinto atraída por ele. Afinal, os alquimistas são como relíquias de outros tempos também. Não tem nada a ver com o seu cabelo incrivelmente loiro e os seus olhos de tigre e ombros largos...

Eu limpo a garganta.

– Provavelmente sou diferente porque ainda não sou uma alquimista totalmente formada. Ainda sou uma aprendiz.

Ele sorri.

– Temos muito orgulho dos nossos alquimistas em Gergon. Sabia que uma vez a sua bisavó veio estudar conosco? Talvez tenha sido lá que ela aprendeu algumas das suas grandes receitas.

Isso prende a minha atenção, mas tento manter a voz calma.

– Minha bisavó foi para Gergon? Eu não sabia disso.

– Ah, sim, quando ela era apenas uma mocinha, não muito mais velha do que você. Admiramos muito os Kemi. Diferente dos novaneanos, nós não passamos completamente para... o lado negro, por assim dizer.

– O que quer dizer? – digo rispidamente. *O lado negro? Ele está falando de Emília?* Todos os boatos dizem que Gergon continua sendo um dos poucos lugares onde ainda se preparam poções negras. Todos dizem que *lá* é a sede do lado negro.

– Os sintéticos – explica. – Ouvi dizer, antes de você ganhar a Caçada Selvagem, que o negócio da sua família, e de outras como a sua, está praticamente ultrapassado. Que... qual é o nome daquela companhia?... Zoroaster Corp – ele diz, com um esgar de desprezo – é agora responsável por quase toda a produção da indústria de poções.

Eu relaxo. Ele só está falando dos sintéticos. Mas então franzo o cenho.

– Como funciona no seu país?

– Não acreditamos que os métodos antigos devam ser simplesmente deixados de lado em favor de uma nova tecnologia. Em Gergon, acreditamos que eles

devam ser complementares. Um colabora com o outro.

– Isso parece... muito sensato – digo. Olho para o Príncipe com suspeita, ainda que por dentro esteja totalmente voltada para ele e exclamando *Sim! Sim! Isso é exatamente o que eu acho!*

– Bem, infelizmente, nem natural nem sintético tem dado certo para nós. – Ele baixa os olhos e curva os ombros, como se carregasse o peso do mundo nas costas.

Eu franzo a testa com preocupação.

– O que quer dizer?

– Quando for para Gergon, eu vou lhe mostrar – diz ele, com um sorriso triste.

Abro o meu próprio sorriso sem jeito. Por sorte, sou salva pelo som dos trompetes, que desfaz o clima estranho no ar. O som é vivo, leve e festivo. De súbito, fico com calor dentro do vestido e o pensamento de ser anunciada sob um holofote me dá vontade de vomitar.

O Príncipe Stefan se levanta e me oferece a mão. Ele afasta a tristeza no semblante e o seu sorriso é outra vez radiante.

– É a nossa deixa. Vamos descer para o baile?

Eu hesito por um instante, então pego a mão dele.

– Príncipe Stefan?

– Sim, Samantha?

– Obrigada pela sua generosidade em se oferecer para me levar a Gergon. – Sinto que deveria fazer uma reverência ou algo assim.

Ele faz um gesto com a cabeça.

– Bem, quem sabe, se tudo sair conforme o planejado, em breve nos veremos muito. – Ele guia a minha mão para que ela se aninhe no gancho do seu cotovelo e me conduz para o corredor.

Engulo em seco, cheia de culpa. Ele ainda quer se casar com a Princesa. Ainda acha que tem uma chance. Mas é claro que acha, esse é o motivo pelo

qual está no baile. E eu quero ir para Gergon justamente para impedir que isso aconteça. Sinto que devo guardar essa informação só para mim.

Enquanto descemos os longos corredores, passamos por outros casais a caminho do baile. Ao ver o Príncipe, eles se espremem contra a parede, para nos dar passagem, e baixam a cabeça. Há membros de outras famílias reais aqui, mas passamos por todos eles e somos conduzidos para o final da fila, onde a hierarquia do poder segue uma ordem crescente, com os mais poderosos no final.

Passamos por Zain e os seus olhos se arregalam quando ele vê quem está me dando o braço. Eu arregalo os olhos também e dou de ombros, esperando que ele capte no meu rosto a expressão de “não tive nada a ver com isso”. Zain arma uma carranca para o Príncipe, os olhos azuis fulminando, mas, se o Príncipe Stefan percebe o olhar, não faz nada para demonstrar. Eu não reconheço a garota que agora faz par com Zain, e ele não parece estar se esforçando muito para dar atenção a ela. A garota está examinando as unhas, claramente entediada, enquanto esperam na fila a sua vez de entrar no salão. Toda vez que um casal é anunciado, o grupo inteiro dá um passo à frente. O Príncipe Stefan e eu nos posicionamos no final da fila. Mas eu sei que Evelyn virá depois de nós.

As luzes brilhantes do salão de baile ficam cada vez intensas à medida que o momento se aproxima.

– A senhorita me daria a honra desta dança? – o Príncipe sussurra na minha orelha.

Atravessamos as portas duplas e entramos no salão de baile.



CAPÍTULO VINTE E NOVE

SAMANTHA

—Príncipe Stefan de Gergon e senhorita Samantha Kemi!

Ouço risinhos abafados entre os convidados, mas pode ter sido só impressão. O Príncipe Stefan segura o meu braço com firmeza enquanto descemos a escadaria.

Quando chegamos ao final dela, ele dá um passo para trás e faz um pequeno meneio para mim. Já há casais valsando para lá e para cá na pista de dança e eu perco toda a calma que me resta. Um punhado de aulas de dança no ensino secundário *não* vai ser o bastante. Subitamente, tudo parece errado: o meu vestido é curto demais, os meus pés são grandes demais, o meu cabelo está solto demais.

Ele estende a mão e eu a pego, hesitante. Mas não há nada de hesitante nos seus movimentos. Ele me puxa para ele, segurando com firmeza a minha cintura. Eu me tranquilizo um pouco; evidentemente, estou nos braços de alguém que sabe dançar. Ele me faz entrar no ritmo.

Felizmente, não há muito tempo para conversa. Como somos um dos últimos pares anunciados, a valsa termina rápido. Faço uma mesura e ele inclina a cabeça.

– Foi um prazer conhecê-la, senhorita Kemi. A senhorita é absolutamente encantadora! Tanto quanto eu esperava que fosse.

Abro um sorriso fraco, então me distancio dele e vou o mais rápido possível para o canto do salão. Não me volto para ver se aqueles olhos de tigre estão me seguindo. Os convidados logo se distraem com o anúncio da Princesa Evelyn, cujo par é o próprio pai. O Rei Auden está todo orgulhoso, levando pelo braço a

linda Evelyn. Isso me preocupa. Se o pai dela está feliz, isso quer dizer que Evelyn deve ter dito algo para tranquilizá-lo sobre a falta de uma aliança de noivado. Não quero que ela faça nada precipitadamente.

Busco Zain entre os rostos na multidão. Localizo meu namorado no canto mais distante do salão e tento andar até ele em linha reta, desviando dos convidados em seus trajes de festa suntuosos e dos garçons, com bandejas oscilantes de vinho espumante e canapés.

– Zain!

Ele sorri, me puxando para um abraço apertado e me beijando na bochecha.

– Sam, finalmente! Caramba, você está linda! Eu quase nem a reconheci.

Dou um soco no braço dele e ele se encolhe, de brincadeira.

– Que diabos aconteceu? Fui pegar o meu cartão de baile e tinha o nome de outra garota lá! Sabia que o Príncipe Stefan solicitou você assim que o seu nome apareceu na lista de convidados?

– Acredite, você não ficou tão chocado quanto eu fiquei quando ele apareceu na minha porta.

– É, imagino que não. Então, o que você está achando de uma festa da Realeza? – ele pergunta, gesticulando para a multidão. Agora que todos foram anunciados, todo mundo está se socializando. É a primeira coisa em que eu reparo nesse tipo de festa. Ainda que as pessoas estejam falando umas com as outras, estão sempre olhando por sobre o ombro, esperando para ver se alguém mais importante e poderoso vai passar para que possam tentar falar com o sujeito. As pessoas não ficam simplesmente felizes por se encontrar.

Eu torço o nariz.

– Para ser sincera, estou meio que detestando.

Ele se inclina mais para perto.

– Concordo com você. Ainda que esteja acostumado. Vamos só ficar mais um pouco para mostrar que estamos aqui e depois podemos dar o fora.

– Ótima ideia. Quanto antes melhor. Mas precisamos falar com Evelyn primeiro.

– Não vamos conseguir chegar perto de Evelyn assim tão cedo. Você viu quanta gente ao redor dela?

– É importante.

– Ok, vou dar um jeito. Por que a urgência? – ele pergunta, levantando uma sobrancelha para mim.

Respiro fundo.

– Preciso falar com ela sobre o Príncipe Stefan.

Ele junta as sobrancelhas, o que lança uma sombra escura sobre seus olhos.

– O que aconteceu?

Eu olho em volta. Por alguma razão, as pessoas parecem ter se aproximado de nós, e não posso evitar o pensamento de que há ouvidos em toda parte.

– Aqui não – digo. – Conto a você e a Evelyn daqui a pouco.

Ele assente.

– Vamos circular pelo salão uma vez, dançar uma valsa, então conseguirei nos levar para perto dela. – Ele pousa a mão na base das minhas costas e um arrepio percorre a minha espinha. Deixo que me conduza, contornando uma das enormes colunas do salão, e me apresente a um dos amigos dos seus pais, de outra corporação sintética importante.

Agora que finalmente estamos juntos, consigo relaxar e assimilar o ambiente ao meu redor. O salão de baile é enorme, com três lustres de cristal alinhados no teto, lançando uma luz cintilante sobre os convidados igualmente cintilantes. No canto mais distante do salão, há um palco onde uma pequena orquestra toca música tradicional de Pays, e um toque de magia permite que a música seja ouvida no volume perfeito, independente de onde os convidados estejam no salão. Eu me pergunto se um toque de magia também mantém a temperatura do salão estável, porque há corpos quentes por todo lado, mas estou tão perfeitamente confortável no meu vestido de alcinha quanto a mulher à minha frente, vestindo um bolero de pele. Vejo vários homens e mulheres usando adornos com os brilhantes percevejos-escudo de Kirsty. Juro que há até uma mulher usando uma saia inteiramente feita dessas criaturas e, quando ela se

move pelo salão, as carapaças brilhantes refletem a luz. É ao mesmo tempo lindo e incrivelmente bizarro.

Um garçom para à minha frente com uma bandeja de bebida e eu alegremente pego uma das taças de cristal, cheia de um líquido dourado pálido. Eu a seguro perto do nariz e inspiro, deliciando-me com o delicioso aroma de maçã verde, então sorrio para Zain. Mas a minha felicidade rapidamente é substituída por alarme.

Ele me oferece o braço.

– Concede-me uma dança, minha dama?

Solto um grunhido.

– Achei que eu já tivesse me livrado das danças.

– Depois do Príncipe? Que nada. Pense dessa maneira, se dançar comigo, podemos evitar ter de falar com o meu pai, que está vindo diretamente para cá neste exato momento.

Dou uma olhada por sobre o ombro e vejo que ele está certo: Zol está a "três olás" de nós. Se existe alguém que pretendo evitar nesta festa, é ele. Não quero ter de ficar recusando a sua oferta de uma cura para o meu avô.

Não tenho alternativa. Deixo a taça na bandeja de um garçom e estendo a mão para pegar a de Zain.

– Conduza-me numa valsa, então, nobre cavalheiro – digo.

Zain dá um sorriso largo e me guia até a pista de dança. Ele descansa uma mão na minha cintura e com a outra, segura a minha mão erguida. Apoio levemente os dedos no seu ombro. Esperamos alguns instantes, e então nos juntamos aos outros casais.

Como o Príncipe Stefan, é óbvio que Zain já fez isso antes – não que ele já tenha admitido a alguém na escola. Não me recordo de vê-lo valsando com nenhuma garota na quadra do nosso colégio. Eu me pergunto que outra habilidade secreta Zain pode ter e que ainda esconde de mim. Diferente do que senti com o Príncipe, eu me sinto confortável nos braços dele. Relaxo enquanto os meus olhos passeiam pelo salão.

– Quando você aprendeu a dançar assim? – pergunto a ele.

– Eu costumava ser o parceiro de Evie nas aulas de dança, quando éramos mais novos. Acho que era a única pessoa que não ria tanto dela quando dançava. – Meu estômago revira com esse lembrete de como eles sempre foram próximos. Mas então digo a mim mesma para não ser tão idiota. Como se eu não tivesse amigos do sexo masculino na infância também. É só pensar em Arjun: ele pode não ter me ajudado a aprender a dançar, mas me ajudou a ser boa em álgebra. De muitas formas, acho que isso pode até *mais* impressionante.

O próximo rosto que vejo é o de Zol, rindo com o Rei. Ao lado dele está a mãe de Zain, a belíssima Zelda Aster.

Se eu um dia me casar com Zain, será que eles vão me obrigar a mudar o meu nome para Zamantha?

O pensamento me faz dar um risinho e Zain olha para mim com ar de interrogação. Eu volto a ficar séria.

Penso na oferta de Zol para me juntar ao promissor Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento de Poções Natural-Sintéticas da Zoroaster. Parece que ele foi criado especialmente para mim.

O problema é: eu não consigo me convencer a trabalhar para o inimigo.

Pobre Zol, penso. *Nada de Zamantha e nada de Zain no seu programa, se ele tiver escolha.*

Zain faz giros elaborados comigo no salão, e todos os pensamentos me abandonam. Tenho certeza de que o meu cabelo antes arrumado agora está com várias mechas soltas, mas não me importo. Abro um largo sorriso, desejando que pudéssemos ir mais e mais rápido. Então vejo o Príncipe Stefan me encarando do outro lado do salão. Ele está parado entre duas colunas, a postura perfeita. Os olhos dele encontram os meus e os cantos dos seus lábios se curvam para cima. Ele pisca para mim e involuntariamente eu aperto a mão de Zain com força.

– Ai! – ele faz.

– Ah, desculpe... Eu me confundi com um dos passos – digo, voltando rapidamente o olhar para Zain outra vez.

Uma brisa faz cócegas na minha nuca e eu me dou conta de que Zain dançou comigo até o outro lado do salão. Aqui, uma série de portas de vidro magníficas, emolduradas em (o que mais seria?) ouro, está aberta para permitir que o ar circule no salão.

– É a nossa deixa para sair daqui – diz Zain. Quando a música termina, Zain faz um meneio para mim e eu respondo com uma meia reverência. Então, encaixo o braço no dele e saímos para a linda noite de Laville.



CAPÍTULO TRINTA

SAMANTHA

A Princesa também está do lado de fora do salão, rodeada de guarda-costas. Um deles dá um passo à frente para nos impedir de nos aproximarmos, antes de perceber que somos nós e nos deixar passar. A Princesa parece exausta, a testa vincada com o estresse. Acho que é a primeira vez que vejo Evie menos que impecável.

– Não sei se este baile foi uma boa ideia, pessoal – ela nos diz.

– Você está bem? – pergunto.

– Só estou cansada. Muito cansada. – Então ela volta os olhos para mim. – Os meus ouvidos me enganaram ou você entrou no baile com Stefan de Gergon?

– Então não foi *você* que armou aquilo?

– Não.

– Pensei que talvez, por causa do que eu tinha dito sobre querer ir a Gergon...

– Nem eu consigo ser *tão rápida*. Então como isso aconteceu?

– Eu também queria saber – diz Zain. Ele se reclina contra a balaustrada de pedra da sacada e levanta as sobrancelhas para mim.

– Basicamente... tudo que ele disse foi que queria me conhecer. “Alguém que devolveu a glória aos alquimistas de Nova.”

– Uau, que lábia! Tem certeza de que isso é tudo que ele queria de você? – Zain pergunta, as mãos cerradas em punhos.

Eu toco o ombro dele.

– Ei... eu não acho que é o *meu* coração que ele está querendo. Continua desesperado para se casar com você. – Aceno para Evie com a cabeça.

– Seria um bom acordo político... – diz ela, dando de ombros.

Faço uma careta.

– E quanto a Katrina?

Os olhos de Zain se alternam entre mim e Evie.

– Espera aí, quem é Katrina?

Evie me lança um olhar de advertência.

– Agora não.

Cruzo os braços sobre o peito, mas então relaxo. Não sou eu quem deve contar.

– O que quero dizer é que o Príncipe Stefan concordou em me deixar entrar em Gergon amanhã. Me dê dois dias para ver se a minha ideia vai funcionar antes de fazer qualquer coisa que não poderá desfazer depois.

Um sorriso se forma nos cantos da boca de Evie.

– Ok, você tem 48 horas. Nada de anéis no meu dedo até lá. – O sorriso desaparece. – Não vai demorar muito para a seriedade da minha situação vir a público. Hoje na suíte foi muito arriscado. Renel passou horas tentando garantir que nenhum dos estilistas deixasse a história vazar.

– O que aconteceu na suíte? – pergunta Zain.

Dou de ombros.

– Não foi nada...

– Foi, sim – rebate Evelyn. – Eu poderia ter matado Sam. – Uma tosse profunda e seca quase faz com que ela se dobre ao meio.

Corremos para ela, cada um segurando um dos braços dela.

– Você está bem? – pergunto.

Ela faz um gesto nos dispensando.

– Estou bem, estou bem. Uma tosse passageira. Ah, droga, preciso de uma bebida.

– Pegue a minha – oferece Zain, passando sua taça de champanhe para ela. A Princesa o entorna de uma vez só.

Quando termina, parece revigorada. Sempre fico pasma ao ver a desenvoltura com que Evelyn consegue recuperar a compostura. Eu precisaria ir direto para a

cama.

– Falando no diabo, olhe quem é o próximo no meu cartão de baile. O Príncipe Stefan. Acho melhor voltar para o salão. Zain, isso é...?

Zain põe o dedo sobre os lábios para deter Evelyn e ela assente, compreendendo. Eu olho de um para o outro.

– O que está acontecendo?

– Ah. Vou deixar os dois pombinhos a sós. Divirta-se, Sam – diz ela, antes de jogar um beijo na minha direção e fazer sinal aos guarda-costas, avisando que está pronta para retornar à festa. Fico triste ao notar que Katrina não está entre eles dessa vez.

– Siga-me. – Zain se volta para mim, sorri e eu preciso de um instante para me recuperar. A luz vinda do salão reflete na sua pele bronzeada, destacando as suas maçãs do rosto proeminentes. Eu devolvo o sorriso. O Príncipe Stefan pode ser bonito, mas ele não chega aos pés de Zain. – Venha, isso não pode esperar – ele diz.

– Só para você saber, esse negócio de sair fugindo de um baile não é tão fácil assim... – Eu aponto para os meus sapatos de salto alto.

– Não vamos muito longe.

– Não, espere um segundo... – Eu pego o par de sapatilhas de emergência que guardei na bolsa e as calço.

Quando finalmente levanto os olhos, a vista da sacada quase basta para me paralisar outra vez. O jardim é espetacular! Ele se estende além dos degraus de pedra, e uma série de chafarizes atrai o olhar por toda a sua extensão. Não são chafarizes comuns; a água dança, fazendo curvas perfeitas de um pequeno poço para outro, formando arcos sobre os convidados que passeiam pelo jardim. Tudo em perfeita sincronia com a música do salão de baile. O sol está se pondo, tingindo o céu de diferentes matizes de roxo e cor-de-rosa. É maravilhoso de todas as maneiras possíveis, uma vista que pensei que só chegaria a ver em sonho, e eu só quero que Zain passe o braço pelo meu ombro e faça esse momento se eternizar.

– Este lugar é de tirar o fôlego! – digo, me demorando apesar da insistência de Zain, que puxa o meu braço.

Ele nem mesmo volta a cabeça para olhar.

– Se não formos logo, vamos perder.

– Perder o quê? Ok, ok – digo, dando as costas à paisagem com relutância. Nós nos apressamos pela escadaria de pedra que liga a sacada ao jardim.

Deixamos a propriedade do Palácio através de um pequeno buraco na sebe espessa que, do contrário, seria impenetrável. Agora estamos à solta nas ruas da cidade. Eu me sinto uma atriz num filme antigo em branco e preto, aqueles em que a conversa entre os personagens é uma sucessão de frases genéricas e melodramáticas. Em que outro mundo eu estaria correndo pelas ruas de Laville, no vestido mais caro que já tive, seguindo um gato de smoking? Não parece real.

Uma voz grave soa atrás de nós.

– Esperem! Parem aí.

Zain e eu travamos no lugar. Um dos seguranças do Palácio corre na nossa direção, movendo-se com dificuldade pelo chão de paralelepípedo, sustentando o peso do seu corpanzil. Meu primeiro pensamento é que eles deviam manter a equipe de segurança em forma. Meu segundo pensamento é: *Caramba, estamos encrencados!*

– Pois não, senhor? – diz Zain. Ele dá um passo sutil para ficar na minha frente, se colocando entre mim e o segurança. Eu dou um passinho para a direita e fico do lado dele outra vez. O que quer que seja, vamos enfrentar juntos.

– Os senhores planejam retornar à festa?

– Sim, é claro – diz Zain.

– Há uma política rígida de proibição de reentrada. Se voltarem comigo agora, posso colocar vocês lá dentro.

Zain morde o lábio inferior.

– Por favor, senhor. Só vamos demorar alguns minutos. Depois voltamos imediatamente.

O segurança olha por sobre o ombro para o parceiro, pouco visível sob a

sombra escura lançada pela sebe.

– Me encontrem quando retornarem. Vou ajudá-los a entrar. – Essa mudança de ideia nos pega desprevenidos, mas não a questionamos.

– Obrigado, senhor. Seremos rápidos – garante Zain.

Ele assente e Zain pega a minha mão. Seu aperto vibrante demonstra sua animação e ela me contagia como que por osmose. Quero saber o que está deixando meu namorado tão empolgado.

Não demora muito até que nos juntemos a uma aglomeração, todos seguindo na mesma direção. Meu coração se alegra. Talvez estejamos indo ver a famosa *L'arbre des lumières – a Árvore das Luzes –*, a única atração em Laville que está na minha lista de lugares que valem a pena uma visita. Ela fica num pedacinho do território das Selvas que foi preservado dentro dos limites da cidade. Mas Zain está me levando *através* da multidão, paralelamente a ela, na verdade. Nós a atravessamos e eu não posso evitar o pequeno vinco que aparece na minha testa. O que pode ser mais espetacular que os jardins do Palácio ou a Árvore das Luzes?

– Estamos quase lá – diz Zain, e eu fico feliz que o céu tenha escurecido e ele não possa ver o olhar de decepção em meu rosto. Ele diminui o passo conforme nos aproximamos da ponte sobre as águas negras do rio Calor. Tira o celular do bolso do smoking e confere o horário. – Ah, que bom, acho que chegamos bem a tempo.

Andamos de mãos dadas até o meio da ponte. Zain para e se debruça sobre a balaustrada pintada de dourado, fitando a água que passa lentamente ali embaixo. Um barco grande e sólido flutua abaixo de nós, o teto de vidro revelando casais jantando à luz de velas. É a própria definição da palavra "romântico".

– Bem ali! – Zain aponta.

Olhando além do rio, posso ver uma escuridão profunda na outra margem, onde toda a luz se extinguiu. Só é visível agora que estamos bem no meio da ponte; do contrário, os prédios a ocultariam. Consigo divisar a silhueta de uma

árvore, e arquejo. A árvore é enorme, os galhos mais altos desaparecendo no céu noturno.

– É o que eu estou pensando que é? – pergunto, sem fôlego.

Zain balança a cabeça.

– A Árvore das Luzes. Não é o ângulo do qual a maioria das pessoas vê, como você pode observar pela ausência de multidão. Mas eu acho tão melhor... Além disso, daqui ela é só nossa.

Um arrepio familiar percorre a minha espinha e Zain o confunde com um tremor de frio. Ele tira o paletó e o usa para envolver os meus ombros. Então sussurra na minha orelha:

– Agora, levante a cabeça.

Eu faço o que ele diz. Afinal, até agora, Zain só me deu bons conselhos. Levanto a cabeça e não há muito o que ver a princípio: o céu está escuro, mas não há estrelas (o excesso de luzes as deixa invisíveis).

Estou prestes a desviar os olhos, quando acontece. Uma estrela cadente. Mas não pode ser, ela está perto demais. No entanto, é um ponto de luz cintilante se movendo mais rápido do que o meu olho consegue acompanhar, deixando no ar apenas um rastro dourado brilhante. Não escuto nenhum som, mas juro que faz os fios de cabelo no topo da minha cabeça esvoaçarem.

– *O que* foi isso? – pergunto a Zain.

Ele não responde, só aperta os meus ombros.

Outra luz e depois mais outra voam no céu, até que de repente as luzes são incontáveis. Todas seguindo na direção da Árvore das Luzes.

A primeira luzinha pousa nos galhos mais altos da árvore, e então se junta a ela um enxame de outras luzes. Elas brilham tanto que a árvore parece pegar fogo, todas piscando ao mesmo tempo.

Um instante depois, elas mudam de cor, passando de branco cintilante para um vermelho fulgurante em perfeita sincronia. Mas do nosso ângulo, posso ver outras coisas acontecendo também. A constelação de luzes se dirigindo para a

árvore sobre a minha cabeça diminui, então consigo distingui-las individualmente. São fadinhas aladas, criaturas mágicas com poderes incríveis.

Fadinhas – atraídas pela tristeza ou para aqueles que estão prestes a receber más notícias, às vezes vistas em alucinações pelos que consumiram muitas bebidas psicodélicas ou estão sob a influência de drogas. Conhecidas por serem musas fantásticas para inspirar a criatividade, se a pessoa conseguir capturá-las. As luzes fortes que irradiam, às vezes confundidas com fogo-fátuo, podem iluminar qualquer lugar escuro, se ofertadas de bom grado como presente. O rastro de partículas brilhantes que produzem também possibilita a levitação, dependendo da sua intensidade.

As fadinhas estão se esforçando ao máximo para criar um espetáculo de luzes impressionante. Desse ângulo, posso ver que de vez em quando uma luzinha se apaga, caindo do galho em que está, e outra a substitui para que não falte nada no espetáculo. A fadinha exausta é recolhida por algumas das suas amigas, que a carregam de volta, pelo céu, para o lugar de onde vieram.

Eu me volto para Zain.

– Sabia que acham que isso acontece em outros lugares também, nas Selvas? Só não de modo regular. Dá para imaginar topar com uma coisa dessas nas Selvas, de repente? É por isso que estou tão desesperada para continuar explorando. A Caçada Selvagem simplesmente abriu os meus olhos para todas essas maravilhas, e agora acho que estou viciada.

– Sam, a grande exploradora! – diz Zain com um sorriso.

Eu sorrio de volta.

Já vi fotos desse fenômeno. E um documentário tentou mostrá-lo do jeito mais real possível. E ainda assim, nada se compara a ver com os meus próprios olhos.

Tão rápido quanto começou, o espetáculo acaba. A árvore fica escura outra vez. Consigo imaginar todo mundo do lado de lá da árvore começando a ir embora, de volta às suas casas e hotéis, mas Zain e eu ficamos parados ali.

Observamos as fadinhas voando sobre nós agora no escuro, fervilhando no céu noturno, iluminado apenas pelo brilho opaco dos postes de luz da rua.

– Obrigada por me trazer aqui – digo a Zain. – Como você sabia deste lugar?

– Muita gente sabe, mas querem ver o espetáculo principal. Não querem ver os bastidores, o trabalho duro das fadinhas. Mas, por alguma razão, achei que você se sentiria como eu. Ver quanto é difícil para elas... As melhores coisas não vêm fácil, sei quanto você preza isso.

– Eu de fato prezo. Isso é... mais que maravilhoso, Zain. Não tenho palavras.

Se eu morasse em Laville, viria a esta ponte toda noite. Como as pessoas resistem? Mas então penso em todas as paisagens fantásticas de Kingstown, paisagens que pessoas do mundo todo viajam para ver. A reunião de sereias quase na porta da nossa casa. Os *kelpies* saltitantes no High Park. Será que eu realmente aproveito o que está no meu próprio quintal? Acho que não. Nós ficamos imunes às maravilhas que estão na porta da nossa casa.

Algumas pessoas até reclamam, dizendo que a Árvore das Luzes é uma distração muito grande no centro da cidade. Falam que a magia fica muito instável nas ruas em volta dela e, portanto, ali nem sempre é um lugar seguro para os Talentosos. Elas dizem que é por isso que não podem usar roupas encantadas; porque, se a instabilidade mágica aumentar por um instante, toda a magia poderia se desfazer, deixando-os com roupas normais e sem graça, na melhor das hipóteses, e pelados na pior. Eu acho que é o que merecem por usar roupas totalmente encantadas, para começo de conversa.

– Uau! É ótimo que possamos ir a Gergon amanhã – diz Zain, quando a última fadinha desaparece no céu.

– Eu sei. Espero que a Princesa mantenha a palavra. E espero que 48 horas seja tempo suficiente.

– É, parece que é um tiro no escuro. E, além disso, um casamento com o Príncipe Stefan poderia ser bom para ela.

Eu me afasto dele levemente.

– O quê? Não acredito que está dizendo isso. Evelyn não *ama o Príncipe*

Stefan.

– Eu sei... – Ele tamborila os dedos na balaustrada, perdido em pensamentos. – Você não conhece a Princesa há tanto tempo quanto eu, mas ela soube dessa exigência a vida inteira. Está preparada para isso. E sim, tudo bem, ela chegou a extremos para evitar, mas isso meio que faz parte da coisa toda de "ser da Realeza". Ela sempre soube que esse era o preço do poder. Ela tem *sorte* de ter você para ajudá-la a postergar a decisão com a sua poção estabilizadora. E acho que ela não percebe de fato quanto tem sorte.

– Você está ajudando. Está ao lado dela também – murmuro.

– Estive ao lado dela durante a vida inteira e não consegui descobrir um jeito de ajudá-la! Não, *você* fez isso. Ela não te dá o crédito que você merece. E você não pode ajudá-la para sempre. A certa altura ela percebeu que ia ter que encarar isso. Não é culpa sua.

– É minha culpa. Se não fosse pelo vovô, por Emília...

Ele balança a cabeça, discordando.

– Você exige demais de si mesma, Sam. Você é a garota mais incrível que eu já conheci. Sabia disso? Mas não pode salvar o mundo o tempo todo.

Por que não? Quero perguntar, mas dizer isso em voz alta ia parecer uma coisa idiota. Sei que não posso salvar o mundo. Mas quero, sim, fazer o meu melhor para ajudar a minha amiga.

Ele coloca uma mão de cada lado do meu rosto e me puxa para si, emaranhando os dedos nos meus cabelos. Nossos lábios se encontram e todas as preocupações, transformadas em nós de tensão nos meus ombros, desaparecem.

Um beijo... se pudesse ser engarrafado, seria a cura mais poderosa... para tristeza, preocupações, tensão, desespero, raiva... Talvez essa seja a Aqua Vitae.

Quando nos separamos, olho nos olhos dele e sorrio.

– Eu te amo, Sam Kemi – diz ele.

– Eu também te amo, Zain Aster.

Eu viro as costas para Zain, com medo de começar a chorar se olhar muito para ele. Fito o chão, respirando fundo e apertando os olhos com força. Quando

os abro novamente, salto para trás de susto. Há uma fadinha adejando na minha frente.

E ela está me encarando, com as mãozinhas nos quadris e o olhar mais sombrio que já vi.



CAPÍTULO TRINTA E UM

SAMANTHA

A fadinha fala comigo, mas seus guinchos agudos fazem pouco sentido para mim. Bem que eu queria entender o que ela está dizendo. Parece urgente!

Ela voa em círculos, frustrada. Depois de um tempo, revira os olhos. Então se volta para trás, tira uma luzinha presa à sua cintura e a entrega para mim. Gesticula com impaciência para que eu a coloque na bolsa. Eu faço o que ela manda. Então ela põe um dedo nos lábios.

Essa parte eu entendo. Ela vai embora voando, tão rápido quanto apareceu.

Um sentimento de apreensão me percorre e eu me aninho um pouco mais no paletó de Zain.

Zain não percebeu nada, distraído pela visão de um barco estreito flutuando sob a ponte.

– Vamos voltar para a festa – digo, puxando a manga da sua camisa.

Então o meu telefone toca e eu me assusto.

– O que foi? – Zain parece alarmado com a minha reação.

Eu pego o celular na bolsa e engulo em seco quando vejo o nome na tela. *Mãe*. Ela sabe que estou no baile (ou deveria estar). Ela não telefonaria se não fosse absolutamente necessário. *Fadinhas aparecem para aquelas prestes a receber más notícias.* Eu já sinto as lágrimas marejando meus olhos.

– Ei, não vai atender? – Zain pergunta, num tom de voz suave.

Eu coloco o celular na orelha e tento manter o tom de voz normal. Pode não ser nada.

– Oi, mãe! – digo, tão alegremente quanto posso.

– Oi, Sam. – Seu tom de voz confirma minhas suspeitas. Más notícias. O celular treme contra a minha orelha. – Eu não ia ligar, mas... é o vovô. Ele ficou inconsciente ontem à noite. Não temos certeza se vai se recuperar.

Agora as lágrimas correm livremente pelo meu rosto. Zain aperta com força a minha mão livre.

– Ah, mãe, é melhor eu voltar para casa?

– Acho que seria melhor. Espero que a Princesa não pense que está sendo rude...

– Ela vai entender, tenho certeza.

Zain aperta a minha mão outra vez e eu olho nos olhos dele. Eles estão brilhantes, como se também tentasse segurar as lágrimas. Mas olhar para ele faz com que eu me lembre de outra coisa.

– A ZA – digo.

– O que foi, querida?

– A ZA, a Zoroaster... Eles disseram que têm uma nova medicação que acabou de ser aprovada, que pode ajudar a aliviar os sintomas do vovô.

– Não sei. Ele tem aquela regra que proíbe sintéticos.

– A regra que proíbe sintéticos é para quando existe uma alternativa viável entre as poções naturais. Neste caso não existe.

Zain assente para mim. Pode funcionar.

– Meu pai pode mandar alguém direto para lá – sussurra.

– Podemos conseguir a medicação para o vovô o mais rápido possível – eu repito para a minha mãe do outro lado da linha. – Pelo menos mencione isso para os médicos. Se pudermos fazer qualquer coisa para ajudá-lo... devemos fazer, certo? – Estou falando tão rápido que não sei se o que digo está fazendo sentido.

– Prometo falar com a médica sobre isso – diz a minha mãe. A voz dela ficou um pouquinho mais alegre, tenho certeza. – Nos vemos em breve.

– Vou para aí assim que puder.

Desligo o telefone.

Zain segura o meu braço.

– Venha, vamos voltar para a festa. Posso dizer ao meu pai para colocar a ZA no caso e então podemos arranjar uma tela de transporte para você voltar para casa.

Eu deslizo o braço pela cintura de Zain e o seguro bem perto de mim. Ele põe o braço sobre os meus ombros e, abraçados, andamos rápido em direção ao Palácio e à festa. Encontramos o mesmo segurança, que nos ajuda a entrar despercebidos.

É quase como se nunca tivéssemos saído. Todos estão bem-humorados, rindo um pouco mais alto, os rostos um pouco mais vermelhos, os olhos brilhando um pouco mais. Parece que o baile é um grande sucesso.

– Venha, estou vendo o meu pai – diz Zain. Zol nunca é difícil de encontrar, porque a sua figura imponente está sempre cercada de bajuladores.

A expressão no rosto de Zol passa de agradável surpresa para preocupação.

– Está tudo bem?

– Veja só! Mas não é a adorável Samantha? – a mãe de Zain gira nos calcanhares, um sorriso largo no rosto. Ela congela no lugar quando vê as lágrimas no meu rosto. – Ah, querida. – A sua mão voa para a boca.

– Mãe, pai, Sam precisa da ajuda de vocês. A situação do avô dela piorou e...

– Não diga mais nada! – exclama Zol. – Vou mandar a medicação para o hospital esta noite.

– Obrigada – balbucio. Não é bem como imaginei o meu primeiro encontro com os pais de Zain, mas não consigo me preocupar com a impressão que estou causando. Só consigo pensar no meu avô. – Agora, preciso voltar para casa...

Antes que eu possa continuar, um garçom coloca uma taça na minha mão, junto com uma colherzinha. Então os trompetes da entrada soam novamente, viva e alegremente, me paralisando. Sem chance de eu escapar outra vez.

Um homem idoso vestido em trajes militares está parado na frente do salão, as mãos estendidas. Ao seu lado está uma mulher alta e esbelta, pelo menos três décadas mais nova do que ele. É o presidente de Pays e sua esposa. Ela era uma atriz famosa no país. Eu a vi em alguns filmes na época em que Anita e eu

achávamos que assistir só a filmes estrangeiros nos fazia parecer intelectuais. De fato expandiu a nossa visão de mundo, mas também nos ensinou que filmes ruins podem ser feitos em *qualquer* língua. Eu quero ir embora mais do que qualquer coisa, mas fazer isso agora significaria simplesmente atrair mais atenção para mim. Já estão me fazendo cara feia só por respirar muito alto.

– Senhoras e senhores! – diz o presidente, com um leve sotaque. – Bem-vindos ao Baile de Laville!

Não consigo parar quieta, tamanha é a minha urgência para ir embora. Coloco a taça de lado e bato palmas, mas o som das minhas mãos parece deslocado enquanto todos os outros batem as colheres contra as taças, criando um tinido delicado pelo salão. Muito mais refinado. Mais uma gafe da minha parte.

– O Baile de Laville é uma tradição de Pays há séculos e sempre foi ocasião de maravilhosas celebrações. Hoje não é exceção. Mas não somente estamos aqui para celebrar a vida e a saúde da esplêndida Princesa Evelyn de Nova, mas também... a sua felicidade. E é com grande prazer que eu a apresento, a Princesa Evelyn!

Mais tinires de colheres batendo em taças, enquanto Evelyn sobe ao palco e toma o seu lugar ao lado do presidente. Ela parece completamente radiante no seu vestido *ombré* carmesim e laranja, encantado para imitar as cores do pôr do sol. Ele lhe dá três beijos, alternando as bochechas, antes de finalmente lhe passar a palavra.

– Obrigada, presidente Lafleur – ela diz. Primeiro num paysano perfeito, depois em novaneano. – É um sentimento especial estar aqui esta noite, principalmente quando poderia com facilidade ter sido diferente. Tantas pessoas que me apoiaram ao longo da minha vida estão aqui agora! E todos vocês sabem que nunca fui de permitir que o destino determinasse a minha vida... – O salão inteiro ri junto com Evelyn, mas sinto um aperto no peito do qual não consigo me livrar. – Então, esta noite é uma celebração de saúde e felicidade. Quero brindar à saúde e felicidade de todos os que estão aqui hoje e de todos os cidadãos ao redor do globo.

O tinir das taças é tão alto que estou surpresa que nenhuma delas tenha se estilhaçado. Quando a multidão se acalma, Evelyn volta a falar.

– E agora, que tal um pedaço de bolo?!

Seguindo a deixa, um enorme *gâteau* é trazido num carrinho para o centro do salão. É o bolo mais extravagante que já vi: um gigante de sete andares, coberto de glacê branco, adornado com mil fadinhas que brilham e piscam com as suas próprias luzes comestíveis. É uma homenagem, em forma de bolo, à Árvore das Luzes.

Ouve-se um estalo quando todas as luzes do salão se apagam simultaneamente.

Minha respiração fica presa na garganta, mas eu sei que isso é só parte do espetáculo.

Mas em seguida ouço um grito alto e penetrante. O salão se ilumina, mas não com as luzes de fadinhas falsas. Em vez disso, há *flashes tão brilhantes que* nos ofuscam, provocados por explosões cuja força sacode o salão, enchendo-o de uma fumaça de arder os olhos. Todo mundo dispara em direção à saída e ouço o tinir de vidro de novo; mas dessa vez, os convidados não estão batendo nas taças com as colheres, e sim deixando-as cair no chão.

Entre os *flashes* intermitentes, eu vejo os seguranças de Evelyn correrem para o palco, cercarem-na e a levarem para longe do tumulto. Feitiços são lançados por todo lado, para tentar dissipar a fumaça ou reacender as luzes, mas, seja qual for a magia usada para causar essa confusão, ela resiste a qualquer interferência.

Meus olhos lacrimejam e o ar faz arder os meus pulmões, cada vez que passa pela minha garganta. Isso não é nenhuma magia, é só o bom e velho gás lacrimogêneo. Simples, mas eficaz.

Alguém puxa o meu braço tão forte que parece que vai arrancá-lo do ombro. No começo, imagino que seja Zain ou alguém da equipe de segurança.

Mas, então, quando uma bola de tecido é enfiada na minha boca, sei que não é ninguém amigo. Eu me debato, agito os braços tanto quanto posso e caio de

joelhos. Grito de dor, a voz abafada pelo pano, quando sinto os joelhos pressionados contra os cacos de vidro no chão.

– SAM! – ouço Zain gritar meu nome.

Não consigo gritar com o pano na minha boca. Não consigo responder. Eu provo o gosto característico de sangue, enquanto tusso até machucar a garganta, tentando expelir o pano, a fumaça e o medo.

Meu agressor não me dá trégua. Luta para juntar os meus braços nas costas e amarrá-los firme. Sinto-me impotente contra ele, enquanto sou arrastada para fora do salão.



CAPÍTULO TRINTA E DOIS

SAMANTHA

Esquerda.

Direita.

Direita.

Descendo escadas.

Tento decorar o trajeto pelo qual estou sendo levada, mas é inútil. Nunca pensei que ia *querer* que me apagassem, mas ser arrastada (amarrada, mas totalmente consciente) pelas passagens escuras e tortuosas dos subterrâneos do Palácio é doloroso, desorientador e apavorante.

A voz de Zain gritando o meu nome ecoa nos meus ouvidos, acompanhada pelos estampidos agudos das explosões. Eu me pergunto se os meus tímpanos estouraram. Estou com tanta dor no corpo que não consigo distinguir as partes que estão realmente machucadas.

Assim que deixamos o salão, a equipe de segurança atingiu a pessoa que estava me arrastando; pude sentir a pressão diminuindo na corda que me amarra e o chão tremer enquanto ele caía. Lutei para fugir. Mas outra pessoa assumiu o lugar dele, me puxando com mais força ainda, até parecer que os meus braços estavam sendo arrancados das articulações. Fui arrastada de costas por um buraco pequeno que abriram na parede do Palácio. O agressor me torceu como um parafuso, me forçando a ficar numa posição antinatural: de costas, curvada para a frente, me movendo desconfortavelmente, meio correndo, meio rastejando.

Foi quando comecei a prestar atenção nas direções. Se houver qualquer oportunidade de escapar, qualquer chance de correr, tenho que ser capaz de me

lembrar como sair.

Corro – ou melhor, sou arrastada – através de um labirinto. Meus olhos dardejam, assimilando as paredes de pedra coberta de musgo, quase desmoronando, e os ganchos de metal de aparência muito antiga que deviam sustentar tochas antes de haver eletricidade. Fico aguardando, rezando para ver Zain ou Katrina ou qualquer outro agente de segurança parrudo surgir à minha frente, surpreendendo o meu agressor. Mas os sons da festa vão diminuindo (não consigo ouvir os gritos da multidão, abafados ou não). Talvez tenham todos ido embora ou desmaiado por causa do gás. Talvez haja outros sendo arrastados por túneis, como eu. Ou talvez tenham todos se esquecido de mim...

Eu tento me virar para trás, apesar da mão firme do meu captor me segurando, para tentar enxergar o rosto da pessoa que me sequestrou. Tudo que consigo ver é a malha preta e riscada do gorro que cobre o seu rosto. Mas é definitivamente um homem, a julgar pelo tamanho dos bíceps e pela pele áspera e cabeluda dos braços. Há algo de sinistramente familiar nele, mas não consigo compreender o quê.

Torcendo o pescoço, por pouco consigo ver duas outras figuras avançando pelos túneis como ratos, à nossa frente. Elas parecem conhecer bem os túneis do Palácio: não hesitam quando têm de virar à direita ou à esquerda. Em dado momento, parece que deixamos os subterrâneos do Palácio, porque os túneis assumem uma aparência mais sinistra. Posso jurar que vi, de relance, um crânio embutido na parede e o que eu penso que são tijolos acabo percebendo que são ossos. As catacumbas. Já ouvi falar delas. Jazem sob a cidade de Laville, uma geração inteira de mortos esquecida, sustentando os edifícios. Fundações fantasmagóricas.

Os túneis se alargam, de modo que o meu captor consegue ficar ereto. E é nessa hora que eles colocam uma venda em mim. O tecido áspero sobre os meus olhos bloqueia até o menor ponto de luz. Sem aviso, ele envolve a minha cintura com brutalidade. Eu instintivamente me enrolo, como um ouriço, comprimindo a barriga contra os antebraços dele. Uso as pernas para dar chutes, tentando fazer

algum tipo de contato, mas ele me ignora, me levanta do chão e me enfia sem cerimônia numa caixa ou engradado.

Eu descubro da pior forma possível quanto a caixa *é* pequena: dou um chute e o meu pé atinge madeira sólida. A força do chute empurra a minha cabeça para cima e ela bate contra a tampa da caixa. Meu desejo de ficar inconsciente quase é atendido.

É agora que o pânico realmente se instala. Eu nunca gostei muito de espaços apertados, mas isso é claustrofobia em último grau. Deitada de costas, a mordaça afunda mais na minha garganta, obstruindo a passagem do ar. A venda continua firmemente presa, mas como a minha cabeça está latejando de dor, estrelas explodem na frente das minhas pálpebras.

A caixa balança bruscamente, revirando meu estômago, e o zumbido nos meus ouvidos diminui o suficiente para que eu ouça água batendo contra uma superfície dura. Rocha, talvez. Pedra. Osso.

Estou num barco.

Para me distrair do medo que ameaça me engolfar, eu me forço a recordar o que sei sobre a geografia de Laville. Há o rio Calor, que serpenteia pelo centro da cidade. Mas ele não passa nem perto do Palácio, que eu saiba. Essa deve ser uma ramificação, um afluente. Um rio subterrâneo que não consta em nenhum mapa.

Lembrar que estou debaixo da terra me apavora ainda mais.

Eu não consigo respirar.

Eu não consigo enxergar.

Não sei se os meus captores me querem viva ou morta, mas se não me deixarem respirar sem aquele pano na minha boca, não terão muita opção.

Estranhamente, só um rosto me vem à mente, enquanto o meu coração acelera e a minha respiração se torna cada vez mais superficial.

Molly.

Sem uma irmã mais velha, quem vai orientá-la?

Meus olhos reviram nas órbitas.

Os solavancos diminuem até que eu esteja parada, sem ter me restado nenhuma energia nos músculos para lutar. Não consigo sorver ar suficiente para me mover.

Ouço um grunhido distante e sinto dedos ásperos na minha bochecha. Alguém tira a mordaça da minha boca e eu rolo de lado e tusso, até que os meus pulmões pareçam estar prestes a sair pela boca.

Mel de abelha e água quente de Lethe – para fortes acessos de tosse. Qual é a chance de eles terem uma poção a bordo? Um impulso estranho e tresloucado de gargalhar me acomete, mas ele evapora num outro acesso de tosse curta e seca.

Quando termino, abro a boca e começo a gritar.

Ninguém me impede.

E, se estão me deixando gritar, eles devem achar que ninguém pode me ouvir. Que estou sozinha.

Eles me deixam gritar até que a minha voz fique rouca. Esperam que eu perceba que gritar é inútil. E eu percebo, depois de um tempo.

– Reviste-a – ouço uma voz áspera de homem dizer.

Sou erguida até ficar sentada e sorvo o ar fresco, aliviada por não ter mais que suportar o cheiro de fumaça do motor do barco.

Minha bolsa é bruscamente arrancada de mim, pela cabeça, e alguém a esvazia no chão. Ouço meu celular caindo e rachando, meu convite para o baile adejando no ar, meu tubo de *gloss*, meus sapatos de salto alto. Tudo isso parece incrivelmente sem importância agora. Por último, eles abrem o zíper de dentro da bolsa e o meu estômago revira. Alguém sacode a bolsa e um último objeto cai no chão.

O barulho me deixa com lágrimas nos olhos. O ruído da capa de couro nas tábuas de madeira.

Meu diário de poções.

Você não devia ter trazido, Sam, sua idiota!, penso comigo mesma.

Eu choramingo quando outro barulho me deixa enjoada: algo sendo arremessado do barco. As minhas coisas. Ouço água espirrando.

– Por favor – digo, as lágrimas agora descendo pelas minhas bochechas. Eu penso no meu diário afundando no rio. O fecho de couro se abrindo, as páginas se separando como asas, a tinta borrando... até que ele se acomode no fundo, para nunca mais ser encontrado. O trabalho da minha vida vai ficar ali submerso. Vai repousar entre velhos ossos. – O que você quer de mim? – Detesto a súplica que transparece na minha voz.

Uma voz responde tão baixo que mal posso ouvir.

– Não, isso não – diz. – Passe para mim.

Alguém dá alguns passos na minha direção e o barco se inclina. Meus ombros ficam tensos.

Alguma coisa cai no meu colo. É a minha bolsa. Mas ela pesa como se tivesse alguma coisa dentro. Eu me atrapalho com o fecho, os meus dedos tremendo de medo e desespero.

Quando eles tocam o couro, não posso conter o alívio. O meu diário está aqui. E intacto.

– Alquimista nenhum devia ficar sem o seu diário, não acha? – diz a voz.

Estou tão aliviada que os meus olhos estão fechados quando a venda é arrancada de mim. Quando os abro, pisco furiosamente. Continua escuro e leva algum tempo até que eu enxergue alguma coisa. Mas, quando isso acontece, finalmente reconheço o meu captor. É o segurança que falou conosco antes. O que ajudou Zain e eu a retornarmos à festa.

Não compreendo. Por que ele iria querer me sequestrar?

Então os olhos do homem começam estranhamente a afundar no rosto. Meu primeiro instinto é me preocupar com ele, pois parece grave, mas, quando o resto do rosto vai pelo mesmo caminho, descendo pelo seu pescoço como cera derretida, não estou mais preocupada com ele. Estou morta de medo!

Porque a figura que surge por trás da cera é a pessoa que eu menos quero ver.

Emília Thoth.



CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

SAMANTHA

— Samantha Kemi. – Cada palavra se arrasta da sua boca como carvão em brasa; áspera e grossa.

Meu primeiro pensamento é quanto ela está *monstruosa*. Ainda que eu a tenha visto não faz muito tempo nas Selvas de Zambi, no final da Caçada Selvagem, parece que desde então ela envelheceu cinquenta anos. As veias escuras visíveis sob a pele parecem ainda mais negras, as suas unhas curvadas e afiadas como garras. O dourado lustroso do seu cabelo, que um dia lembrou o da Princesa Evelyn, transformou-se num branco sujo.

Poção da permutação.

Eu me contorço nas tábuas de madeira, com ânsia de vômito, quando percebo que *Zain e eu* é que devemos ter deixado Emília entrar no baile. Os outros seguranças tinham nos visto ir embora. Não questionariam se retornássemos escoltados por um segurança. Era Emília o tempo todo.

Eu sinto um arrepio.

O barco é daqueles que servem de casa, próprios de Laville. Embora a maioria deles seja pintada com cores vivas, na penumbra este parece bem acabado: a tinta está manchada e descascando, o verniz brilhante está fosco. Estamos a céu aberto agora, mas não consigo ver muita coisa que indique a nossa localização no escuro. Não há muitas luzes vindas das margens, então devemos estar longe da cidade.

– Você deve estar faminta. Sei que mal há comida nessas festas da Realeza. – Emília estala os dedos para alguém do lado de dentro, um barulho alto que me faz estremecer. Um homem sai da cabine, vem até mim a passos largos e me

puxa com brutalidade pelo braço, para fora da caixa. Quando fico em pé com relutância, cambaleante, ele me puxa para a frente. Com os braços ainda amarrados nas costas, os músculos dos meus ombros latejam de dor.

– Vamos lá, Ivan – diz Emília ao homem. Ela vem andando até a nossa frente, sua figura pequena engolida pelas roupas grandes de guarda de segurança. O homem segura a minha cabeça e a força para baixo, evitando que ela bata na moldura da porta. Ivan a fecha atrás de mim e me empurra para um banco baixo. Faço uma careta quando os meus quadris batem contra uma quina, pois não consigo me desviar a tempo. Ele se inclina para mim e, com alguns golpes de faca, corta as cordas que prendem as minhas mãos. Eu me mexo para me livrar delas, tentando fazer o sangue fluir outra vez e devolver a sensibilidade aos dedos. Marcas vermelhas e doloridas se formaram onde as cordas apertavam os meus pulsos.

Emília desaparece atrás de outra porta, então eu foco a minha atenção no segundo captor. Ivan é um homem grande e detestável, com uma careca pálida como leite e músculos que saltam da sua camiseta preta. É como se ele tivesse saído de uma revista de fisiculturismo. Obedecendo às instruções de Emília, ele está parado em frente a um fogão pequeno, servindo uma porção grande de um mingau pastoso e encaroçado numa tigela. Põe o prato na mesa e o faz deslizar até mim.

Eu fito a maçaroca, ainda segurando os pulsos machucados e, embora o meu estômago esteja rocando, não estou com fome. Dessa distância, consigo ver que a papa é feita de feijão amassado. Muitos tipos de feijão têm propriedades mágicas. Quem sabe o que Emília pode ter preparado para mim?

Feijões do Jack – conhecidos pelo gigantismo, encerram em si o poder do crescimento. Há uma variedade deles que, dizem, é capaz de causar envelhecimento instantâneo. Uma punição cruel às vezes usada na Idade Média.

– Coma. – Emília reaparece à porta. Sua voz está mais suave do que antes, a garganta recuperada da transfiguração extrema do seu corpo. Ela está trajando um longo vestido preto e um capuz como o de um monge, também preto.

Instintivamente, me espremo na parede atrás do banco, tentando abrir a maior distância possível entre nós.

– Continua com tanto medo assim, Samantha Kemi? – Ela se inclina para a frente, de modo que o seu rosto entre no círculo de luz da lamparina pendurada no teto. Fico chocada com a profundidade das rugas no seu rosto vincado. Talvez ela ande comendo feijão demais. – Não é veneno – garante. – É só comida. Comida simples e comum. Tenho certeza de que até você consegue ver isso.

Baixo os olhos para a tigela de feijão novamente. Eles de fato parecem normais. Mesmo assim não quero comê-los.

– Fique à vontade, mas vai ser o único alimento que terá por muito tempo. – A voz dela vai diminuindo de volume.

Meus olhos percorrem a cabine do barco, tentando achar alguma coisa, qualquer coisa, que me convença de que não acabei de cair numa armadilha e ser sequestrada por Emília Thoth.

Infelizmente, a presença dela é de certa forma uma boa prova.

– Por que você me sequestrou? Por que simplesmente não... me mata? – finalmente consigo dizer.

– Matar você? Caramba, Sam! Você não me entende mesmo. Não tenho desejo algum do seu sangue... A menos que seja útil para uma poção, é claro. – Ela dá uma risadinha, mas eu não acho engraçado. – Quero apenas um favor.

Estreito os olhos.

– Não pude deixar de notar que novamente temos o mesmo objetivo. Ambas queremos encontrar o diário de poções perdido da sua bisavó, certo? Não é por isso que você tem andado de jatinho para lá e para cá, pelo mundo afora?

Mordo a língua. Não vou me dar o trabalho de responder suas perguntas.

– Muito bem. – Emília tamborila as unhas na mesa, o que leva ao limite os meus nervos já afetados. – Minhas tentativas iniciais de encontrá-lo se provaram infrutíferas.

– Você está se referindo à tentativa de *envenenar* o meu avô? – rebato.

– Ah, então você descobriu, hein? Garota esperta! Uma pena, as lembranças

do seu avô estão incompletas e ele é um homem teimoso. Não gosta das minhas intrusões. Mas você tem o sangue dele. Talvez as lembranças dele revelem a você coisas que não consigo ver. Quanto antes acharmos o diário, mais cedo você salvará a vida do seu avô.

– Ou mais cedo você conseguirá o trono de Nova.

Ela ri e o som é de rodas sobre cascalhos.

– Você acha que eu sou o verdadeiro perigo? Olhe para mim. Não posso ser Rainha com essa aparência. Eu sou um peão. Bem, talvez esteja mais para um cavalo, no xadrez. Mas isso não muda o jogo. Preciso do diário, mas não é para mim.

Por um instante, eu me pergunto como deve ser estar tão deformada por poções a ponto de não poder mais viver em sociedade. Ela parece triste. Mas, espere um segundo: estou com *pena* de Emília Thoth? Ela não precisava ter escolhido esse caminho.

E, enquanto penso em outra peça que falta na sua história, toda a raiva retorna com potência total.

– Eu não acredito em você. Você quer a *Aqua Vitae* para conseguir para si mesma algum tipo de cura!

Ela balança a cabeça, negando.

– Você não entende, mas um dia vai entender.

Eu levanto a tigela de feijão e, num acesso de raiva, arremesso-a na cabeça dela. Emília desvia sem dificuldade, a tigela estilhaçando contra a parede mais distante, a pasta nojenta de feijão escorrendo pela superfície.

Num segundo, Ivan está em cima de mim, voltando a prender os meus braços e a amarrá-los com a corda. Eu me debato, me contorcendo no banco, mas ele é muito mais forte.

– A minha família não vai simplesmente se esquecer de mim. A Princesa vai mandar os guardas da Realeza me procurarem!

Os lábios secos e rachados de Emília se partem num sorriso e então ela se levanta lentamente da mesa, os quadris protestando a cada movimento. Mas eu

posso ver a força nos seus olhos.

– Espero que os meus patrões venham mesmo, porque aí você vai ver realmente o que está em jogo – diz ela, inclinando-se sobre a mesa para que o seu rosto apavorante fique bem perto do meu. – E a menos que você me ajude a conseguir o que eles querem, vou garantir que você não se lembre da sua família.



CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

www.TeoriasdasCaçadasSelvagens.com/
foruns/FAMILIAKEMI

[POSTS MAIS RECENTES]

FãComum3000 diz: NOTÍCIA DE ÚLTIMA HORA: EXPLOSÃO NO BAILE DE LAVILLE, uma morte, 26 gravemente feridos. SAMANTHA KEMI e um segurança desaparecidos. A minha pergunta é: onde está Samantha Kemi?!

154 respostas

Castillione diz: NÃO. Ela definitivamente *não* está no Runustão. Dá pra, por favor, parar de compartilhar essa mesma foto de quando ela esteve lá alguns dias atrás? Pistas falsas NÃO AJUDAM. Os últimos relatórios da polícia informam que ela continua em algum lugar de Pays (já que é lá que Zain está, é bem provável que ele esteja seguindo as pistas mais quentes). A polícia aconselhou a família dela a ficar em Kingstown, caso ela volte para lá. Vão fazer um apelo público pela segurança dela hoje às 6h da tarde.

NOTA DO MODERADOR Como este post está com muitas atualizações, por favor verifique se a sua pista não foi desmentida antes de postá-la. Qualquer pessoa que esteja postando pistas falsas ou

irrelevantes será banida do fórum permanentemente. A vida de uma garota está em jogo aqui.

Ushuanado diz: Eu sei que só se fala de Samantha Kemi neste momento, mas alguém ouviu a notícia de que uma van da ZA estacionou no Hospital Geral de Kingstown ontem, para supostamente levar um medicamento a Ostanes Kemi? Com certeza isso é IMPORTANTÍSSIMO.

www.TeoriasdasCaçadasSelvagens.com/
foruns/PRINCESAEVELYN

[POSTS MAIS RECENTES]

ArrasadorDeRealeza diz: Alguém considerou a possibilidade de que as explosões no Baile de Laville foram causadas pelo poder descontrolado da Princesa? Ela não é vista em público desde a explosão. Todos previmos que algo assim poderia acontecer. A sorte é que aconteceu em Pays e não em Nova, não é?! Já era mais do que esperado que nosso governo “implodisse” por causa disso. NÃO DEIXEM A PRINCESA VOLTAR PARA NOVA.



CAPÍTULO TRINTA E CINCO

SAMANTHA

Eles me deixam na cabine, sozinha. Uma partezinha de mim me diz que tenho sorte de não estar presa num caixa minúscula nos fundos do barco, amarrada, vendada e amordaçada. Mas o resto de mim está entorpecido, uma casca vazia. Eu quero me encolher e me esconder da realidade.

Acho que não me movi nem um centímetro quando voltam para me buscar. Sou tirada do barco e levada para a caçamba de uma picape. Avançamos rápido por uma estrada de cascalho deserta, embrenhando-nos mais e mais em território desconhecido.

Pelo menos eles não me fizeram sentar a uma distância em que pudesse esbarrar em Emília. Eu poderia ser obrigada a mordê-la. Tenho alguma coisa a perder?

Será que Emília vai me deixar rever a minha família um dia? Nem mesmo eu sou burra a ponto de acreditar que ela vai simplesmente me deixar ir embora, tenha poder ou não de alterar a minha memória.

Ela me quer por alguma razão, penso com os meus botões. Mas nem isso me reconforta. Porque, independente do que Emília quer de mim, eu não vou lhe dar a satisfação de conseguir.

Só aceite, Sam. Você está morta. E agora não consigo evitar que lágrimas surjam em meus olhos. Meus pensamentos retrocedem até uma hora antes do sequestro. Eu estava mesmo fitando a Árvore das Luzes com Zain, pensando em como este mundo é bonito e precioso?

Será que Stefan, o belo Príncipe, que parecia tão charmoso, embora um pouco predador... sabia o que estava reservado para mim?

Eu penso em Zain. Em como “um dia” pode nunca chegar e talvez nunca possamos ter um encontro de verdade. Eu penso no meu avô, inconsciente no hospital. Posso nem mesmo ter a chance de dizer adeus. Penso na minha família. Dei a eles mais uma coisa com que se preocupar, justamente quando parecia que a situação não podia ficar pior. Estraguei tudo.

É demais para o meu cérebro. A escuridão, combinada com o movimento constante da picape e a dor nos ossos, faz com que eu mergulhe num sono agitado.

Eu não tenho ideia de quanto tempo se passou quando acordo, só sei que finalmente paramos. O barulho forte das portas do carro batendo espanta meu sono e me deixa totalmente acordada. Eles estão vindo me buscar.

Ivan pula na caçamba da picape. Joga um cobertor sobre mim, me embrulhando como se eu fosse um bebê.

Há uma muralha de imensos pinheiros à nossa frente, o chão forrado com um tapete de agulhas marrons. Atrás de mim há uma campina montanhosa, salpicada aqui e ali por celeiros e casas de fazenda. Eu sei que vamos nos embrenhar nesse bosque escuro e agourento, pois uma estrada sinuosa parece desaparecer dentro dele. Eu me sinto prestes a entrar num reino de conto de fadas, mas não aqueles alegres, com finais felizes, mas aqueles assustadores, que terminam com os ossos de uma mocinha sendo esmagados por ogros.

Eu não reconheço de fotos, mas sei que devemos estar em Gergon. Não por causa do cenário: ele também poderia pertencer à vizinha Prússia ou até a certas partes do norte de Nova (bem que eu gostaria). Sei que estamos em Gergon porque estamos prestes a trocar a picape por uma carroça e um cavalo.

Aprendemos na aula de História que algumas regiões de Gergon são tão avessas à tecnologia que se recusam a usar qualquer coisa movida a eletricidade. Alguns alunos acharam a ideia interessante, mas secretamente não podiam nem imaginar como seria a vida sem ela. E agora, aqui estou eu.

Sou deixada na traseira da carroça, onde eu me sento num fardo de feno. Ivan

me acorrenta à carroça, como se eu estivesse pensando em correr para o bosque.

Emília vai na frente, numa carruagem preta, puxada por um par de cavalos negros.

Os cavalos que puxam a nossa carroça são menos elegantes; estão mais para cavalos de fazenda, talhados para esse trabalho. Eu prefiro esses. Não parece que, a qualquer momento, vão disparar num galope enquanto estou acorrentada à traseira.

Ivan sobe na frente da carroça com dificuldade e pega as rédeas dos cavalos. Olha para trás, na direção da picape, com um olhar saudoso no rosto. Quer dizer então que nem todos em Gergon estão felizes com a falta de veículos motorizados?

As minhas correntes estão soltas o suficiente para que eu possa apoiar as costas no fardo de feno, e os meus olhos ameaçam se fechar. Eu me belisco para ficar acordada. Fingir que é tudo um sonho não vai ajudar.

Contemplo o labirinto de árvores. Há algo estranho ali, e preciso observar por alguns segundos antes de entender o que está me incomodando. Uma área com árvores tão grandes como essas só pode fazer parte das Selvas – refúgio de criaturas mágicas. Se eu me deparasse com esse bosque em qualquer outro lugar, temeria que lobos-gigantes me perseguissem por entre os troncos das árvores ou ficaria com medo de topar com ursos-pardos ferozes nas clareiras. Mas esse bosque parece arrumadinho demais. As árvores estão dispostas em fileiras perfeitas, as trilhas foram abertas no bosque de uma forma que deixa clara a interferência humana. Não, não interferência *humana*. Interferência de Talentosos. Isso, mais do que um bosque, é um jardim, como o do Palácio em Laville. Só que certos aspectos do gosto gergoniano tendem para o sinistro e obscuro, mais do que para o limpo e imaculado. Por isso eles criaram um bosque sombrio assustadoramente perfeito.

Eu perco a noção de tempo, ouvindo o ritmo monótono dos solavancos da carroça e o barulho uniforme dos cascos dos animais no chão de cascalho. Apesar da pouca luminosidade da floresta, o céu sobre nós está perfeitamente

azul e contrasta com o que estou sentindo no momento. Nuvens tempestuosas, raios e trovões combinariam mais. Pelo menos, a chuva poderia aliviar a dor nos meus pulsos. Eles continuam ardendo como o diabo.

Preciso de um unguento para curar meus machucados, algo para queimaduras graves causadas pelo atrito com cordas.

Suco de figo-do-diabo misturado a lágrimas de sereia – perfeito para curar queimaduras.

Fitar o céu me faz lembrar Anita. Eu e ela costumávamos ficar horas deitadas na grama no High Park, tentando escolher o nome perfeito para as cores do céu sobre nós. Azul não parecia suficiente. A cada estação ele parecia mudar, do azul pálido e granulado do inverno, para o índigo escuro e cheio de nuvens da primavera, e dali para o lápis-lazúli de um fulgor intenso do verão e o azul-celeste nebuloso do outono. Anita sempre preferiu os azuis mais vivos, e para o seu aniversário de 16 anos eu passei o inverno inteiro no laboratório tentando aperfeiçoar uma poção que brilharia tão intensamente quanto o céu num dia quente de verão. Valeu a pena pelo olhar de deleite no seu rosto quando ela viu o pequeno frasco com um líquido azul, que eu tinha prendido a uma corrente dourada. Então, mesmo no dia mais cinzento, ela teria algo para fazê-la sorrir.

Eu me reclino na carroça assim que as copas das árvores desaparecem de vista. As árvores do bosque vão se espaçando e, através dos campos, tenho o meu primeiro vislumbre do lugar para onde estamos indo.

A visão me deixa sem fôlego.

É um castelo construído na encosta de um imenso despenhadeiro, pendendo para o lado como uma craca num navio. Conto pelo menos três torres arredondadas, com telhados em cone de um tom laranja queimado que já desbotou. São a única parte do castelo que não é feita de pedra caiada. Ela contrasta com o cinza sujo da montanha, uma mancha branca no despenhadeiro. Parece o tipo de lugar que seria guardado por um dragão.

Não estou errada sobre essa última parte. Enquanto atravessamos os portões que levam ao castelo, reparo numa placa meio partida com a insígnia de um

dragão usando uma coroa. O símbolo da Família Real de Gergon.

Eu puxo as pernas na direção do peito. Então é neste lugar que Emília ficou escondida o tempo todo? Quem lhe terá dado acesso ao castelo? *Eu sou um peão. Bem, talvez esteja mais para um cavalo, no xadrez.* Foi isso que Emília disse. Se é isso mesmo, então o Rei e a Rainha de Gergon estão por trás de tudo? Queria ter prestado mais atenção às minhas aulas de História Geral. Assim talvez eu soubesse.

Eu não conheço os fatos, mas conheço algumas lendas. Muitas histórias famosas partiram dos rincões mais sombrios de Gergon e se espalharam pelo mundo. Algumas delas são belíssimas – contos de princesas que moravam em castelos primorosos, sendo resgatadas por lindos príncipes que matavam dragões em sua honra. Quando criança, meu conto favorito de Gergon era o de duas crianças que transformavam tudo o que tocavam em açúcar. Elas moravam numa casa de bombons e barras de chocolates.

Eu tinha até um livro contando essa história, com as ilustrações mais incríveis. O conto também tinha outra vantagem: ele me ensinou a ser gentil, a dividir os brinquedos com as outras crianças, a compartilhar... e a não comer doces demais.

Bem, pelo menos *essa* versão do conto me ensinou tudo isso. Na biblioteca pública perto de casa, porém, encontrei certa vez uma coleção de contos de fada de Gergon. Nela havia a história dos doces como foi originalmente escrita e, nessa versão, os dois irmãos não queriam dividir os doces e começavam a brigar. No final, a irmã transformava o irmão numa bala de leite e o comia. Puxa, que final mais feliz.

A lembrança me faz voltar os olhos para o castelo outra vez. Eu me pergunto se um destino horrível me espera lá dentro e se eu vou me tornar personagem de uma dessas histórias. Quem sabe a aprendiz de alquimista que se tornou ingrediente de uma nova poção...? Os dedos das mãos e dos pés triturados em nome da alquimia...

Calafrios percorrem meus braços, ainda que o ar esteja quente. Minha mente

não está colaborando.

Espio através das ripas de madeira que cercam toda a carroça. Estamos numa aldeiazinha na base do despenhadeiro, mas não consigo ver ninguém. Parece uma daquelas maquetes que vi em parques temáticos, representando o dia a dia nas aldeias de centenas de anos atrás. Vejo indícios de seres humanos: um carrinho de mão pequeno cheio de maçãs até a borda; o miado de um gato do lado de fora de uma porta fechada, desesperado para que o deixem entrar; o correr de uma cortina. Então há pessoas aqui.

Viro o pescoço para olhar pelas janelas. Está escurecendo, mas não há luzes acesas, nem mesmo o bruxulear de uma vela, e também não há estática à vista que denuncie uma televisão. *O que essas pessoas fazem para se divertir?*, eu me pergunto.

Não há fios telefônicos, nem telefones públicos nem sinal de celular. A menos que sejam sofisticados a ponto de ter toda essa tecnologia embaixo da terra (o que eu duvido muito), isso quer dizer que não tenho meios de enviar uma mensagem nem mesmo se conseguir fugir. Como vou pedir ajuda? Pombo-correio?!

Volto meu olhar para o castelo que assoma à nossa frente. É difícil ver onde ele termina e onde começa a montanha, como se os torreões, os telhados cônicos e as torretas brotassem da própria montanha. Eu me pergunto quem o construiu, quem teve a ousadia de tentar esculpir um lar num penhasco.

Um pensamento horrível cruza a minha mente. Uma vez dentro desse lugar, vai ser ainda mais difícil escapar. Luto contra as minhas correntes, até que os meus punhos e tornozelos começam a doer. Mas elas não cedem.

Eu me deixo cair sobre o feno outra vez. Enquanto atravessamos o portão principal, observo seus espigões passarem sobre a minha cabeça; e, quando o portão baixa novamente, não destroçando a traseira da carroça por poucos centímetros, a minha última esperança cai por terra junto com ele.



CAPÍTULO TRINTA E SEIS

SAMANTHA

—Agora vamos lá, deixe de preguiça.

Eu não poderia odiar Emília mais do que a odeio agora. Quando soltam as correntes, as minhas pernas se recusam a se mover, meu tornozelo esquerdo queima como se agulhas e alfinetes o atravessassem. Eu manco até o interior do castelo.

Meu primeiro impulso é olhar para cima. Pode ser que um dia tenha sido um saguão impressionante, mas a maior parte da decoração foi tirada das paredes ou talvez roubada. Bem acima da minha cabeça, posso ver um quadro cuja moldura de ouro foi arrancada, o rosto duro de um ancião vestindo uma longa capa ainda visível na tela. Ele *não* parece feliz por ter sido vandalizado. O único sinal de opulência que resta no saguão é um lustre dourado, alto demais para se alcançar sem uma longa escada. Quem costumava viver aqui devia usar longas varas para acendê-lo. Enroscando-se nas correntes do lustre até o teto, há duas serpentes douradas, seus olhos são duas pedras preciosas de um tom vermelho-vivo.

Eu franzo a testa. As cobras entrelaçadas são um antigo símbolo alquímico, representando a oposição entre as forças que a alquimia tenta equilibrar: a vida e a morte, a doença e a saúde, os comuns e os Talentosos. Esse símbolo também nos adverte sobre a natureza do nosso trabalho: as poções que preparamos podem tanto ajudar quanto prejudicar.

Essa versão do símbolo me dá calafrios, os olhos das cobras reluzindo enquanto passamos embaixo delas. Não é de se estranhar que Emília tenha escolhido este lugar para ser seu covil. Sua aparência sinistra combina com ela perfeitamente.

– Leve-a para o andar de cima, Ivan. Ela pode descansar enquanto arrumo tudo.

– Eu não vou dar NADA a você! – tento gritar a palavra “nada”, mas ela só sai um pouco rouca.

– Ah, e dê um pouco de água à garota. Preciso que ela consiga falar.

Ivan empurra o meu ombro bruscamente na direção da escada. Felizmente, ele me conduz para *cima*, e não para baixo. Pelo menos, não vou ser jogada num calabouço horrível.

Subimos cinco lances de escada, antes que ele me cutuque para que eu siga por um corredor com várias portas fechadas. Ele abre a terceira porta, então gesticula para que eu entre.

Eu obedeço, cansada demais para me opor. Há uma pia num canto, e ele enche um cântaro de barro que está ao lado dela. Põe o cântaro nas minhas mãos e faz sinal para que eu beba.

– Você nunca diz nada? – pergunto a ele.

Ivan faz menção de forçar a água pela minha garganta.

– Ok, ok, vou beber! – De fato, a sensação de não estar mais sedenta é muito boa. Assim que termino, ele pega o cântaro e o leva com ele. Droga. Lá se vai o meu plano de bater na cabeça dele com a coisa.

Ouço a porta ser trancada. Agora que estou sozinha no meu “novo quarto”, examino se existe alguma rota de fuga, armas, ingredientes, qualquer coisa que eu possa usar para sair daqui ou me comunicar com o mundo lá fora. Mas do lado de fora da janelinha só há um declive extremamente íngreme até o chão, passando por várias formações rochosas pontiagudas que causariam um belo estrago em quem caísse dali. Além disso, a janela é pequena demais para eu passar, mesmo se conseguisse algum tipo de corda. É bem desanimador.

O quarto é pequeno (se eu estender os braços, consigo tocar os dois lados) e só contém uma caminha de solteiro e a pia. Ele me lembra as fotos que Arjun mandava para Anita do seu dormitório na universidade. Talvez este castelo já

tenha sido uma espécie de universidade. Ou um mosteiro; ele é tão destituído de móveis e adornos!

Não há uma única tomada em nenhuma das paredes, nem nada em que conectar um aparelho, ainda que eu estivesse com o meu celular. Eu sei que não devia estar tão surpresa, pois até agora não vi nenhum traço de eletricidade, mas cada vez que me dou conta de que não há nem *eletricidade* neste lugar, isso me assusta. Eu sei que é triste, mas o meu celular é a minha vida.

Mas podia ser pior. Pelo menos tenho uma cama e lençóis confortáveis, uma pia em que me lavar, água para beber... e quem sabe, rezo, um banheiro de verdade, para que eu não precise usar um pinico. Sobre a cama estão uma calça de algodão lisa e uma camiseta para eu me trocar, o que é bom, porque ainda estou usando o meu vestido de baile, nada prático para o caso de eu precisar fugir.

Depois de me trocar, abraço a minha bolsa como a um colete salva-vidas. A cama range quando me sento nela e dali sobe uma nuvem de poeira, como se não fosse usada há anos. Cuidadosamente, coloco a bolsa sobre a cama e retiro o seu único conteúdo: meu diário de poções. Mal posso acreditar que eles me deixaram ficar com ele.

– O que Kirsty faria? – digo em voz alta para quebrar o silêncio.

Ela manteria os olhos abertos o tempo todo, penso. *Ela se lembraria de tudo, para o caso de ser útil*. Tento relembrar toda a minha jornada até aqui. Havia pilhas de vidro quebrado do lado de fora do castelo, uma fogueira de entulho que ainda soltava fumaça. Poderia se pensar que estão trabalhando numa obra. Então veio o par de serpentes misterioso que vi na entrada. Se eu conseguir descobrir onde estou, posso ter uma pista de como sair daqui. Ou, se eu tiver a chance de mandar uma mensagem, alguém poderá me encontrar.

Em seguida, examino a minha bolsa. Posso usar as alças de alguma maneira? Elas não são muito longas. Jogar o meu diário na cabeça de alguém? É bem pesado, mas provavelmente não causaria nenhum estrago mais sério, a não ser deixar a pessoa zangada.

Talvez eu tenha um grampo perdido que eu possa usar para abrir uma fechadura...

As chances são pequenas, mas reviro a bolsa de qualquer maneira. Descubro que o bolso da frente está vazio a não ser por fibras de algodão. A divisão do meio também está, e tem apenas um buraco no forro.

Eu nem imagino para que fibras de algodão poderiam servir, mas aposto que Kirsty teria algumas ideias.

Então os meus dedos encontram uma outra coisa. No começo acho que estou imaginando, que são só os meus sentidos, como um choque provocado pela estática. Mas não, tem algo entre os meus dedos. Parece que estou segurando uma bolinha de gude feita de ar, sólida mas delicada.

Tiro o objeto da bolsa, segurando a respiração. Ele fulgura na palma da minha mão, seu brilho ofuscando os meus olhos. É a luz que a fadinha me deu, o presente perfeito de que eu já tinha me esquecido. Finalmente tenho tempo para examiná-la com mais atenção. É uma luz suave, mais ou menos do tamanho de um dente, que brilha suavemente na minha palma. Quando fecho as mãos em torno dela, a luz brilha ainda mais forte. Quando abro as mãos, ela volta a emitir uma luz suave.

Esse é o primeiro fio de esperança que tenho desde a festa. Fecho a bola de luz no meu punho. É pequena o suficiente para que eu possa usá-la em volta do pescoço, presa a um dos longos fios que posso arrancar do meu vestido de baile. Talvez eles não notem se eu esconder a luz embaixo da camiseta.

Agora que já esgotei todas as possibilidades de fuga, eu me deito na cama, esforçando-me para dormir. Preciso admitir: estou muito assustada agora. Minhas pálpebras parecem ser mantidas abertas por pequenas agulhas e, não importa quanto eu queira fechá-las e me entregar ao sono, não consigo.

Isso não parece nem um pouco com o medo que senti durante a Caçada Selvagem. Não é a descarga de adrenalina, e sim a tristeza que me mantém acordada.

Eu sei que agora provavelmente estão organizando uma busca lá fora, para me

encontrar. Meus pais devem estar me procurando. E Zain? Evelyn? A menos que tenham sido levados também, para outros lugares. Mas por quê? Sou eu que Emília quer. Eu me pergunto se Evelyn teria algum tipo de supersistema de rastreamento que possam usar para me encontrar. E se acharem que eu já estou morta? Será que vovô conseguiu o seu remédio ou eles se distraíram comigo e não estão prestando atenção nele?

Meus pensamentos ficam saltando de uma coisa para outra. Mas antes que eu consiga pensar em mais alguma coisa, alguém escancara a porta.

– Vem comigo – diz Ivan, num novaneano truncado.



CAPÍTULO TRINTA E SETE

SAMANTHA

Eu não gostaria de descobrir o que Emília quer de mim. Mas nunca vou escapar deste castelo se não sair da minha cela minúscula.

Sigo Ivan pelo corredor, indo para o lado oposto de onde viemos. Para o meu alívio, ele não coloca uma venda nos meus olhos. Passamos por um janelão e eu olho para fora, tentando reconhecer os arredores. Devemos estar numa das torres arredondadas, porque a parede é curva. A vasta floresta por onde viemos se estende até onde o olho pode ver, interrompida aqui e ali por pequenos rolos de fumaça que sobem de casas ocultas pela vegetação. Além da aldeiazinha na base do castelo, não há qualquer outra aldeia ou cidade à vista.

Ivan solta um grunhido que significa que estou indo muito devagar.

– Para onde estamos indo? – pergunto, sem esperar resposta, mas cansada de não ouvir som algum. Até a minha própria voz é melhor do que silêncio. – Quem é você, afinal? Você é tipo o cachorrinho de estimação da Emília ou algo assim?

Ele grunhe de novo e eu solto um suspiro. Ivan me conduz por uma escada em espiral estreita, que parece descer em círculos para sempre. Cada vez que passamos por um andar, espicho o pescoço para ver o máximo do castelo possível.

Estamos passando pelo quinto andar quando me dou conta de que há algo muito estranho neste castelo. Eu o estava comparando aos Palácios de Nova e de Laville, e agora me dou conta do que é tão estranho: aqui há portas em todo lugar. Se este castelo pertencesse à Família Real de Gergon, não precisariam de tantas portas: eu já vi Evelyn atravessar paredes com um mero piscar de olhos. Até os nobres menos poderosos tentaram replicar a moda, escondendo as portas

atrás de quadros enormes ou tapeçarias. Qualquer coisa para dar a impressão de extremo poder mágico. Mas aqui, não há fingimento nenhum.

Finalmente saímos da escadaria dois andares abaixo do nível do solo. Estamos nos subterrâneos do castelo.

Estanco, surpresa. Na verdade, não estamos mais no castelo. Estamos numa caverna tão grande que o resto do castelo caberia dentro dela.

Estalactites gotejam do teto, tão afiadas que a caverna parece o interior da boca de um monstro. Eu me abraço, tentando conter os calafrios. Meus olhos escrutinam o ambiente, o coração acelerando toda vez que penso ter visto um rosto ameaçador nos recessos escuros da caverna. *É só a sua imaginação*, digo a mim mesma, enquanto me encolho para evitar o que parece ser um morcego gigantesco pendurado no teto. É só uma estalactite *com um formato esquisito*.

Mas não é a minha imaginação a cratera imensa no centro da caverna, onde vejo um redemoinho.

Ivan puxa o meu braço e eu tropeço. Minhas pernas não querem se mover, não há para onde ir a não ser a queda brusca até a água. E quem sabe que pedras afiadas estão ali ocultas, abaixo da superfície? É assim que eu vou morrer?

Minha mente não me ajuda em nada.

Quando chegamos mais perto da cratera, vejo uma passarela estreita que leva ao outro lado. Não é dessa vez que vou morrer. Enquanto a percorremos lentamente, olho para baixo, na direção do abismo sob os meus pés. A minha cabeça gira com a vertigem e eu cravo os olhos na passarela outra vez. Não costumo ter medo de altura, mas o risco dessa queda está me deixando apavorada. Fico grata por ter pés grandes, pelo menos eles me deixam mais estável.

Felizmente, ao chegar do outro lado, a passagem se alarga outra vez. A caverna se divide em diversas câmaras menores e o teto se inclina até atingir uma altura normal.

O homem me conduz para uma das câmaras. Titubeio ao ver quem está me esperando ali. Emília está de costas para nós. Até *de costas* ela irradia maldade,

as escápulas pontudas como foices, visíveis através do tecido fino do vestido.

À sua frente está um quadro-negro e, atrás, fileiras de carteiras. Uma sala de aula numa caverna? As coisas estão ficando cada vez mais bizarras.

Emília fita o quadro, as mãos nos quadris. Parece até que está analisando um problema matemático que não sabe solucionar. Mas não há nada escrito no quadro.

– Sam, sente-se.

Ela gesticula para uma das carteiras. Eu não quero, mas Ivan me empurra para a frente. Acabo cedendo, me desviando para não esbarrar na quina de uma carteira. Ele fala algumas palavras para ninguém em especial, enquanto aponta um dedo para mim. As correntes saltam ao redor dos meus pulsos, me prendendo à carteira. Eu faço uma careta.

– Estas são as cavernas de Vul. Você as conhece? – Emília gira nos calcanhares.

Nego com a cabeça antes de poder evitar, então praguejo baixinho por ter respondido. Lá se vai a ideia de não contar nada a ela.

Ela faz um som de desaprovação e ele ecoa pelas paredes da caverna.

– Por acaso ensinam alguma coisa nas escolas hoje em dia? Achei que uma Kemi já teria ouvido falar da Escola Visir de Alquimia.

– Mas ela está em ruínas! Não existe mais! – deixo escapar.

– Não mesmo? Olhe em volta, Sam. Eu diria que ela existe. Pense em quantas poções incríveis foram descobertas aqui. É de fato um verdadeiro prodígio.

A Escola Visir? Então estamos mesmo em Gergon. E a escola não é só famosa, é *lendária*.

– Não é o que parece... – Já vi fotos da Escola Visir. Ela parecia uma escola normal, no centro da capital de Gergon, Byrne. É onde eu esperava que o Príncipe Stefan me levasse. Não aqui.

Emília solta um risinho.

– As fotos que você viu são uma farsa. É melhor manter o anonimato.

Eu franzo o cenho. A Escola Visir pode ter sido lendária um dia, mas agora

não tem mais importância nenhuma. Ela está morta e enterrada assim como a Idade Média, junto com as velas de sebo, as cotas de malhas e os pombos-correios. A escola fechou as portas oficialmente há mais de um século, mas já estava sofrendo uma morte lenta muito antes disso. Claro, pode um dia ter sido o lugar certo para um alquimista estudar, mas isso há o quê? Duzentos, trezentos anos?

De súbito as peças do quebra-cabeça começam a se encaixar. Todas aquelas portas conduziam a salas de aula. As pilhas de vidro quebrado lá fora, velhas provetas, frascos e tubos de ensaio que não são mais necessários. As serpentes gêmeas, um símbolo da alquimia. *Agora* eu reconheço.

A Escola Visir pode ter fechado as portas oficialmente, mas há pelo menos uma pessoa que ainda faz uso dos seus vastos recursos.

Emília me encara com uma insistência que revira o meu estômago.

– Trouxe você aqui por uma razão. Só existe um quadro-negro como este no mundo inteiro, e ele foi desenvolvido bem aqui, na Escola Visir. Dizem que tudo que é inovação agora é feito em laboratórios sintéticos. Eles se esquecem do que é uma verdadeira obra de arte. – Ela passa a mão sobre o quadro.

Verdadeira obra de arte? Para mim, parece um velho quadro-negro normal, sem nada de interessante. Claro, foi pintado há pouco tempo: o preto é tão escuro que os meus olhos parecem não conseguir focar direito. Mas, nesse instante, algo se move nas profundezas negras do quadro e eu involuntariamente salto para trás na carteira. Talvez ele tenha algo mais, afinal.

– Por que estou aqui? – Não consigo cruzar os braços por causa das correntes, então eu os deixo pendurados dos lados do corpo, os punhos cerrados.

– Preciso da sua ajuda. *Nova* precisa da sua ajuda.

Eu levanto as sobrancelhas.

– Agora vai me dizer que você está ajudando Nova? Acho que não.

– Se formos rápidas, sim. Mas precisamos correr antes que... – Ela balança a cabeça. – Se eu disser o nome dele, vou conjurá-lo.

Eu riria se não estivesse tão aterrorizada.

– Como se eu fosse acreditar em você. Nunca vou te ajudar.

– Nem se isso trouxer o seu avô de volta?

Eu me mexo na cadeira e o meu estômago revira.

– É por isso que você quer que eu seja rápida. Porque ele está morrendo.

Emília corre até a minha carteira e fica tão perto de mim que posso sentir o odor nauseabundo do seu hálito. Eu me encolho, mas não consigo evitá-lo.

– Você deveria se considerar uma menina de sorte por ter sido *eu* a encontrar o seu avô primeiro e não um dos outros.

– Ele está no hospital por sua causa. – Eu estreito os olhos e me obrigo a não tremer na frente dela. – Você o atacou, arrancou as lembranças dele e agora diz que eu devia te agradecer? Você é louca!

– Estamos perdendo tempo – ela insiste. – E o que acha de eu só te mostrar o que quero de você e você decide por si mesma?

Ela anda até um armário alto, no canto mais distante da sala. O armário se destaca contra as paredes cinzentas da caverna. É de um mogno valioso, polido, incrustado com marfim num padrão intrincado. Outra indicação de como a escola já foi luxuosa. Quando Emília abre as portas, vejo várias fileiras de tubos de ensaio num suporte embutido. Alguns têm tampas vermelhas; outros, brancas. Ela escolhe um dos frascos de tampa branca, cheio de um líquido escuro, tão preto quanto o quadro-negro. Mas também percebo outras cores oscilando lá dentro, como gasolina sob a luz.

Ela faz três movimentos circulares com o frasco e a minha garganta se fecha de tanto medo, tornando a respiração difícil. Depois desenrosca a tampa, se aproxima da lateral do quadro-negro e vira o tubo de ensaio bem em cima dele.

O líquido é grosso e viscoso como mel, e pinga na superfície com uma lentidão agonizante. Enquanto percorre o seu caminho até a base do quadro, o líquido vai se espalhando e cobrindo cada centímetro.

Minhas mãos tremem quando uma imagem se forma no líquido e eu a reconheço. Ela oscila como um filme antigo.

Emília segura o quadro-negro e o arrasta sobre as rodinhas até eu estar de cara

com ele. Ela pega a minha mão e me força a estendê-la para tocar a imagem. E eu me sinto sugada para dentro do quadro.



CAPÍTULO TRINTA E OITO

SAMANTHA

No mesmo instante sei onde estou: de volta à Loja de Poções Kemi. Por um segundo, eu me pergunto se fui transportada de volta para casa através do quadro-negro, mas tudo parece errado ali. O mundo está com as extremidades borradas: se eu olhar com atenção, os detalhes começam a me escapar e desaparecer. O balcão está diferente: a nossa máquina registradora não está no lugar. Ou melhor, foi substituída por um modelo antiquado com adornos de metal e uma manivela. Eu acho que já a vi no porão da loja, acumulando poeira.

A visão muda completamente e passa da loja para o laboratório. Estou desorientada, confusa e assustada. O que está acontecendo? Eu me sinto como se estivesse num dos *video games* de Arjun; quase espero que ao estender o braço eu veja uma arma no lugar dele. Tento mexer o corpo, mas não consigo. Estou limitada a um único ponto de vista. Eu me pergunto de quem serão os olhos através dos quais estou enxergando.

Parada à minha frente, debruçada sobre o balcão, está a minha bisavó. Pelo menos, acho que é ela – só a vi em fotografias.

– Cleo? – tento perguntar. Mas som nenhum sai da minha boca.

O ponto de vista muda e me vejo num espelho. Agora posso ver o meu "hospedeiro". É um garoto mais ou menos da minha idade. O cabelo preto e grosso está todo bagunçado no topo da cabeça e ele tem olheiras, como se não dormisse há dias.

– Não adianta! – lamenta-se a mulher que reconheci como Cleo, fazendo um gesto com os braços e derrubando de cima do balcão a poção que preparava. –

Não consigo fazer.

– Por favor, Mestra – diz o garoto. – A senhora precisa. Se não houver nenhum mestre na Loja de Poções Kemi, então teremos que fechar. Não podemos deixar isso acontecer.

– Este modo de vida está condenado. Você acompanha os noticiários. Os sintéticos modernos vão acabar caindo nas graças de todo mundo.

O menino fecha os olhos, mas posso sentir sua raiva e seu medo. A combinação de sentimentos o faz tremer.

– Isso não pode acontecer – ele balbucia. Seus olhos estão abertos outra vez. – Não vai acontecer! Por favor, Mestra, só temos que vencer mais um obstáculo, então podemos ir até o Conselho e solicitar a minha licença de alquimista.

– O Conselho? Quem são eles? – Os olhos da mulher perdem o foco. – Por que você me chama de Mestra? Eu sou sua mãe.

– Mãe, mamãe. – O garoto pega a mão da mulher e a afaga. Há tanta ternura nesse toque, mas também há desespero. – Você se lembra do Conselho de Alquimia. Aqueles que administram a nossa profissão... Você foi a presidente no ano passado, lembra?

A mulher franze a testa, então nega com a cabeça.

– Vou fazer um chá – diz ela, levantando-se do banco e desaparecendo dentro da cozinha. Os olhos do garoto se fecham por mais um instante.

Essa não pode ser Cleo, acho eu, apesar da sensação de apreensão que se instalou no meu estômago. A mulher sobre a qual o meu avô me contou tinha uma inteligência feroz, quase fria. Sempre exigia o máximo desempenho do filho, sempre insistia para que ele a chamasse de Mestra quando estavam no laboratório.

Eu mandei você sair?, ruge uma voz vibrante dentro de mim. Fico desorientada: essa voz veio da minha mente? Da ilusão em que Emília me prendeu? Eu ainda estou vendo através dos olhos do menino e ele não mostrou nenhuma reação.

Então sinto um tranco na minha mente e por um instante a minha visão fica

duplicada. Vejo tanto o interior do laboratório de poções quanto a sala de aula em que estou sentada com Emília. Luto para me livrar da visão estranha e ficar completamente na sala de aula, mas Emília me empurra de volta para o laboratório. Estou presa num bizarro cabo de guerra.

Saia, SAIA, SAIA! A voz grita outra vez.

– Estou tentando! – grito.

Então o tom de voz muda. *Espere aí, quem é você? É mais um dos capangas daquela mulher? Eu não vou falar com NENHUM DE VOCÊS. SAIA DAS MINHAS LEMBRANÇAS.*

Eu reconheço a voz. Sei que reconheço.

– Vovô? – digo, hesitante.

Samantha?

– VOVÔ! – a minha mente exclama. Não posso acreditar. Agora compreendo. Estou dentro das lembranças do meu avô. O menino na visão ajoelha no chão para limpar a poção derramada. No líquido preto, posso ver o reflexo do seu rosto. É a concentração em pessoa. Este é o meu avô... menino? Tem alguma coisa dele no maxilar, nas linhas de determinação na testa franzida... poderia ser ele, sim. Ele parece tão mais maduro do que os meninos da sua idade! Então reparo. A pequena cicatriz na sobrancelha de quando pegou sarampo na infância. Antes de Cleo desenvolver uma poção que o deixasse imune... ele e o resto do mundo. É ele.

– Vovô, sou eu. Olá? Você está aí? – Entro em pânico. Não quero perdê-lo, nem mesmo a sua voz.

A visão da lembrança continua. Depois que o jovem Ostanes limpou a poção, ele pega uma folha de papel no balcão onde Cleo estava. É uma carta de recomendação de um mestre alquimista, dizendo que o seu aprendiz está pronto para ser um praticante de alquimia. É uma carta que também espero receber um dia. Mas, conforme leio, percebo que a carta recomenda que o aprendiz se torne não somente um alquimista praticante, mas um *mestre* alquimista. O aprendiz em questão? Ostanes Kemi. E a Mestra? Cleo. Mas não está assinada.

O garoto baixa a carta, então tira um frasquinho do bolso. Ele parece hesitar, antes de reunir coragem e beber a poção. Espera alguns instantes, então pega uma caneta e assina a carta: *Grande Mestra Cleo Kemi.* Agora sei para que serve a poção. É para mascarar a assinatura falsa, de modo que ela passe em qualquer teste de fraude. É uma poção inteligente e complicada. Ainda que esteja fraudando a carta, evidentemente ele está pronto para ser um mestre alquimista.

Eu sempre soube da lenda que cerca o meu avô: que ele se tornou o mais jovem mestre de poções em Nova, um dos únicos aprendizes que não precisou enfrentar os longos anos de experiência e testes necessários para passar de praticante alquimista a mestre. Mas se o que essa lembrança está me mostrando é verdade, isso quer dizer que ele mentiu para alcançar essa posição.

Tudo para manter a loja aberta.

Sam, é você mesmo?

– Vovô?

Mas por que você está aqui? Ela está com você? Não me diga que você está trabalhando com ela.

Meus olhos se enchem de lágrimas. Eu não ouço a voz dele há tanto tempo, especialmente falando algo coerente. A parte sensata do meu cérebro me diz para ser cautelosa, caso isso se revele um dos truques de Emília. Mas o restante do meu cérebro e do meu coração quer acreditar que isso seja real.

– É você mesmo? Eu... eu não estou trabalhando com ninguém. Estou aqui contra a minha vontade.

Ela está com você? Só sinto uma de vocês aqui dentro.

A voz é frenética e posso ouvi-la ecoando por toda a minha mente.

– Não, sou só eu, acho. Mas Emília está assistindo. Ela está do outro lado. – Eu não sei de que outra maneira descrever.

Ah, ainda bem. Não temos muito tempo. Sam, você está dentro das minhas lembranças. As que foram tiradas de mim.

– Então isso é real?

Shh, não fale. Só escute. Estou aqui porque, quando Emília retirou as minhas

lembranças, consegui transferir a maior parte da minha consciência para elas. Estive protegendo essas lembranças. Não sei o que aconteceu com o resto de mim.

– Estão cuidando de você, mas está doente. Está no hospital. Ninguém sabe o que aconteceu. Fecharam a loja – digo a ele.

Não!

– Estou tentando achar o diário de Cleo para poder salvar você. Para poder te trazer de volta.

Não! Não deve fazer isso. Deixe como está. É perigoso demais!

Eu o interrompo antes que ele possa continuar.

– Então o diário está por aí, em algum lugar?

Maldita teimosia Kemi!

– Não estou progredindo muito, apesar disso. Já fui ao Runustão, onde Cleo foi vista pela última vez. Nada além de enigmas.

Bom. Que fique como está. Ouça, Samantha, Emília vai forçá-la a entrar nas minhas lembranças e você vai descobrir muitos segredos sobre mim. Coisas que deveria esquecer. Ela vai tentar arruinar você. Não deixe.

– Vovô, não precisa se preocupar com os seus segredos. Eles estão seguros comigo.

De repente sinto um puxão e posso sentir a lembrança desaparecendo e Emília tentando me puxar para fora dela. Resisto, sem querer deixar a segurança das lembranças do meu avô, o som da sua voz.

– Vovô!

Deixe que ela te leve! Você vai voltar. Não pode mesmo ficar nas minhas lembranças por mais de alguns minutos de cada vez. Não conte nada a ela. Ela vai te trazer de volta em breve.

– Tudo bem – me conformo. – Vovô, eu te amo. – Deixo Emília me arrastar de volta ao mundo real.



CAPÍTULO TRINTA E NOVE

SAMANTHA

De volta à sala de aula, caio bruscamente na carteira.

– E então? – começa Emília. – O que você viu?

Depois de alguns instantes recuperando o fôlego, levanto o olhar para encontrar o dela. Conversar com o meu avô, saber que ele não se foi completamente, só está... em outro lugar, me deu forças.

– Você sabe o que eu vi. O meu avô, mais jovem.

– O que mais?

– A loja de poções. E a minha bisavó.

– Seu avô falou com você?

Eu hesito por um instante, mas sei que não adianta mentir para ela. Confesso.

– Eu sabia que ele falaria com você. Me diga que descobriu alguma coisa!

– Nada – respondo com sinceridade. – Alguma coisa aconteceu à minha bisavó quando ela retornou à Caçada. Ela estava diferente. Talvez tenha sido pressão demais. Ou outro tipo de trauma. Quem sabe? – Franzo a testa.

– Eu me esqueço de que você é uma alquimista jovem e sem experiência. A condição da sua bisavó apenas comprova que ela fez aquela poção. Para preparar uma única dose de *Aqua Vitae*, você precisa estar preparada para perder todo o seu conhecimento e habilidades alquímicas. Ela vai ser a última poção que você vai preparar. É por isso que a maioria dos alquimistas não se atreve nem a tentar. O risco é grande demais, mesmo para se fazer a poção mais poderosa do mundo.

Isso de fato parece descrever o que aconteceu a Cleo... Eu me pergunto se Emília pode estar certa. Por mais que eu odeie a ideia de que esteja.

– Se é arriscado demais, por que está fazendo isso?

Seus olhos negros faíscam.

– É uma troca. Negócios, pode-se dizer. Mas eu preferiria fazer negócio com você. Se encontrarmos o diário, eu farei a poção: uma gota para mim, uma gota para o seu avô.

Eu solto uma risada.

– Alguém te contratou para preparar a *Aqua Vitae*, mas agora você está prestes a passar a perna nessa pessoa também? E espera que eu confie numa palavra do que você me diz?

Ainda que eu discuta com ela, o meu cérebro está a toda. Quanto alguém pagaria por uma poção capaz de curar qualquer doença? Para prolongar a vida e livrá-la das doenças. Para vivê-la até que um acidente, um assassinato ou a velhice a leve?

Eu penso no tumulto que ocorreu em nossa loja. No desespero que vi nas pessoas diante da mera possibilidade de obter uma cura como essa.

– Você vai se arrepender por não confiar em mim. E não tem muito tempo até que essa opção não seja mais viável.

– A opção já não é mais viável! Assim como encontrar o diário da minha bisavó! Encare os fatos. Ela provavelmente o destruiu.

– Bobagem! É aí que você se engana. Como aconteceria com qualquer alquimista de verdade, seria a morte para a sua bisavó saber que tinha todas aquelas receitas, mas não o conhecimento ou a habilidade para prepará-las. Então ela escondeu o diário. Não o destruiria. Você seria capaz de destruir o seu?

Numa fração de segundo, sei que a resposta é não.

Ela lê a minha expressão.

– Exatamente. Então ele está em algum lugar.

Eu estreito os olhos. Não posso acreditar que estou travando essa conversa com Emília. Isso me deixa enjoada. Não consigo nem olhar para ela, então fito o quadro-negro. *Vovô*.

Emília segue o meu olhar.

– Invenção extraordinária, não acha? É recoberto por uma tinta especialmente

preparada que simula a vidência, dando acesso a lembranças como se elas estivessem num rolo de filme. Desenvolvido bem aqui, na Escola Visir, por um alquimista *muito* talentoso. Ultrassecreto. E quer saber o que são estes frascos? São algumas das minhas melhores criações, modéstia à parte. Adaptei o quadro-negro de uma antiga receita, criada para ajudar a armazenar energia mágica. Agora, é perfeita para preservar memórias. A mistura de resina de kauri antiga, flor de bacopa e o meu próprio ingredientezinho secreto.

Resina de kauri – não é usada em poções tradicionais por ser espessa demais para ser ingerida; muitas vezes usada com fins estéticos, para preservar flores prensadas para manufatura de joias.

Flor de bacopa – acredita-se que estimula a atividade cerebral e ajuda na recuperação pós-estresse.

Dois pensamentos cruzam a minha mente. Primeiro: este é *de fato* um feito alquímico muito impressionante. Segundo: se ela está me contando isso, é porque não planeja me deixar ir embora.

E quanto à tinta preparada do quadro-negro?

Talvez tinta de lula, pelo seu poder reflexivo? Definitivamente algum tipo de minério prateado. E então tem a lousa em si... Precisaria de aderência, talvez seiva de sable?

E essa poção precisa de lembranças roubadas para servir de alimento. Eu imediatamente desligo a parte do cérebro que usa a alquimia para se distrair. A tinta do quadro é uma poção *negra*. Ela precisa se alimentar de uma mente comum para fazer efeito. Não consigo esconder o asco.

– Está vendo? Talvez você não tenha estômago para isso, mas às vezes as trevas podem ser geniais também.

Mordo a língua. Emília consegue captar meus sentimentos bem demais. Devo estar entregando muita coisa... Queria saber controlar a expressão do meu rosto; sou como um livro aberto. Embora eu não quisesse, estou intrigada e ela sabe disso. Eu achava que a única inovação na nossa área tinha vindo do trabalho com sintéticos. Estudei alquimia por amor, por tradição, mas não para fazer

inovações. Segui e adaptei receitas, isso sim, mas não desenvolvi poções completamente novas até ser obrigada a preparar a da Princesa. Por que eu faria isso se há laboratórios com aparelhagem pesada, cara e complexa, projetada justamente para essa tarefa? Mas isso...

Os olhos dela faíscam.

– O que o seu avô te disse?

Ela quer algo de mim, então vou dar algo a ela. Um beco sem saída.

– Algo sobre... centauros – digo entredentes, apertando os olhos com força.

As minhas correntes se afrouxam e eu relaxo. Talvez ela tenha acreditado.

Mas então sou erguida da cadeira e jogada longe. Voo pelos ares até colidir contra a parede pedregosa da sala de aula. Bato a cabeça com força e grito de dor. Estou colada à parede, pelo poder da magia.

– MENTIROSA! – grita Emília, com a varinha apontada para mim.

– Eu não sei de nada! – soluço.

Desabo no chão, batendo os joelhos com tudo na pedra. Agora não me sinto forte. Não me sinto uma vencedora da Caçada Selvagem, uma aventureira experiente. Eu me sinto uma garotinha que só quer ir para casa.

– O que significa isso?

Ergo os olhos e não ouso acreditar no que estou vendo.

Parado na porta da sala de aula, os cabelos dourados brilhantes mesmo à meia-luz, está o meu salvador. Alguém finalmente me encontrou.

O Príncipe Stefan.



CAPÍTULO QUARENTA

SAMANTHA

Continuo encolhida num canto e não relaxo até sentir as mãos reconfortantes do Príncipe nas minhas costas.

– Venha, Samantha.

– Para casa? Posso ir para casa agora?

– Não fale, não fale. Venha comigo.

Deixo que ele me ajude a ficar em pé, segurando a manga da sua camisa. Eu não vou soltar. Eu não vou deixar Emília me levar outra vez. Quando me atrevo a olhar para a frente da sala de aula, vejo que tanto Emília quanto Ivan se foram.

– Emília... Foi Emília Thoth que me sequestrou. Você a viu?

– Eu a vi muito bem. Ela fez algo muito ruim. Vamos sair daqui.

Eu lhe lanço um sorriso de gratidão.

– Obrigada. Obrigada, obrigada. Como você me encontrou?

– Eu sei tudo que acontece no meu país. – Os olhos dele se estreitam. Ainda têm as cores de tigre listado de antes. Talvez não fosse um feitiço afinal. – Ou pelo menos, achava que sabia. Não importa agora, eu te encontrei.

– Você tem um celular? Posso mandar uma mensagem para os meus pais?

– Não daqui. Assim que sairmos desta região, teremos sinal novamente. Este lugar é muito tradicional, como pôde ver.

– Ok.

Mal posso acreditar na minha sorte. Mesmo as cavernas não parecem tão assustadoras agora que as estou cruzando a caminho da liberdade. O Príncipe me dirige palavras reconfortantes e tranquilizadoras durante toda a caminhada de volta através do Grande Saguão.

Do lado de fora, um cavalo e uma carruagem esperam por nós. Os cavalos são cinzentos, a pelagem lustrosa e exuberante, sem a expressão ameaçadora dos garanhões de Emília. Stefan me ajuda a dar impulso para que eu suba na carruagem. O interior é muito mais macio que os fardos de feno em que me sentei antes. Os assentos são forrados de veludo vermelho e as cortinas que cobrem as janelas são de seda violeta.

Stefan entra atrás de mim, fechando a porta. Ouço o estalar de um chicote e os cavalos disparam. Solto um longo suspiro de alívio. Para casa, finalmente. Vou dizer à Princesa para enviar a polícia secreta de Nova para proteger as lembranças do meu avô. E eles podem recapturar Emília e...

– Você deve estar cansada – diz o Príncipe. – Passou por uma provação e tanto. Quer dormir um pouco?

Eu balanço a cabeça.

– Acho que não conseguiria. Mas estou muito feliz de estar indo embora.

– Estou feliz por tê-la encontrado. – Ele me dá um sorrisinho, então se vira e olha pela janela.

O sorriso pateta que estava no meu rosto murcha um pouco. Embora cada fibra do meu corpo reze para que isso seja um resgate, uma vozinha se infiltra no meu cérebro e sussurra, *Mas como ele me encontrou tão rápido?*

– Você sabia que Emília estava usando a Escola Visir como esconderijo? Quando eu te pedi para visitar a escola... você sabia? – Tento manter um tom de voz descontraído.

– Sinto muito que tenha sido isso o que você viu de Gergon. Creio que fosse gostar muito daqui. Na verdade, você se importa se fizermos um desvio? Eu tenho algo para lhe mostrar que acho que você achará *muito* interessante. – Ele não espera uma resposta. Vira-se e abre uma janelinha na parte da frente da carruagem. Depois grita alguma coisa para o condutor numa língua que não compreendo.

– Eu preferiria só ir para casa, se não se importar.

Ele sorri, mas seu sorriso faz os cabelos da minha nuca se eriçarem. Eu sei

que só estou sendo paranoica (é o que um sequestro faz com a gente), mas, apesar de saber disso, estremeço.

– Só vai levar alguns minutos – diz ele.

Eu não tenho muita escolha, então apenas devolvo o sorriso.

Seguindo por um caminho diferente do que vim, contornamos o bosque sombrio em vez de atravessá-lo. O castelo vai desaparecendo de vista conforme avançamos pela base do penhasco. *Por favor, que isso seja um atalho para casa. Por favor.*

– Estou levando você à minha aldeia preferida em Gergon. Ela se chama Botsani. As pessoas aqui ainda vivem como há centenas de anos.

– Isso é bom? – eu pergunto.

– Depende da pessoa para quem você pergunta. Eu acho bom. Como Príncipe e representante do meu país, preciso de aparelhos modernos... celular, computador, telas de transporte etc. Mas quanto a vida não seria mais livre se eu não precisasse de nada disso? Ah, olhe...

Eu me debruço na janela para ver o lugar para onde o Príncipe Stefan está apontando. Ao longe, no vale abaixo de nós, vejo uma aldeia pitoresca, com casas pequenas e coloridas, e telhados de sapé. As colinas que se estendem desde o vale estão cobertas de fardos de feno engraçados, com formato de cones de sorvete de cabeça para baixo. Em outras circunstâncias, eu estaria absolutamente encantada.

– É um pastor o que estou vendo? – A nossa carruagem passa rangendo por um garoto, com um pedaço de palha na boca e um cabrito embaixo do braço.

– Sim, mas olhe mais atentamente.

Eu pisco e olho outra vez.

– Ah, não é cabra coisa nenhuma. É um sátiro!

– Exatamente! – O Príncipe Stefan sorri como se tivesse acabado de me contar que ganhei na loteria. Mas eu não compreendo. Meu cérebro simplesmente não está funcionando direito. Tudo em que consigo pensar é: *casa, casa, casa*. Ele se inclina para a frente, os olhos cor de âmbar cravados nos

meus. – Não está vendo? As pessoas aqui vivem em harmonia com a Selva e suas criaturas mágicas. Assim como costumava ser em Nova, muito tempo atrás.

– É verdade – digo, e o sorriso dele reaparece. Eu me volto para a janela no instante em que o menino põe o sátiro no chão. A criatura corre ao redor das pernas do garoto e dá uma leve cabeçada nos joelhos dele. De fato, parecem felizes.

Costumava haver muito mais criaturas mágicas em Nova, especialmente perto de Kingstown. Foi um grande alvoroço quando os ossos de uma colônia inteira de *kelpies* foram encontrados durante as obras de um dos *resorts* de luxo, nos arredores da cidade. Foi um lembrete de quão longe fomos para enterrar a memória das criaturas das Selvas que um dia chamaram a nossa cidade de lar.

Quando entramos na aldeia, as pessoas saem de suas casas para ver a carruagem passar. Não é muito diferente de viajar na limusine com Evie, só que aqui ninguém está tirando fotos. Mais uma vez, fico chocada com a total ausência de tecnologia: nada de carros ou motos do lado de fora das casas, nada de antenas de satélite, nada de luz elétrica.

– Essa é a melhor parte – diz Stefan. Ele dá uma batidinha na parte da frente da carruagem, no lugar mais próximo do condutor, e nós paramos. Abre a porta, saltando para o chão, e me ajuda a descer.

Há uma fila de pessoas esperando pacientemente do lado de fora de uma loja. Ali está uma mulher com uma criança nos braços, que me encara com os seus lindos olhos azuis, emoldurados por longos cílios. Eu lhe dou um pequeno aceno. A criança enterra o rosto no peito da mãe, então me olha de novo timidamente.

As pessoas parecem não saber como agir com a chegada do Príncipe. Elas recuam, pressionando as costas contra a parede da loja. Alguns homens arriscam um leve meneio, mas Stefan faz um gesto dispensando o cumprimento.

Eu olho para cima e leio o nome da loja. *Andrej Alquemistk.*

– O alquimista da região fica no centro da aldeia aqui. Entre e conheça Andrej. Ele é uma lenda.

A aglomeração abre passagem para o Príncipe Stefan e eu.

Assim que entro na loja, me sinto em casa. É impressionante quanto o interior é parecido com a Loja de Poções Kemi – as prateleiras de ingredientes, os livros de receita espalhados no balcão e os sacos de papel pardo cheios de poções feitas sob encomenda.

– Andrej, conheça Samantha Kemi – diz o Príncipe Stefan. Quando Andrej sai de trás do balcão, fico surpresa ao ver quanto é jovem. Bem, em comparação com meu avô. Ele parece ter a idade do meu pai, cabelos escuros e abundantes, e um bronzeado intenso.

Eu aperto a sua mão estendida. As sobrancelhas de Andrej sobem levemente à menção do nome "Kemi".

– Prazer em conhecê-lo – digo. Então ele põe as mãos sobre o coração e encolhe os ombros como quem se desculpa.

– Ele não fala novaneano – explica o Príncipe Stefan.

– Obrigada por me deixar visitar a sua loja – digo, e o Príncipe traduz. Eu me viro para ele. – Podemos... ir agora?

– Claro, claro! – concorda ele. Ele fala rápido alguma coisa em gergoneano para o alquimista, que responde fazendo um gesto amplo e brusco com o braço. Eu tenho a nítida impressão de que nem tudo vai bem no mundo do alquimista, apesar do que o Príncipe Stefan está tentando me mostrar.

Uma vez de volta à carruagem, a curiosidade leva a melhor sobre mim.

– Não quero ser intrometida, mas... o que todas aquelas pessoas estavam esperando? Parecia que metade da aldeia estava esperando uma poção. É bom que um alquimista esteja ocupado, mas não *tão* ocupado.

O Príncipe Stefan concorda com a cabeça e, quando a carruagem começa a andar, ele cerra as cortinas.

– Tenho certeza de que você continua se perguntando por que eu tomei o lugar do seu namorado no baile.

Sério?, penso. *Mas eu fui sequestrada, amarrada, amordaçada e encarcerada desde então!* Mordo o lábio assim que o alarme soa na minha cabeça.

– Mas eu estava dizendo a verdade quando falei que precisava conhecê-la. Veja, eu preciso da sua ajuda.

– Bem, você me salvou de Emília. O que posso fazer por você? – digo, um tanto tensa.

O Príncipe inclina a cabeça para o lado e por um momento ele não é um tigre, é um gatinho.

– O que você sabe sobre a minha família?

Eu levanto as sobrancelhas.

– Quase nada, acho.

– Isso é bom. É como eles querem que seja. Porque se a verdade viesse à tona... – Ele inclina a cabeça contra a porta, balançando com os solavancos da carruagem na estrada de terra. – Você tem convivido de perto com a Família Real de Nova já faz um tempo, então deve saber bem como a magia da Realeza funciona, em comparação à dos Talentosos.

– Eu sei alguma coisa. – O meu pulso acelera.

– Algo vem acontecendo com a minha família. Uma espécie de deterioração. Uma doença. Começou com o meu pai. Aconteceu tão rápido... Um dia ele estava bem e no dia seguinte? Seu poder tinha sido absolutamente drenado. Não conseguia fazer nem ao menos um feitiço. Minha mãe teve que abrir um buraco na parede dos seus aposentos para que ele pudesse sair. Mas então ela começou a se enfraquecer também.

O sangue some do meu rosto, mas por sorte o Príncipe está tão envolvido com a sua história que acho que não percebe a minha expressão. Se o que ele está dizendo for verdade... é terrível!

– Meu irmão tomou a decisão de fechar as fronteiras, para evitar que alguém visse o que está acontecendo, e principalmente para impedir que alguém saia do país e conte a todo mundo. Ele está infectado também; o caso dele ainda não é tão grave quanto o dos meus pais, mas certamente está avançando. Todos os Talentosos de Gergon vão ser afetados em certa medida. Só eu consegui escapar de alguns dos piores sintomas, graças a um soro especial que um alquimista

daqui desenvolveu. Por isso a minha família tem canalizado o que sobrou dos seus poderes para mim. Sou tudo o que resta de Gergon agora.

Ele ergue os olhos e eu engulo em seco.

– Príncipe Stefan... eu sinto tanto. Além do poder drenado, há algum outro sintoma?

Ele faz que sim.

– Uma tosse persistente. Fraqueza nos membros. Nossos melhores alquimistas fizeram até sua própria Caçada para encontrar a cura, e até Andrej participou, mas é claro, não podíamos fazer disso um evento mundial como em Nova. Não quando toda a Família Real está contaminada.

– Não, é claro que não.

– E agora a doença está se espalhando para Talentosos que não são da Realeza. Estamos morrendo, Samantha. – Ele estende as mãos para pegar as minhas, tão rápido quanto o bote de uma víbora. – Eu achava que tinha uma esperança – diz ele, os olhos de tigre procurando os meus olhos castanhos comuns. – Achava que, se conseguisse me casar com a Princesa... então o poder dela fluiria para mim e eu poderia salvar a minha família, salvar o meu país. Mas ela me recusou. Uma vez, antes da Caçada Selvagem. E agora, no Baile de Laville. Estou ficando sem tempo e sem opções.

– Se você contar a ela, talvez...

– Não, você não vê? Nova e Gergon são rivais há séculos. Ainda que as coisas estejam calmas agora, se a notícia de que estamos fracos vier à tona... Eu não posso correr esse risco.

Estou tão tocada com a história do Príncipe que tenho de conter as lágrimas.

– Não sei como posso ajudá-lo, mas se eu puder...

– Eu já vi até que ponto você está disposta a ir para salvar o seu avô. E até que ponto está disposta a ir pelos seus amigos. Espero que compreenda até que ponto *eu* estou disposto a ir pelo meu país.

Ele abre as cortinas num movimento rápido como um raio.

– Agora, a sua *Aqua Vitae* é a minha única esperança. Encontre-a para mim.

Deixo a cabeça cair entre as mãos. Estamos de volta à Escola Visir.

E Emília está parada ali, esperando por mim. Ela joga a cabeça para trás e solta uma gargalhada.



CAPÍTULO QUARENTA E UM

SAMANTHA

Eu acordo na escuridão da minha cela. Não me importa o que esse lugar costumava ser; para mim agora é uma prisão. Não me lembro de muita coisa depois do passeio de carruagem, a minha mente apagou diante da perspectiva de ficar presa aqui para sempre depois de chegar *tão perto* da liberdade. Ou da ilusão de estar, pelo menos.

O Príncipe Stefan e a sua família estavam por trás do sequestro o tempo todo, dispostos a tudo para preservar o seu poder.

Eu não sei por quanto tempo fiquei apagada, mas continua claro lá fora. Talvez eu tenha dormido a noite toda e agora seja manhã. Talvez só tenha desmaiado alguns minutos. Meu estômago resmunga. Eu ignoro. Rolo na cama e puxo os cobertores para cobrir a cabeça. Durante o sono, eu me esqueço de tudo. Prefiro dormir.

Uma batida forte na porta deixa tenso cada um dos músculos do meu corpo. Ela se abre.

– Acorde, Samantha. Hora de ir.

– Me obrigue – digo. O desafio insignificante não faz com que eu me sinta um pouco melhor, então coloco as pernas para fora da cama apesar do que disse. O único tênue fio de esperança que tenho neste lugar é falar com o meu avô outra vez. Eu sigo Emília, tomando cuidado para manter distância. Ivan não está em nenhum lugar à vista. Agora que o Príncipe Stefan está aqui, ela deve se sentir mais confortável sozinha comigo. Sabe que não chego a ser uma ameaça física.

Lanço olhares furtivos para ela enquanto andamos. Na verdade, é assustador quanto ela lembra a Princesa Evelyn desse ângulo, de onde não posso ver o seu rosto ou a pele nua. Seu cabelo é longo, como o de Evelyn, e cai pelas costas numa trança presa com várias fitas. Ela caminha com a mesma autoconfiança, a cabeça e o pescoço eretos como se estivesse usando uma coroa pesada que precisa equilibrar.

Mas Emília nunca usará essa coroa. Eu compreendo agora. A Caçada Selvagem foi a oportunidade perfeita para ela se apossar do trono; agora ela voltou a ser um peão no jogo político gergoneano.

Não descemos direto para as cavernas. Em vez disso, voltamos pelo saguão principal e mais uma vez tenho uma visão do que a escola deve ter sido no passado. É arrepiante percorrer os corredores cavernosos, os nossos passos ecoando pelo teto alto. Há pinturas empoeiradas de velhos professores nas paredes, retratos austeros de pessoas que parecem tão tristes que, francamente, isso nem pega bem para a reputação da alquimia.

Eu me pergunto há quanto tempo Emília mora aqui. Será que foi assim que ela aprendeu alquimia? Também fico imaginando por quanto tempo a Família Real de Gergon a preparou para este tipo de ocasião. Uma pessoa que odeia Nova e que faria qualquer coisa para se vingar dela. Alguém que está disposta a tomar poções negras e correr o risco de arruinar o próprio corpo. E que sacrificaria sua própria prática de alquimia para fazer a *Aqua Vitae* porque... o que ela tem a perder?

– Dizem que no seu auge, a escola teve mais de dois mil alunos. Tinha até alguns alunos de Nova. Um deles se tornou professor aqui. Reconhece esse nome, Sam? – Ela para sob um dos retratos.

Com relutância ergo os olhos e me deparo com o nome: *Helena Kemi*.

Outra ancestral antiga, minha tatara-tatara-etc.-avó. Eu já vi os diários dela nas nossas prateleiras.

– Você sabia que foi nesta escola que eles aperfeiçoaram a estratégia de isolamento e preservação de trechos das Selvas, como aquele famoso em Laville,

que tenho certeza de que você viu...

Pela primeira vez, Emília parece quase ter saudades de Laville. Eu me pergunto se sente falta de ter uma vida normal. Ela teria tantos privilégios quanto o filho primogênito do Rei... só não aquele que sempre quis. Como segunda filha, ela não teria tido tanto poder quanto o irmão, o Rei atual, ou quanto a Princesa Evelyn. Mas talvez tivesse tido a oportunidade de entrar para uma família mais importante e ganhar mais poder, como aconteceria com Stefan se ele se casasse com Evelyn. Por que ela desperdiçou isso em nome dessa vida de solidão, poções negras e missões secretas?

Não consigo deter a minha curiosidade.

– Como você chegou aqui?

Ela estaca no corredor, me forçando a parar também. Um raio de sol atravessa uma das janelas altas, banhando a lateral do rosto de Emília. Por um instante, sua pele fica tão iluminada que mal posso ver as veias horripilantes embaixo dela.

Ela suspira e dá um passo para o lado, afastando-se da janela e inclinando a cabeça como se tivesse se queimado com a luz.

– Eu odeio o que Nova se tornou. – A amargura fustiga cada uma das suas palavras. – Meu irmão adora. Ele tem todo o poder... e para quê? Para poder viver no seu Palácio flutuante, com a sua Rainha cabeça de vento, dar festas extravagantes e comparecer a inaugurações de hospitais e escolas primárias? Isso não é poder. Isso é desperdício. Ele é um filhotinho castrado quando devia ser um lobo. Rola no chão e se finge de morto quando devia ser o líder da matilha. – Mais rápido do que eu julgava possível, Emília empunha a varinha e abre um buraco na parede do Grande Saguão. O chão estremece com o seu poder, e eu tremo com ele. Ainda bem que essa raiva não foi direcionada a mim. Desta vez.

A parte boa é que ela parece mais calma depois disso. Um pouquinho.

– Gergon é diferente. Eles me mostraram o que é poder Real de verdade. E que haveria, poderia haver, um caminho diferente para Nova. Eu só precisava ser forte também. Mais forte que o resto da minha família. Eu devo tudo a eles. E agora lhes devo a poção final. Então, o meu tempo terá acabado.

Nunca senti tanto medo de Emília como sinto agora. Sua determinação é tão feroz que é como se ela tivesse se esquecido de que estou aqui. Ela é como uma bomba-relógio prestes a explodir. Quanto mais eu a compreendo, mais ela me aterroriza.

Ela encara o teto e os seus olhos passeiam pelos tijolos arruinados, os lustres quebrados e os afrescos descascando.

– E apesar de a escola estar em ruínas, restam algumas das suas proteções. A magia especial do prédio faz com que não possam me rastrear aqui. Ninguém pode. Só estou falando isso para o caso de estar pensando na possibilidade de um resgate.

– Não, você e o Príncipe deixaram bem claro que nenhum resgate vai ser possível. – Eu tento evitar estremecer. Tinha suspeitado que existisse algo assim, mas não queria que fosse verdade.

– Ótimo. Agora, o que acha disto? – Ela dá alguns passos adiante, então atravessa uma pesada porta fechada de madeira, que eu tenho que fazer muita força para abrir. Uma onda de calor atinge o meu rosto e a claridade ofusca meus olhos. Quando eles se acostumam à luz, vejo que estou numa espécie de estufa.

Reconheço muitas plantas, várias delas extremamente perigosas e poderosas.

Beladona roxa – o mais letal dos venenos, praticamente imperceptível.

Folha de cicuta – se ingerida, pode causar paralisia quase imediata, apesar de temporária.

Flor-esqueleto – ingrediente-chave em poções para alterar a aparência. Pode ser usada para substituir escamas de camaleão, se necessário.

Minha mente está num turbilhão. A estufa é como uma Selva feita apenas para alquimistas. Arjun e Anita têm uma estufa no quintal, mas ela nem se compara a isso. Esta aqui tem vários níveis e seus tesouros se estendem para cima, no nível do chão e ao redor uns dos outros. Emília caminha pelo corredor central, as pontas dos dedos tocando levemente as plantas enquanto passa. Pela primeira vez eu a vejo olhar alguma coisa com uma expressão que lembra amor.

Uma planta se aproxima dela silenciosamente, uma gavinha se estendendo na

sua direção e dou um salto contra uma mesa, derrubando um vaso.

– Ah, sim, erva-eluviana – diz Emília, deixando que a planta se enrosque no seu antebraço como uma cobra. – Esqueci que já está bem familiarizada com ela. Não se preocupe, você está emocionalmente instável demais para interessá-la no momento.

Eu me curvo para pegar o que acabei de derrubar. Enquanto Emília está distraída, enfio uma única folha no bolso. *Folha de cicuta.* Não faço ideia de como ou quando vou usá-la, mas me sinto melhor sabendo que a tenho comigo.

Emília levanta a cabeça, como se algum tipo de alarme tivesse soado na sua mente.

– O quadro está pronto. Vamos.

A visita à estufa me revigorou de uma maneira que eu não acreditava ser possível. Não posso desistir. Não vou desistir.



CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

SAMANTHA

Voltamos a atravessar a caverna e eu mantenho os olhos bem abertos. Acaba valendo a pena. Eu diviso o que parecem ser os restos deteriorados de uma antiga escada de mão, presa à parede da caverna. Talvez, muito tempo atrás, as pessoas descessem para se banhar num rio subterrâneo. Isso significa que ela deve levar a algum lugar.

Algum lugar como... uma saída?

Eu desvio os olhos da escada, para evitar que Emília se vire e me veja olhando. Mas ela continua seguindo em frente. Entramos na sala de aula.

O Príncipe Stefan já está na sala. Ele veste um uniforme em estilo militar: calça cáqui e camisa cáqui, decorada com lapelas vermelho-escuras e botões de metal polido. Emília continua usando a *sua* definição de uniforme: um vestido longo preto, coberto por um xale preto. Eles estão parecendo um casal muito sórdido. Mas até eu consigo ver que a submissão a alguém não combina com Emília. Eu me pergunto se Stefan também vê isso ou se está cego pelo que ela pode fazer para ajudá-lo.

– Lembre-se do que está em jogo, Sam – ele me diz. – A vida do seu avô. O futuro da sua família. Se você for bem-sucedida, vou garantir que nunca lhe falte nada que esteja em meu poder.

– Vá para o inferno! – digo rispidamente.

Ele parece prestes a me bater, mas então seu corpo se curva para a frente, num acesso de tosse. Seu rosto fica escarlate com o esforço, enquanto ele cobre a boca com a manga. Mas, quando se levanta outra vez, posso ver um pouco de pó branco no seu braço, parte dele formando linhas como uma teia de aranha.

– Eu estou com o seu soro, vossa Alteza – diz Emília. Stefan faz um gesto para que ela se aproxime. Ela tira uma pequena caixa de comprimidos de um dos bolsos da capa, então, sem esperar Stefan se recompor, pega um dos comprimidos e o empurra dentro da boca dele. Posso ler metade do nome escrito na lateral da caixa. Diz “FELIP”. Eu estremeço. Deve ser uma poção medicinal feita a partir do poder em declínio do Rei Felip.

A poção parece ter efeito imediato. Stefan joga a cabeça para trás e respira fundo. Quando olha para mim outra vez, os olhos brilhando, ele parece ainda mais alto e mais forte do que antes. O comprimido realmente operou maravilhas nele.

– Minha cara Sam – ele diz, estendendo a mão perfeitamente asseada e a pousando na minha bochecha. Eu quero me encolher, mas não vou dar essa satisfação a ele. Mantenho a expressão neutra e olho diretamente nos olhos dele. – Está vendo? O meu alquimista me ajuda a manter a doença sob controle. Se a Princesa de Nova tivesse a mesma sorte... Em vez disso, ela está presa a você. Agora, quando eu finalmente for forte outra vez, a Princesa não terá escolha. Ela *terá* que se casar comigo. Ou tomaremos Nova à força antes que ela a destrua completamente.

Nova ainda não é sua, penso. *Não se eu puder evitar*. Ignoro a sua figura presunçosa.

– Eu já tenho a próxima lembrança – Emília diz a Stefan, levantando um frasco de vidro.

– Ótimo. Quero ver isso em ação.

Ela entorna o conteúdo do frasco sobre o quadro.

Eu não hesito. Estendo a mão e toco o líquido.

– Vovô?

Sam! A voz está cheia de entusiasmo. *Você voltou. Quanto tempo se passou? Eu não tenho noção de tempo.*

– Não muito, eu acho. Só se passou uma noite desde que conversamos pela última vez. – Eu examino a sua lembrança. Parece ser um dia comum na loja.

Meu avô de 16 anos está de frente para a caixa registradora, atendendo os clientes de trajes antiquados que cruzam as portas da loja. Eu me sinto numa peça de teatro.

Bom, mas o tempo é a essência da coisa.

– Eu sei. O Príncipe Stefan está aqui.

Príncipe Stefan? De Gergon? O que ele está fazendo aqui?

– Ele e a família estão por trás disso. Alguma doença estranha infectou a família inteira. É por isso que eles realmente precisam da *Aqua Vitae*. Emília não a quer para si mesma, no final das contas.

Qual é a aparência de Emília?

Eu a descrevo para ele.

Hmm. Você não deve confiar numa palavra do que ela diz. Poção de permutação demais. Emília é mestra em poções que mudam a aparência, lembre-se disso. Quais são os ingredientes de uma poção de permutação?

– Pele de camaleão, uma pitada de sangue de Talentoso...

Sangue de Talentoso. Exatamente. Um comum não pode ser metamorfoseado, mas também não pode tomar uma poção de permutação, outra razão por que somos vistos como pessoas mais confiáveis. Poções negras como essa são para quem tem sangue negro. Se você conseguir fugir, não pode confiar em nenhum Talentoso. Lembre-se disso.

– Vovô, preciso ter algo para dar a Emília e ao Príncipe, uma pista mesmo que falsa. Ou eles não vão me deixar voltar.

Eu sei, minha querida. E acho que encontrei uma pista aqui, nesta lembrança. É só um detalhe, mas é importante. Não dei muita atenção a isso na época, mas Cleo ficava murmurando a respeito de um lago de estrelas.

– Um lago de estrelas... – repito. Não significa nada para mim, mas faz sentido com o que o centauro disse. Onde estrelas aparecem a um comando... Infelizmente, mesmo assim não é uma pista que eu possa usar.

Sam, tentei proteger você, mas sei que falhei. Se Emília e um príncipe de Gergon chegaram a esse ponto para encontrar o diário, há uma chance de que

sejam bem-sucedidos. Eles não podem encontrá-lo. Você precisa fugir dela. Precisa encontrar o diário primeiro e então tem que me prometer uma coisa. Você não vai *fazer a* Aqua Vitae *para mim.*

– O quê?

Quando encontrar a receita, deve destruí-la. Não vale a pena me salvar. O preço é maior do que você pode imaginar. Nas mãos erradas, o dano será catastrófico. Sem falar que ele destruiria a sua vida. Você vai perder toda a sua habilidade. A Loja de Poções Kemi nunca mais voltará a abrir.

– Ela pode nunca mais voltar a abrir – digo. – Eu preciso salvar *você*. Senão...

Você deve encontrar a receita. Mas não deve prepará-la. Precisa destruí-la. Essa é a sua missão ao encontrar o diário. Prometa, Sam.

– Eu prometo – digo, com um nó na garganta.

Ótimo.

Então outro pensamento me acomete e o pânico toma conta de mim.

– Por que está me dizendo isso agora? O que mudou?

Há uma longa pausa. O silêncio é assustador. *Como você é minha aprendiz, tem o direito de saber a verdade. Meu corpo não durará muito mais sem a minha consciência. Estou surpreso por já ter durado todo esse tempo.*

Eu poderia contar a ele sobre o sintético agora, mas não posso. É isso que eu temia: que fosse apenas uma cura temporária.

– Eu entendo – balbucio.

Agora vá. Faça o que puder. Não se preocupe comigo; não deixe Emília pôr as mãos no diário.

Agora que já conversamos, eu reparo na lembrança em si. Estava tão envolvida falando com o vovô que não notei a mudança de local. Olho em volta e o cômodo parece estranhamente familiar, ainda que eu não o reconheça imediatamente. A porta, a posição das janelas... então me dou conta: é o meu quarto. Só que sem nenhuma das minhas decorações na parede e nada da minha mobília. Na verdade, a cama está agora no meio do quarto, ao passo que eu prefiro dormir com a cama contra a parede e embaixo da janela, para que possa

me virar e olhar as estrelas. A escrivaninha com o meu computador não está lá. Em vez dela, não há mais nenhuma mobília, exceto um baú grande no chão, coberto de adesivos de viagens.

Alguém se vira na cama, alguém que deve ser muito magro, porque eu confundi a pessoa com roupa de cama amassada. Cleo. Eu me pergunto se já se passaram alguns anos desde a última lembrança, porque ela parece muito mais velha do que antes. Mechas brancas apareceram no seu cabelo e há mais rugas no seu rosto. Mesmo dormindo, ela parece cansada, e aparentando muito mais do que os seus cinquenta e poucos anos, que é a idade que deve ter.

Olho para o baú novamente, porque algo chamou a minha atenção. A princípio, foi o adesivo do Monte Hallah (eu o reconheceria em qualquer lugar). Esse deve ser o baú de Cleo. Eu o esquadrinho, procurando pistas de outros lugares que ela pode ter visitado, quando vejo o adesivo de um lugar chamado Lago das Estrelas. O lago que o meu avô mencionou. Na imagem, ele tem o mesmo formato que o lago Karst da aldeia de Nadya. Poderia ser o mesmo lugar? *Onde as estrelas aparecem a um comando.* Poderia ser coincidência? Meu coração acelera. Talvez a resposta esteja bem aqui, debaixo do meu nariz.

Quando vejo o rosto do jovem Ostanes no espelho, percebo que o tempo não passou de forma alguma. Através dos olhos do meu avô de 16 anos, observo enquanto ele molha a testa de Cleo com um tecido úmido e sussurra palavras tranquilizadoras. Cleo envelheceu, desde a última lembrança, bem mais rápido do que o natural. Como isso é possível? Fazer a *Aqua Vitae* poderia mesmo ter um efeito tão forte? E se Cleo fez mesmo a poção, que destino ela teve, se não foi usada para ganhar a Caçada? Fico com raiva por ela. Tudo isso foi em vão.

O amor pelo meu avô cresce no meu coração. Ele tomou conta da mãe e da loja ao mesmo tempo. Isso renova o meu respeito por ele. Não é de se estranhar que seja tão duro comigo: ele teve que passar por tanta coisa que eu não tive!

– Mãe, a carta do Conselho chegou – diz o jovem Ostanes. – Eles estão dispostos a me tornar mestre, mas você precisa comparecer à cerimônia. Eu sei que consegue.

Ela vira o rosto para ele, mas seus olhos estão vazios, despidos de qualquer calor, inteligência ou compreensão. Meu coração se parte por ele.

Agora você sabe por que não pode fazer a poção, diz a voz do meu avô.

– Eu prometo – digo.



CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

SAMANTHA

A visão desvanece e eu não resisto ao puxão de Emília. Agora que tenho um destino em mente, estou pronta para entrar em ação. Só preciso sair daqui primeiro.

– O que o seu avô revelou? – Emília pergunta, assim que volto para a sala de aula.

– O preço terrível da *Aqua Vitae*. Eu disse que ele não sabe onde está o diário da minha bisavó! Ela virou uma sombra de quem era quando voltou da Caçada.

– Ela está mentindo – diz o Príncipe Stefan e de imediato eu volto o olhar para ele. Está me fitando com os olhos entreabertos. – Ela sabe de alguma coisa. Posso ver no rosto dela. Se não conseguir convencê-la a falar, obrigue-a.

As palmas da minha mão estão molhadas de suor. O que ele quer dizer com *obrigue-a*? Vão usar tortura? Ou os punhos pesados de Ivan?

– Eu não sei onde está, eu juro! Talvez com mais algumas sessões, mais algumas lembranças...

– Nós sabemos que você já localizou os centauros e que foi um beco sem saída. Estamos ficando sem tempo. – Quando o Príncipe Stefan percebe que não vou contar nada, ele se vira para Emília. – Você disse que essa era uma garantia. Se conseguíssemos trazer Samantha para cá, você conseguiria fazê-la falar. É para isso que estivemos trabalhando! Se ela sabe algo sobre o diário, precisamos descobrir *agora*. Use o soro da verdade.

Eu enrijeço na cadeira. Soros da verdade são assustadores, mas estou preparada para eles. Como parte do meu treinamento de alquimista, o meu avô me fez ingerir muitas variedades de soro da verdade para testá-los. Agora sou

capaz de perceber quando alguém está tentando me fazer tomar uma poção como essa. Soros da verdade *normalmente* só podem ser aplicados sob a orientação de um advogado Talentoso (apesar de eu ter violado essa regra algumas vezes na minha jovem carreira de alquimista). É óbvio que eles aqui não dão a mínima para isso.

Mas eu sei como reagir a um soro da verdade, mesmo sem poder mentir quando estou sob a influência dele. Algumas pessoas se apavoram diante do mero pensamento de tomar um, mas eu estou mais confiante. Sei que eles só podem fazer três perguntas antes que o soro comece a perder o efeito. Depois disso, não podem ter certeza da sua eficácia. Eu vou falar a verdade, mas o mínimo possível.

– Tenho um pouco de soro preparado para esta ocasião – diz Emília. – Já volto.

É engraçado ver Emília na mesma sala que o Príncipe Stefan, porque ela se torna uma pessoa diferente. Perde a sua insolência natural. Suponho que esteja sob pressão. Eu me pergunto se Emília tem raiva por ter sido obrigada a deixar o barco de uma família autoritária para desembarcar direto no convés de outra.

Sou deixada a sós com o Príncipe Stefan, porém ele está de pé e eu continuo amarrada à carteira. Ele não me faz mais perguntas, mas por que faria, quando sabe que o soro da verdade está a caminho?

Em vez disso, ele vai até o quadro-negro e passa a mão nele. O Príncipe não corre o risco de ser tragado; não há nenhuma lembrança no quadro neste momento.

Stefan atravessa a sala e examina as fileiras de frascos contendo lembranças. Ele pega um e o vira na mão. Pensar que parte da mente do meu avô está contida nesses tubos me deixa enjoada. O Príncipe Stefan ergue a mão e corre os dedos pelos cabelos. Mal posso crer no que estou vendo... Ele está usando a superfície vítrea e escura do frasco para ver o seu reflexo! Até que ponto pode ir a vaidade de alguém? O seu eu verdadeiro está aparecendo agora. Ele é surreal.

Essa é a fraqueza dele, diz uma voz na minha cabeça. O esboço de um plano

se forma na minha cabeça.

Emília retorna muito mais rápido do que eu esperava, o soro da verdade na mão.

– Pronta? – Ela vem até mim. Por mais acostumada a tomar poções que eu esteja, não posso evitar a sensação de desconforto. – Você vai facilitar ou vai me obrigar a chamar Ivan aqui e forçar o soro pela sua garganta?

Eu lhe lanço um olhar sombrio, então cedo, porque não estou a fim de que abram a minha boca à força quando de qualquer maneira o resultado vai ser o mesmo. Só preciso confiar nos ensinamentos do meu avô. Ele nunca me ensinou nada errado até hoje.

Inclino a cabeça para trás e abro a boca. Ela despeja a poção da verdade lá dentro.

O gosto é horrível: amargo e granuloso, e queima a minha garganta ao descer por ela. Neste momento, as barreiras naturais da minha mente já ruíram. O truque para se defender de um soro da verdade é redirecionar a mente, em vez de tentar mentir. Eu preciso me manter calma, respirar e não lutar contra o processo.

Depois de esperar que o soro faça efeito, Emília começa o interrogatório.

– O seu avô contou a você onde o diário da sua bisavó está?

– Não – eu respondo, e é verdade. Ele só me deu uma hipótese. Uma pergunta já foi. Talvez eu consiga me safar dessa.

– Você está sendo específica demais – diz Stefan.

Emília assente.

– Você sabe onde o diário está?

Por sorte, esta é outra pergunta que eu posso responder com sinceridade.

– Não.

– Resta uma última pergunta – diz Emília. O Príncipe Stefan solta um grunhido.

– Me deixe tentar. Samantha, nos diga aonde você iria agora para achar o diário da sua bisavó.

Eu engulo em seco antes de falar, tentando não dar uma resposta direta. Mas

não há escapatória e o soro da verdade está empurrando a resposta para fora antes que o meu cérebro ache uma forma de impedir ou de se redirecionar.

– Ao Lago das Estrelas – digo, entredentes.

Então o soro me deixa sonolenta e eu tombo sobre a mesa. Emília balança a cabeça, a boca uma linha rígida.

– Vamos, para lá, então. Vamos prendê-la e depois podemos ir.

Ela agarra o meu braço e me puxa para que eu fique em pé.

– Estou indo, estou indo – digo. Emília se cansa de esperar e atravessa a porta. Eu a sigo, os pés tropeçando um no outro. Quase dou de cara com a moldura da porta.

O Príncipe Stefan estende o braço para segurar o meu antes que eu caia. Eu tiro do bolso a folha que roubei e a coloco na boca, empurrando-a contra a bochecha com cuidado para não parti-la. Então me deixo cair pesadamente, exagerando a fraqueza nos membros.

– Ei, cuidado aí! – ele diz. – Não queremos que você caia num poço de desespero – ele sussurra na minha orelha. – Podemos precisar de você ainda.

Fico mais ereta, apoiando-me contra a moldura da porta.

– Você é muito bonito – deixo escapar, então junto as mãos sobre a boca.

– Os efeitos do soro da verdade demoram a passar, não é mesmo?

– Algo assim. – Eu tento o melhor flerte que consigo, mordendo o lábio inferior e piscando os olhos para ele. Tenho certeza de que pareço ridícula, eu posso sentir, mas sei que, se eu quiser que isso funcione, preciso fingir melhor para que a minha atuação impressione o seu ego inflado. – Sabe, você está certo. Eu queria que Nova fosse mais como Gergon. Queria que a alquimia fosse mais respeitada.

– Vai voltar a ser assim, Samantha. Eu prometo. – Ele pega a minha mão e olha no fundo dos meus olhos. Eu o encaro de volta.

Levanto a mão até o seu rosto, afagando a linha do seu maxilar.

– Se eu pudesse fazer o que realmente quero agora...

– O que você quer?

– Não posso... não posso dizer... Eu tenho um namorado... – digo, baixando os olhos para parecer tímida.

– Não digo nada se você também não disser... – Eu sei que o Príncipe Stefan não tem nenhum interesse real por mim, mas tenho certeza de que o fato de levar a melhor sobre outro cara agrada demais ao seu ego. Ele quer algo do que se gabar. E eu preciso dar isso a ele. Preciso que esse plano dê certo; do contrário, pode terminar em desastre total.

– Eu só quero beijar você – digo. Preciso que ele acredite, então me inclino um pouco para a frente. Rapidamente relanceio os olhos para Emília e vejo que ela já cruzou a caverna e está de volta à parte principal do castelo.

– Bem, não vejo mal algum num beijo – diz o Príncipe Stefan. – Seus sonhos vão se tornar realidade: ser beijada por um lindo príncipe.

Isso quase acaba com a minha encenação, o pensamento me enoja tanto que mal consigo acreditar que ele tenha dito em voz alta. Mas eu só preciso aguentar um pouco mais.

Ele se inclina. Enquanto pressiona os lábios contra os meus, eu mordo a folha. Então abro a boca para beijá-lo mais intensamente e empurro a folha partida para dentro da boca dele e me afasto.

– Que diabos... – Isso é tudo que ele tem tempo de dizer antes que a seiva natural da folha entre em ação. Seus lábios se paralisam no meio da frase e seu corpo enrijece como se ele tivesse se transformado em estátua. Eu sei que só vou ter um minuto de vantagem – se tanto – antes que o efeito passe e ele venha atrás de mim. Pego a mochila e o frasco de memórias da mão dele, então corro para longe o mais rápido que posso.

Vou contra os meus instintos e corro para o buraco imenso no chão. Engulo a vertigem, encontro os vestígios da escada, conto até três e coloco o pé no primeiro degrau. É uma longa escalada até lá embaixo, para o rio, e o som da água corrente é veloz nos meus ouvidos. Mal desci alguns metros quando o degrau em que estou estala e se quebra.

Desço o resto da escada meio deslizando, meio caindo, as mãos queimando

nas cordas e os pés quebrando os degraus podres. Chego ao chão com um baque e os meus joelhos se dobram. Amorteço a queda com as mãos no chão coberto de limo. A escada está completamente destruída. Pelo menos não vão poder me seguir por ali.

Eu me arrasto até a beira do rio subterrâneo, e a corredeira parece bem mais rápida do que parecia lá de cima. Não só isso: onde supus que a água fluísse para a escuridão, há uma espessa parede de pedra. Não é um rio, é um redemoinho.

Estou encurralada.

Ouço um grito atrás de mim. Stefan já deve ter se recuperado da paralisia. Droga, achei que teria mais tempo.

A rocha explode sobre a minha cabeça quando Stefan lança um feitiço em mim.

– SAMANTHA! – Emília guincha e eu sei que só tenho uma opção.

Aperto as alças da mochila em volta dos braços, pulo no redemoinho e deixo a corrente me puxar para baixo.



CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

SAMANTHA

Girando, sacudindo, caindo. Passo vários instantes assustadores presa no redemoinho. Para a minha sorte, trata-se de fato de um rio subterrâneo e eu sou levada por um túnel de pedra.

Quando penso que não vou mais suportar, o túnel se amplia e eu irrompo na superfície do rio, os pulmões queimando. Está um breu total e respiro ofegante por vários minutos no escuro. Bato os pés, mas não consigo tocar o fundo. Então, a corrente fica menos rápida e eu sinto que tenho algum controle. Nado para a beira do rio e saio da água até a margem rochosa. Eu poderia beijar o chão de tão feliz que estou de me encontrar em terra firme.

Eu não o beijo, mas me deito ali, respirando pesadamente. Um lado da minha cabeça lateja por causa da batida que dei na entrada do túnel. Minhas mãos estão cheias de cortes e meus joelhos, bambos. Mas estou viva.

Tateio em volta do pescoço em busca da luz da fadinha, rezando para que ela não tenha se soltado no redemoinho. Por sorte, continua comigo. Eu a coloco na palma da mão e ela emite um brilho fraco. O que a luz me mostra não é reconfortante. Cavernas, cavernas e mais cavernas. Posso estender a mão e esbarrar no teto úmido, e meus dedos dos pés quase tocam a água corrente. Estou com frio, molhada e trêmula.

Ainda assim, sinto tanta gratidão por ter esse pequeno brilho, suficiente para iluminar o espaço ao meu redor, que caio no choro. Preciso pôr o sentimento para fora antes de ter que reprimi-lo outra vez.

Se recomponha, Sam! Tenho que dar uma olhada no que tenho à mão. Tiro a mochila de Stefan das costas. Dentro dela, encontro o celular do Príncipe e uma carteira cheia de dinheiro. Para o meu alívio, o telefone tem bateria. É claro, como um membro da Realeza, ele tem o último modelo, totalmente à prova d'água e com uma bateria de longa duração. Infelizmente, não há sinal aqui embaixo. Agradeço aos céus porque o dinheiro também é à prova d'água. Por meio segundo eu me sinto mal por ter roubado alguém, até lembrar que ele é responsável pelo meu sequestro, por me manter refém, machucar o meu avô e ser um completo babaca. Um pequeno furto é o mínimo que ele merece.

Preciso chegar a algum lugar onde possa usar o celular.

Reluto em voltar para a água, então tento avançar o máximo possível rastejando pela margem. Não paro de bater a cabeça e os joelhos contra a rocha cheia de protuberâncias, mas continuo seguindo em frente. Às vezes, vejo vestígios de presença humana, como iniciais gravadas na pedra (por que raios os estudantes querem deixar as suas iniciais em todo canto?). Eu me detenho onde alguém gravou um "Z" na pedra e contorno a letra com os dedos.

Rastejo até que margem termine. Agora não tenho escolha senão entrar na água. Abraço a mochila, então salto outra vez. A água fria me envolve como um cobertor. A corrente avança com velocidade bastante para que eu não precise nadar. Giro para deitar de costas na água e flutuo com os pés para a frente, de forma que a cabeça não seja a primeira coisa a colidir com qualquer obstáculo que surja. Consigo segurar a luz da fadinha fora da água e, de fato, tudo fica mais tranquilo.

Inclino a cabeça para trás e olho para o teto da caverna. Para a minha surpresa, não está completamente escuro. Na verdade, há pequenos pontos de luz no teto, só um ou dois no começo, depois centenas deles. É impressionante. Fecho a luz da fadinha na mão para ter uma visão ainda melhor. Fios de luzes presas ao teto são de um azul pálido e logo ficam tão espessos que é como se eu estivesse sob a abóbada celeste.

Fios de seda de insetos luminosos – para estados de choque e combater a

distração; para trazer o paciente de volta ao planeta Terra. Especialmente útil se ele está com a cabeça nas nuvens. Também pode ser usado para fazer objetos como luvas.

Pensar em ingredientes me acalma.

O som da água corrente interrompe a minha sensação de tranquilidade e eu percebo que estou indo mais rápido. Abro a palma da mão, fazendo a luz da fadinha brilhar ainda mais forte. Queria não ter feito isso. Tudo o que vejo é o rio à minha frente sofrendo uma queda abrupta, rumo ao desconhecido.

É tarde demais para eu parar ou fugir para a margem. A corrente é muito forte para que eu nade contra ela. Antes que me dê conta, estou quase na queda e tudo que posso fazer é corrigir a minha posição para que os pés fiquem na frente do corpo, apertar bem os olhos e tomar muito, muito fôlego.

Quando ouso abrir os olhos, já fui arrastada para terra firme, não muito longe da base da cachoeira. Ali, a água bate numa rocha e mal posso acreditar que estou viva e intacta. Fico de pé. Estar na base da cachoeira tem mais vantagens, como finalmente conseguir ficar em pé ereta e ver luz natural. Isso só pode significar uma coisa: a caverna tem uma saída. Há outras duas passagens também, mas ambas tão escuras quanto o lugar de onde vim. Eu escolho a luz.

– Samantha! – ouço chamarem meu nome do alto. É Emília. *Já?* Pensei que tinha mais tempo. Eu me lanço em direção à saída.

– Espere! – diz ela. Emília salta do alto da cachoeira, usando a sua magia para desacelerar a queda.

Só dei dois passos quando sou atingida por um feitiço e caio no chão. Quando olho para cima, ela está ao meu lado. Emília segura o meu braço e me puxa para que eu fique de pé.

– Não temos muito tempo – diz. Ela abre a palma da minha mão e põe algo ali. É um envelope grande e volumoso. Depois fecha os meus dedos em torno dele. – Aqui dentro tem um painel de transporte de emergência e mais uma coisa que você pode usar para achar o diário antes que o Príncipe Stefan consiga encontrá-la. Sei que não tem motivo nenhum para confiar em mim, mas precisa.

Eu não posso me livrar deles. Estou envolvida demais. Eles querem a cura e depois o trono de Nova, e, se você não encontrar o diário da sua bisavó primeiro, eles vão conseguir. Aquela passagem pode ter luz, mas não é a saída. Pegue o túnel da esquerda e siga até parecer que está num beco sem saída. Logo acima da sua cabeça você vai ver uma saída pequena, mas vai conseguir passar. Então faça o que tem que fazer. Vou atrasá-los o máximo que eu puder, mas você não terá muito tempo. Ele sabe sobre o Lago de Estrelas agora. Sei que você não confia em mim, mas pense no que aconteceu aqui. Tentei te ajudar a cada passo do caminho, inclusive oferecendo todas as ferramentas necessárias para você escapar. Eu te levei à estufa para você poder pegar aquela folha. Pense nisso.

Ouço um barulho acima de nós.

– Vá, vá! – ela exclama.

Eu não quero confiar nela. Não sei como poderia, mas, então, algo dentro de mim me dá a resposta. Eu não preciso saber tudo agora, só preciso sair viva de cada situação, uma de cada vez. Mesmo que confiar no meu pior inimigo seja a minha única opção.

Mergulho no túnel escuro da esquerda, mas não sigo as orientações dela completamente. Encontro uma pedra grande no chão, pontuda e afiada, e a coloco dentro da mochila de Stefan. Então me arrasto até uma rachadura perto da entrada. Se Emília trair a sua palavra e mandar o Príncipe atrás de mim, vou usar essa pedra para revidar.

Sinto quatro rajadas de vento. Stefan, Ivan e mais dois homens parrudos que eu não reconheço descem a cachoeira voando.

– Rápido, ela foi por ali! – diz Emília, apontando para a luz.

– Então por que está parada aí? Vamos atrás dela! – diz Stefan.

Eles descem o túnel correndo, me deixando sozinha no túnel da esquerda. Ainda não consigo deixar de lado a sensação de que isso é algum tipo de truque, mas, quanto mais eles correm na direção oposta, mais chance eu tenho de escapar. Tiro a pedra da mochila e corro para o final da passagem que escolhi.

Como Emília disse, parece um beco sem saída. Mas sobre a minha cabeça há um pequeno buraco que parece estreito demais para eu passar.

Eu iço o meu corpo para cima. *Ok, primeiro as pernas*. Espremo a mochila contra a barriga, então lentamente vou atravessando a abertura. Está funcionando! A pedra está próxima do meu rosto, então posso sentir o calor do meu hálito atingindo a rocha e voltando. Eu me concentro nos pequenos movimentos do meu corpo, comemorando cada milímetro de sucesso. A claustrofobia se esgueira sob a minha pele, o pânico surge na parte racional do meu cérebro. Mas, assim que ele ameaça me sufocar, meus quadris passam pela boca do buraco, e então o resto é fácil.

Agora, há luz aqui. A luz do sol passa por um buraco no teto, e o verde-escuro prevalece na caverna. Seguro na raiz de uma árvore para conseguir subir e a escalo rumo à luz do dia.

Fico ali deitada, sentindo os arrepios de frio causados pelas minhas roupas ainda molhadas e deixando o sol aquecer o meu rosto. Conto até quinze, então me sento, pego o celular do Príncipe e ligo para a única pessoa comum deste mundo que pode me tirar dessa.

Kirsty atende.

– Stefan?



CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

SAMANTHA

Eu desligo o telefone no ato.

Fico ali sentada, em choque, por alguns segundos.

Isso só pode significar que Kirsty tem o número do Príncipe Stefan! Mas por que teria? Não tenho tempo para pensar a respeito. Mas se ela está de alguma maneira em contato com o Príncipe Stefan... também não posso confiar nela. Agora preciso escolher outra pessoa para ligar. Quero desesperadamente telefonar para Evelyn ou Zain, mas as palavras do meu avô soam na minha cabeça. *Apenas Talentosos podem ser metamorfoseados por poções de permutação*. E se Emília me enganar outra vez? Eu preciso de alguém em quem possa confiar totalmente, que vá me ajudar em qualquer situação, que não vá fazer perguntas quando eu pedir para que se junte a mim nessa louca jornada. E esse alguém precisa ser um comum.

Cheia de nervosismo, digito outro número. Depois de alguns toques, a pessoa do outro lado atende.

– Alô?

– Anita? Não entre em pânico. Essa é uma emergência nível “Molly e o unicórnio”. Está me ouvindo?

Ouço passos rápidos e uma porta sendo fechada e trancada.

– Sam? – A sua voz embarga quando ela fala comigo. – Mas eu pensei... as notícias estão dizendo...

– Eu sei. Mas estou bem. Juro que posso explicar tudo. Mas, primeiro, preciso que você escute. Preciso da sua ajuda.

– Qualquer coisa! – diz ela, sem hesitar nem por um instante, e o meu coração explode de amor e gratidão.

– Fui sequestrada por Emília, mas sob as ordens do Príncipe Stefan.

– O quê?! – Anita guincha do outro lado da linha. – Onde você está?

– Agora não sei exatamente. Em algum lugar de Gergon, nos arredores da Escola Visir. Diga a Arjun, porque ele já deve ter ouvido falar dessa escola.

– Quer dizer que posso envolver Arjun nisso também?

– Sim – digo. Confio no irmão de Anita tanto quanto confio nela e, se não vou poder contar com as habilidades de Coletora de Kirsty, as dele são a segunda melhor opção. – Mas a mais ninguém. Não podemos confiar em nenhum Talentoso. Emília é mestra em poções de permutação e isso faz com que qualquer Talentoso seja um perigo.

– Ok – diz Anita. – Então o que posso fazer? Como posso te trazer para casa?

– Não posso ir para casa ainda. Estou procurando o diário de poções da minha bisavó. Acho que ela escondeu nele a receita da *Aqua Vitae*. – Ouço o arquejo de Anita, mas continuo falando. – Preciso que você vá ao Runustão o mais rápido possível, para a aldeia do lago Karst. Há uma mulher lá chamada Nadya Ivanov. Ela tem permissão especial para usar uma tela de transporte, a única do Runustão no momento. Ela pode te ajudar a chegar lá rapidamente. Diga a ela que eu te enviei. Você pode fazer isso? Eu te encontro lá.

Os dentes de Anita estão rangendo do outro lado da linha, um sinal claro de tensão.

– Sam, eu não sei... os seus pais estão devastados, Zain está se transportando pelo mundo inteiro atrás de você, a Família Real está em estado de pânico. Eles não pararam de te procurar e estão literalmente surtando. Se você está em segurança, por que simplesmente não vem para casa e aí podemos resolver tudo isso daqui?

– Eu estou em segurança, mas a minha família não está. Quer dizer, *Nova não está!* Se eu for para casa agora, vou colocar todos em risco. – O tom da minha voz sobe até se tornar um guincho agudo. Não paro de olhar por sobre o ombro,

temendo que a qualquer momento Emília ou o Príncipe Stefan apareçam no bosque atrás de mim. – Se você não me ajudar, vou fazer isso sozinha.

– Ok, ok! – Ela respira fundo duas vezes, então continua. – Sam, como você vai chegar ao Runustão?

– Deixe que eu me preocupo com isso. – Devo confiar no objeto que Emília me deu? Mais uma vez, acho que não tenho escolha.

– Sam, eu amo você. Tome cuidado. Vamos inventar uma desculpa para ir ao Runustão e te encontramos lá.

– Também te amo. – As palavras me sufocam. Então, antes que eu possa mudar de ideia, desligo o celular e o jogo na água, para que ninguém me localize, caso ele tenha um dispositivo de rastreamento. Pego o painel de transporte de emergência e o abro no chão. Sua superfície espelhada reflete o topo das torres da escola. Ele parece inofensivo, mas sei que não é. Engulo em seco. Vou conseguir me transportar por essa distância enorme sem me matar?

Eu me levanto e me afasto do painel, incapaz de reunir coragem tão rápido.

Tiro o outro objeto estranho do envelope e o examino na minha mão. Não tenho muita certeza do que é. Ao toque, parece feito de vidro ou talvez de algum tipo de cristal. Dentro dele, há outro objeto, mas não consigo distingui-lo muito bem no escuro. Eu o ilumino com a luz da minha fadinha.

Então quase o jogo longe.

Encerrada no cristal há uma galáxia espiral. É repleta de estrelas, com faixas de tom carmesim, violeta e azul girando em volta do centro. É inconfundível. Um olho de centauro.

Um olho encerrado numa esfera de vidro.

Tome isso e use para encontrar o diário, Emília disse. Usar um olho de centauro?

Olho de centauro – o primeiro ingrediente sintético já produzido. Ingrediente essencial em poções para curar doenças repentinas (especialmente as acompanhadas de visões) ou para ajudar a achar objetos perdidos.

Na minha cabeça, começo a enumerar poções. Mas, mesmo que ele possa me

dar todas as respostas de que preciso, não posso usar esse olho agora que conheci os centauros. Eles podem ter tentado me matar, mas isso não diminuiu o meu respeito por eles. Esse olho precisa ser devolvido, para que eles possam enterrá-lo com o centauro que morreu quando ele foi arrancado. Usá-lo não me parece certo.

Eu me pergunto por que Emília não usou o olho para encontrar o diário. Mas então me lembro: centauros podem sentir intenções. Talvez isso sirva para o olho também. Se ele conseguiu sentir os planos malignos que Emília tem para o diário, pode ter tentado impedi-la, em vez de ajudá-la.

Eu guardo o olho dentro da mochila do Príncipe Stefan. Então dou um passo para trás com cautela, em direção à tela de transporte. Tento pensar em como vi outras pessoas fazerem. Coloco a mão sobre ela e digo:

– Nadya Ivanov, lago Karst.

Num segundo, o rosto de Nadya aparece na tela. Seus olhos se arregalam quando ela me reconhece.

– Seus amigos não estavam brincando quando disseram que você não queria perder tempo.

Sinto uma onda de gratidão por Anita ter agido tão rápido.

– Nadya, você pode me ajudar?

– É claro! – diz ela. – Vou chamar um dos técnicos. – Por um momento, hesito. Os técnicos de transporte de Nadya *também* são Talentosos. Mas eu preciso mesmo suspeitar de cada pessoa Talentosa deste mundo? Emília não poderia metamorfosear cada uma delas. *Se você escapar, não poderá confiar em nenhum Talentoso.* Meu cérebro dá uma guinada com a decisão. – Se você vier agora, seus amigos virão em seguida – diz Nadya.

A mão do técnico atravessa a tela. Decido correr o risco. Dou as mãos para ele e sou puxada através do vidro.



CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

SAMANTHA

– Só estou ajudando você porque a sua amiga deixou claro que se trata de uma emergência. – Os braços de Nadya estão cruzados sobre o peito, os olhos castanho-escuros cheios de suspeita.

Estou com as costas curvadas e as mãos nos joelhos, tentando acalmar os meus nervos exaltados.

– Estou vendo que não trouxe Kirsty com você desta vez. Então ela não quis vir para ver pessoalmente os danos que causou? Às vezes eu me pergunto se os grandes aventureiros também não são os maiores covardes. Típica Coletora arrogante.

Agora é a minha vez de franzir a testa.

– Eu não estou entendendo...

Mas ela ainda não terminou.

– Primeiro os dragões, aí a fila de figurões fazendo exigências para os centauros e os habitantes da aldeia. Nova vai nos ajudar a resolver essa bagunça? Vocês estão evacuando a aldeia inteira e essas pessoas não têm para onde ir; elas têm que começar do zero...

– Evacuando a aldeia? – pergunto, chocada.

Ela arruma o lenço na cabeça, que ficou frouxo com o acesso de raiva.

– Todos nós temos que nos mudar!

– Mas por quê?

– Você acha que pode irritar um dragão daquele jeito e se safar? Vivemos pacificamente por décadas e então chegam três forasteiros e acabam com tudo. Os centauros estão sofrendo com a fúria do dragão e nos culpam por isso. O

porta-voz dos centauros, Sólon, nos deu um ultimato: ou vamos embora ou vão nos fazer sair daqui à força. Eles querem este território agora.

– Você está brincando...

– Não, não estou. Então, para ser bem sincera, não sei se desta vez você vai ser tão bem-vinda aqui. Acho que não posso te ajudar.

– Por favor, Nadya. Isso não é por mim, é pelo mundo todo.

– Ah, pelo mundo todo? Vocês novaneanos agem como se fossem o centro do universo, como se o sol e as estrelas girassem ao seu redor. Vocês vêm brigando com Gergon ao longo dos séculos e as suas monarquias ascendem e caem; ainda assim, no Runustão nós, na verdade, não estamos nem aí. O nosso sol ainda nasce e se põe e as nossas estrelas ainda brilham. Seus assuntos não nos dizem respeito.

Lentamente eu balanço a cabeça, concordando com ela. De fato, colocamos Nova no centro do mundo em todos os mapas, e eu me sinto envergonhada por ser tão “novacêntrica”.

– Bem, preciso te agradecer de qualquer maneira. Você já me ajudou me trazendo aqui.

Uma pequena brecha se abre no seu semblante circunspecto.

– Sam, eu não sei se você entende. Sinto muito pelo seu avô e pelo que você está passando, sinto mesmo, mas não tenho tempo para largar tudo e correr em seu auxílio. Se você trouxer mais problemas para a aldeia, ninguém vai me perdoar. Não vão me deixar retornar e todo o meu trabalho aqui estará perdido.

– Eu vou entender se não quiser me ajudar, mas se é o relacionamento dos moradores da aldeia com os centauros que a preocupa, saiba que posso ajudar *vocês* com isso. Preciso de uma reunião com um centauro. Com Cato.

Ela faz um gesto com as mãos, rejeitando a ideia.

– Isso não vai mudar nada.

O olho do centauro pesa no meu bolso.

– Nadya, você precisa confiar em mim. Você disse que a minha bisavó foi a única pessoa que fez questão de aprender não somente de onde vêm os

ingredientes, mas a história e a cultura por trás deles. Você disse que ela era uma alquimista admirável. Pela honra da família Kemi e como bisneta de Cleo Kemi, eu te dou a minha palavra.

Ela examina o meu rosto e eu não recuo diante do seu olhar intenso.

– Tudo bem. Vou te dar uma chance. Mas, Sam, se você meter os pés pelas mãos com os centauros... pode ser o fim desses aldeões e do seu modo de vida. *Você* criou esse problema.

– E eu posso consertá-lo. Sei que posso – digo, com toda a confiança que consigo reunir. – E, se não puder, sei que pode haver coisas piores a caminho. Pessoas piores. Pessoas que realmente *não vão* dar a mínima para o que acontece a vocês.

– Está bem. Vou chamar Sólon. Mas é melhor estar preparada. Os centauros podem tratar você com menos gentileza do que os aldeões, e você já sabe que eles têm outras formas de fazer justiça. – Ela corre as mãos pela frente do vestido. – É melhor eu partir imediatamente. O técnico está à espera dos seus amigos. Eles devem se transportar em breve.

– Obrigada – digo.

Ela assente, então desaparece da tenda.

Eu ando de um lado para o outro na *ger* de Nadya, esperando que Anita e Arjun cheguem. Jogo a minha tela portátil direto no fogo. Enquanto um cheiro acre rescende das chamas, rezo aos unicórnios para que ela não tenha um rastreador.

Depois, eu me deixo cair sobre uma das almofadas e abraço os joelhos. Começo a tamborilar os pés no chão.

Não preciso esperar muito. Nem uma hora se passa antes que o técnico venha correndo, ajudando Anita e Arjun a se transportar, um de cada vez. Eu abraço Anita tão forte que ela estremece. Mas, quando a solto, ela devolve o abraço com a mesma intensidade.

– Achávamos que você tinha morrido – ela sussurra na minha orelha.

– Eu continuo aqui – sussurro de volta.

Arjun vem em seguida.

O abraço dele é mais breve, mas não menos reconfortante. Preocupação misturada a alívio arde em seus olhos.

– Desculpe termos demorado tanto.

Ficamos em silêncio por um momento desconfortável enquanto o técnico Talentoso confirma que a passagem está fechada e sai da tenda. Ele parece ter pressa. Penso outra vez no que Nadya disse sobre a aldeia inteira estar sendo evacuada. Com sorte, poderei ajudá-los um pouquinho.

Mas, primeiro, o diário.

Quando temos certeza de que o técnico já se afastou o bastante, Arjun continua a falar.

– Tivemos que inventar uma desculpa bem rápido para contar aos meus pais *e* eu tive que montar um kit de Coletor de emergência *e* tivemos que ir a um terminal de transporte. Por sorte, parece que o mundo inteiro está procurando você, então os nossos pais não ficaram surpresos quando dissemos que íamos participar das buscas.

– Espera aí, vocês *disseram* aos pais de vocês que vieram atrás de mim?

– Só falamos por cima! – Anita me tranquiliza. – Todo mundo pensa que fomos à Praia Crane em Nova-Nova, porque... Não fique brava, mas eu entrei nos fóruns das Teorias das Caçadas Selvagens também. Fiz uma montagem rapidinho e fingi que você foi vista lá.

– Por que eu ficaria brava? Isso foi genial! – digo.

– Eu sei como você se sente com relação a esses fóruns.

– Qualquer coisa que possamos usar para tirar as pessoas da pista certa é válida.

Anita dá de ombros.

– Bem, não tenho certeza de que funcionou. Não acho que Zain tenha acreditado. Tudo o que posso dizer é: ainda bem que só nos falamos pelo celular e não pessoalmente... Com certeza, ele teria adivinhado no mesmo instante que eu estava mentindo. Ele continua em Pays; na verdade, perto da fronteira com

Gergon. Está usando a petição da Princesa para ter acesso a Gergon e poder te procurar.

– Estamos aqui, como você pediu – diz Arjun. – Agora você nos conta *por que* estamos aqui.

Eu engulo em seco e assinto.

– Já estive aqui uma vez. Para encontrar um bando de centauros que vivem aqui por perto.

– Volte um pouquinho – pede Anita. – *Por que* você se encontrou com os centauros?

Rapidamente, conto a eles o que Emília fez com o meu avô e quanto é importante encontrar o diário da minha bisavó. Para crédito deles, os dois ouvem sem me interromper. Consciente de que corremos contra o relógio, mas também de que, para ajudar, eles precisam se inteirar dos fatos, eu lhes conto sobre a minha primeira visita ao Runustão e o mistério do enigma dos centauros. Faço um resumo do que descobri sob o cativeiro de Emília. A única coisa que deixo de fora é o presente que Emília me deu e sugiro que roubei a tela de transporte, assim como roubei o celular do Príncipe Stefan. Não quero que fiquem confusos a respeito de Emília como eu mesma estou.

– Como é mesmo o enigma? – Anita pergunta. Ela adora charadas e, com seu talento para decifrá-las, podemos ter uma chance.

– Um lugar onde o dia é sempre noite e as estrelas brilham sob comando.

– E você não tem ideia de onde seja? – pergunta Arjun.

– Não tenho certeza. Mas vi num adesivo colado no baú de Cleo que o apelido do lago Karst é Lago de Estrelas.

Arjun digita algo no seu celular.

– Uma rápida busca diz que é porque, em certas noites, as águas ficam tão serenas que o reflexo do céu noturno faz parecer que o lago está cheio de estrelas.

Anita franze a testa.

– Mas isso não se encaixa muito bem na parte que diz que “o dia é sempre

noite”... Pode ser um local coberto em algum lugar? Talvez onde eles possam ligar e desligar as luzes? É a única forma que eu consigo pensar para que as estrelas apareçam “sob comando”. Tem algum observatório ou coisa assim aqui perto do lago?

– Poderia até ser, mas não há nada assim por aqui. Seria um lugar incrível para um observatório. Mas são poucos os lugares com eletricidade... Será que é um deles?

– Bem, se tivesse me perguntado a respeito disso antes, eu não teria dito que é no Runustão. Há um lago muito famoso conhecido por esse nome em Bantu, perto de Zambi, que é chamado de Lago de Estrelas porque fica no alto da montanha e, quando ocorre uma chuva de meteoros, parece que as estrelas estão caindo no lago.

– Já ouvi falar disso também – digo. – Mas não pode ser. O adesivo no baú da minha bisavó definitivamente mostrava este lugar.

– Espera aí. Como você disse que se chama o lago em runu? – pergunta Anita.

– Lago Karst – respondo.

– Eu *já ouvi* falar dele. – Ela pega o celular e abre um aplicativo de álbum de recortes. – Eu uso este aplicativo para registrar todos os lugares no mundo para onde quero viajar depois da universidade. Espere um segundo. Eu sabia que tinha salvado uma foto do lago Karst. Ele é conhecido por ter algas com bioluminescência.

– Biolumin-o-quê? – pergunto, confusa.

A nerd da biologia em Anita entra em cena.

– É um tipo específico de alga que emite uma luz forte quando se sente ameaçada. É um fenômeno natural raro que ocorre apenas em algumas partes do mundo, só que em alguns lugares seu efeito é mais característico do que em outros. Como aqui, veja – ela mostra uma foto no celular –, uma praia numa ilha no meio do oceano, onde as ondas se acendem à noite por causa das algas arrastadas para a orla. – Ela tem razão. Parece impressionante e sobrenatural. As ondas estão iluminadas como a Árvore das Luzes em Laville. – De qualquer

forma, o lago Karst, aqui no Runustão, é conhecido por apresentar esse fenômeno também. Mas fica tão longe de qualquer outro ponto turístico que são poucas as pessoas que vêm aqui.

– Também é muito difícil fotografar as algas aqui, então não vemos fotos espetaculares como as dessa ilha. Mas pode ser uma explicação para o enigma: estrelas que aparecem sob comando. Se você estalar os dedos ou bater palmas embaixo d'água, as algas brilham como fogos de artifício!

– E estaria escuro como a noite embaixo d'água também – digo. – Anita, você é um gênio! Vocês acham que pode ser isso?

– Vale a tentativa – diz Arjun.

Pela primeira vez, sinto um arroubo de otimismo. Estou aqui com dois dos meus melhores amigos, que por coincidência também são as duas pessoas mais inteligentes do mundo. E eu sei que, se existe alguém pode desvendar isso, somos nós.



CAPÍTULO QUARENTA E SETE

SAMANTHA

Quando saímos da tenda, a aldeia de Karst parece completamente diferente. Metade das *gers* foi desmontada e os aldeões andam apressados, de um lado para o outro, carregando caminhões com os pertences que são tudo que eles têm neste mundo. A paisagem não tem mais nada a ver com a aldeia calma e pacífica que conheci.

Engulo em seco. Kirsty, Zain e eu fizemos mesmo isso? Não imaginei que as minhas atitudes e as de Kirsty poderiam ter consequências tão terríveis. Ela sabia desse risco e mesmo assim foi em frente? Eu me pergunto quanto custa o fogo de dragão. Provavelmente, MUITO dinheiro.

Mas não vale tanto a ponto de causar o que estou vendo.

E não vale tanto quanto um olho de centauro.

Eu aperto os lábios. Kirsty e eu passamos por tanta coisa juntas, mas isso significa que sei exatamente quanto ela é mercenária. Provavelmente, me faria usar o olho de centauro. Usar ou vender.

Anita põe a mão no meu ombro e eu inclino a cabeça para apoiar a bochecha na mão dela.

– Olhe ali. – Arjun aponta para uma coluna de poeira em torno da margem do lago. À medida que se aproxima, posso ver que é Nadya no seu 4x4. Corremos até a água para encontrá-la.

– Falei com um dos porta-vozes, Sólon. Ele disse que Cato nunca se encontraria com você.

– O quê? Mas...

Ela levanta uma mão para me interromper.

– Eu contei da sua insistência sobre a importância dessa reunião e então Sólon concordou em se encontrar só com você e eu. Você, para poder oferecer a ele o que quer que pense que vai fazer os centauros mudarem de ideia sobre a nossa aldeia. E eu, para negociar os termos. Temos um fio de esperança.

Não é Cato, mas é um avanço.

– Ótimo. Existe alguma forma de mergulharmos no lago?

Nadya aponta a pequena cabana na margem dele.

– Aquele é o centro de esportes aquáticos. Infelizmente para vocês, todos os jovens que trabalhavam lá deixaram Karst e voltaram para a capital. Querem tentar a sorte em outro lugar antes que esta aldeia vire comida de dragão... literalmente. Mas a maior parte do equipamento continua lá; eles ainda não tiveram tempo de levá-lo embora. E tem um barco. Vou avisar o dono de que vão usá-lo.

– Eu cuido disso, Sam – diz Arjun.

– Tem certeza?

– Sim, fiz um curso de mergulho quando treinava para ser Coletor. Posso pelo menos verificar o equipamento e ver se ele é seguro.

– Vou ver o que consigo encontrar na internet sobre as algas neste lago – diz Anita. – Talvez isso possa nos ajudar na localização. Ele é bem grande, afinal de contas. – Sigo o olhar dela em direção ao lago. Ele é de fato enorme, a margem mais distante parece estar a mais de um quilômetro. Nem conseguiríamos vê-la a essa distância se o céu não estivesse claro e sem nuvens.

Nunca amei tanto os meus amigos quanto os amo neste momento.

– Muito obrigada por fazerem isso por mim.

– Agradeça quando estiver de volta – diz Anita, os dedos voando pelo teclado.

Dou um abraço apertado em cada um.

– Se tudo correr bem, estarei de volta em duas horas, ok?

– Vai estar tudo pronto.

Entro no carro de Nadya, roendo as unhas até a carne. Eu me sinto grata pela chance de encontrar o centauro, mas nervosa ao mesmo tempo. E se ele quiser

retaliação pelo que fizemos ao seu bando?

Quando vejo Sólon parado à beira da água, um nó se forma na minha garganta. Ele está sozinho e o seu corpo é uma silhueta negra contra o céu. Estacionamos a uma pequena distância, então Nadya e eu nos aproximamos. Nadya sussurra para mim:

– É melhor que você tenha um bom plano.

Quando chegamos a uma distância da qual é possível conversar com Sólon, eu inclino a cabeça, fazendo uma reverência.

– Olá, outra vez.

Ele não me cumprimenta, apenas me fita com os seus olhos dourados, os braços cruzados sobre o peito. Não precisa falar comigo. Eu sou a única que tem algo a dizer.

– Lamento profundamente o que aconteceu a você e ao seu bando. Sinto muito que isso tenha sido causado pela minha visita. Garanto que nunca tive intenção alguma de prejudicar vocês ou de enfurecer um dragão. Eu só vim aqui para tentar encontrar o diário de poções perdido da minha bisavó. Sei que ela veio para cá e eu achei que a minha melhor chance era seguir os passos dela.

Sólon me interrompe, a raiva distorcendo a sua voz.

– Você fez mais do que isso. A sua ancestral nunca teria sido tão inconsequente. Você provocou a ira da fêmea de dragão e agora ela está sedenta de sangue. Não ficará satisfeita enquanto não tiver provado carne, de centauro ou de humano. A evacuação da aldeia é tudo que podemos fazer para proteger a nós mesmos e aos nossos filhos. Ela não cruzará o lago para chegar à outra margem e é por isso que precisamos que os humanos cedam o seu território até que o dragão seja subjugado.

– Não há nenhum outro lugar para onde possam ir? – suplico.

– Não. Tem que ser aqui.

Eu assinto lentamente.

– Você disse que tem algo de grande importância para mim – diz Sólon, raspando o casco contra o chão, agora impaciente.

– Sim, eu tenho. E não vou usar como instrumento de barganha. Não vou pedir nada em troca. – Eu me volto para olhar a minha companheira. – Sinto muito, Nadya. Tem que ser assim. Não vou privar os centauros disso.

O olhar dela endurece.

– Você vai simplesmente dar de graça algo que poderia usar para nos salvar?

– Sim – repito. – Foi dado a mim por alguém que pensou que eu o usaria para alcançar os meus próprios objetivos. Mas não posso fazer isso. Sinto muito por ter enganado você.

Eu tiro a corrente do pescoço, puxando o olho de debaixo da minha blusa. Assim que Sólon o vê, ele empina até que eu possa ver o branco dos seus olhos e brada algo na sua própria língua. Depois estende o braço para trás e puxa o arco. Então parece voltar a si e diz em novaneano:

– Onde você conseguiu isso?

Até Nadya dá um salto para longe de mim. Eu, em contrapartida, dou alguns passos na direção de Sólon. Ajoelho no chão e levanto o olho nas palmas das mãos, tentando ignorar o fato de que há uma flecha apontada para o meu peito.

– Eu sei que isso pertence ao seu bando. Por favor, pegue-o e devolva-o à família a quem pertence por direito, para que possam enterrá-lo junto a quem quer que o tenha perdido por causa da ganância e ambição de um alquimista.

Mantenho os olhos colados no chão, porque não consigo nem pensar no que pode acontecer se ele não aceitar o olho ou se decidir que sou eu quem merece morrer por todo o mal causado.

Eu *sinto* mais do que ouço os seus cascos andando na minha direção, e fecho os olhos em antecipação. Sinto uma pressão suave na palma da mão quando ele pega o olho. Assim que o olho se vai, eu me levanto e cambaleio de costas para longe dele. O centauro está segurando o olho contra a luz, examinando-o como eu examinei.

– Conheço um certo centauro que ficará muito feliz em ter isso de volta.

– Ei... o centauro que perdeu esse olho... está *vivo*?

– Está. E creio que você inclusive já o viu. Ele te perseguiu para afastá-la do

bando.

Eu engulo em seco. Claro, o centauro com o tapa-olho.

– Nós o proibimos de matar você, que era a vontade dele. Essa cortesia lhe foi concedida por ser descendente de Cleópatra Kemi, alguém que prestou grandes serviços para o bando num momento de necessidade.

Eu decido tentar a sorte.

– Vocês deixarão que os aldeões continuem vivendo às margens do lago?

Sólon nega com a cabeça.

– Já concluímos que isso é o melhor a fazer. Não existe outra saída. Vocês terão até o cair da noite de amanhã para evacuar a aldeia antes que chegue o primeiro centauro. E ele não será tão piedoso quanto eu.

– Por que está sendo tão piedoso conosco? – pergunto, sem esperar uma resposta de fato.

– Porque eu me lembro do que a sua ancestral fez. E foi mais do que qualquer outra pessoa.

– O que ela fez?

Ele não responde. Só fecha o olho em seu punho e se afasta a galope, na direção oposta ao lago.

Eu o fito enquanto ele vai embora. Com relutância me viro para Nadya. Surpreendentemente, não há tanto ódio nos seus olhos quanto eu esperava. Seus ombros estão caídos e seus olhos baixos; ela parece resignada com o seu destino. Caminhamos de volta para o carro.

– Sinto muito não ter conseguido fazer o centauro mudar de ideia – digo, quando o silêncio se torna insuportável. – Mas não me parecia certo usar o olho como objeto de barganha. Ou usá-lo para salvar Nova. Pertencia a eles.

Segue-se outro longo silêncio, enquanto ela manobra o carro e começa a dirigir na direção da aldeia. Alguns instantes depois, ela limpa a garganta. Há lágrimas nos seus olhos.

– Eu entendo o que fez. E entendo por que não me contou sobre o olho. Eu poderia ter tentado convencê-la a fazer algo diferente. Mas o que você fez foi

correto. Devo pelo menos respeitá-la por isso. Mas não posso te ajudar mais. Isso selou o nosso destino. Preciso ajudar os últimos aldeões a juntar as suas coisas e discutir para onde iremos a seguir.

– Vocês vão encontrar um lugar para onde ir?

– Sempre encontramos – diz Nadya. – Só restam alguns poucos anciãos. Justamente as pessoas que sabem viver como nós, de acordo com os antigos costumes. Tantos jovens querem fazer fortuna na cidade e quem pode culpá-los? É o que eu mesma fiz. Depois voltei para cá com um diploma e cheia de privilégios. Mas a vida continua. Pelo menos agora você saldou a sua dívida com os centauros. Talvez um dia eles permitam que você aprenda os seus segredos.

– Não sei de que isso vai adiantar. Se eu não achar logo a cura, o meu avô pode... – Não consigo nem terminar a frase, a minha voz embarga. – Eu posso não ter mais um mentor, uma loja... Droga, posso não ter mais nem um país para onde voltar! Não como eu o conheço.

– Não desista ainda – diz Nadya. – Você ainda tem o lago onde procurar, lembra?

Estamos dirigindo ao longo da margem e eu esquadrinho a vastidão das águas.

– Vamos procurar um diariozinho neste lago imenso. Como é possível encontrá-lo, mesmo se estiver aí? É só um palpite.

– Pelo que a Caçada Selvagem mostrou, os seus palpitem muitas vezes estão corretos. Você não apenas tem sorte. Você é esperta.

– E eu posso ter que abrir mão de toda essa esperteza para salvar o meu avô.

– Como assim? – pergunta Nadya.

– Ah, não é nada. Só estou morrendo de medo do preço que precisarei pagar pela *Aqua Vitae*, se eu realmente encontrar a receita.

– Seja qual for o preço, tenho certeza de que não é maior do que a vida do seu avô. Você sabe disso.

Eu sorrio para ela.

– Eu sei.



CAPÍTULO QUARENTA E OITO

SAMANTHA

Nadya me deixa na cabana à beira do lago, justo quando Arjun está saindo de lá com dois cilindros grandes de oxigênio sobre os ombros.

– Eu preciso deixar você aqui – diz Nadya. – Sinto não poder ajudar mais. Boa sorte, Samantha.

– Obrigada. Eu entendo.

Ela me dá um sorrisinho e então vai embora no seu 4x4. Os pneus do carro levantam nuvens de poeira. A quadra de vôlei do nosso lado foi desmontada às pressas, a parte inferior de um dos postes que sustentam a rede ainda despontando na areia. Meu coração aperta, mas sei que nunca mais serei tão descuidada ao visitar uma comunidade. Pretendo voltar aqui e consertar o que destruí.

Anita aparece atrás de mim.

– Você não tinha como saber.

– Não tinha? As coisas sempre parecem dar errado quando estou caçando poções. Minha irmã quase morreu quando tentei preparar a poção do amor... e agora uma aldeia inteira está destruída. E, mesmo assim, pode ser tudo em vão.

– Vamos garantir que não seja tudo em vão – diz ela. – Venha, andei fazendo umas pesquisas.

Entro na cabana e ela parece um típico ponto de encontro de mergulhadores: vários adesivos brilhantes e bem visíveis na parede, cartões-postais de lindas paisagens oceânicas e formações de coral. Também há fotos dos diversos tipos de peixe que podem ser encontrados no lago, incluindo algumas variedades que são únicas dessa região. Por sorte, não há nenhuma enorme criatura no lago para

me meter medo, e definitivamente nenhum tubarão. Também há mapas na parede. Muitos e muitos mapas, cobrindo a sala como um papel de parede. Anita abriu um deles no chão, pois toda a mobília foi levada embora.

– Arjun? Está pronto? Sam chegou...

– Sim, estou indo.

Arjun aparece, a testa coberta de suor.

– Encontramos, nos fundos, alguns cilindros de oxigênio cheios, junto com roupas de mergulho, *snorkels* e pés de pato. Acho que eles estavam planejando levar todo o equipamento amanhã. Podemos pagar pelo ar que usarmos e pelo combustível do barco; eu negociei um acordo. Mas ninguém está disposto a ficar para nos servir de guia.

Eu sinto um aperto de pânico no peito quando penso em entrar no lago sem saber nada sobre o local.

– Vocês acham que vamos ficar bem?

– Bem, eu tenho *alguma* experiência com mergulho. Acho que dá pra te ensinar alguma coisa. Espero que seja o suficiente – ele diz.

– Também espero – digo. Não tinha pensado antes sobre essa coisa toda de *procurar embaixo d'água*. No entanto, conheço pessoas que mergulharam sem nenhum tipo de treinamento. E ainda bem que sei nadar. Foi uma das primeiras coisas que a mamãe nos ensinou. Ela sempre teve medo de água e não queria que eu e Molly passássemos pela mesma coisa.

– Ok, dei uma olhada nestes mapas e parece que as algas gostam mais de certos lugares – começa Anita. – *Sim*, elas mudam um pouco de lugar, então se os centauros disseram que o diário estava na área das algas mais ou menos uma semana atrás, isso nos dá uma boa ideia parte do lago em que devemos procurar. Eu destaquei três áreas...

Enquanto isso, Arjun está anotando um plano de mergulho.

– Não poderemos desperdiçar muitas oportunidades. Normalmente, convém mergulhar só duas vezes por dia, mas, se não formos muito fundo, talvez dê para aumentar para três.

– O lago é bem fundo em alguns lugares – diz Anita, apontando para os mapas.

– Vamos ter que fazer o que for possível. Se não conseguirmos achar o diário agora... talvez possamos voltar com um mergulhador profissional. – Mesmo dizendo isso, sei que seria impossível. E por uma única razão: esta área em breve vai estar repleta de centauros. Eles não vão ficar muito felizes com um bando de mergulhadores estragando a sua festa.

– Será que vamos conseguir chegar a esses locais de barco? – pergunta Anita.

– Sim, o barco tem GPS. Podemos calcular as coordenadas e garantir que estamos procurando nos lugares certos.

– Ok, então tudo bem, vamos pôr os trajes de mergulho e embarcar – digo, com mais confiança do que estou sentindo. É possível mesmo que um diário continue embaixo d'água por tanto tempo sem se dissolver e virar mingau? Tento não pensar a respeito.

Anita me entrega um maiô preto que encontrou secando no quarto dos fundos, e eu o visto. Então tento vestir a roupa de mergulho. Ela é fria e levemente viscosa, e detesto a sensação que causa ao envolver o meu corpo. Mas é melhor do que ficar exposta ao frio, e eu definitivamente não sobreviveria sem ela nas profundezas. Preciso dar alguns pulos para fazer o traje passar pelos meus quadris, então puxo o longo cordão preso ao zíper, para fechá-lo até o final. Pouco antes de fechá-lo completamente, tiro a luz da fadinha da mochila que peguei do Príncipe Stefan e coloco a corrente no pescoço, enfiando-a sob a gola apertada da minha roupa de mergulho. Espero não precisar dela, mas o enigma do "dia é sempre noite" indica uma escuridão que talvez nem uma lanterna possa iluminar. Em seguida, me junto a Arjun e Anita no barco. Arjun também está vestindo um traje de mergulho.

– Espere, antes de nos distanciarmos muito da costa, você precisa praticar alguns procedimentos na água – ele diz. Arjun me ajuda a vestir o colete com o cilindro de oxigênio preso às costas. Ele também joga um apito para mim, que coloco no pescoço. – Vai precisar disso caso venha à tona muito longe do barco.

Agora, coloque na boca o seu regulador, essa coisa por onde você respira, segure com força com a mão e me siga. – Ele rola para fora do barco e cai na água, e eu, com relutância, o imito. Deixo escapar um gritinho quando a água gelada entra no meu traje.

Porém, lentamente a temperatura do traje aumenta e eu começo a me sentir mais confiante. Arjun me mostra como inflar e desinflar o colete para poder afundar, verifica o meu suprimento de ar e então me faz colocar o cinto de lastro. Eu aprendo a esvaziar a minha máscara de mergulho caso ela se encha de água ou seja arrancada do meu rosto enquanto estou submersa, e como voltar a usar o regulador de ar, caso ele escape da minha boca. Ele também me ensina uma série de gestos com as mãos, que podemos usar embaixo d'água para nos comunicarmos. Damos um mergulho pouco profundo e eu aprendo como equalizar a pressão nos ouvidos. Quando ele acha que eu já sei o básico, voltamos ao barco. Anita calcula as coordenadas e partimos.

Arjun e eu nos sentamos juntos no fundo do barco, enquanto Anita se preocupa em nos levar ao lugar certo. Arjun segura a minha mão.

– Sabe, Sam, você não precisa tentar ajudar todo mundo, o tempo todo.

As palavras são o bastante para me fazer tremer de medo e preocupação. Ele me puxa para junto dele e me abraça.

– Você sabe que é como uma irmã para mim – ele diz, quando eu por fim me sento ereta outra vez. – Mas você não precisa fazer isso sozinha. Fico feliz que tenha nos ligado. O que você passou com Emília... deve ter sido assustador.

Eu esfrego os olhos, querendo interromper o fluxo de lágrimas, e solto uma risada misturada com um soluço.

– Acho que ainda não processei realmente o que aconteceu – digo, encolhendo os ombros.

– É, acho que não. O que aconteceu com você foi horrível. Mas vamos procurar esse diário hoje e depois deixar que profissionais cuidem disso, ok? Tenho certeza de que Evelyn pode conseguir mergulhadores para vasculhar este lago inteiro. Vamos encontrar o diário da sua bisavó. E se não encontrarmos?

Vamos garantir que Emília e o Príncipe Stefan também não encontrem. E vamos descobrir um jeito de curar o seu avô.

– Obrigada – digo, sorrindo com gratidão. Eu adoro o otimismo dele, mas no fundo sei que essa é a nossa única chance.

– Ok, chegamos ao primeiro local – diz Anita. – Tomem cuidado lá embaixo. Vou contar o tempo para vocês. Vinte minutos no máximo, ok?

Eu assinto, sem poder falar, agora que mordi o regulador. Levanto o polegar para Arjun, então salto do barco, segurando a máscara de mergulho com os dedos.

Caio na água, mas pelo menos o choque térmico não é tão grande dessa vez. Anita lançou a âncora e há uma grande boia laranja presa a ela, para servir como ponto de referência. Arjun me faz segurar na corda da âncora enquanto afundamos, para eu poder me situar, sem entrar em pânico. Eu me sinto grata por isso ao submergirmos, enquanto a minha cabeça é lentamente engolida pelas águas do lago.

Estamos mergulhando. É de verdade, estamos abaixo da superfície.

Isso é inacreditável. Descemos mais ou menos doze metros, de acordo com o medidor no meu traje. Fico surpresa ao ver como é claro embaixo d’água; posso ver o fundo do lago chegando cada vez mais perto. É um alívio ver o chão arenoso, pois estava preocupada que pudéssemos não conseguir chegar ao fundo.

Olho para Arjun. Ele trouxe um galho comprido para poder revirar as pedras ou cavar a areia, se necessário. Está gesticulando para mim, primeiro apontando para os meus olhos e depois para os dele. Está me dizendo para observá-lo sempre – ou pelo menos, para ficar alerta à localização dele e não ir muito longe. A corrente não parece muito forte, mas não dá para prever o que podemos encontrar debaixo d’água. Eu poderia ser arrastada para longe dele num piscar de olhos. Faço o sinal de “ok”, unindo o polegar e o indicador, para mostrar que entendi. Sigo Arjun de perto, pela sua direita. Esquadrinhamos o fundo do lago, mas tudo parece vazio demais.

Arjun aponta na direção de outra parte do lago, que parece coberta por uma

floresta de algas: o lugar perfeito para se esconder alguma coisa por mais de cinco décadas. Eu assinto e nado até lá, tirando do caminho as algas de bordas onduladas, para poder procurar. Dentro da floresta de algas, vemos muito mais peixes nadando. Eles parecem completamente tranquilos com o fato de estarmos no meio deles.

Quando empurro outra alga para o lado, uma das suas lâminas se enrosca no meu braço. Mesmo sendo uma planta completamente inofensiva, tenho um *flashback* da erva-eluviana e o pânico acelera o meu coração. Uso o outro braço para me lançar para a frente e consigo agarrar o pé de pato de Arjun, chamando a atenção dele.

Meu primeiro impulso é nadar direto para a superfície, mas vejo que Arjun está ao meu lado após dar alguns impulsos fortes com os braços. Ele está calmo e, após desenroscar a lâmina do meu braço, me leva para cima do nível das algas. Olha no fundo dos meus olhos, leva a mão à boca e então a afasta, simulando uma respiração. Eu tento imitá-lo. Inspiro, expiro. Inspiro, expiro.

Meus batimentos cardíacos voltam ao normal. Arjun parece preocupado, os olhos castanho-escuros ampliados pela máscara. Ele levanta o polegar, mas eu sei o que quer dizer: está perguntando se quero voltar à superfície. Eu verifico o meu suprimento de ar; ainda tenho bastante. Isso significa que não expiramos os nossos vinte minutos ainda. Ainda temos uma área muito grande em que procurar. Eu nego com a cabeça e aceno para continuarmos. Ele me segura ali por alguns instantes, então acena de volta com a cabeça. Depois de me dar um sinal de “ok”, continuamos.

Eu me sinto tola por ter entrado em pânico, pois é realmente muito calmo embaixo d’água. Como os peixes não parecem se incomodar com a nossa presença, é quase como se não estivéssemos ali. Sempre adorei ir ao aquário ver os peixes nadando e isso é como uma versão pessoal e íntima de um aquário. Vou ter que fazer isso outra vez, em circunstâncias diferentes e menos estressantes.

Arjun usa as mãos para indicar que vai voltar e procurar entre as algas, mas

que eu devo flutuar mais cima e ver o que consigo encontrar com os olhos. Gostaria de ter coragem de voltar lá, mas também sei que serei de pouca utilidade se entrar em pânico outra vez. Queria não ter ficado tão traumatizada com a erva-eluviana, mas continua sendo a experiência mais aterrorizante da minha vida. Ainda mais do que o abominável homem das neves, a criatura que me aproximou de Zain. Pensar em Zain me faz sentir culpa outra vez. Queria ter ligado para ele depois de fugir.

Quando os nossos vinte minutos acabam, Arjun faz um gesto para voltarmos à superfície: outro polegar para cima. Eu assinto e subimos alguns metros. Então seguro na corda da âncora, enquanto o meu corpo se adapta. Depois de pararmos pelo tempo apropriado, para que o nosso corpo se ajuste à profundidade, subo outra vez até o barco, usando a corda da âncora.

– Encontraram alguma coisa? – Anita pergunta, enquanto me ajuda a subir no barco. Tiro a máscara e balanço a cabeça.

– Infelizmente, não. – Sinto a boca seca por causa do ar comprimido, então tomo um grande gole de água.

– Não tem nada lá a não ser muita alga e *muito* peixe – diz Arjun. – Isso foi muito louco, não acha? Nunca tinha mergulhado num lago antes.

Concordo com a cabeça, mas o meu coração está apertado.

– Quando estamos lá embaixo, parece ainda mais uma causa perdida... – desabafo.

– Vamos para o próximo local – responde Anita. – É quase no centro do lago. Vamos tentar de novo?

– Sim, vamos lá – digo.

– Vamos ter que descansar por pelo menos uma hora antes de poder mergulhar outra vez – explica Arjun.

– Sério, Arjun? Já não vai ter anoitecido quando mergulharmos pela terceira vez?

– Ok, tudo bem, quarenta e cinco minutos de descanso. Mas não vou mudar de ideia. Não tem sentido encontrarmos o diário só para morrermos de doença de

descompressão.

– Tem razão – concordo.

Mas o próximo mergulho não é mais frutífero que o primeiro. Arjun mergulha um pouco mais fundo do que eu, mas não encontra nada. Nós até exploramos uma caverna, o que me deixou empolgada, pois se encaixaria no enigma: algum lugar onde é sempre escuro e as estrelas aparecem a um comando. Infelizmente, não há sinal de *nenhum* objeto humano lá embaixo, muito menos de um diário. Mas eu fico cara a cara com uma enguia, o que vai um pouquinho além do que eu estava esperando. Para a minha sorte, ela só abre e fecha a boca, bocejando como uma criança numa manhã de inverno. Eu me sinto triste, como alguém que não recebeu o presente que queria. Não vi nem sinal da alga bioluminescente da qual Anita falou. Fico tentando estalar os dedos e bater palmas, mas nada acontece.

– Ok, o próximo local é um pouco mais perto da margem, mas de acordo com os mapas, o terreno é bem acidentado embaixo d'água, mas ainda assim é bem fundo. Além disso, não vou poder lançar a âncora ali – diz Anita, quando voltamos para o barco.

– Tem certeza de que não existe outro lugar com uma grande concentração de algas e onde haja mais chance de o diário estar?

Anita franze a testa.

– Foi exatamente assim que escolhi os locais: esses são os três locais com mais algas.

– Eu sei. – Estendo a mão e pego a de Anita. – Obrigada. Sinto muito pelo meu mau humor. É só que... preciso muito *mesmo* que esteja lá.

Esperamos a hora apropriada e assistimos ao sol se pôr rapidamente no horizonte. É impressionante a velocidade com que ele se põe aqui; parece cair do céu. Algo na paisagem plana e na proximidade com a linha do Equador deixa o crepúsculo mais curto.

– Eu não sei se devemos fazer isso – diz Arjun, olhando para o céu. – Mergulhar à luz do dia é uma coisa, mas à noite? Isso é para mergulhadores

experientes.

– Bem, temos lanternas conosco, certo? Podemos usá-las para procurar até quando for possível. Assim que você achar melhor, subo para a superfície. Prometo.

Ele hesita. Então, mesmo odiando ter de forçá-lo a tomar essa decisão, eu salto do barco, obrigando-o a me seguir. Com os pés dentro dos pés de pato, tento cruzar os dedos, assim como estou cruzando os das mãos. Precisamos encontrar o diário desta vez.

Não há alternativa.



CAPÍTULO QUARENTA E NOVE

SAMANTHA

Desta vez, quando descemos, está bem mais escuro. Por sorte, as lanternas iluminam a escuridão, mas só alguns metros à frente. É muito mais sinistro aqui embaixo sob a luz do crepúsculo. A água que era cristalina se torna escura e, mesmo sabendo que há quilômetros de lago à nossa volta, não posso evitar me sentir cercada.

Posso ver que Arjun está bravo comigo pela sua linguagem corporal: os gestos de mão bruscos e curtos e a rapidez dos pés de pato. Espero que ele me perdoe um dia, porque tenho a impressão de que ele pode estar certo. Procurar algo na semiescuridão, que está piorando cada vez mais, é pura idiotice. O fundo do lago é só areia e mais areia, e então uma queda brusca, que leva a uma região mais profunda do lago. Há mais vegetação aqui, flores enormes desabrochando suas grandes pétalas, e eu poderia apreciar a estranha beleza do lago em outras circunstâncias, mas agora tudo que sinto é frustração.

Percebo que a visão de Arjun é melhor do que a minha, porque ele localiza um objeto grande no leito do lago, há alguns metros de onde estamos. Eu o sigo, quando, de súbito, deixo escapar um grito embaixo d'água.

Os pés de pato de Arjun parecem estar emitindo luz. Eu abano a minha lanterna freneticamente para ele, que se volta para mim. Nado um pouco mais, então bato palmas. Luz explode à minha volta. Quando movo os braços, causando ondulações na água, é como se a luz dançasse comigo. Parece o dia em que usamos fogos de artifício no Ano-Novo e escrevemos o nosso nome com luz.

Mal conseguimos acreditar. Arjun dá uma cambalhota na água, cercado de centelhas. É essa a sensação de ser Talentoso? De conseguir fazer magia? Meu coração quer explodir com tanta beleza. E também esperança. *Onde as estrelas aparecem sob comando*, o centauro disse. Eu estalo os dedos e estrelas aparecem na água. *Sob o meu comando*.

O diário tem que estar aqui.

Nadamos até o objeto grande, que oscila na beira do banco de areia, antes da queda brusca para o abismo negro. Fico chocada ao ver que é um carro antigo. A maior parte dele parece enferrujada e quebrada, mas, ainda assim, sem sombra de dúvida, é um carro. Peixes nadam para dentro e para fora das rachaduras na carroceria, e o vidro de todas as janelas está quebrado. Se devido à queda ou alguma outra pressão, eu não sei. Mas é exatamente o tipo de carro que a minha bisavó teria dirigido nas suas aventuras.

Então, a pior coisa que eu poderia imaginar acontece. A minha lanterna falha e desliga. E eu fico mergulhada na escuridão.

A de Arjun apaga em seguida.

Faço a única coisa em que consigo pensar: bato palmas. Arjun está ao meu lado, dando chutes rápidos com os pés de pato. Ele quer que voltemos à superfície e puxa o meu braço. Mas eu o puxo de volta. Precisamos vasculhar o carro e eu tenho que tentar um último artifício.

A luz da fadinha.

Ela está pendurada em volta do meu pescoço. Eu a tiro de debaixo do meu traje e rezo para que ela acenda. Arjun não conseguirá ver, mas eu sim. Ele simplesmente vai ter que confiar em mim.

Eu aperto a mão dele, mas não solto.

A luz da fadinha brilha o suficiente para que eu consiga ver o carro outra vez. Também consigo ver o medo no rosto de Arjun e sei que preciso ser rápida. Pego a outra mão dele e a coloco sobre a carroceria do carro. Eu a pressiono ali, esperando que ele compreenda que quero que ele espere nesse lugar, enquanto eu vasculho o veículo.

Solto a mão dele e nado através da janela da frente. Consigo me sentar no banco do motorista, prendendo os pés de pato sob o volante. Abro o porta-luvas primeiro, supondo que seria a opção mais lógica para se guardar um diário, mas não há nada ali. Tateio sob os bancos, mas as minhas mãos continuam vazias.

Eu deixo o banco da frente e nado até o banco de trás. Posso ver Arjun observando os lampejos de luz que estou causando e sei que não posso deixá-lo ali por muito mais tempo. A escuridão já é claustrofóbica demais como está. Só preciso checar o porta-malas e terei terminado.

Puxo a maçaneta, mas a porta não abre. Xingo a mim mesma por ser tão burra. Com o vidro traseiro quebrado, basta estender a mão. Puxo para o lado um cobertor que está cobrindo o conteúdo do porta-malas e levo o maior susto da minha vida quando um cardume de peixes sai nadando do porta-malas, na direção do meu rosto.

Sob o cobertor vejo um estepe, uma caixa de ferramentas, as coisas que normalmente se guarda no porta-malas de um carro. Apoio as mãos no meio do estepe e tateio em torno dele.

Os meus dedos tocam algo duro e eu me inclino para tentar soltar o objeto dali. Quando ele finalmente se solta, vejo que é uma caixa trancada. Extremamente pesada. Tento abri-la, mas é inútil embaixo d’água. Vou precisar levá-la comigo. Gesticulo freneticamente para Arjun, causando lampejos de luz em diferentes direções. Ele solta a carroceria e nada na minha direção. Então, de repente o carro se move para a frente, fazendo subir uma nuvem de areia que nem a luz da fadinha consegue penetrar.

Eu rapidamente estendo o braço e Arjun o agarra. Então ele segura o outro lado da caixa. Com vários chutes, nós conseguimos tirá-la do porta-malas, justamente quando o carro tomba de lado e começa a cair no abismo, em queda livre.

Subimos até a superfície lentamente, guiados apenas pela minha luz de fadinha. Estou incrivelmente orgulhosa de Arjun, por ter ido até o fim comigo, em meio a uma escuridão quase total.

Quando emergimos, as luzes do barco brilham do outro lado do lago. Gritamos e acenamos, agarrados à caixa com desespero. Anita vira o barco e o conduz até nós. Então desliga o motor, se inclina e nos ajuda a erguer a caixa, depositando-a na popa do barco.

– Fiquei tão preocupada com vocês! Escureceu tão rápido e vocês ficaram lá embaixo uma eternidade! – diz Anita.

– As duas lanternas apagaram – conta Arjun. Ele pega uma toalha e se enrola nela. Está tremendo e dá para ver que ficar embaixo d'água na escuridão total o deixou bem abalado. – Só espero que tenha valido a pena.

– Eu tinha isso – digo, mostrando a luz da fadinha. Está quase se apagando agora. – Mas sou a única que consegue ver a luz que ela emite.

– Bom, que ótimo pra você, mas eu estava prestes a ter um ataque de pânico. – Eu me sento perto dele e o abraço. Sei que ele não está tão bravo, porque se inclina na minha direção e aceita o meu conforto.

Anita leva o barco até a margem, então arrastamos a caixa para fora do barco, até o embarcadouro.

– Esperem! – diz Anita, pondo um pé na frente da caixa para nos impedir de continuar. – Vejam, a luz da cabana está acesa.

– Tem alguém lá dentro – digo.

– Fiquem preparadas para correr – diz Arjun. Anita e eu nos agachamos, as mãos agarrando as alças da caixa, prontas para rebocá-la de volta para o barco e fugir. Arjun pega o galho comprido que usou para cavar o fundo do lago, segura-o com força e dá alguns passos na direção da cabana. – Olá? – chama. – Tem alguém aí?

Há uma comoção dentro da cabana e uma luz se acende do lado de fora. A porta se abre e duas silhuetas conhecidas correm para fora: Kirsty e Zain.



CAPÍTULO CINQUENTA

SAMANTHA

—Anita, volte para o barco! – Usando uma força que eu nem sabia que tinha, puxo a caixa de volta para o barco quase com uma mão só, empurrando Anita com a outra.

– Sam! Você está bem? – grita Zain. Ele corre para o embarcadouro, mas eu fico parada, ombro a ombro com Arjun, e ergo a mão, a palma para fora. Arjun segura o galho na nossa frente.

– Zain, pare aí! – grito de volta.

Um leve vinco se forma na sua testa, mas ele estanca.

– Por que está fazendo isso? Sam, sou eu!

Kirsty se aproxima mais lentamente. Meu olhar passa de um para o outro. Meu coração bate forte. Minha cabeça está zonza de empolgação e medo, preocupação e alívio. Encaro Zain. Ele parece o Zain que eu conheço? O cabelo dele está bagunçado, o seu rosto parece mais cansado e seus olhos mais fundos do que o normal, mas pode ser só preocupação. Eu saberia se fosse Emília metamorfoseada em Zain? Seria óbvio?

Kirsty parece exatamente a mesma. Ela anda com as mãos do lado do corpo até parar ao lado de Zain. Estamos num estranho impasse, com Anita atrás no barco, pronta para ir embora com a caixa.

– Como você me encontrou? – pergunto, as palavras presas na garganta.

– Te procurei por todo lado! – diz Zain, as mãos estendidas diante do corpo, os olhos azuis me implorando para confiar nele. – Então Kirsty me contou que viu Anita e Arjun viajarem de uma hora para outra e eu achei que tinha algo a ver com você... Ela ficou sabendo que eles vieram para o Runustão, mas

precisamos vir de avião para cá em vez de nos transportarmos. Ela entrou em contato comigo assim que pôde, para seguirmos a sua pista.

– Achei que você ainda estava em Pays...

– Eu estava! Mas não estava chegando a lugar nenhum na fronteira de Gergon. Eu sabia que Kirsty podia ter uma pista de verdade. Sei quanto vocês são próximas. Por favor. Estávamos tão preocupados com você... Por que não entrou em contato conosco?

– Eu não podia – confesso. – Emília é forte demais, eu não sabia em quem confiar. E, Kirsty, como eu poderia confiar em você? – Eu balanço a cabeça, o corpo exausto pelo esforço do mergulho, a mente cansada de tentar extrair um fio de verdade nessa teia de traições. – Quando você atendeu à ligação do Príncipe Stefan, pareceu que o conhecia! Você está trabalhando pra ele?

– Sam, eu juro, não sabia o que ele queria quando me contratou para te enviar a pulseira. Não percebi quais eram as intenções dele...

– Essa pulseira na verdade é de Stefan?

Kirsty assente com tristeza.

– Provavelmente tem um rastreador aí dentro.

O medo aperta minha garganta e eu tento arrancar a pulseira do pulso. Ela não sai do lugar.

– Foi assim que ele me encontrou tão rápido. Como você não percebeu que ele estava por trás de tudo? – Agora eu tremo de raiva.

Ela encolhe os ombros, como quem se desculpa.

– Ele pagou um bom dinheiro...

– Sempre se trata do dinheiro com você, não é? Quanto ele te pagou desta vez para me encontrar e me levar de volta?

Agora a expressão no rosto dela passa de triste para surpresa.

– Não, Sam, eu nunca faria isso! Quando soube que você foi sequestrada, eu fiquei devastada e pedi aos meus colegas Coletores que ficassem de olhos bem abertos. Trouxe Zain aqui porque sei que ele pode te ajudar com a poção...

A minha atenção passa de Kirsty para Zain. A motivação de Kirsty pode ser o

dinheiro, mas pelo menos sei que ela é quem diz ser. Eu não vejo a hora de correr para os braços de Zain, mas preciso testá-lo primeiro.

Reviro o cérebro buscando uma pergunta que possa lhe fazer, algo que só ele saberia. Então tenho uma ideia.

– O que você me escreveu numa xícara de café no monte Hallah?

Zain faz uma pausa por um instante. Então o seu sorriso se alarga. Eu sinto o corpo relaxar. Reconheceria esse sorriso em qualquer lugar: as covinhas que se formam no seu queixo e as linhas que aparecem nos cantos dos olhos.

– Você é especial para mim, Samantha – ele diz. A voz dele não é mais que um sussurro, mas eu a ouço claramente.

Eu hesito por mais um instante, então me lanço para a frente e me jogo nos braços dele. Por um instante ele fica surpreso, então me abraça apertado também. Quando nos separamos, eu até abraço Kirsty, afinal, ela veio me procurar e eu não posso julgá-la por agir exatamente como normalmente agiria.

– Obrigada, pessoal.

– Será que podem me dar uma mãozinha aqui? – chama Anita.

– Vamos... Acho que encontramos alguma coisa. – Eu gesticulo para Zain e Kirsty nos ajudarem a tirar a caixa do barco, enquanto Arjun se dirige à cabana e sai de lá com uma marreta pesada. Arrastamos a caixa para que fique bem embaixo da luz. Definitivamente, é algum tipo de baú.

– Prontos? Um, dois e... – No três, ele acerta a marreta na fechadura enferrujada e ela se parte em duas. – Sam, quer fazer as honras?

Eu engulo em seco e me adianto. Abro a tampa do baú, sem saber o que esperar.

Por milagre, o interior está seco. Corro os dedos pela borda, me perguntando se foi um fantástico trabalho de marchetaria ou algum tipo de encantamento que protegeu o seu conteúdo. A próxima coisa que percebo é que o baú com certeza pertenceu à minha bisavó. Há uma fotografia enfiada na tampa, num dos cantos da caixa: uma imagem em preto e branco, desbotada, com as bordas amareladas, de Ostanes quando garoto.

– É o seu avô? – pergunta Anita, olhando por sobre o meu ombro quando pego a fotografia com delicadeza.

Eu confirmo com a cabeça, lágrimas brotando nos meus olhos. Com todo o cuidado, coloco a fotografia na mesa ao meu lado. Então examino o resto do conteúdo: roupas, uma manta, um par de sapatos.

Então, todos nós arquejamos ao mesmo tempo. No fundo do baú, o objeto que estive procurando o tempo todo. Um diário marrom desbotado, de capa de couro, enrolado muitas vezes com uma tira estreita do mesmo material.

O diário de poções da minha bisavó.

Enfim, eu o encontrei e posso salvar o meu avô.

Eu me sento no chão, os meus amigos de pé à minha volta. Parece que não sabem o que fazer agora que tenho o diário comigo. Depois de um instante, eles se sentam também ao meu redor. Olho para cima, encontro os olhos de Zain, e ele faz um pequeno aceno com a cabeça, me incentivando. Seus olhos estão arregalados de empolgação.

Eu desenrolo a tira de couro com as mãos trêmulas. Abro a capa e leio as palavras escritas numa caligrafia elegante, na primeira página do diário.

Diário de Poções de Cleópatra Maria Kemi
Grande Mestra Alquimista
1934

– É real – sussurro.

Viro a página, o fôlego preso em antecipação. O diário começa na metade de uma fórmula, as palavras passando sem emenda do último diário de poções para este. As páginas que se seguem são listas sem fim de compostos alquímicos complexos, alguns riscados e reescritos, outros cercados de pontos de interrogação ou rabiscados às pressa. Eu reconheço a caligrafia frenética de um alquimista prestes a fazer uma descoberta.

– Você reconhece? É o começo de uma receita de *Aqua Vitae*? – Anita me

pergunta.

Eu balanço a cabeça.

– Não, tudo isso são fórmulas de poções, mas eu nunca as vi escritas dessa maneira antes. Isso é... – Eu me interrompo e seguro o fôlego. Isso não é o que eu estou procurando, ainda não, mas mesmo assim, poderia mudar tudo. – Veja, ela estava tentando descobrir a fórmula para uma versão sintética de um ingrediente.

– Espere aí, está dizendo que um grande mestre Kemi se aventurou pelo reino dos sintéticos? – pergunta Anita, chocada.

– Não acho que ela tenha apenas se aventurado... – digo. – Acho que foi ela quem *criou* os sintéticos. Certo, Zain?

Ele assente, mas seu rosto está pálido.

– Uau! – exclama Arjun. – De rabiscos num diário para uma descoberta como essa que você está dizendo... é um belo salto, não acha?

– Não são apenas rabiscos num diário – admito. – Zain me contou quando estávamos nas montanhas em Bharat que o avô dele roubou a fórmula sintética que a minha bisavó criou. – Eu olho para Zain. – Não acreditei em você na época, não cem por cento, mas esta pode ser a prova.

– Sua família vai acreditar? Seu avô? – pergunta Anita.

– Eu preciso curá-lo primeiro – lembro-a.

Isso tudo é fascinante, mas ainda não é o que eu procuro. Folheio cada página do diário rapidamente, mas tomando cuidado para não estragar suas páginas envelhecidas. Ele precisa ser preservado para os arquivos dos Kemi quando eu terminar.

Chego à última página e sinto o meu coração apertar.

– Achou alguma coisa? – pergunta Zain.

– Não... nada que lembre nem de longe uma fórmula de *Aqua Vitae*.

– Talvez você tenha deixado passar – tenta Arjun.

Eu folheio o diário novamente, dessa vez mais devagar. Então me deparo com algo que quase faz o meu coração parar. Duas páginas estão faltando, as bordas

que sobraram delas escurecidas. Queimadas no próprio caderno, mas não a ponto de danificar o restante das páginas. Eu cheiro o papel e sinto um odor que reconheço.

Pó de traça – dissolve as páginas de qualquer livro.

Sei que essas páginas não foram simplesmente arrancadas e entregues a alguém. Elas se foram para sempre. E eu só posso supor o que continham, pois a página anterior e a seguinte não dão pista alguma de que havia li uma receita de *Aqua Vitae*.

Mas, se havia ou não, isso não importa. Porque não está mais aqui agora.

Um soluço escapa dos meus lábios e Anita me abraça.

– Pelo menos Emília não conseguiu pôr as mãos na receita, nem a Família Real de Gergon... – diz, para me confortar.

Zain se levanta e dá um suspiro, depois corre as mãos pelos cabelos.

– Como pode não estar aí? Tudo indicava que estava...

Eu me levanto com uma fúria que faz Anita se afastar.

– Não... não pode ser... esse não pode ser o fim! Se a minha bisavó foi capaz de descobrir uma fórmula de *Aqua Vitae*, então eu também serei. – Ando de um lado para o outro. – Talvez eu vá para Zhonguo, posso perguntar aos monges que vivem lá... e posso procurar a cachoeira de Pays. Ainda tenho... alguns dias... até que...

Anita me interrompe.

– Não se preocupe, Sam. Vamos sair dessa.

Não consigo acreditar que passamos por tudo isso para nada. Sinto meu coração partido em um milhão de pedaços. Tudo em que consigo pensar é que vou ter que recomeçar do zero a busca pela fórmula.



CAPÍTULO CINQUENTA E UM

SAMANTHA

Enquanto os outros colocam a bagagem no carro, fico sentada, com o queixo nos joelhos e os braços em torno das pernas. Não quero olhar nem falar com ninguém.

Eles não me deixaram fazer mais nada na noite passada. Observaram, com razão, que nada de produtivo poderia ser feito; os técnicos de transporte tinham ido embora, eu havia jogado no fogo a outra tela e estava escuro demais para viajarmos, com os centauros perambulando por ali... Procuramos um telefone, mas o amplificador de sinal tinha sido desmontado e levado embora. Não havia mais nada a fazer a não ser nos acomodarmos em sacos de dormir, para uma noite de sono agitado.

E eu tenho que encarar os fatos. De qualquer forma, é o fim da linha para mim. Meu único conforto é saber que é o fim da linha para Gergon também. Se eu não tenho a fórmula, eles também não podem ter.

Emília e o Príncipe Stefan devem estar bem desapontados...

Isso me conforta um pouco. Minha mente parece dividida em celas de prisão: alguns pensamentos trancafiados para que não possam mais perturbar a minha sanidade. Pensamentos como o meu avô no leito de hospital... Sinto as barras da cela sacudindo. Deixo esses pensamentos de lado outra vez.

Esta manhã, Zain parece cansado e inquieto. Eu sei que ele quer me fazer centenas de perguntas sobre onde eu estive desde o Baile de Laville, mas eu ainda não estou pronta para isso. Acordei com uma forte dor de cabeça ameaçando se transformar numa enxaqueca. Meu plano de ontem à noite, de

continuar procurando os ingredientes para a *Aqua Vitae*, parece simplesmente tolo à luz do dia.

Kirsty está dirigindo, Arjun está ao lado dela e eu estou no banco de trás, entre Zain e Anita.

– Dá para imaginar como a sua família vai ficar feliz ao ver você viva e bem? – diz Anita, tentando ser um pouco otimista. – Mas, mesmo que eles tentem ocultar da mídia o que aconteceu, vai ser uma loucura pra você!

– Você não está ajudando, Anita – aviso. Queria não parecer tão rabugenta, mas não dá. Eu me sinto um completo fracasso. Sinto que falhei como todo mundo: minha família, meu avô, minha bisavó, a Princesa Evelyn, Zain, Anita e Arjun. Literalmente, todo mundo com quem eu me importo.

– Você vai sair dessa, Sam – insiste Anita. – Olha só, você resolveu o enigma do diário da sua bisavó sozinha! Não diga que é pouca coisa.

– Mas não deu em nada – rebato, me encolhendo no cachecol que enrolei em volta da cabeça, como um casco de tartaruga. Anita põe a mão sobre a minha, então olha pela janela.

– Ei, o que é aquilo lá na frente? – pergunta Arjun.

Há uma grande nuvem de poeira na estrada, bloqueando a nossa passagem. Kirsty diminui a velocidade até quase parar.

– Será que os aldeões que saíram na nossa frente se meteram em confusão? – pergunta Anita.

Meu coração salta na garganta quando penso em Nadya.

– Espero que todo mundo esteja bem – digo.

Mas então uma figura começa a emergir da poeira, e não é humana. Um casco aparece primeiro, quase do tamanho da minha cabeça. É Cato. E ele é seguido não por um, mas por muitos centauros. O bando inteiro. Posso ver Sólon atrás dele, e atrás de Sólon o centauro com o tapa-olho. Ele continua com um olho só, o outro no pescoço, pendurado numa corrente muito mais bonita do que a minha provisória. A expressão no rosto deles continua sisuda, o cenho sempre franzido e intimidante. Cato aponta para mim, então faz um gesto para que eu vá até ele.

– Isso é o que eu acho que é? – diz Zain, a voz de repente gelada. – Samantha, o que você fez?

Eu franzo a testa.

– Do que você está falando? – Eu não contei a Zain sobre o olho do centauro. Mas talvez não seja a isso que ele se refere. – Eu quero ouvir o que eles têm a dizer. Se nos quisessem mortos, já teriam atirado flechas em nós.

Eu saio do carro.

– Bem, então vamos todos com você – diz Arjun, desafivelando o cinto. Os outros o seguem de imediato, mas Zain fica ao meu lado. Ele irradia energia, as mãos cerradas em punhos.

– Por favor – digo a Zain. Pego a mão dele. – Não aja como se eles fossem inimigos. Já causamos problemas demais.

Mas não tenho tempo de dizer mais nada, porque Cato dá um passo adiante.

– Samantha Kemi. Não somos amigos dos humanos há muito tempo. Mesmo recentemente, você trouxe mais destruição para nós e o nosso bando.

Eu concordo com a cabeça e engulo em seco. Não quero o fardo de ter de levar mais notícias a Nadya e à sua comunidade, principalmente a notícia de que as coisas estão prestes a ficar ainda piores. Mas a responsabilidade está sendo depositada nos meus ombros outra vez e eu vou aceitá-la.

– Mas agora que nos devolveu o olho – ele continua –, estamos em débito com você. Principalmente o próprio Valu, de quem o olho foi arrancado.

– Você fez *o quê*? – diz Zain ao meu lado, e eu lanço um olhar repreendedor para ele. Pisco várias vezes, porque algo em Zain está diferente. Não tenho certeza se os meus olhos estão enxergando direito.

As palavras de Cato desviam a minha atenção para ele outra vez.

– Em troca, ele quer dar algo a você. Sabemos que o objeto que você estava procurando, o diário, não é o que de fato busca. Você quer a *Aqua Vitae*.

– Sim, mais do que tudo – digo. Eu sei que ele sente as minhas intenções e elas com certeza estão demonstrando a mesma coisa. Isso é o que eu quero de todo o coração.

– Você tem razão quanto à Grande Mestra Cleo ter encontrado a fórmula da *Aqua Vitae*. Ela a preparou. Fez isso para salvar o nosso bando quando passamos pela nossa maior dificuldade. Ela optou por nos ajudar e deu mais prioridade a isso do que à sua busca, na Caçada Selvagem, para salvar a sua Rainha. Sozinha acabou com a epidemia que poderia ter exterminado a nossa espécie, mas, ao fazer isso, perdeu as suas habilidades alquímicas. É o sacrifício necessário para fazer a *Aqua Vitae*. Disse que não haveria mais tantos humanos procurando o nosso bando em busca de ingredientes, pois ela tinha encontrado uma forma de replicar as propriedades dos ingredientes naturais. Ela era tanto profetiza quanto alquimista.

Os sintéticos. Cleo criou os sintéticos para impedir que outro centauro perdesse um olho.

Cato prossegue.

– Ela conseguiu fazer uma quantidade suficiente de *Aqua Vitae* para o bando todo, antes que a preparação fosse demais para ela. Sobrevivemos graças à sua ancestral.

Por um instante, fico sem palavras. Mas ainda tenho muitas perguntas.

– E depois ela destruiu a fórmula. Por quê?

– Ela sabia que seria perigoso se caísse nas mãos erradas, e o preço para preparar uma poção assim é alto demais.

– Egoísta! – cospe Zain.

Valu dá um passo à frente, os cascos batendo no chão pesadamente. Ele fica ainda mais assustador com o segundo olho pendurado no pescoço. Os dois olhos parecem me fitar.

– Para saudar a minha dívida com você por devolver o olho, eu gostaria de lhe dar algo em troca. – Ele enfia a mão no saco em que carrega o arco e flecha. Tira dali um pequeno frasco, cheio de um líquido espesso, translúcido como cristal, e acena para mim com a cabeça. – Estenda a mão – diz.

Eu faço o que ele diz. Valu põe o frasco na palma da minha mão e fecha os meus dedos sobre ele. Eu nunca estive tão perto de um centauro antes e fico

chocada ao perceber como a sua pele é quente. Ele parece estar pegando fogo. Pela primeira vez, olho no seu olho e não vejo raiva ali. Vejo... gratidão. As minhas bochechas ficam quentes.

– Essa é a nossa última dose de *Aqua Vitae* – ele diz. – Use-a para curar o seu avô.



CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS

SAMANTHA

Zain solta um grito lancinante.

Seu corpo se contorce num ângulo estranho, as costas curvadas, os dedos cravados no rosto como se tentasse arrancá-lo, os tendões do pescoço saltados.

Anita corre para trás de mim, enquanto Arjun corre para Zain.

– Você está bem, cara?

Mas, quando as suas mãos descobrem o rosto, não é Zain que está ali. É Emília! Uma Emília mais selvagem e desfigurada do que eu jamais vi: a pele se soltando do rosto, o cabelo tão branco que está quase translúcido, o corpo esquelético. Ela deve ter feito uma magia muito forte para manter a transformação por tanto tempo, e agora está pagando o preço. Como eu não percebi? Como eu não soube?

Uma ânsia de vômito violenta toma conta de mim e eu desabo no chão, prestes a vomitar.

E eu *beijei* Emília metamorfoseada em Zain!

Apesar da quantidade de poções que deve ter consumido, Emília ainda é rápida como um raio.

Com uma força incrível, ela empurra Arjun para longe, enquanto arremete na minha direção, arrebatando o frasco da minha mão. Tanto Anita quanto eu avançamos em direção a Emília, desesperadas para fazer alguma coisa para impedi-la, ao mesmo tempo que os centauros sacam seus arcos de uma só vez e apontam flechas para ela.

Mas Emília destampa o frasco e toma a poção em segundos.

A poção tem um efeito quase imediato. Sua pele se estufa e engrossa, passando de translúcida para branca como leite. As veias negras sob a pele desaparecem, os olhos retomam o mesmo tom azul impressionante dos de Evelyn, e seu cabelo recupera o brilho dourado natural. Quando a transformação está completa, ela parece irmã de Evelyn, não sua tia maligna.

Emília baixa os olhos para suas mãos delicadas, cheia de admiração. Elas não demonstram mais os sinais de envelhecimento e desgaste de instantes atrás. A tia de Evelyn renasceu: bonita, forte e extremamente perigosa.

A visão arranca o meu coração do peito e fica impressa nele.

– O que você fez? – grito em agonia. *O que eu fiz?*, é o que eu grito por dentro. Como ela pôde me enganar desse jeito? Como pude ser tão burra? O que foi que o meu avô me disse? Não confie em nenhum Talentoso! E eu ignorei o conselho.

Os centauros atiram suas flechas, mas Emília lança uma barreira que as desvia, como se fossem meras penas.

Ouço um clique duplo, alto e metálico, e giro para ver Kirsty tirando uma espingarda do porta-malas do seu 4x4. Ela atira em Emília, mas nem mesmo balas a penetram quando está no auge do seu poder. Ela aponta sua varinha para a arma e lança um feitiço.

– Kirsty! – grito.

Por sorte, minha prima tem o bom senso de jogar a arma no chão e saltar para longe. O feitiço atinge a espingarda e a deixa retorcida, transformada num amontoado de metal em chamas. Ainda assim, um resíduo do feitiço atinge Kirsty e eu a vejo cair pesadamente, a cabeça batendo no chão.

– Kirsty! – grito novamente, mas os meus pés estão grudados no chão. Eu imploro para Kirsty se mover. Vejo sua mão tremer e a ouço grunhir, e solto um suspiro de alívio.

Por trás da luz incandescente da barreira, os olhos de Emília brilham como estrelas.

– Eu sabia que podia contar com você para achar a poção, Samantha. Em

algum lugar, de alguma forma, eu sabia que você a encontraria. É isso que a torna uma alquimista tão boa.

Até a voz dela soa diferente: mais suave, não como se tivesse bebido um copo inteiro de cascalho, mas como se estivesse envolvida em seda.

– Eu nunca me senti tão... viva! Por sorte, foi fácil capturar o seu namoradinho, sozinho como estava na fronteira de Gergon. Agora olhe para mim! – Ela se vira para Cato, seus olhos se estreitando. – Este assunto só diz respeito aos humanos. Não é da conta dos centauros, entendeu?

– EU VOU TE MATAR! – grito, mesmo sem condição nenhuma de honrar a minha palavra. – Atirem nela outra vez! – digo aos centauros. – Ela é a encarnação do mal. Era ela que estava com o olho. Ela é que ficou com ele e impediu Valu de se curar. Foi culpa dela.

Mas Emília tem razão. Os centauros não interferem nas questões humanas. Cato me fita com o que me parece ser um indício de pena, mas não move um músculo. Em vez disso, ele se volta e faz sinal aos outros para nos deixarem. Seus cascos golpeiam o chão quando começam a galopar.

Emília se espreguiça, então anda até o carro.

– Sinto dizer que vou precisar pegar o carro emprestado. Tenho um país para dominar.

– E quanto ao Príncipe Stefan? – digo, num último esforço para mantê-la falando até eu conseguir armar um plano.

– O que tem ele? Descobriu sobre o meu pequeno ardil com você e me demitiu. E daí? Você encontrou a *Aqua Vitae* para mim. Era tudo o que eu queria. E agora, quando o tempo da Princesa acabar... eu estarei esperando a minha vez.

– Tarde demais! – digo. – A Princesa Evelyn não é burra. Ela vai se casar antes que o seu próprio poder a destrua.

Agora Emília sorri para mim, todos os seus dentes alinhados e brancos. Isso me dá um calafrio.

– Casada ou não casada, quem liga? Não importa mais. Eu tenho o único antídoto para a doença que está destruindo a Família Real de Gergon. Não seria

uma pena se essa doença começasse a acometer a Família Real novaneana também?

– Você me dá nojo... – digo a ela. Emília ri, então me dá as costas e entra no carro.

Anita cai de joelhos, soluçando, e Arjun vai confortá-la. Eu tenho um plano, mas é um plano meio bobo. Simplesmente não consigo pensar em mais nada. Tudo em que consigo pensar, e torcer, é que talvez toda aquela gritaria já tenha iniciado o processo.

Eu corro para os meus amigos e coloco os braços em volta de ambos.

– Arjun, eu tenho um plano. Me dê o seu celular.

– Não podemos pedir ajuda, não tem sinal aqui!

– Eu sei! Acione o alarme do celular o mais alto que puder, para daqui dois minutos. Vou distrair Emília, mas preciso que você esteja pronto o mais rápido possível. – Eu pego o apito que usei para mergulhar. Não o tirei do pescoço ainda. Assopro com tanta força quanto posso, fazendo um barulho agudo.

– O que está fazendo? – guincha Anita, lágrimas escorrendo pelas suas bochechas.

Eu tiro o apito da boca por um instante para responder.

– Só fique parada aí, sem mover um músculo, não importa o que acontecer – digo.

Eu assopro o apito outra vez, e mais outra, com tanta força que as minhas bochechas começam a queimar. Suplico aos céus para que funcione. *Por favor, funcione. Por favor, funcione*.

Finalmente, ouço o barulho que estava esperando. Um bater de asas no céu.

– Minha nossa, o que é aquilo?! – pergunta Anita, a cabeça inclinada para o céu.

– Você não vai querer saber – digo. Pego o celular, cujo alarme Arjun acabou de ativar, e arremeto numa corrida na direção de Emília. Ela já ligou o motor e precisa sacar sua varinha para me atingir antes de conseguir arrancar. Ela também percebe o que está agora voando no céu e isso a atrasa um segundo –

um segundo crucial, que me dá o tempo de que preciso. Ela lança um feitiço contra mim, mas num ângulo estranho, contornando a carroceria do carro. Consigo me desviar com facilidade. Ela me amaldiçoa e pisa fundo no acelerador, pronta para uma fuga a toda velocidade. Assim que faz isso, eu jogo o celular no banco de trás, e então corro na direção oposta a Anita e Arjun.

Eles mal notam o que eu fiz. A atenção de todos está focada no céu: no imenso dragão serpenteando acima de nós, seguido pelo seu bebê. É o mesmo que me perseguiu da última vez, as escamas escarlates reluzindo à luz do meio da manhã. No começo, acho que o dragão fêmea me reconhece; sou eu quem a chamou, afinal, com os gritos e os sopros do apito. Será que ela se lembra da minha hostilidade da última vez, de como eu a enganei? Não sei se os dragões têm noção de vingança. Queria que esse assunto tivesse sido abordado num dos meus livros. De qualquer forma, nunca pensei em me tornar inimiga de um deles.

É melhor que o meu plano funcione, do contrário vou virar churrasquinho de dragão. Arjun ajoelha do lado de Anita, as mãos cobrindo a boca da irmã, sussurrando furiosamente na orelha dela. Eu espero que ele esteja dizendo para que ela fique quieta, sem sair do lugar.

O dragão voa em círculos ao meu redor, ignorando Emília, que está fugindo a toda velocidade. Subitamente percebo a falha grotesca no meu plano: o carro vai sair do território do dragão antes que o alarme tenha tempo de soar.

Acabei de me condenar a uma morte flamejante. Pelo menos vai ser rápido.

O dragão abre a boca, o fogo crescendo dentro dela. E então, como que por milagre, ouço o alarme soar. É como uma buzina de nevoeiro perfurando a neblina, o único som que consegue tirar Arjun da cama.

Em segundos, o dragão sobrevoa a minha cabeça, e não vejo sinal algum de fogo. Fico paralisada na minha posição fetal, enquanto os dois dragões serpenteiam até Emília. Meu rosto é pressionado contra o chão pelas rajadas de vento, causadas pelo bater de asas, e eu acabo com a boca cheia de areia.

O carro começa a dar guinadas frenéticas enquanto Emília estica o braço na

direção do banco de trás, tentando desligar o celular, e eu temo que isso seja o suficiente para desnortear o dragão.

Mas a mamãe dragão é esperta demais. Ela está com raiva, está com fome e, se me reconheceu, também pode ter reconhecido o carro como outro alvo da sua ira. Seja lá o que pensa, ela escancara a boca e cospe um jato de fogo na direção do carro.

Emília estanca o pé no freio, na tentativa de evitar as chamas.

Mas, em seguida, eu a vejo sair às pressas do carro em chamas, o cabelo e as roupas pegando fogo. Sua varinha jorra água, mas não o suficiente. Gritando, ela atrai ainda mais a atenção do dragão, que arremete na direção dela, prestes a expelir mais um jorro de labaredas.

Dessa vez, Emília não escapa. O dragão pousa no solo e faz o que os dragões sabem fazer melhor: dá cabo da sua presa.

Depois de alguns segundos agonizantes, a criatura pega o cadáver de Emília na boca e voa, com seu bebê, de volta para as montanhas do Runustão, o seu lar e território original.

Arjun vem correndo até mim. Anita está ao lado de Kirsty e me alegra ver a Coletora se sentando, apesar do corte horrível que tem na testa.

– Isso aconteceu mesmo? – Arjun pergunta.

Eu balanço a cabeça, em choque.

– Acho que Emília está morta.



CAPÍTULO CINQUENTA E TRÊS

SAMANTHA

Quando os centauros viram os dragões voltando ao seu território original, concordaram que os aldeões retornassem também. Arjun correu para lhes dar a boa notícia. Assim que Nadya chegou, implorei para que ela montasse o transportador. Ainda que Emília estivesse morta, o perigo estava longe de acabar. Eu ainda precisava avisar a Princesa sobre o Príncipe Stefan. E precisava me assegurar de que o verdadeiro Zain estava bem.

Na cabana de Nadya, Arjun fala:

– Emília teria que ter mantido Zain vivo para o feitiço funcionar.

– Eu sei. Mas estou tão preocupada... – respondo.

– Não consigo acreditar que Emília realmente se foi – diz Anita, esfregando as têmporas. – E não consigo acreditar que você chamou um dragão de propósito.

– Não podia deixar Emília fugir... eu... – Ainda não consigo acreditar que fui eu a responsável pela morte dela. No entanto, também não consigo acreditar que a minha última chance de salvar o meu avô, a última dose de *Aqua Vitae*, foi roubada antes mesmo que eu pudesse comemorar.

Meu único consolo é que, agora que sei como é a aparência da poção, a probabilidade de conseguir reproduzi-la aumentou.

Não importa o que o meu avô tenha me feito prometer.

– Ah não, eu conheço esse olhar... – diz Anita. – Vamos direto para Nova desta vez. Não vou deixar você fazer nenhum desvio.

– O diário dela... tudo... se foi outra vez. – Não há nenhuma chance de que ele não tenha sido destruído pelo fogo do dragão. O carro foi reduzido a cinzas.

Ainda que os diários de poções sejam quase indestrutíveis, algumas forças são simplesmente poderosas demais. – Agora, ninguém vai saber a verdade sobre quem fez a primeira poção sintética – digo.

– *Você* vai saber – diz Arjun. – E pode dizer isso à sua família.

– Eu sei. – Dou um sorrisinho. – Só não vai ser a mesma coisa.

Alguém tosse baixinho atrás de nós e vejo Nadya parada ali.

– O transportador está quase pronto. Mas... Kirsty queria falar com você um instante antes de irem...

– Claro! – Fico de pé num salto. Kirsty não pode viajar conosco por causa da testa machucada, mas já foi examinada pelo médico da aldeia e vai ficar bem. No entanto, quando a vejo, ela não me parece muito bem. A cabeça foi raspada para que o médico pudesse dar os pontos, mas, na verdade, isso só a deixa com mais cara de durona.

Ela sorri para mim quando entro.

– Este meu novo corte de cabelo vai ser bem prático na hora de Coletar. Não sei por que não cortei assim antes.

Eu lhe devolvo o sorriso e me sento na cama ao seu lado.

– Obrigada por toda a ajuda.

Para minha surpresa, Kirsty só faz uma careta.

– Por toda a ajuda? Quer dizer trazer aquele demônio em forma de Zain para o seu lado? Eu devia ter suspeitado quando ele me encontrou tão fácil: sabia que ele devia estar em Pays. Mas acho que os meus instintos não estavam acionados. Sinto *muito* por isso. Eu nunca faria nada para te machucar de propósito...

– Eu sei – interrompo-a. – Claro que sei. Não precisa se desculpar. Você não tinha como saber. Ela me enganou também, e eu estou apaixonada por Zain...

– Boa sorte! – diz Kirsty. – E, se alguém pode encontrar uma forma de salvar o seu avô, esse alguém é você. – Nós nos abraçamos e então ela me afasta. – Você tem trabalho a fazer. Vai, vai, vai!

Entro na sala do transportador e vejo que Anita está roendo as unhas.

– O que foi? – pergunto.

– Não estamos conseguindo entrar em contato com a Princesa. Parece que ela foi levada às pressas para um local ultrassecreto até que possam confirmar que a ameaça de Emília passou. Não conseguimos nem enviar mensagens a ela por alguma brecha na segurança. Estão mandando agentes para cá neste momento para confirmar a morte de Emília. Eles precisam interrogar você antes que possa falar com a Princesa.

– Não posso ficar aqui! Eles não podem me interrogar em outro lugar?

– Eles dizem que não.

– Mas...

– Não se preocupe... Eu cuido deles. Mas você precisa ir embora agora. Sua família está à sua espera.

– Você entrou em contato com os meus pais?

– Claro! Eles estão no Hospital Geral de Kingstown.

– O que estamos esperando? Vamos agora!

– Arjun e eu vamos esperar aqui para quando os caras da segurança real chegarem.

Eu franzo a testa.

– Puxa, é mesmo. – Então eu me aproximo e a abraço forte. – Obrigada. Por *tudo*.

– Estarei a postos sempre que precisar, sua boba. Agora vá... vá ver a sua família!

O transportador me leva diretamente para o Hospital Geral de Kingstown. Assim que atravesso a tela, minha mãe e meu pai vêm correndo e me puxam para o maior abraço que eu já recebi na vida. Minha mãe acaba empurrando papai para o lado e enche o meu rosto de beijos até eu começar a me contorcer para me livrar do aperto.

– Mãe, pai, estou bem. Estou ótima! – garanto.

– Estávamos tão preocupados com você! – diz a minha mãe quando finalmente para de me beijar. Ela continua abraçada a mim, como que para impedir que eu escape do seu abraço.

– Eu estive... quer dizer... Não sei nem por onde começar.

– Comece do começo, mocinha – diz o meu pai. – E nem pense em deixar de fora um único detalhe.

Quando todo mundo – meu pai, minha mãe e Molly – está sentado à minha volta na salinha contígua ao quarto do meu avô, eu lhes conto a história do começo: desde o momento em que descobri o plano de Emília, a caçada pelo diário no Runustão, o sequestro em Laville, a visão das lembranças do meu avô em Gergon, até a luta final com Emília. Eles prestam a máxima atenção a tudo que eu digo, perdendo o fôlego e chorando nos momentos certos. Mas posso ver a decepção em seus rostos quando descobrem que eu não consegui trazer a *Aqua Vitae*.

– Posso, por favor, ver o vovô agora? – Contar a história outra vez me deixa desesperada para vê-lo.

Meus pais trocam um olhar e então minha mãe finalmente concorda.

– Ele está dormindo agora. Você pode ir vê-lo, mas depois quero que volte direto para cá. Temos muito mais para conversar.

– Vou fazer isso – prometo. Gentilmente empurro a porta, sem querer perturbar o meu avô. Vou na ponta do pés até a sua cama e me sento na dura cadeira de plástico que puseram ao lado da cama. Uma das suas mãos enrugadas está para fora das cobertas. Eu deslizo minha mão até que ela encaixe sob a dele, então a aperto com força e a beijo gentilmente.

– Desculpe, vovô – soluço. *Eu falhei com você*.

Sinto uma mãozinha no meu ombro. Levanto o olhar, os olhos turvos com as lágrimas, e vejo Molly de pé atrás de mim. Ela me dá um grande abraço.

– Desculpe ter ficado brava com você pelo telefone – diz. – Eu pensei... quando você sumiu... pensei que aquela poderia ser a última coisa que eu diria a você.

A voz a minha irmã começa a embargar, então eu seguro a mão dela também. Molly, o meu avô e eu formamos um triste trio neste momento. A melancolia da

situação me dá uma leve vontade de rir. No entanto, estamos bem, pois estamos juntos.

Eu solto a mão de Molly e enxugo as lágrimas. Ela vai até o outro lado da cama e põe as luvas de cauda de unicórnio que deixou sobre a mesa de cabeceira.

– Não consegui fazer muitos progressos – diz ela, com a testa levemente franzida. – O sintético ajudou a estabilizá-lo, mas partes da mente dele continuam faltando.

– Eu quase consegui a *Aqua Vitae* que poderia salvá-lo.

Molly ergue os olhos para mim.

– Você tentou ao máximo.

Eu quero concordar, mas me sinto vazia. Tenho certeza de que poderia ter feito mais. Tentar ao máximo e falhar não é um desfecho ao qual eu esteja acostumada.

Molly continua a falar, a testa franzida pela concentração.

– Sinto que poderia curá-lo se tivesse ao meu alcance essas lembranças perdidas. Talvez eu pudesse reintroduzi-las na mente dele.

De repente uma lâmpada se acende na minha cabeça. Não consigo acreditar que ando tão preocupada que me esqueci disso.

– Eu tenho um dos frascos de lembranças! – digo. – Roubei de Emília e do Príncipe Stefan antes de deixar a caverna.

– Você tem? Posso ver se consigo preencher os espaços vazios na memória do vovô.

– Tem certeza de que consegue fazer isso? Será que não é melhor chamar um dos médicos?

Os olhos dela se arregalam.

– Com essas luvas, eu consigo. E não acho que o vovô deixaria qualquer outra pessoa além da família mexer com as lembranças dele, não acha? Você sabe como ele pode ser teimoso. Mesmo com uma parte da sua mente faltando.

Eu concordo. Nenhum dos outros médicos conseguiu ver o que Molly vê. Se

alguém tem uma chance, é ela. Sinto meu coração se inchar de orgulho. Ela vai ser uma médica maravilhosa!

Pego o frasco de memória dentro da mochila. Ainda bem que a mantive junto ao corpo o tempo todo. Só de tocar no frasco já sinto calafrios, mas essa é a nossa chance de trazer o vovô de volta.

– Como você vai colocar as lembranças dentro da mente do vovô outra vez? – pergunto enquanto a minha irmã ajeita as luvas.

Ela franze o cenho.

– Como é mesmo que funcionava o quadro-negro de lembranças?

– Emília entornava a lembrança na superfície do quadro-negro e, quando o tocava, eu era sugada para dentro da lembrança.

– Bom, então é assim. Isso deve reagir ao contato humano. Vou ver se consigo fazer com que sejam reabsorvidas através da pele e vou usar as luvas para que elas... me guiem até o lugar certo. Não consigo explicar muito bem como é usar as luvas, mas você vai ter que confiar em mim.

– É claro que confio em você. – Eu entrego a ela o frasco.

Molly tira a tampa e, muito delicadamente, entorna o líquido sobre a testa do vovô. Ele forma uma poça sobre a sua testa. Meu avô respira fundo quando o líquido o toca, o que deixa nós duas chocadas. Mas Molly se recupera mais rápido do que eu e toca as têmporas dele, fechando os olhos.

Depois de alguns instantes, enquanto Molly murmura palavras tão baixinho que não consigo ouvir direito, as lembranças desaparecem de vista por completo e vão sendo absorvidas pela testa do vovô e... espero... pela sua mente.

Quando Molly abre os olhos outra vez, eu pergunto:

– Você acha que funcionou?

Mas é o meu avô quem abre os olhos.

– Funcionou! – ele diz. – Eu me lembro, só não... não de tudo. – Ele franze a testa. Então sorri. Molly se lança sobre ele, abraçando-o com força, e eu caio sobre ela, gentilmente, para não esmagar os pulmões do meu avô.

Vovô nos abraça apertado, com uma força que me surpreende. Então nos solta

e lentamente as suas pálpebras pesam, até que ele cai no sono outra vez.

– Precisamos do resto das lembranças – digo, o pulso acelerado. – Eu preciso falar com a Princesa. Ela vai saber o que fazer.

Ouvimos uma batida forte na porta.

– Sam? – chama a minha mãe.

Eu troco um olhar com Molly e nós corremos para nos afastar da porta. Minha mãe a abre e parado ali, a silhueta contra o vão da porta, está Renel. E ele parece furioso.



CAPÍTULO CINQUENTA E QUATRO

SAMANTHA

— Esperávamos vê-la no Runustão. Você devia ter nos esperado lá.

– Sinto muito – digo humildemente, mas mantendo a cabeça erguida. – Achei que ver a minha família era a minha maior prioridade.

– Ainda que fosse, acreditamos que você saiba onde a falecida inimiga do Estado, Emília Thoth, estava se escondendo, e a potencial localização do seu refém, Zain Aster.

– Sim! – digo. – A antiga Escola Visir em Gergon.

– Impossível! – rebate Renel. – Essa escola foi fechada há anos.

– É onde me mantiveram presa e onde Zain deve estar.

– Certo, obrigado. Os meus agentes agora vão interrogá-la.

– Espere! – digo, antes que ele saia da sala. – Eu quero ir com vocês. Para a Escola Visir.

– Será um ataque surpresa, senhorita Kemi, portanto isso está fora de questão.

Eu me endireito até ficar o mais alta possível.

– Eles estão mantendo na Escola Visir objetos que pertencem a mim. Além disso, conheço a localização do castelo. – Eu tento ao máximo falar como se fosse uma agente de segurança. – Isso pode facilitar a sua operação de resgate e poupar tempo.

Ele me fita por alguns longos segundos.

– Ok, tudo bem. Mas precisamos partir imediatamente para resgatar o refém o mais rápido possível.

– Espere um segundo! – diz o meu pai. – Você acabou de retornar. Não vou deixar que pegue outro avião direto para o perigo, e para nada menos que o território inimigo.

– Sinto muito, papai. Não é só uma questão de dar um mapa a eles e dizer onde a escola fica. É a vida de Zain que está em jogo. E também tem o vovô. Pode ser que haja algo lá que pode salvá-lo.

Não dou aos meus pais nem chance de protestar. Vou fazer isso, com ou sem a permissão deles. Papai vê a determinação no meu rosto e se rende.

– Vá salvá-lo – diz mamãe, me dando um beijo na bochecha.

Em outra sala, Renel me dá um traje especial para vestir: camiseta justa e calça pretas, e por cima de tudo um colete à prova de balas e de feitiços. Depois de me trocar, ele me entrega um par de óculos escuros e me dá instruções.

– Teremos que nos transportar em movimento. Sente-se confortável com isso? Os princípios são os mesmo, mas precisamos nos transportar para um avião que está voando sobre a Escola Visir, então saltar de paraquedas. Lá dentro, podemos montar uma tela temporária para você se transportar de volta.

Assinto, projetando o maxilar.

– Compreendi. Posso ver a Escola Visir no seu mapa?

Ele me mostra o mapa, apontando para Byrne. Eu balanço a cabeça.

– Não é aí. É um castelo antigo, com este símbolo na frente. – Eu faço um desenho do dragão com a coroa.

Renel assente.

– Conhecemos esse lugar. Bom. É no norte de Gergon. Você vai saltar de paraquedas com um dos nossos agentes.

– Sem problema – digo, e não acho que seja problema mesmo. Enfrentei um centauro, mergulhei num lago à noite e chamei um dragão. O que há de assustador em saltar de um avião, afinal de contas? – Mas preciso falar com a Princesa Evelyn primeiro.

– Você não pode – diz Renel. – Ela continua num local ultrassecreto. Não podemos arriscar que haja uma brecha na segurança até que o refém esteja

seguro.

É frustrante, mas sei que não tenho muita escolha. Salvar Zain tem que ser a prioridade agora.

Quando uma abertura surge no assoalho do avião, metal dando espaço para o vento forte e o céu azul-celeste, eu subitamente mudo de ideia sobre quanto é seguro saltar de paraquedas. Mas a essa altura já é tarde demais. O homem a que estou atada dá impulso e salta do avião, e de repente estamos no ar, caindo na direção da Escola Visir. Não consigo acreditar que estou participando de uma missão secreta novaneana. Mas nós todos temos um trabalho a fazer. As instruções foram claras: entrem, encontrem Zain, então saiam o mais rápido possível, antes que o governo de Gergon descubra a nossa invasão.

Como o castelo foi construído na encosta de uma montanha, somos obrigados a aterrissar num rochedo e descer de rapel, entrando pela janela e descendo a escadaria espiral da torre mais alta. Eu reconheço o andar onde fui mantida e lhes aponto a minha antiga cela. Será que Zain estaria preso ali?

Não há sinal de Ivan ou do Príncipe Stefan, ainda bem. Só se passaram alguns dias desde que eu fugi (faz mesmo tão pouco tempo?) e espero que Zain esteja bem.

– Zain! – grito.

– Sam? – ouço um grito fraco vindo de trás de uma das portas. Corro até lá.

– Zain, você está aí? – Golpeio a porta com o punho. – Sou eu. Renel está aqui com a equipe de segurança.

Para a minha surpresa, ele grita:

– Não! Como você sabe que ele é o Renel de verdade? Emília, ela é mestra em permutação...

– Emília está morta, Zain! Eu juro, todo mundo aqui é real. – Um grupo de agentes passa por mim, carregando um aríete. – Afaste-se da porta, Zain! – grito, e espero que ele seja esperto o bastante para me escutar.

Com três batidas violentas do aríete, a porta se quebra e se abre. Um dos

agentes usa o artefato para abrir mais o buraco, então outro o atravessa e chega onde Zain está. Sua pele está pálida como leite, seu cabelo despenteado sobre o rosto. Ele parece não comer há dias. Atravessa os destroços da porta cambaleando e eu tenho que sustentá-lo para ele não cair.

– Você está bem! – Eu o beijo nos lábios, suavemente, mas ele os pressiona mais contra os meus.

– Estou bem – repete. – Ela pegou o meu sangue...

Eu faço uma careta.

– Eu sei, pode acreditar.

– Mas encontrei isto. – Ele levanta o meu diário de poções, que eu tinha deixado no quarto. – E isso me deu esperança de que você estivesse aqui... e viva. Não se preocupe, eu não li. – Ele me dá um sorrisinho. Meu coração se aquece e eu sei que não poderia amá-lo mais do que o amo agora. Eu o abraço e o beijo outra vez.

Renel me empurra para o lado.

– Esse garoto precisa de atendimento médico o mais rápido possível – ele diz a um dos agentes. – Vamos sair logo daqui.

Os agentes passam por mim correndo, mas eu fico plantada no lugar.

– Venha, Samantha – diz Renel.

– Não! – respondo. – Tem mais uma coisa que preciso pegar.

– Não temos tempo para mais nada!

Mas eu não ouço Renel. Nem lhe dou tempo para se opor. Giro nos calcanhares e começo a correr.

– Atrás dela, rápido! – ouço-o gritar atrás de mim.

Desço correndo os degraus para a caverna, levando vantagem sobre os agentes porque já conheço o castelo. Pego a passagem estreita, tomando cuidado para não olhar para o lugar por onde fugi. Entro na salinha onde Emília me obrigou a imergir nas lembranças e me sinto grata ao ver todos os frascos ainda intactos. O quadro-negro, por outro lado, não está no lugar. Está despedaçado no

chão. Eu me pergunto se pode ser recuperado um dia, mas por enquanto não estou a fim de explicar o que o quadro faz.

– O que está procurando? – pergunta um dos agentes atrás de mim.

– Preciso destes frascos – digo. Tiro a mochila das costas e começo a carregá-la com as lembranças engarrafadas. Preciso levar comigo todas elas, para que nenhuma vá parar em algum cofre secreto de Nova, num lugar ao qual eu não tenha acesso.

Quando todos os frascos estão guardados na minha mochila, eu me viro para os agentes.

– Ok, podemos ir agora.

Eles assentem e vamos, o mais rápido possível, para as escadas que levam ao topo do castelo. Ficamos dentro da escola por, no máximo, uns quinze minutos. Quando chegamos ao telhado, já vemos ali uma tela de transporte montada para nos levar para casa. Eu seguro os braços que estão prontos para me conduzir através dela e, segurando com força a mochila com as lembranças perdidas do meu avô, atravesso a tela de volta para Nova. Nunca mais quero pisar em Gergon.



CAPÍTULO CINQUENTA E CINCO

SAMANTHA

De volta ao hospital, corro para Molly e os meus pais. Com todo o cuidado, entrego a mochila à minha irmã, depois arrastamos os nossos pais até o quarto do vovô, sem lhes dar chance de perguntar por quê.

Molly recomeça todo o processo para que a mente do nosso avô absorva as suas lembranças e os meus pais ficam pasmos. Só um dos frascos, o último, é diferente. Ele não contém uma memória, apenas o estranho líquido preto que Emília usou para armazená-las. Eu fico com esse, enfiando-o no bolso do meu jeans. Meus pais fitam Molly atônitos até que ela termine, quando, muito lentamente, o meu avô abre os olhos.

– Pensei que tínhamos te perdido, pai – desabafa o meu pai. Ele se senta na cama e dá um braço em meu avô.

Meu avô abraça cada um de nós, um por um, então volta a atenção para Molly e eu.

– Obrigado a vocês duas. Por tudo que fizeram para me trazer de volta.

– Não podia ser de outro jeito, vovô – digo. – Foi preciso nós duas para dar certo. As habilidades das duas. O talento das duas.

Ele esfrega os olhos e a lucidez do seu olhar está de volta. Dá uma olhada no quarto, vendo-o de fato pela primeira vez. Repara nos buquês de flores, nos balões, nos presentes e nos cartões que foram enviados, com votos de que se recuperasse logo. Apesar de ele nunca ter sido do tipo sentimental, posso ver que está emocionado. Seus olhos recaem sobre a bolsa transversal que estava usando quando foi atacado. Ele franze a testa.

– Alguém mexeu na minha bolsa?

Não consigo me conter, solto uma risada. Não posso acreditar que a primeira coisa que o meu avô faz quando acorda do coma é se perguntar se alguém teria invadido a sua privacidade.

– Não, claro que não, pai! – diz o meu pai.

– Traga-a para mim – ele pede. Molly faz o que ele diz, colocando a bolsa de couro no colo do meu avô. – Na manhã em que fui... atacado – começa –, eu tinha uma tarefa a cumprir. Provavelmente foi o que deu a Emília tempo para me encontrar. – Ele sorri tristemente. – Eu precisava pegar uma carta. Só não tinha certeza, no dia, se iria contar a você de imediato. Mas, depois de ter passado tanto tempo preso nas minhas lembranças... recordando o que a minha própria mãe defendia... o que eu tive que enfrentar..., agora sei que estive impedindo o seu progresso. E nem sei por quê... Sam Kemi, acredito que o trabalho que realizou na Caçada Selvagem, sem contar o que passou ao longo das duas últimas semanas, faz com que mereça se tornar uma alquimista de verdade. Enviei toda a documentação para a Guilda no final da Caçada Selvagem e estava no trajeto de volta do Conselho, com a decisão deles nas mãos, quando sofri aquela emboscada. Receio que a minha mente não tenha sido capaz de te dar a notícia. Mas a decisão estava na minha bolsa desde então. Eu gostaria que você lesse isso. – Ele me entrega um envelope grande e volumoso.

Meu pulso acelera e eu engulo em seco. Pela primeira vez, estou de fato sem palavras. Com cuidado, tiro o envelope das mãos dele, deslizando o dedo sob o selo que o lacra.

Puxo o calhamaço de papéis do envelope e desdobro a carta colocada sobre as outras folhas.

Caro Grande Mestre Ostanes Kemi,

Recebemos o seu pedido para tornar a sua aprendiz, a senhorita Samantha Kemi, uma alquimista licenciada.

Examinamos as evidências apresentadas, incluindo as amostras de várias poções que a aprendiz preparou, completamente livre da interferência ou orientação do seu mestre. Em vista dessas evidências, acreditamos ter provas suficientes de que a senhorita Samantha Kemi, filha dos senhor John e da senhora Katie Kemi, aprendiz do Grande Mestre Ostanes Kemi, da Loja de Poções Kemi, é digna não somente de ser nomeada alquimista, mas também Mestra Alquimista da cidade de Kingstown, Nova, e de qualquer outro lugar do globo onde a profissão de alquimista seja reconhecida e exercida.

Convidamos a senhorita Samantha Kemi para a cerimônia de oficialização, no Castelo de Nova no dia 31 de julho do presente ano. Pedimos a gentileza de observar que a senhorita Samantha Kemi não poderá exercer a profissão de Mestre Alquimista até o dia da cerimônia, quando fará seu juramento de prática segura diante da Guilda.

Nossas sinceras congratulações e boas-vindas a Samantha.

Madame Slainte
Guilda dos Alquimistas

O restante dos papéis, dentro do envelope, são as evidências que o meu avô enviou para a Guilda.

Minhas mãos tremem quando baixo os papéis e os deposito nos lençóis brancos da cama hospitalar. Quando penso em todas as vezes em que duvidei de mim mesma, todas as vezes em que pensei que nunca chegaria a praticar a profissão que conheço e amo... Todas as vezes em que sofri, pensando na decisão que teria que tomar sobre o meu futuro... E agora, aqui está, entregue a mim

numa bandeja de prata... ou melhor, num papel de carta elegante. Vovô pousa as mãos sobre as minhas.

– Muito bem, minha menina – diz. Tenho a impressão de que vi uma pequena lágrima no canto do olho dele.

– Vovô... – Engulo a saliva. As próximas palavras não vão sair com muita facilidade.

– Sim? O que é?

– Depois que Emília roubou as suas lembranças... a sua mente ficou instável. Você ficou inconsciente.

Os olhos dele não deixam os meus nem por um segundo. Eu respiro fundo e continuo.

– Não culpe mamãe ou papai, a decisão foi minha. Mas a verdade é que autorizei o uso de um sintético na sua medicação para ajudá-lo a melhorar. E funcionou.

Os lábios dele se franzem numa linha fina.

– Bem, desde que ninguém fique sabendo... – ele consegue dizer.

É aí que as coisas ficam piores. Eu aperto a mão dele.

– A ZA vai fazer um comunicado à imprensa, dizendo que colaborou com a sua cura. E de fato *colaborou*. Eles só... não vão fazer segredo com relação a isso. Então, para tornar as coisas mais fáceis para nós, já tomei uma decisão sobre o que vou fazer no ano que vem. Vou me juntar à equipe de Pesquisa e Desenvolvimento de Poções Natural-Sintéticas que a ZA está formando. Quero trabalhar com curas que vão ajudar a todos, não importa em que circunstâncias.

Por um instante, o meu coração para de bater, quando o meu avô baixa os olhos. Tenho certeza de que, se estava sentindo orgulho de mim, esse orgulho já evaporou.

Eu me levanto da cadeira e vou lentamente até a porta, cabisbaixa.

– Pesquisas e Desenvolvimento de Poções Natural-Sintéticas Kemi-ZA – ele diz e eu giro nos calcanhares. – Certifique-se de que o nome da nossa família venha primeiro.

Eu corro de volta para a cama e o abraço. Meu avô voltou. E eu nunca vou deixá-lo partir outra vez.



CAPÍTULO CINQUENTA E SEIS

www.TeoriasdasCaçadasSelvagens.com/
foruns/FAMILIAKEMI

UMA MENSAGEM PARA TODOS OS LOUCOS PELA CAÇADA

Infelizmente, devido a informações falsas difundidas através destes fóruns a respeito do paradeiro da senhorita Samantha Kemi, após o seu sequestro, e que levaram à prisão indevida de um cidadão inocente em Nova e à invasão de uma casa no Runustão, estes fóruns foram desativados em caráter permanente.

Foi divertido enquanto durou.

Moderadores das TCS.



EPÍLOGO

SAMANTHA

— Não consigo acreditar que isso tudo está acontecendo! – diz Zain, apertando a minha mão com força. Ele está comigo na sala do Alojamento dos Grandes Alquimistas, onde devo ficar até ser chamada para a cerimônia e fazer o juramento a que todos os alquimistas devem ser fiéis.

– O quê? Não consegue acreditar que estou sendo nomeada Mestra Alquimista antes mesmo de me formar na universidade? – brinco, dando um soco de leve no ombro dele.

– Não, nisso eu *consigo* acreditar. Você é a mais jovem Mestra Alquimista que a Guilda já conheceu. Você bateu o recorde do seu próprio avô. E, agora, vai ser a ponte entre os nossos dois mundos.

– Fico contente que acredite em mim.

– E não sou o único – diz Zain, ficando de pé num salto.

– O que quer dizer? – Franzo a testa e me viro, seguindo o olhar dele.

– Samantha! Aí está você!

A Princesa Evelyn entra na sala, com um ar radiante. Ela me envolve num abraço caloroso e me beija nas duas bochechas.

– Evelyn! Você veio! – Não consigo conter o gritinho de animação na voz. – Estou tentando entrar em contato com você há dias...

– Eu sei. Estou praticamente exilada desde o que aconteceu no Baile de Laville! Estou *tão* feliz que você esteja bem!

– Preciso falar com você urgentemente.

– Não pode esperar até depois da cerimônia? Você está prestes a ser chamada! – Ela pisca para mim e gira no seu vestido longo e esvoaçante. – É melhor eu ir lá para fora, te assistir! Espero que não se importe com os repórteres que vieram comigo. Eu preciso de muita exposição agora, para assegurar à nação de que está tudo bem.

– Evelyn, eu... – Estendo a mão para pegar a dela.

– Sam, vamos conversar quando você estiver pronta e juramentada, ou nomeada, ou o que quer que eles façam com vocês, alquimistas. – Ela solta a minha mão e se vira para a porta.

– Por favor – digo, incapaz de disfarçar o tom de desespero. – Só preciso te dizer uma coisa. Eu consegui. Descobri um jeito de armazenar o seu excesso de poder! Ainda havia poções mágicas de armazenamento na Escola Visir. Você não tem que se casar, no final das contas!

Evelyn olha para mim, aturdida.

– Mas, Sam... já é tarde demais.

– Como assim? O que quer dizer com tarde demais?

– As suas 48 horas acabaram há mais de uma semana. Eu não podia esperar mais.

Meus olhos se arregalam. Olho para Zain, que parece tão confuso quanto eu.

– Você está noiva? – pergunto. Um noivado ainda pode ser desfeito.

– É uma longa história – ela diz, então cambaleia. – Ah, desculpe, estou me sentindo meio fraca. Talvez tenha pegado um resfriado. – Corremos para ela, ajudando-a a recuperar o equilíbrio. Quando pego a mão dela, percebo algo novo nos seus dedos. Não é só um anel. São dois. Meu coração para. – Estou bem – ela diz com um sorriso.

Evelyn tosse e um pó branco deixa um rastro na sua manga. Engulo em seco. Já vi isso uma vez. A doença de Gergon chegou a Nova. E acho que Evelyn pode ter sido infectada pelo seu novo marido...

AGRADECIMENTOS

De dragões que cospem fogo a algas bioluminescentes... este livro foi incrivelmente divertido de escrever e inspirado em vários lugares, criaturas e experiências legais da vida real. Como sempre, tenho de agradecer a muitas pessoas que me permitem viver o meu sonho de escrever e viver minhas aventuras.

Rachel Mann da S&S Reino Unido e Zareen Jaffery da S&S Jovens Leitores são as minhas intrépidas editoras, que me acompanharam em cada passo da jornada de publicação deste livro. Sua paciência infinita e seus comentários perspicazes fazem delas companhias perfeitas na estrada rumo às livrarias! Obrigada às equipes da Simon & Schuster em todos os cantos do globo, por darem vida aos meus livros, especialmente Liz Banks e Hannah Cooper, no Reino Unido, e Shannon Vaughan e Adria Iwasutiak, no Canadá, que trabalharam duro em meu favor. Emma Young, a minha editora, não para nunca. E Juliet Mushens, a minha agente, em quem confio incondicionalmente e que nunca deixa de me impressionar com a sua desenvoltura. Ela é o meu anjo da guarda (e também uma das minhas melhores amigas).

Fora do setor editorial, um muito obrigada a Kim Curran e a Laura Lam, pelas leituras atentas e o apoio inabalável! Falando em apoio, tanto de perto quanto longe, preciso agradecer a Juno Dawson, Laura Eve, Sarah J. Maas, James Smythe e Zoe Sugg por serem os amigos mais inspiradores que uma escritora poderia ter. Seus livros e talentos sempre aumentam o meu desejo de ser uma escritora melhor! Sarah Woodward, Sophie McCulloch, Angus McCulloch e Maria McCulloch, obrigada a todos vocês por lerem meus livros e me motivarem quando duvidei de mim mesma. Não consigo expressar quanto seu

entusiasmo e sua crença em mim me ajudam a seguir em frente nos bons e maus momentos.

Por fim, preciso agradecer a Lofty. Cada dia da nossa vida é uma grande aventura, e eu não iria querer que fosse de outro jeito.

AS DEZ MELHORES POÇÕES DE SAMANTHA KEMI

1) ATRAI-ESTRELA INSTANTÂNEO

Pó de pixie, lampejo de raio de lua cheia e poeira de meteoro.

Quando salpicado sobre o cabelo seco com secador, este pó ajuda você a se destacar na multidão e talvez chamar a atenção daquele *popstar* sexy no palco. Para melhor resultado, salpique quando ele estiver sussurrando aquela canção de amor superfofa.

2) COLA-MEMÓRIA

Misture raiz de valeriana com veneno roxo e viscoso de perereca, alecrim e uma pitada de leite de magnésio.

Prepare a poção perfeita para ajudar a memorizar a matéria das provas finais. Proceda com cautela: overdoses podem ser perigosas.

3) ACABA-DISCUSSÃO

Dente de dragão embebido numa solução de água glacial fervida em fogo baixo.

O dente de dragão é sensacional para acalmar os ânimos numa discussão, mas trata-se de um ingrediente difícil de conseguir. Pode ser melhor tentar a conciliação por meio de uma boa conversa.

4) REVELA-FEITIÇO

Olho de esfinge, cortado em quatro e misturado a pó de quartzo triturado.

Esta poção ajuda você a ver a verdade por trás de qualquer feitiço. Alguns Talentosos (i.e., pessoas que têm habilidade para usar a magia) podem ser capazes de fazer feitiços superpotentes, que resistem a esta poção. Nesse caso, aumente a dose do quartzo triturado.

5) POÇÃO DO AMIGO DO PEITO

Fio de seda de vagalume, amarrado e queimado sobre uma mistura efervescente de Linnaea borealis.

Esta poção é para todos os bons amigos. Diferente da poção de amor, ela não vai tornar ninguém seu amigo, mas, se você já tem um grande amigo, ela pode ajudar a fortalecer os laços de amizade pela vida toda.

6) CURA-ALERGIA

Uma colher de sopa de mel de abelha (típica da região, de preferência). Se necessário, dissolvida numa xícara de chá-verde.

Seus olhos estão coçando e você não para de espirrar por causa da rinite alérgica? Esta poção vai ajudar a aliviar os terríveis sintomas que a estação seca traz.

7) QUEBRA-FEITIÇO

Macere folhas de freixo num pilão, acrescente uma haste de bambu oca e então ferva. Adicione ferrões de vespa à água fervente.

Se uma garota Talentosa abominável lançar um feitiço contra você, tome esta poção para neutralizar a magia e voltar ao normal rapidamente.

8) TERMINOU-ESQUECEU

Arpões de medusa fervidos em água de Lethe.

Poção de esquecimento temporário, usada muitas vezes por aqueles que estão sofrendo devido ao fim de um namoro e precisam de um

pouco de alívio.

9) POÇÃO DA SORTE

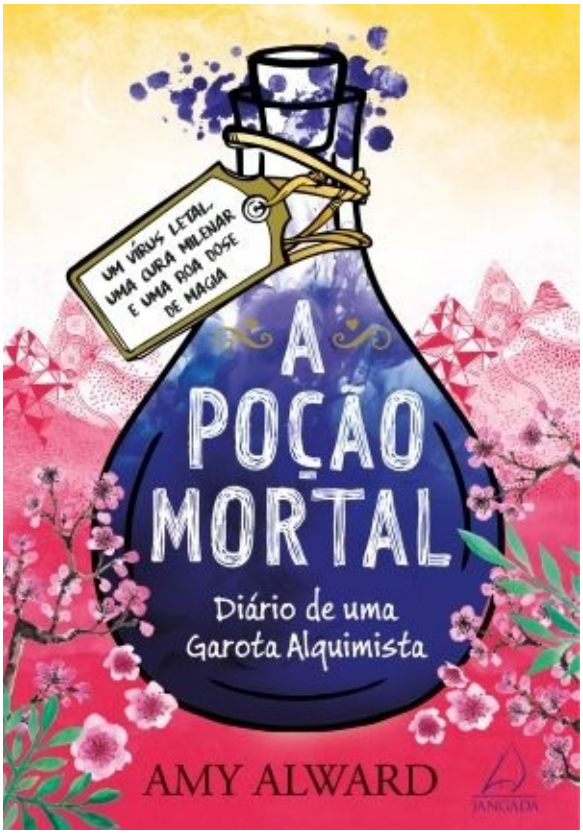
Apare as bordas prateadas de uma folha de louro lunar colhida na terceira lua nova do ano e as ferva com água.

Precisa de um pouco de sorte para algo especial? Esta é a bebida perfeita. Mas só pode ser tomada uma vez na vida, então é bom que seja no momento certo.

10) POÇÃO DA VIGÍLIA

Moa grãos de café um pouco antes do consumo, esquente a água até 90 a 94 graus célsius (não muito quente, ou o café vai ficar amargo) e coe. Acrescente leite a gosto.

A poção preferida de Sam (e da sua amiga Amy Alward): uma imensa xícara de café! É preciso tomá-lo antes de fazer qualquer outra coisa pela manhã, para que o cérebro funcione apropriadamente.


UM VÍRUS LETAL
UMA CURA MILENAR
E UMA BOA DOSE
DE MAGIA
A POÇÃO MORTAL
Diário de uma
Garota Alquimista
AMY ALWARD
JANGADA

A Poção Mortal

Alward, Amy

9788555391088

352 páginas

Compre agora e leia

Depois de encontrar o diário de poções da sua bisavó, escapar das garras de uma alquimista malévola, recuperar a memória do seu avô e se tornar uma Mestra Alquimista, não é hora de Sam Kemi ter um bom e merecido descanso? Mas agora que a Princesa Evelyn está casada com o sinistro Príncipe Stefan e começa a apresentar os estranhos sintomas de um vírus desconhecido, parece que as aventuras de Sam estão apenas começando. Com uma equipe de TV registrando cada passo de Sam e o tempo quase se esgotando, nossa garota alquimista terá agora que enfrentar erupções vulcânicas, animais mitológicos e o pérfido jogo de um Príncipe cheio de segredos, se quiser salvar a Princesa e a vida de todos os seus súditos... de um sono eterno!

Compre agora e leia


Temple Mathews
A GAROTA DO
ORFANATO
SOMBRIO
JANGADA

A Garota Do Orfanato Sombrio

Mathews, Temple

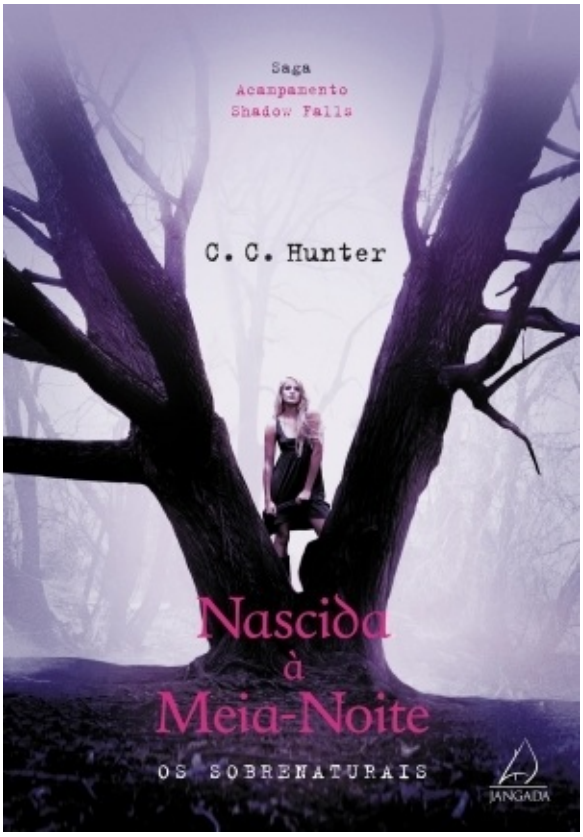
9788555391187

336 páginas

Compre agora e leia

Echo Stone acorda suando frio num quarto escuro e desconhecido, sem saber exatamente como foi parar ali. Tentando entender a situação, ela descobre que aquele lugar sombrio é a "Casa do Meio", um orfanato que abriga crianças e adolescentes. Só tem um problema: Echo não é órfã, seus pais estão vivos! Mas ninguém parece se importar com suas explicações e o único disposto a ajudá-la a fugir dali é Cole. Mas quando a garota consegue voltar pra casa o problema fica ainda pior: uma fita amarela da polícia indica que um crime horrível e violento aconteceu - seu próprio assassinato! Echo está morta e não sabe como isso aconteceu. Desesperada para ter sua vida de volta, ela inicia uma busca para resolver esse enigma e, à medida que cresce a lista de suspeitos, ela descobre que não é a garota boazinha que julgava ser...

Compre agora e leia


Saga
Acampamento
Shadow Falls
C. C. Hunter
Nascida
à
Meia-Noite
OS SOBRENATURAIS
JANGADA

Nascida à meia-noite

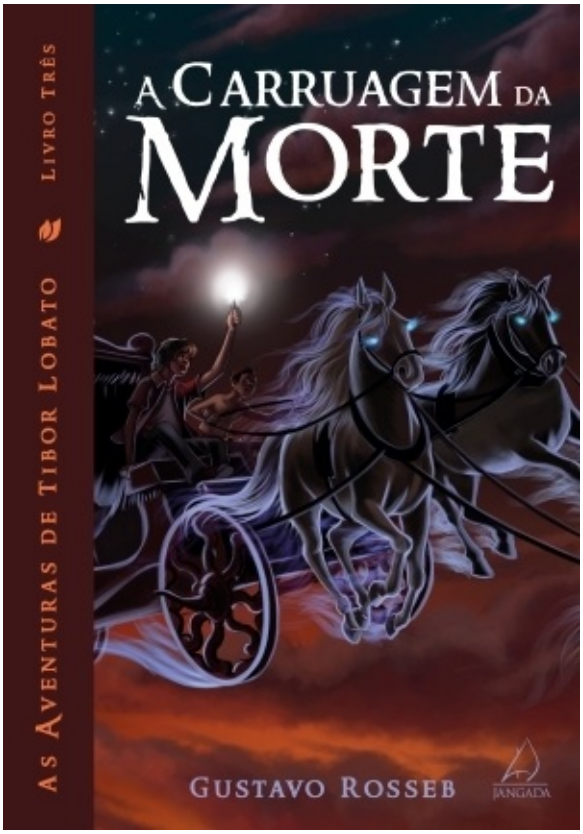
Hunter, C.C.
9788564850033
320 páginas

Compre agora e leia

Kylie Galen está na pior. Seus pais vão se divorciar, seu namorado acaba de romper com ela e, uma noite depois de ser presa por estar na festa errada, com as pessoas erradas e na hora errada, sua mãe a manda para Shadow Falls -um acampamento para adolescentes problemáticos, localizado numa cidade chamada Fallen no meio de uma misteriosa floresta, e isso muda sua vida para sempre. Poucas horas depois de chegar, ela descobre, assustada, que seus colegas não são apenas "problemáticos". Kylie nunca se sentiu normal, mas também não se considera uma daquelas aberrações paranormais. Ou será que é? Em Shadow Falls, vampiros, lobisomens, metamorfos, bruxas e fadas aprendem juntos a desenvolver seus poderes, controlar sua magia e viver no mundo normal.No entanto, as coisas tomam um rumo diferente quando Derek e Lucas entram em cena. Derek é um fae que possui poderes mágicos e quer a todo custo namorar a Kylie, e Lucas, um lobisomem com quem ela partilha um passado secreto. De início, tudo o que Kylie deseja é sair de Shadow Falls e voltar para casa. Porém, com Derek e Lucas ocupando um lugar cativo em seu coração, e depois de descobrir que ela própria tem estranhos poderes,

talvez sua vida nunca mais volte a ser a mesma...

Compre agora e leia


AS AVENTURAS DE TIBOR LOBATO
LIVRO TRÊS
A CARRUAGEM DA
MORTE
GUSTAVO ROSSEB
JANGADA

A Carruagem da Morte

Rosseb, Gustavo

9788555391019

480 páginas

Compre agora e leia

A aventura final da trilogia de Tibor Lobato está começando: uma nova quaresma chegou e todos os moradores dos vilarejos em torno da Vila do Meio sofrem o ataque brutal de um exército de criaturas horrendas. Ao saber da ocorrência de estranhos rituais, Tibor descobre que tudo faz parte de um plano macabro da Cuca, que ele pretende derrotar de uma vez por todas. Em meio a batalhas épicas, sonhos e pesadelos sobrenaturais, Tibor precisa enfrentar o maior de todos os desafios: conhecer a si mesmo e a extensão da própria força. Gustavo Rosseb resgata e moderniza os mitos e causos do folclore brasileiro, entretendo os leitores e provocando reflexões sobre temas como o preconceito, a morte e o poder da amizade e dos laços de família. As aventuras de Tibor estão chegando ao fim, mas a diversão está apenas começando.

Compre agora e leia


A POÇÃO SECRETA
Diário de uma Garota Alquimista
AMY ALWARD
JANGADA

A poção secreta

Alward, Amy

9788555390852

368 páginas

Compre agora e leia

A Princesa do Reino de Nova toma acidentalmente uma poção do amor, e se apaixona por si mesma! Para encontrar um antídoto que possa curá-la, o rei mobiliza todos numa expedição chamada Caçada Selvagem. Competidores do mundo todo saem em busca dos mais raros ingredientes em florestas mágicas e montanhas geladas, enfrentando perigos e encarando a morte para encontrar a fórmula da poção secreta. Dentre eles, está Samantha, uma garota comum que herdou dos seus ancestrais alquimistas o talento para preparar poções. Esta pode ser a oportunidade para reerguer a decadente loja de poções da família, afinal o mundo todo estará acompanhando a Caçada nas mídias sociais. Será que ela conseguirá descobrir a cura e salvar a Princesa?

Compre agora e leia

Table of Contents

Folha de rosto
Créditos
Dedicatória
Sumário
Capítulo um
Capítulo dois
Capítulo três
Capítulo quatro
Capítulo cinco
Capítulo seis
Capítulo sete
Capítulo oito
Capítulo nove
Capítulo dez
Capítulo onze
Capítulo doze
Capítulo treze
Capítulo catorze
Capítulo quinze
Capítulo dezesseis
Capítulo dezessete
Capítulo dezoito
Capítulo dezenove
Capítulo vinte
Capítulo vinte e um
Capítulo vinte e dois
Capítulo vinte e três
Capítulo vinte e quatro
Capítulo vinte e cinco
Capítulo vinte e seis
Capítulo vinte e sete
Capítulo vinte e oito
Capítulo vinte e nove
Capítulo trinta
Capítulo trinta e um

Capítulo trinta e dois
Capítulo trinta e três
Capítulo trinta e quatro
Capítulo trinta e cinco
Capítulo trinta e seis
Capítulo trinta e sete
Capítulo trinta e oito
Capítulo Trinta e Nove
Capítulo quarenta
Capítulo quarenta e um
Capítulo quarenta e dois
Capítulo quarenta e três
Capítulo quarenta e quatro
Capítulo quarenta e cinco
Capítulo quarenta e seis
Capítulo quarenta e sete
Capítulo quarenta e oito
Capítulo quarenta e nove
Capítulo cinquenta
Capítulo cinquenta e um
Capítulo cinquenta e dois
Capítulo cinquenta e três
Capítulo cinquenta e quatro
Capítulo cinquenta e cinco
Capítulo cinquenta e seis
Epílogo
Agradecimentos
As dez melhores poções de Samantha Kemi